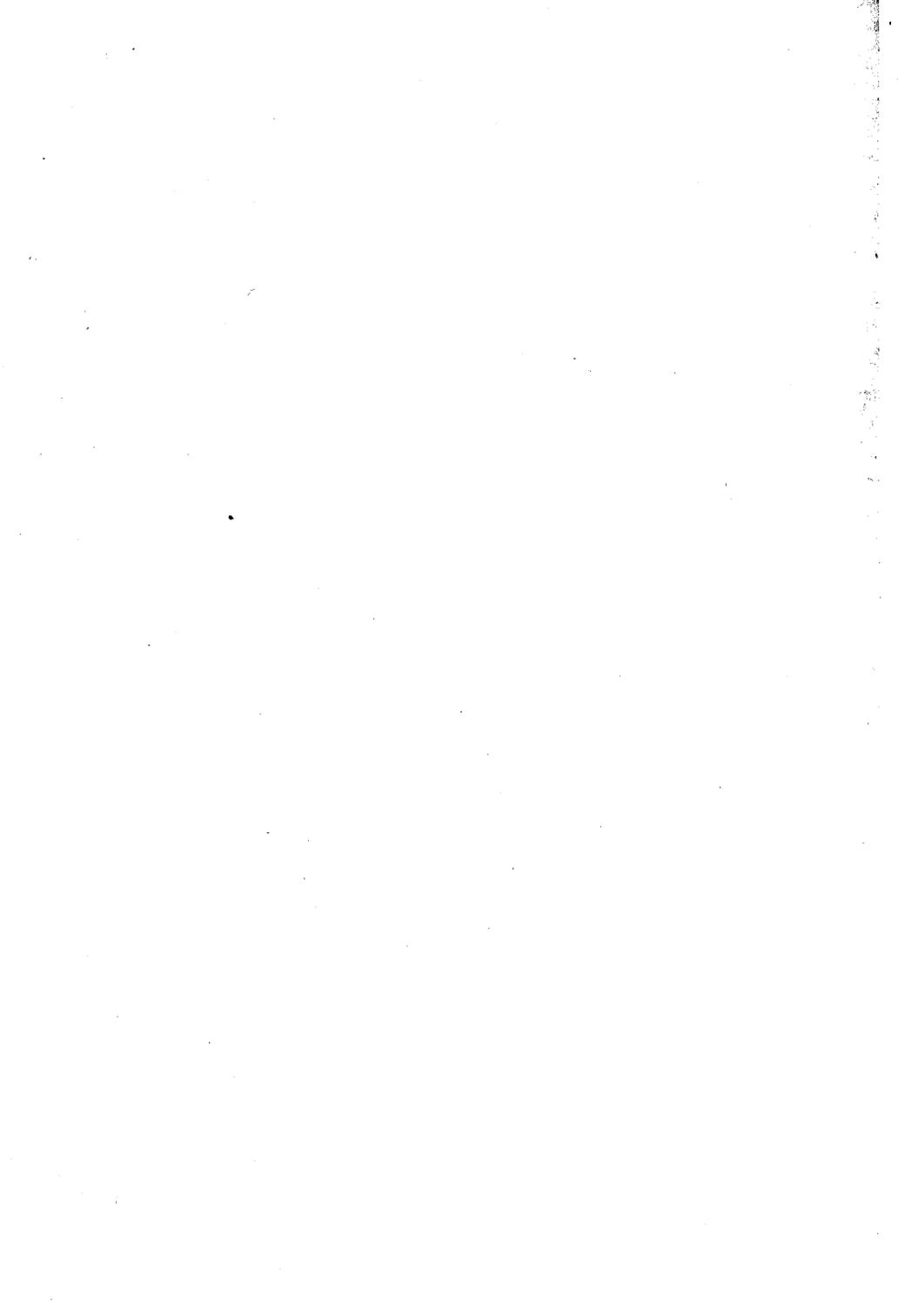


**INSTITUTO  
HISTÓRICO  
da Ilha Terceira**

**BOLETIM**





# BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

---

Vol. VI

1948

---

## Nota e documentos sobre o comércio de La Rochelle com a Terceira no século XVII

Pelo Dr. JULIÃO SOARES DE AZEVEDO

Já noutra ocasião procurei coligir alguns elementos para a história do comércio francês nos Açores, durante o século XVII (1)

Este comércio, que não se sabe ainda em que época foi mais importante, estava, no entanto, no início do século XVIII, em franca decadência. É pelo menos este o parecer de Savary (2). As cidades de La Rochelle, Nantes e Marselha que, segundo este autor, mandavam nos tempos atrás, grande quantidade de navios às Ilhas, passaram a enviá-los a outras terras. Desde o restabelecimento da paz entre Portugal e a França pelo Tratado de Utrecht (1715) até à data em que escrevia Savary (1717), apenas teriam vindo aos Açores 4 ou 5 embarcações francesas. A decadência proviria da instalação, em S. Miguel, de indústrias de tecidos e chapéus que, utilizando mão de obra francesa, passaram a fazer concorrência, com vantagem de preço, às mercadorias do mesmo género com que a França abastecia os mercados açoreanos. Alguma seda francesa que aparecia era importada de Lisboa.

Além de outros, não indicados por Savary, há um factor desta decadência que convem mencionar.

---

(1) «Revista Portuguesa de História», tomo III.

(2) «Dictionnaire Universel de Commerce», Paris, 1732, pág. 1086 - 87.

Como se verá nos documentos que adiante se transcrevem, os franceses vinham carregar à Terceira, pelo menos na parte do século XVII posterior à Restauração, principalmente açúcar, que os navios do privilégio <sup>(3)</sup> ou as frotas aqui deixavam.

Ora, desde 1643 que se começou a fabricar açúcar nas Antilhas Francesas <sup>(4)</sup> e que se tornou necessário aos dirigentes da França proteger a produção dos seus domínios de Alem Mar.

São conhecidas as tarifas protectoras de Colbert de 1664 e 1667. A declaração de 18 de Abril de 1667 estabelecia que o direito sobre o açúcar das colónias francesas baixasse de 15 para 4 libras por cada 100 de peso, que todo o açúcar refinado passava a pagar de entrada 22 libras e 10 soldos e que o melaço doutras proveniências continuaria a pagar 15 libras <sup>(5)</sup>.

Nota-se também nestas medidas a preocupação de proteger a industria da refinação do açúcar, dificultando a entrada do produto já refinado. Tinham começado a estabelecer-se, em França, as primeiras refinarias nas cidades de Nantes (entre 1666 e 1671), La Rochelle, Bordeus, etc., cuja laboração se tornava necessário pôr ao abrigo da concorrência estrangeira, até mesmo das Colónias Francesas, segundo o sistema do Pacto Colonial.

Vem depois a necessidade de distinguir entre os açúcares refinados, propriamente nacionais e os de origem estrangeira que foram sobrecarregados de direitos (25 de Abril de 1690) <sup>(6)</sup>. À data em que escrevia Savary pagava o açúcar do Brasil um direito de entrada superior de 20 a 22 libras por quintal, ao que era cobrado sobre o açúcar da Martinica, de qualidade inferior <sup>(7)</sup>.

O resultado de todas estas medidas foi certamente, o encarecimento do açúcar de origem portuguesa no mercado francês e a dimi-

<sup>(3)</sup> V. «Boletim» do Instituto Histórico da Terceira, Vol. 4.

<sup>(4)</sup> Georges Lerot — «E'tude sur les origines, le developpement et l'avenir des raffineries françaises», Paris, 1911, pág. 24.

<sup>(5)</sup> Idem, pág. 30.

<sup>(6)</sup> P. M. Bondonis — «L'exportation du sucre au xviii<sup>e</sup> siècle», Revue du Nord, Maio de 1923.

<sup>(7)</sup> Ob. cit., pág. 947.

nuição da importação. Com ela baixava a importância do comércio francês com os Açores.

Entre os portos de França, que comerciavam com os Açores e em especial com a Terceira, figura em lugar destacado La Rochelle.

Como as demais cidades francesas interessadas neste tráfico, La Rochelle sofreu as consequências das medidas protecionistas e os seus navios passaram a buscar outras rotas, como o Canadá e a Terra Nova. No período que vai de 1682 a 1696, vieram de La Rochelle aos Açores, apenas 14 navios, todos de pequena tonelagem<sup>(\*)</sup>: 3 em 1683, 1 em 1685, 1 em 1686, 5 em 1688, dos quais 4 fizeram a viagem via Lisboa, 2 em 1692 e 2 em 1693. Quasi todas senão todas estas embarcações se dirigiam à Terceira.

O primeiro dos documentos que a seguir se publicam, dá uma ideia da variedade das mercadorias que La Rochelle mandava à Terceira. São panos de Chatellerault, do Poicton, entretelas, sarjas de Tour, holandas, tecidos de seda (armoizins, moyrés), lãs de Segovia, «futaines» (panos de algodão), cutelarias de Chatellerault, lantejoulas pólvora, papel, ferro, gesso, azeite, etc.

Estes documentos, existentes no arquivo de La Rochelle, têm, ainda o interesse de revelarem outros dados importantes para quem um dia, pretenda escrever uma história económica dos Açores e em especial da Terceira. Dêles se extraem preciosas indicações sobre os preços por que se vendiam certas mercadorias estrangeiras na Terceira e quanto valiam certos productos enviados por intermédio desta Ilha para os mercados franceses. Há ainda o registo dos direitos de entrada pagos pelas mercadorias à Alfandega de Angra, que andavam à volta de 10 0/0. Deles se extraem nomes de mercadores da Terceira e de La Rochelle interessados no tráfico e se conclue a participação de açoreanos nas tripulações dos navios de La Rochelle que demandavam o porto de Angra. Notem-se também as despesas de desembarque, direitos especiais cobrados sobre certas mercadorias, como o azeite, o setim, as holandas, e os ordenados pagos. O guarda, que esteve a bordo, ganhava 200 reis por dia.

---

(\*) Segundo os elementos fornecidos pelo Livro em que se registavam as tripulações. — Archives de la Charanse Maritime La Rochelle, B. 235.

Há ainda indicações sobre o pêsô das caixas de açúcar que mostram a fragilidade de algumas estatísticas, relativas à produção ou exportação desta mercadoria, calculadas em caixas ou arrobas. O pêsô da caixa de açúcar oscila, num dos documentos, que se transcrevem, entre 39 e 48 arrobas. Se se atribue à arroba o valor aproximado de 15 quilos, quando se pretende reduzir o pêsô das caixas às medidas do Sistema Métrico, os resultados que se podem obter divergem bastante entre si, consoante se torne a caixa de 39 ou de 48. Mesmo que se calcule pela média, quando se trate de grandes quantidades, os resultados, talvez sugestivos, afastam-se muito do rigor que se pode exigir numa estatística relativa à história do comércio.

No primeiro dos documentos, em que se colhem abundantes dados para a organização duma lista de preços absolutamente necessária para o estudo da evolução dos preços e do custo de vida na Terceira, elementos basilares numa história económica, tem-se ainda outra facilidade que é a de aparecerem as mercadorias francesas, em contas apresentadas por um francês encarregado da sua venda, avaliadas em reis <sup>(9)</sup>. Não há portanto necessidade de fazer redução de uma moeda para outra, como acontece nos documentos seguintes em que a moeda utilizada é a libra.

---

<sup>(9)</sup> Neste documento, apesar do L. indicativo em geral da libra, as contas estão em reis como se conclue facilmente da leitura.

## DOCUMENTOS

## I

A Angra le 5<sup>e</sup> Juillet 1644.

Compte rendu à Mons.<sup>r</sup> Levesque des marchandises venues dans Girardot pour compte de messieurs Allaire et Brenets et Consignées entre les mains de moy Jacques Riffauld venu sur la dite cargaizon.

	10	Barisques d'huilles dolif	
	1	Barisque douillage (1)	
reste	9	barisques lesquelles ont rendu suivante le compte la somme de	187\$537
	6	Basles de Chastellreault contenant	
		4000 aulnes payé a l'alfandegue pour le droit du Roy	
		400	
reste		3600 aulnes	
		215 aulnes de vendus a 80 rs l'aulne monte L	17\$200
reste		3385 aulnes que j'ay delivrées a Mons. Levesque	
	7	grosses de grands cousteaux qui font	
		84 douzainnes	
		8 douzainnes payé à l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste		76 douzainnes	
		35 douzainnes de vendues suivant la vente par le menu la somme de	L. 7\$240
reste		41 douzainnes que j'ay delivrées à Monsieur Levesque	

(1) Sobre o significado desse termo lê-se no «Dictionnaire de l'ancienne langue Française» de Godefroy, art. ouillage: «ouillage, oeillage, eullage, beulliage, s. m. action de remplir un tonneau. . . Payer pour oeillage, remplage or remplissage des vins», to pay for the leakage of wines (ct. Hollyband, Dict. fr. angl., Londres 1593).

	12	grosses de Consteaux moyens qui font	
	144	douzainnes	
	14	douzainnes payés a l'alfandegue pour les droits du Roy	
reste	130	douzainnes que j'ay données a Mons. <sup>r</sup> Levesque	
	14	grosses de Consteaux manche noir qui font	
	168	douzainnes payées a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	152	douzainnes	
	14	douzainnes de vendues a 140 rs. suivant la vente monte	L. 1\$960
reste	138	douzainnes que j'ay delivrées a Mons. <sup>r</sup> Levesque	
	225	grosses grands Aiguilletes	
	22	grosses données pour les droits du Roy à l'alfandegue	
reste	203	grosses	
	3	grosses vendues a 50 realles grosse monte	L. \$600
reste	200	grosses que j'ay données a Mr. Levesque	
	25	piesses de Futainne (*)	
	2 1/2	piesses données a l'alfandegue pour le droits du Roy	
	22 1/2	piesse	
	1/2	piesses vendue pour la somme de	L. 1\$600
reste	22	piesses données à Mr. Levesque	
	5	douzainnes de bougrans	
	1/2	douzainne donnée a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	4 1/2	douzainnes qui ont estés vendus suivant la vente par menu	L. 26\$800
	12	piesses draps de poittou contenant	
	199	aulnes	
	19 1/2	aulnes payés a l'alfandegue pour le droit	
reste	179 1/2	aulnes qui ont rendu suivant la vente par le menu	L. 76\$640

(\*) Sobre a qualidade e o tipo dos diversos tecidos v. Savary, Dictionnaire Universel de Commerce.

	10	piesses de serges de tour contenant	
	273	aulnes $\frac{2}{3}$	
	27	aulnes donné a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	246 $\frac{2}{3}$	aulnes	
	75	aulnes qui ont rendu suivan la vente pour le menu	L. 27\$33
reste	171	aulnes mises entre les mains de Monsieur Levesque	
		Les serges de tour ont rendu la somme avec la	
		vente cy dessus	L. 346\$907
	50	grosses passements de layne	
	5	grosses données a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	45	grosses	
	2	grosses 7 douzainnes vendues a 500 r. grosse	
		monte	L. 1\$270
reste	42	grosses 5 douzainnes lesquels j'ay mises entre mains de	
		Mr. Levesque	
	25	grosses de poignés de bois qui font	
	300	douzainnes	
	30	douzainnes payés a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	270	douzainnes	
	45	douzainnes vendu a bij r la douzainne monte	L. 3\$255
reste	225	douzainnes que j'ay mises entre mains de Mr. Levesque	
	1	grosse destuits a poisson et d'autres a ressorts qui font	
	12	douzainnes	
	1	douzainne deux estuits payés a l'alfandegue pour le	
		droit du Roy	
reste	10	douzainnes 10 estuits	
	3	douzainnes 10 estuits vendus suivant la vente par le	
		menu la somme de	L. 1\$47
reste	7	douzainnes que j'ay mises entre mains de Mons. Levesque	
	4	grosses de cousteaux manche blanq qui font	
	48	douzainnes	
	4	douzainnes payés a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	44	douzainnes	
	19	douzainnes vendues suivant la vente par le menu	
			L. 2\$660

reste	25	<u>douzainnes que j'ay mises entre mains de Mons. Levesque</u>	
		1 1/2 grosse cousteaux ferme manche qui font	
	18	douzainnes	
		1 1/2 douzaine payé a l'alfandegue pour les droits du Roy	
reste	16 1/2		
	1	douzaine vendu pour la somme de	L. \$240
reste	15	<u>douzainnes 1/2 mises entre mains de Monsieur Levesque</u>	
	1	grosse de bouds d'espées qui font	
	12	douzainnes	
	1	douzaine payée a l'alfandegue pour les droits du Roy	
reste	11	<u>douzainnes que j'ay mises entre les mains de Mons. Levesque</u>	
	4	douzainnes estuits a 5 piesses que j'ay delivrées a Mons. Levesque	
	4	douzainnes petits cousteaux a bette et lion gravé donné a Mons. Levesque	
	16	douzainnes d'esplingnes a la Reyne	
	1 1/2	douzaine pour les droits du Roy payé a l'alfandegue	
reste	14 1/2	<u>douzainnes qui font 29 sizains vendu a 100 r le millier</u>	L. 17\$400
	4	grosses cousteaux oeil de pedrix qui font	
	48	douzainnes	
	4	douzainnes payés a l'alfandegue pour les droits du Roy	
reste	44	<u>douzainnes que j'ay delivrées a Monsieur Levesque</u>	
	4	grosse de cousteaux pied de biche (3) qui font	
	48	douzainnes	
	4	douzainnes payées pour les droits du Roy a l'alfandegue	
reste	44	<u>douzainnes</u>	

(3) Os productos da cutelaria de Chatelleraut nos séculos XVII e XVIII foram estudados por Camille Pagé, «La Coutellerie depuis les origines jusqu'a nos jours», Chatelleraut, 1896. Sobre o tipo de faca a que no texto se chama «couteau à pied de biche» escreve Pagé: «Le couteau à pied de biche avec le mandre façonné en pied de biche ayant le bout garni d'un fer d'argent a six petits clous». Tomo I, pág. 31.

	20	douzainnes lesquels ont rendu suivant la vente par le menu	L. 2\$400
reste	24	douzainnes que j'ay données a Monsieur Levesque	
	8	douzainnes de Trompes données a Mons. Levesque	
	24	piesses de hollande	
	2	piesses données a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	22	piesses	
	8	piesses de vendues qui ont rendu suivant la vente	L. 55\$500
reste	14	piesses que j'ay delivrées a Monsieur Levesque	
	15	piesses d'armoizins	
	1 1/2	piesses donnée a l'alfandegue	
reste	13 1/2	piesses	
	11	piesses données a Mons. Levesque contenant 299 aulnes et deux piesses entamées contenant 47 aulnes	
	2 1/2	piesses qui a deux d'entamées lesquelles avec la 1/2 piessse a esté vendu 47 codues 1/2 1/8 qui font suivan la vente par le menu la somme de	L. 14\$800
	6	piesses de moyre contenant 125 aulnes 2/3	
	1/2	piessse payé a l'alfandegue	
reste	5	piesses données a Monsr. Levesque açavoir	
	4	entiers et unne entamée contenant en tout 101 aulnes	
reste	1/2	piessse qui a rendu avec ce qu'il fault de la piessse — 20 codues qui ont rendu suivant la vente la som- me de	L. 4\$800
	1	piessse de satin passé donnée a Mons. Levesque	
	25	piesses de Cambrais double qui font	
	50	piesses	
	5	piesses payées a l'alfandegue pour les droits du Roy	
reste	45	piesses	
	9	piesses de vendues suivant la vente la somme de	L. 36\$
este	36	piesses delivrées a Monsieur Levesque	

	1	caisson de Rubans contenant	
	35	douzainnes cudes (?) Incarnadins	
	5	douzainnes payé a l'alfandegue pour les droits du Roy tant dessus que des 17 douzainnes cy bas plus grands cudes	
reste	30	douzainnes	
	18	douzainnes vendues suivant la vente par le menu la somme de	L. 8\$400
reste	12	douzainnes cudes Incarnadins donnes a Mons. Levesque	
	17 1/2	douzainnes grands cudes Incarnadins données a Mons. Levesque	
	100	douzainnes Rubans cudes couleurs plains	
	10	douzainnes données a l'alfandegue pour les droits du Roy	
reste	90	douzainnes	
	37 1/2	douzainnes vendus suivant la vente par le menu	L. 14\$600
reste	52 1/2	douzainnes rubans cudes plains données a Mr. Levesque	
	120	douzainnes Rubans cudes a bords	
	12	douzainnes payé a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	108	douzainnes données a Monsieur Levesque	
	15	douzainnes Rubans a bords cudes Incarnadins	
	2 1/2	douzainnes vendues pour la somme de	L. 1\$
	12 1/2	données a Monsieur Levesque	
	120	douzainnes passelarges a bords	
	12	douzainnes données pour les droits a l'alfandegue	
reste	108	douzainnes desqueles j'en ay donné a Monsieur Leves- que 107 douzainnes 1/2	
	150	douzainnes moyens a bords	
	15	douzainnes payé pour le droit a l'alfandegue	
	135	douzainnes	
	45	douzainnes vendus suivant la vente par le menu la som- me de	L. 9\$360
reste	90	douzainnes mis entre mains de Monsieur Levesque	

	50	douzainnes clincquants a carreaux	
	5	douzainnes payé pour le droit du Roy	
reste	45	douzainnes	
	20	douzainnes qui font 4 masses a 1\$ r masse monte	
			L. 4\$
reste	25	douzainnes lesquels j'ay données a Monsieur Levesque	
	50	douzainnes clincquants plains	
	5	douzainnes pour le droit de l'alfandegue	
reste	45	douzainnes	
	15	douzainnes qui font 3 masses vendues a 1.000 r masse mont	
			L. 3\$
reste	30	douzainnes que j'ay données a Monsieur Levesque	
	50	douzainnes petits clincquants plains	
	5	douzainnes payé a l'alfandegue pour le droit du Roy	
reste	45	douzainnes que j'ay donné a Monsieur Levesque	
	2	Balles laines despees données a Monsieur Levesque	
	8	barils de poudre donnés a Monsieur Levesque	
	7	balles laynes de sagouie	
	5	balles données a Monsieur Levesque	
	2	balles n. 5 et 6 pesant net	
	248		
	78	payé a l'alfandegue pour le droit du Roy	
	170		
	8	données a Monsieur Levesque	
reste	162	lesquelles ont rendu suivant la vente la somme de	
			L. 5\$660
	30	balles de papier	
	3	balles données a l'alfandegue pour le droit	
	27	balles	
	14	balles vendu par le menu faisant la somme de	L. 68\$
	13	balles	
	1/2	balle que c'est perdu a celui qui estoit mouillé	
reste	12	1/2 balles que j'ay données a Monsieur Levesque	

	8514	de fer vergaillon	
	851	payé pour le droit du Roy	
reste	7663	de fer qui ont rendu suivant la vente la somme de	
			L. 142\$725
	195	barisques de plastre	
	25	quintaux payés a l'alfandegue pour le Roy et le restant est en nature	
		Monte les sommes cy dessus	L. 789\$457

Messieurs Allaires et Brenets sont debiteurs pour les fraits des marchandizes venues de la Rochelle a Angra dans le navire la Licorne maitre Giraudot

payé pour 45 barquees de marchandises a 200 r la barque monte	9\$
payé aux chartiers pour 252 voyages a 40 r voyage monte	10\$80
payé aux portefaicts de l'alfandegue pour le poids des marchandises	1\$220
payé pour le droit des huilles conforme la coustumme	18\$
payé pour 655 ceaux a 6 chaque ceau monte	3\$930
payé pour le droit du satin dont la piessse n'a pas esté couppé	3\$
payé pour le droit de 4 piesses de hollande la somme	1\$
payé au garde qui a esté a bord pour 12 jours a 200 r jour monte	2\$400
payé pour le louage de marchandises et gesse la somme de L	8\$
monte les fraicts cy dessus la somme de	56\$630
plus payé au maitre Giraudot en deduction de son fret L	22\$700
plus pour ma Commission de 719\$ r a 3 pour 100 monte	21\$570
	<u>100\$900</u>

Suivent les personnes qui doibvent

Monsieur le proviziador pour marchandises la somme de	11\$100
Monsieur le gouverneur pour marchandises la somme de	11\$700
Monsieur Manoel do Canto pour marchandises	32\$000
Monsieur pidro de Castro pour restant des marchandises	2\$
e sergeant Roussillon pour marchandises a luy vendues	4\$420
Domingo Codillo pour marchandises restantes a luy vendues	1\$720
don Joan de Souze pour restant d'une barisque d'huile dont le dit Souze la somme de	<u>7\$070</u>
monte toutes les debtes laissées a Monsieur Levesque la somme de	70\$090

.....  
Faict a Angra Isle de la Terceira le 10<sup>e</sup> Jour de Juillet 1644.

Messieurs Allaires et Brenets sont debiteurs

pour 69 coffres de sucres blancs ascheptes des personnes cy  
bas nommes et charges pour le dit compte dans le navire nommé  
Le licorne maitre Louys Girardot

11	Coffres du sieur pidro Lagar qui se montent suivant la cargaizon la somme de	367\$300
10	Coffres du sieur Joseph Leal qui se montent suivant la cargaizon la somme de	332\$415
40	Coffres du sieur Laurans Gomes payre qui se montent suivant la cargaizon la somme de	1258\$018
8	Coffres du sieur Georges Dies qui se montent suivant la cargaizon la somme de	230\$250
	Et les fraits et droits se montent suivant la dicte car- guaizon a la somme de	326\$670
		<hr/> 2514\$653
	commission	75\$490
		<hr/> 2590\$143

(Extrait des minutes Cherbonnier, Liasse 1645 — Arch. Charante Mari-  
time — La Rochelle)

## II

1693 Março 14

- 1) Declaração de Jacques de la Ronde sobre as presas e avarias sofridas nas mercadorias carregadas na caravela «Notre Dame de la Conception», na sua viagem de La Rochelle à Terceira e volta a La Rochelle.

A caravela, comandada por Lourenço Franco, da Terceira, que partira de La Rochelle com mercadorias dirigidas a Guilherme Ficher, teria sido abordada, à saída de La Rochelle, por um corsário espanhol que entrando a bordo roubara as mercadorias indicadas num dos documentos, e deixara o navio continuar a sua rota.

Em 1692, mês de Novembro, teria partido da Terceira comandada por Manuel Rebelo, carregada de açúcar (cassonnades blanches) enviado por Ficher pai, sob o nome de Manuel Camelo, a De la Ronde, e chegara a La Rochelle em 21 de Janeiro de 1693, depois de temporal que produzira as avarias na carga, que constam de outro documento.

Além desta declaração consta o processo de um papel sobre as mercadorias roubadas pelo corsário espanhol e outro sobre as avarias e desvalorização sofridas pela carga, que se transcrevem.

2)

Facture et compte de ce qui a esté pillé à la Caravelle la Nostre Dame de la Conception, maitre Laurans franco par un Corsaire Espagnol suivant la declaration du dit Laurans franco en datte du 13 octobre 1691, scavoir

Les Victuailles	£	55
Un paquet de rubans contenant 14 douzaine de rubans figurés à 35 s. la douzaine	£	24,,10
Six masses de rubans unis contenant		

10 pièces de n.º 3 à £ 6 la p.	£ 60	} £ 137,,15
18 pièces n.º 1 1/2 a £ 3,, 17,, 6	£ 70,,5	
droits et frais	£ 7,,10	
Un paquet contenant six crauattes à passements	£ 53,,5,7	
Six chapeaux	£ 62	
deux manchons	£ 3,,10	
deux mousquets et un pistolet	£ 20	
Les hardes de l'esquipage	£ 150	
	<hr/>	
	£ 506,,7,,	

La caravelle la Nostre Dame de la Conception maitre Laurans franco dans laquelle ont esté pillés les choses cy dessus valloit lors du pillage à peu près cinq mille liures qui est pour la moitié celle de

£ 2.500

Le fret quelle pouvoit faire douze cents livres qui est pour le tiers

£ 400

3)

De la Ronde

Estat de l'avaries (*sic*) sur 16 caisses de cassonnades..... (\*) la cargaison de la Nostre Dame de la Conception maitre Manoel Rebello venant de la Terceire

n.º 6	41 arobes 16ll a pesé	1020....
15	43 arobes 16ll a pesé	1222....
5	44 arobes 16ll a pesé	1175....
9	42 arobes 16ll a pesé	1100....
3	47 arobes — a pesé	1358....
2	43 arobes — a pesé	1026 ..
16	48 arobes 16ll a pesé	1270....
7	39 arobes 16ll a pesé	1200....
25	40 arobes — a pesé	1009....
13	48 arobes — a pesé	1305....
10	43 arobes 16ll a pesé	1008 ll
12	47 arobes — a pesé	1315 ll
1	41 arobes — a pesé	1180 ll
14	46 arobes — a pesé	1207 ll
11	44 arobes 16ll a pesé	1200 ll
8	47 arobes 16ll a pesé	1125....
	<hr/>	
	708 arobes a 30ll l'arobe bois de france	18720....

(\*) Os documentos acham-se comidos pelo tempo e as margens ilegíveis. Os... indicam o que falta.

doivent rendre 21240 ll et n'on rendu que  
18820 pourtant il y a de coulage

2420

---

21240

2420 ll de cassonnades fines da baxe qui vallent 50 ll le  
cent

£ 1210

deduction des droits a £ 14 le cent y ayant 20 pour cent  
de difference a cause de l'avantage qu'il y a sur les  
thares

£ 338,,10

Reste de perte sur le coulage

£ 871,,4

Les 8 caisses composées de cassonnades mouillées ont pesé ce  
qui suit

1450 ll

1316 ll

1411

1540

1569

1464

1618

1699

---

12067 ll

12 o/o 1438

net 10619

lesquels estant seiches auroient vallu du moins £ 50 le  
cent montant a ce prix

£ 5309,,10

lesquelles 10619ll de cassonnades mouillées a esté vendue  
a £ 36ll le cent à Madame La Mitière et à son fils  
montant

£ 3822,,16

Aussi il y a de pert sur la qualité la some de

£ 1486,,14

Raport de la perte

En coulage suivant le compte de l'autre part

£ 871,, 4

Sur la qualité suivant le compte dessus

£ 1486,,14

---

2357,,18

pour frais à separer les cassonnades seiches d'avec les  
mouillées et refaire les caisses

£ 20

Total de la perte

£ 2377,,18

De la Ronde

(Arch. Charante Maritime, La Rochelle, B. 5689)

\*

Para mais completa elucidação do assunto, transcrevemos parte do estudo do mesmo autor — «Duas notas para a História do Comércio Francês em Portugal» — (Separata da *Revista Portuguesa de História*, Tomo III, pág. 203. Coimbra. 1945).

## II

### SOBRE O COMÉRCIO DE LA ROCHELLE COM OS AÇORES NO SÉCULO XVII

Durante o século XVI os franceses iam buscar aos Açores, principalmente, mercadorias que os navios, provenientes do Brasil e das Índias Ocidentais, lá descarregavam quando arribavam: pau brasil, tabaco, coiros, cochonilha, etc. <sup>(1)</sup>.

Este comércio interdito depois da tentativa de desembarque francesa em 1583 <sup>(2)</sup>, foi-se reconstituindo no tempo de Henrique IV apesar do pesado imposto decretado por este Príncipe sobre as mercadorias de tal origem, e da severa fiscalização exercida pelos espanhóis. Tal imposto, embora fosse uma dificuldade para o comércio, não conseguiu, no entanto, impedi-lo. Nos arquivos de La Rochelle, por cujo porto se comerciava então com os Açores, não se encontraram indícios da cobrança de tal direito <sup>(3)</sup> e, no entanto, o comércio continuava a fazer-se.

No início do século XVII enviava La Rochelle às nossas Ilhas tecidos, papel, retrozaria, ferro, quinquilharias, breu, resina, bacalhau sêco, algum sal e queijo <sup>(4)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Fagniez — «Le commerce de la France sous Henri IV», in *Rev. Historique* tomo XVI.

<sup>(2)</sup> Idem.

<sup>(3)</sup> M. Trocmé — «Le commerce Rochellais à la fin du XVI<sup>ème</sup> e au début du XVII<sup>ème</sup> siècle».

<sup>(4)</sup> M. Trocmé, *ob. cit.*

O porto mais frequentado era o de Angra na Terceira, embora algum comércio se fizesse também pelos portos do Faial e S. Miguel (5). O tratado de 12 de Outubro de 1604, com a Inglaterra e França, que abolia o direito de 30 % sobre as mercadorias provenientes destes países, encontrou resistências para o seu cumprimento em alguns lugares do Reino, entre os quais figura a ilha de S. Miguel (6).

Entre os armadores de La Rochelle interessados no tráfico, neste primeiro quartel do século, figuram membros das famílias Allaire, Guiton, Deslandes, Piccassarry, alguns deles de grosso trato na cidade (7). Os nomes das famílias Allaire e Guiton encontram-se inscritos nos registos da Igreja Reformada (8).

No decorrer do século, frequentemente, barcos franceses de La Rochelle ou de outras partes, eram fretados nos portos da Metrópole para viagens aos Açores onde iam carregar cereais para abastecimento da capital. Uma consulta da Camara de Lisboa ao Rei, de 11 de Outubro de 1631, refere-se à provisão concedida a vários franceses, para se empregarem neste tráfico, que não fora tida em consideração pelo Conde de Vila Franca (9). Além de franceses, navios de outras nacionalidades iam aos Açores em busca de pão para Lisboa. Em Abril de 1641, foi concedida a isenção do direito do sal embarcado em navios estrangeiros para os domínios ultramarinos, nomeadamente os Açores, com a condição de na viagem da volta carregarem trigo para Lisboa, ao requerente Gonçalo Roiz da Cunha, que fretara tres navios para tal fim (10).

---

(5) Trocmé, *ob. cit.*

(6) Alvará de 22 de Dezembro de 1605 — Andrade e Silva. *Coi. Cronologica de Legislação*, I.

(7) Trocmé, *ob. cit.*

(8) P. Boissonade, «La Marine Marchande, le Port e les Armateurs de La Rochelle à l'Époque de Colbert» in *Bulletin de la Section de Géographie—Comité des Travaux Historiques*, tomo XXXVIII, 1922, pág. 21.

(9) Freire de Oliveira, «Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa», tomo III, pág. 449.

(10) Documentos existentes no Arquivo Historico Colonial — Caixa Açores — 1067-1688.

Desde Março até ao fim do ano de 1633, o exame dos registos dos notários Moreau e Cousseau de La Rochelle <sup>(1)</sup> fornecem quatro contratos de fretamento de barcas para a Terceira. Num dos casos trata-se de uma viagem directa La Rochelle-Terceira-La Rochelle <sup>(2)</sup> e nos outros três ha escala por Lisboa ou Madeira.

A barca que faz a viagem directa leva milheiros de peixe seco, naturalmente bacalhau, e dez barricas de óleo de peixe. Não se indicam as mercadorias transportadas pelas outras barcas.

Depois da Restauração o comércio francês dos Açores continuou apesar da pirataria dos espanhois, que davam caça a todos os navios franceses que se dirigiam a portos portugueses.

Os armadores de La Rochelle procuraram vencer este obstáculo ao comércio regular, carregando as mercadorias em navios holandeses. Veja-se, entre muitos documentos que poderia indicar para prova da afirmação acima, a declaração de Henry Vlamin «bourgeois et propriétaire du navire nomme La maison de Muzen. . . lequel vaisseau j l fait nauiguer a cause de la guerre quy est entre la france et L'espagne soubz le nom de Guillaume Henry, demeurant a amsterdam et Soubs la baniere de hollande e le maistre Et l'Esquipage hollandaise, pour fauorizer son negoce et empecher la prise et depredation quy pourroyent faire Sur luy Les espagnols dudit nauire et cargaison comme françoise s'il ne se seruoit du nom dudit Guillaume henry et de la baniere hollandoize» . . . etc. <sup>(3)</sup>.

É talvez o caso do «Prophète Daniel» de Amsterdam, contratado pelo mesmo Henry Vlamin de La Rochelle para uma viagem à Madeira e aos Açores em 1657 <sup>(4)</sup>.

Durante esta segunda metade do século a principal mercadoria carregada nos Açores em barcos franceses, pelo menos a única que aparece indicada nos documentos e destinada às Antilhas, segundo os dados encontrados nos «Archives Départementales de la Charante Maritime» (La Rochelle), foi o vinho.

<sup>(1)</sup> Archives Departamentales de la Charente Maritime.

<sup>(2)</sup> Os quatro registos são dos livros do notário Cousseau = 30 de Março, 29 de Abril, 10 e 14 de Maio de 1633. Nos livros do notário Moreau não encontrei nenhum contrato de fretamento para os Açores nesta data.

<sup>(3)</sup> 1 de Novembro de 1667 — Arch. Char. Mart. B. 5663 — 107.

<sup>(4)</sup> Arch. Char. Mart. — Série B — 5563 — 18.

No primeiro de Março de 1671 parte de La Rochelle o «Phillipe» que passa na Terceira e chega ao Faial em 24 de Abril, onde tomou 180 pipas de vinho para as Antilhas (5).

Em 1675 a barca «Diligente», segundo o relato do seu mestre, Louis Ramé, de 7 de Junho do mesmo ano, fizera a viagem directa de La Rochelle ao Faial onde desembarcara mercadorias ali destinadas e carregara vinho para o mesmo destino (16).

Outros navios são fretados também para viagens aos Açores, especialmente às ilhas Terceira e Faial, e volta a La Rochelle. Não conseguimos, no entanto, apurar quais as mercadorias que transportavam, pois os documentos não as mencionam. É de presumir que fossem as mesmas que constituíam o tráfico no início do século.

Ocasionalmente outros produtos se trocaram entre franceses e açorianos quando acontecia os seus barcos tocarem em portos do Arquipélago, ou para abastecimento ou para se abrigarem do temporal. Eis um exemplo: Pierre de Congerie, mestre da nau «Marie» de 350 toneis, relata que «venant de Guinée, allant à Marseille, manquent de vitailles furent obligés de relacher a la Tersiere a la rade de la ville dengras au mois de fevrier dernier de la présente année de 1680, en laquelle ville il mit pied a terre et pris dans ycelle les vitalles et refreschissements qui lui avoient été fournis par le sier negre, consul de la nation françoise en la ditte Isle de la Tersiere et luy donna pour le payement du tout deux negresses et un noir, et quelques jours après auroit vendu un noire a la sollicitation du dit consul de la Nation françoise au sieur Louis Dalenhado Thoar, juge coregedor des dites Isles de Tersiere. . . pour 175 lièvres de monnaie de France, qui font 3500 reis de Portugal . . . etc. (17).

Esta segunda metade do século XVII deve corresponder à decadência do comércio francês nos Açores, que não pode, por enquanto, saber-se ao certo se, em algum tempo, foi muito importante, embora o simples facto da existência de um consul francês em Angra implique, normalmente, relações comerciais estreitas.

(5) Idem, Série B — 5670 — 226.

(6) Idem, Série B. — 5674 — 68.

(17) Arch. Char. Marit. — Série B — 5679 — 171.

A verdade é que, para o período que vai de 1657 a 1685, vinte anos, apenas encontrámos nos fundos do Almirantado de La Rochelle, existentes nos Arquivos de que nos temos servido, Série B, notícias referentes a 7 navios que fizeram «le voyage des Açores». Nestes sete casos trata-se, evidentemente, de barcos de La Rochelle.

Encontramos também menção de uma barca de Sables d'Olonne fretada em 1656 para a viagem dos Açores e volta a Nantes, navio e mercadorias asseguradas em Amsterdam <sup>(18)</sup>.

Os navios mais geralmente empregados neste tráfico são de pequeno calado, na maior parte dos casos, barcas. Os quatro fretados em 1633 para a viagem dos Açores, já indicados, variam entre 40 e 55 toneis. Entre os outros barcos, que fizeram a viagem em anos compreendidos entre 1656 e 1685, figuram alguns de maior calado — o «Cesar» de 120 toneis (1677), o «Philipe» de 140 (1671) — mas a média não atinge os 100 toneis <sup>(19)</sup>.

Na tripulação do «Le Barthelemy», de 60 toneis, figuram dois portugueses, Antonio Lobo, o Bravo, e Gregório Pires <sup>(20)</sup>, quem sabe se açoreanos.

Nesta segunda metade do século, tal como indicamos para o início, importantes mercadores da cidade tomam parte no comércio dos Açores, como aliás nas relações comerciais com portos portugueses, em geral. São Louis Allaire, Jacques de la Ronde, um Pagés, Jean e Cesar Godefroy aparecendo, este último, frequentemente como capitão dos seus próprios navios. Vale a pena indicar que os apelidos de todos estes mercadores aparecem inscritos nos registos da Igreja Reformada <sup>(21)</sup> de que La Rochelle foi, até à revogação do Edito de Nantes, um dos baluartes.

O comércio de La Rochelle com os portos portugueses esteve, durante todo o século XVII, como esperamos demonstrar em trabalho que temos em preparação, nas mãos dos reformados. A decadência

---

<sup>(18)</sup> Arc. Char. Marit — Série B. — 5662 — 18.

<sup>(19)</sup> Idem, Serie B — 5677 — 140.

<sup>(20)</sup> O rol da tripulação é de 10 de Junho de 1679 — Arch. Char. Marit. Série B 5678 — 370.

<sup>(21)</sup> P. Boissonade, *ob. cit.* pág. 21.

do comércio deste porto com Portugal, neste mesmo século, coincidiu com a revogação do Edito de Nantes e o cerceamento das liberdades de que os reformados gosavam. Além de outras provas a fornecer no trabalho a que acima nos referimos, podemos, no entanto, indicar desde já que entre as famílias refugiadas, depois da revogação do Edito de Nantes, na Holanda, figuram os Godefroy e os Allaire, para falarmos só dos que eram interessados no comércio dos Açores. Em 1688 contavam-se em Amsterdam cerca de 500 refugiados de La Rochelle <sup>(22)</sup>.

---

(22) Idem, pág. 42.

# Um manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid interessante à história dos Açores no Século XVII

Pelo Dr. FRANCISCO MENDES DA LUZ

Para o estudo que estamos realizando sobre a administração e o comércio ultramarinos no primeiro quartel do séc. XVII, foi-nos necessário consultar vários manuscritos das bibliotecas e Arquivos de Madrid e de Simancas. Durante estas investigações deparou-se-nos bom número de documentos interessantes à história dos Açores.

De entre eles destacamos um volume da Biblioteca Nacional de Madrid intitulado: «D. Pedro Estevan de Avila — Cartas originaes a Felipe IV e ao Conselho de Estado sobre o govêrno que tinha da Ilha Terceira e depois de Buenos Aires». Realmente, trata-se de um códice de 173 fôlios, bem conservado, de cartas assinadas pelo comandante das forças castelhanas na Ilha Terceira desde 1622 a 1625, D. Pedro Estevão de Ávila, que depois foi mestre de campo e governador da Provincia do Rio da Prata. Porém as cartas respeitantes a este govêrno ocupam apenas os últimos vinte fôlios do citado manuscrito.

O interesse destas cartas ressalta não só dos informes própria-mente, que ácerca do estado militar, comercial e político daquela nossa Ilha nos vai dando o seu autor, mas ainda da maneira como estes factos nos são relatados por um espanhol que não se sentia muito à vontade, embora comandante de uma boa força, no ponto que constituiu o último reduto de D. António Prior do Crato.

Logo em carta de 4 de Abril de 1623 diz o comandante da guarnição do Castelo de S. Felipe na Terceira: «... Aqui a passado palabra por via de mercaderes que se a ydo refrescando, que en Olanda se aprestava una gruessa armada para se vir sobre estas islas, con Don Manuel hijo del Prior de OCrato, y porque este nombre no esta de todo olvidado en algunos animos deste pueblo, e requerido al corregidor, Camara y demas personas a quien toca reparen las fortificaciones que estan en torno desta isla, y particularmente el castillo de San Sebastian... han me dado palabra, pero no lo cumplen, huyendo el cuerpo cada uno a la ejecucion».

E várias são as cartas que informam o rei de ser voz corrente na Ilha a vinda do filho de D. António à frente de uma expedição de «rebeldes».

A tal ponto, segundo o que ouvia na Ilha, cria D. Esteban de Ávila na acção dos descendentes do Prior do Crato que, quando da tomada da Baía pelos holandeses em 1624, informa a côrte espanhola de que a 10 do mês de Agosto chegara ao Faial um barco vindo de Pernambuco e que trazia alguns marinheiros «naturales desta isla... y dieron aviso de aver entrado en la ciudad de la Bihia una armada de olandeses acaudillada de D. Luis Manuel nieto de D. António Prior de o Crato», tendo o cuidado de acrescentar: «estarem na Ilha convictos de que a esta hora já todos no Brasil se juntaram a D. Luis Manuel» (1).

Na verdade, os açorianos não inspiravam muita confiança ao governador castelhano, tendo mesmo chegado a sitiá-lo o castelo onde este residia: «... que el capitan cavo de esta ciudad cayese en el

---

(1) Em Ant. Caetano de Sousa não figura o nome Luis Manuel. Dos netos de D. António, indicados por aquele autor, os nomes que mais se aproximam são Luis Guilherme e D. Manuel de Portugal. Este, pelo menos, sabemos nós que serviu os Estados da Holanda e chegou a ser governador de Stenwick. Trata-se portanto de má informação de D. Estevão de Avila. De sobejo nos são conhecidos os nomes dos comandantes da expedição holandesa à Baía em Maio de 1624: Jacob Willekens, Pieter Pieterszoon Hein e Jan Van Dorth. Podia talvez admitir-se que algum neto de D. António tivesse tomado parte na expedição; no entanto, nenhuma relação da época nos fala disso e não seria natural que omitissem semelhante notícia.

horror que hiço en sitiar este castillo y buelto las armas que tiene de V. Mg. contra esta placa. . . » eis o que este diz ao rei em carta de 19 de Julho de 1623, e acrescenta que o mesmo «capitán» Manuel do Canto ameaçava atirar de sua casa com peças sobre o forte da pólvora e apoderar-se ainda do castelo de São Sebastião.

Tudo isto nos revela bem o estado de ânimo na Ilha Terceira contra o domínio estrangeiro. Os principais cabecilhas, de quem D. Pedro de Avila, se queixa são Manuel do Canto e Castro, provedor das naus que vinham da India e capitão mor do porto de Angra, o corregedor Pedro Vaz Freire, o provedor da fazenda António Ferreira, Fernão Freixo e Cristóvão Borges.

De todos os modos na Terceira se procurava molestar o capitão espanhol, opondo resistência aos seus desígnios, não satisfazendo os seus pedidos e até faltando-lhe com abastecimento de trigo para as tropas, como o provam várias das cartas contidas no códice de que nos ocupamos. Enfim, este chega a confessar ter mais medo dos naturais que dos holandeses: «con estos caudillos esta la gente popular de manera que me guardase dellos más que de los olandeses.» (1)

A par destas notícias, que nos não deixam dúvidas àcerca do espírito insubmisso e de rebeldia que contra as ordens estranhas reinava na ilha, as cartas contêm, como já disse, outros dados não menos valiosos para o conhecimento do papel desempenhado pelos Açores em período tão agitado e trágico para a nossa história ultramarina. Como se sabe estas ilhas constituíam ponto de passagem na carreira das Indias (?). E era ali, muitas vezes, que os corsários da Holanda vinham esperar as nossas naus. Nas Ilhas quase sempre se tinha notícia destas armadas inimigas que navegavam ao largo e imediatamente se organizavam «avisos» que vinham à metrópole a prevenir.

(1) Carta de 16 de Julho de 1623 para o rei.

(2) A este respeito ainda a carta de 4 de Janeiro nos diz a quantidade de dinheiro necessária para o provimento das naus da India que ali passavam. . . . Asi mismo ay todos los anos un gasto continuo que hacen las naus de la India y las caravelas de aviso que hecho el compto un año con otro sera más de tres mil ducados en cada un año . . .”

Muitas das cartas deste códice nos informam a tal respeito.

Mas não eram só os rebeldes de Holanda que atacavam e assaltavam as nossas naus. Eram também os ingleses, os mouros e os turcos. E curioso é que, por intermédio destas cartas, se vê que muitas vezes as suas armadas buscavam as costas dos Açores para essa rapina. A 26 de Maio de 1623 diz D. Pedro Estevão de Avila para o rei que teve aviso «por via de mercaderes mes y medio á de que salieron de Argel ciento y quarenta velas y que se quedaban aprestando cincoenta para venir sobre estas islas, y que en Olanda se aprestaban algunas....»

Outras vezes as cartas informam-nos do comércio nas Ilhas, de estrangeiros ali residentes e do contrabando que se fazia para fugir às apertadas pragáticas do governo filipino: Al Rey por su Consejo de Guerra el 14 de Mayo de 1625 — Avisado tengo a V. Mg. como en esta isla, y islas, hay gran número de extranjeros, ingleses, flamencos y franceses y aunque en algunas cartas que tengo, escritas por V. Mg. a mis antecessores, manda que se echen a algunos desta isla que oy viven en ella, no lo he ejecutado hasta de nuevo esperar lo que V. M. me mandare. Asi mismo han venido a este punto algunos navios extranjeros cuyos mres traen despachos y passaportes de Amburgo...»

Já em carta de 18 de Outubro de 1624 dizia D. Estevão ao rei, que tinham ido parar ao Faial dois navios chamados Santa Catarina de Sena e Anjo da Guarda e que o capitão procurara vender a um inglês ali residente os seus produtos. Como porém a venda se não efectuou «veio aqui dar». Trazia gengibre, couros, açúcar e brasilete. Parece que vinham do Porto Rico e ali em troca davam-lhe roupas, letras para Lisboa, algum dinheiro e «farinhas para derrotar-se com elas a Angola».

Enfim, confirma-se que os Açores eram um importante centro de troca de produtos: especiarias em geral e sobretudo açúcar. Os povos do Norte tinham ali os seus representantes, quando não eram os próprios comerciantes flamengos e ingleses que lá residiam. D. Estevam de Avila confessa que um dos principais rendimentos «procede de las entradas y salidas que hacen los navios en estas islas», sobretudo dos flamengos embora estes afluíssem, naquela altura, em menor número por causa da guerra de Flandres.

Um outro aspecto curioso ressaltava do apelo constante que o comandante castelhano fazia ao rei e ao conselho de Portugal para que

lhe remetam as somas e os materiais necessários ao acabamento e conservação do castelo de S. Felipe. Para isso mostra qual é a importância estratégica da ilha quanto à navegação «das Índias orientais e ocidentais», e daí a consequente necessidade do castelo estar bem fortificado e armado.

Por carta de 3 de Julho de 1622 ficamos sabendo que o rei prometera dois mil ducados, que haviam de ser pagos pelos governadores de Lisboa, pagamento este que dificilmente se efectou.

Numa das primeiras missivas que dali envia Estêvão de Avila pede *cal* «para que se vaya continuando esta fábrica (do castelo) porque es mucho lo que falta por acabar que aun oy no se halla en defensa y lo que esta echo se viene al suelo con muchas aguas y los grandes vientos que aqui hay» (1). Também não tinha nem munições nem guarnição suficientes: «Asi mismo me hallo falto de gente... y que V. Mg. se sirva mandar prover de armas, polvora, y cuerda, y de un armero como esta mandado por V. Mg. para que repare las pocas armas que hay porque con la humedad de la tierra se pudren aunque más se procuren beneficiar...» (2)

Cremos, pois, que este volume de correspondência abunda em elementos que nos permitem um melhor conhecimento da história açoriana do primeiro quartel do século XVII, em especial da Ilha Terceira. Podemos avaliar por aqui qual foi a sua acção durante este período do domínio felipino, tão cheio de vicissitudes e dificuldades, e compraz-nos ver como também ali nas ilhas se não adaptavam ao domínio estrangeiro procurando repeli-lo por todos os meios.

Lisboa, 29 de Julho de 1948.

*Francisco Mendes da Luz*

(1) Carta de 24 Ag. — 1622.

(2) Carta de 4 Jan. — 1623.

# Relação dos emigrantes açorianos para os Estados do Brasil, extraída do "Livro de Registos de Passaportes" da Capitania Geral dos Açores

( Continuação da página 165 do vol. 5.º )

Por ANTÓNIO RAIMUNDO BELO

## ILHA DE SANTA MARIA

Ano de 1784:

— Inácio José Coelho de Andrade, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia dum seu irmão.

Ano de 1785:

— José Manuel de Moraes, à cidade do Rio de Janeiro, a fazer cobrança duma herança que lhe adveiu por falecimento dum seu tio.

Ano de 1811:

— Inácio de Sousa Soares, viuvo, à cidade do Rio de Janeiro, com seus filhos André Soares, Manuel José, D. Maria Candida, D. Rosa Coutinha, e um seu parente, Agostinho José de Figueiredo.

## RESUMO

	Masculinis		Femininos		Totalidades	
	Maiores	Menores	Maiores	Menores		
Ano de 1784:						
Ao Rio de Janeiro . .	1	—	—	—	1	1
Ano de 1785:						
Ao Rio de Janeiro . .	1	—	—	—	1	1
Ano de 1811:						
Ao Rio de Janeiro . .	4	—	—	2	6	6
						8

## ILHA DE SÃO MIGUEL

Ano de 1767 :

— Miguel Angelo Martins, à Baía, a vender uma carregação de pano de linho e a fazer emprego do produto dela naquele paiz.

Ano de 1770 :

— Tomé de Teve, a Minas Gerais, para a companhia de seus irmãos, estabelecidos com negócio no Rio das Mortes.

Ano de 1784 :

— José Cardoso Tavares, à Baía, com sua mulher Joana Rosa Viterbo.

Ano de 1788 :

— António Feliciano Serpa, à cidade do Rio de Janeiro, com sua mulher Ana Joaquina de Castelo Branco e um filho de 7 meses, chamado António, a procurar modo de vida.

Ano de 1803 :

— João de Aguiar Boto, à Baía, com um criado preto, chamado Manuel.

— José Correia de Araujo, à Baía.

— Manuel de Sousa Franco, com dois filhos maiores de 40 anos, a Pernambuco.

— António Jacinto Tavares, a Pernambuco.

— José António de Sousa, com sua mulher Maria do Carmo, seu filho menor Manuel, e sua sobrinha Francisca, aleijada, a Pernambuco, por esmola do mestre da embarcação.

Ano de 1809 :

— João José da Costa da Silveira, solteiro, à cidade do Rio de Janeiro.

— António Joaquim Ferreira, à Baía, onde tem o seu estabelecimento e família.

Ano de 1810 :

— João Lopes, com sua mulher e duas filhas, a Pernambuco.

Ano de 1811 :

— José Inácio Machado de Faria e Maia, Tenente da 2.<sup>a</sup> Companhia do Regimento de Melicias de Ponta Delgada, à cidade do Rio de Janeiro, pelo tempo de 6 meses.

— José da Costa e sua mulher Antónia dos Santos, a Pernambuco.

Ano de 1812 :

— António Jacinto Moniz, a Pernambuco.

— João Jacinto Moniz, a Pernambuco.

— João de Castro Medeiros, e sua mulher Dona Laureana Emilia Bellarbak e 2 filhos menores, a Pernambuco.

— Manuel Francisco Leite de Vasconcelos, com sua mulher Maria Madalena Pimentel e seu filho António Pedro de Jesus, à cidade do Rio de Janeiro.

— Maria de Jesus, Manuel José Cabral, sua mulher Genoveva Rosa e António José, a Pernambuco.

Ano de 1813 :

— Maria da Rocha, à cidade do Rio de Janeiro.

— Quitéria Coelho Bernarda Claudina, à mesma cidade.

Ano de 1817:

- Manuel José Galvão, cirurgião, à cidade do Rio de Janeiro.
- Dião José Maria de Bettencourt Vasconcelos e Lemos, com seus 2 creados por nomes Inácio Martins, de 23 anos, e João, de 9 anos, à cidade do Rio de Janeiro.
- Jacinto José Pereira, à Baía.
- José Constantino de Brito, da Vila da Praia, à Baía.
- Eugénia Maria Madalena, viuva de Francisco António George, de Angra, para a Baía.
- José Borges Machado, à Baía.

## RESUMO

	Mascullinos		Femínlinos		Totalidades	
	Maiores	Menores	Maiores	Menores		
Ano de 1767:						
À Baía . . . . .	1	—	—	—	1	1
Ano de 1770:						
A Minas Gerais . . .	1	—	—	—	1	1
Ano de 1784:						
À Baía. . . . .	1	—	1	—	2	2
Ano de 1788:						
Ao Rio de Janeiro . .	1	1	1	—	3	3
Ano de 1808:						
À Baía. . . . .	3	—	—	—	3	
A Pernambuco. . . .	5	1	1	1	8	
Ano de 1809:	8	1	1	1	11	11
Ao Rio de Janeiro . .	1	—	—	—	1	
À Baía. . . . .	1	—	—	—	1	
	2	—	—	—	2	2
	A transportar . . .					20

Ano de 1810:	Trasnporte . . . . .				20	
A Pernambuco. . . . .	1	—	1	2	4	4
Ano de 1811:						
Ao Rio de Janeiro . . .	1	—	—	—	1	
A Pernambuco. . . . .	1	—	1	—	2	
Ano de 1812:						
Ao Rio de Janeiro . . .	2	—	1	—	3	3
A Pernambuco . . . . .	5	2	3	—	10	
Ano de 1813:						
Ao Rio de Janeiro . . .	7	2	4	—	13	13
Ao Rio de Janeiro . . .	—	—	2	—	2	2
Ano de 1817:						
Ao Rio de Janeiro . . .	3	1	—	—	4	
À Baía. . . . .	3	—	1	—	4	
	6	1	1	—	8	8
						50

## ILHA TERCEIRA

Ano de 1766 :

— José de Medeiros de Albuquerque, a Minas Gerais — d'onde viera — com sua mulher D. Mariana Rosa Narciza, seus sogros João José de Oliveira e Inez Mesquita, e 3 filhos António, José e Maria, para a companhia de seu tio João Furtado Leite.

— António Pereira, official de Sapateiro, e José Cardoso, aleijado, de Angra, à Baía, *«para pedirem esmola por ser cidade opullenta e rica. . . . . »*

— Pedro José da Silva, filho de Pedro Cardoso e de Maria Josefa, já defunta, natural das Fontinhas, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu pai.

Ano de 1767:

— José Coelho Linhares, de 59 anos, à Baía, para a companhia de seu filho.

— Francisco Ferreira, de 63 anos, à cidade do Rio de Janeiro, a fazer cobrança de uma dívida.

— Francisco Ferreira Velho, a Vila Rica, donde viera.

— Gregório Ferreira, à cidade do Rio de Janeiro.

— Ana Catarina, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro.

— Estevam de Almeida, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro com sua mulher Rosa Mariana e três escravas chamadas Joana, Custódia e Maria, para a companhia de uns seus cunhados.

— Quitéria Rosa e suas filhas Joaquina Mauricia e Felicia Rosa, e sua irmã Maria Antónia, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu marido.

— Tereza Mariana, de Angra, à Baía, com sua filha Ana da Conceição, para seu marido João Pereira.

— Luzia Antónia e irmã Barbara Mariana, à cidade do Rio de Janeiro.

Ano de 1768:

— Diogo José, assistente em Angra, à Baía, donde viera.

— Francisco Ferreira Velho, de S. Barbara, à cidade do Rio de Janeiro.

Ano de 1769:

— João Pedro, de S. Barbara, filho de Manuel Cota Vieira, à cidade do Rio de Janeiro.

— Mateus de Sousa Pacheco, de S. Barbara, a Minas Gerais, a fazer cobrança de avultadas quantias de dinheiro que devem a seu tio Manuel de Sousa Pacheco.

— Josefa Luiza Cabral de Melo, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, com António Francisco, por ser pobre.

— Manuel Soares, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de um seu irmão.

— João de Deus Cardoso, de Angra, à mesma cidade.

— Francisco da Costa, da Ribeirinha, à mesma cidade.

— Tomé Ferreira, filho de João Ferreira, da Terra Chã, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu irmão António Nunes, assistente na Vila do Paraty.

— António Machado e seu irmão André Lourenço, de S. Barbara, a Minas de Ferro do Frio, onde se acha estabelecido seu tio António Machado.

— Manuel Gonçalves, da Terra Chã, ao Rio de Janeiro, para a companhia de seu tio Francisco Ferreira Xouvisso.

— Pedro Cardoso Machado, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, na recadação dos bens que por óbito de seu filho, o *rv.<sup>mo</sup>* Padre António Xavier Cardoso, lhe ficaram.

— João José de Melo, de S. Barbara, a Minas Gerais, para a companhia de seu tio Matias Machado Fagundes.

— José Machado, das Lagens, à cidade do Rio de Janeiro.

— António Machado Jaques, natural e batisado da freguesia de S. João do Morro Grande, comarca do Sabará, Bispado de Mariana, filho de António Machado Jaques, ao Sabará.

Ano de 1770 :

— José Caetano da Silva, filho de Manuel Teixeira, oficial de ourives, e de sua mulher Maria Antonia do Sacramento, e José Francisco Luiz, filho de Francisco Luiz Fialho e de sua mulher Clara Maria. Primos, menores de 25 anos, de Angra, aos campos de *Peroubela*, para a companhia de seus tios Henrique Cardoso Leal e Antonio Luiz Fialho, que os mandaram buscar, em razão de não terem herdeiros e se acharem muito adiantados em anos.

— Francisco de Sousa de Menezes, das Lagens, filho de Pedro de Sousa, falecido e de sua mulher Barbara de Santo Antonio, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu tio, o P.<sup>o</sup> Manuel de Sousa Menezes, que o mandara buscar.

— Antonio Coelho Linhares, da Vila Nova, à comarca da Vila do Sabará de Minas Gerais, com sua mulher Inez Francisca, e seus filhos Mariana, Rosa, Maria, Clara, Ana, Rita e João, menores, para a fazenda que para ele comprou seu filho Mateus Coelho, assistente nas ditas Minas.

— José de Almeida, menor, da Vila de São Sebastião, a Minas

Gerais, na deligencia de cuidar do governo e Administração dos bens que lhe foram deixados por seu tio Antonio Vieira de Almeida.

— Francisco Vieira de Borba, das Lagens, a Minas Gerais, na deligencia de haver os bens e fazenda que lhe ficaram por óbito de seu tio Pedro Borges.

— Jacinto Caetano de Lima, da Vila Nova, a Minas Gerais, na deligencia de cuidar do governo e fruição dos bens que lhe deixou seu tio Manuel Nunes Evagelho.

— Vicente José de Brum, da Vila da Praia, sua mulher Clara Vitoria de Jesus, e tia Francisca Ursula, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de Miguel Correia.

— José Nunes Coelho, da Vila Nova, à mesma cidade, com sua mulher Mariana Antonia, filho José Coelho e filha Esperança de Jesus.

— João Teixeira, à mesma cidade.

— Francisco Caetano Linhares, de S. Barbara, a Minas Gerais, para receber a herança de seu tio Mateus Luiz Rodovalho.

— Domingos José, Joana Rosa, órfãos de Manuel Afonso, de S. Barbara, à cidade do Rio de Janeiro.

— Estacio, escravo de cor branca, de Caetano de Saa Rocha, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro.

— Luiz do Rego, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de um seu filho, que o mandara buscar.

— Lourenço Martins de Avila, de Angra, a Minas Gerais, a fazer recadação da herança que lhe adveio por óbito de seu tio.

Ano de 1776 :

— Izidora Francisca, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro para a companhia de seu marido Vicente José dos Santos, que a mandara buscar

— Dona Josefa Paim Pamplona, do Porto Martins, à mesma cidade, para a companhia de seu marido Antonio Machado Fagundes, com seus filhos Francisco Paim e D. Rita Paim Pamplona.

— Maria Clara, viuva, de Angra, à mesma cidade, a procurar o amparo de uma filha casada, que a mandara buscar, levando em sua companhia, uma afilhada por nome Maria de Santa Tereza, órfã de pai e mãe.

— Bristes do Coração de Jesus, viuva, pobre, á mesma cidade, a

procurar a companhia de seus dois filhos, que assistem na mesma cidade, favorecidos da fortuna.

— Vitorino José de Vasconcelos, de Angra, à mesma cidade, para a companhia dum seu tio, que o mandara buscar.

— António Ferreira Machado, de S. Sebastião, para arrecadar uma herança que adviera a seu pai, por falecimento de sua irmã, em Minas Gerais, comarca do Rio das Mortes.

— Manuel Machado Corvelo, da Fonte do Bastardo, à mesma cidade, a procurar o amparo de seu tio.

— Francisco Machado Martins, de Santa Barbara, a procurar o amparo de um seu tio, à mesma cidade.

— João Francisco, homem livre, de Angra, à Baía, a tratar de certas dependências.

Ano de 1778 :

— António de Almeida Ponte, de Angra, à Baía, com sua mulher Genoveva Rosa, e dois cunhados de menor idade, João e Maria, para a companhia dum seu tio, que o mandara buscar.

— Pedro de Oeiras Rodrigues, da Vila da Praia, à Baía, para a companhia de seu sobrinho, Vicente José dos Santos, que o mandara buscar.

— Francisco de Sousa Fagundes, à Baía, onde se acha estabelecido, levando sua mulher Leonor Maria, filha Maria Joaquina de Jesus e genro Francisco António da Rosa.

— João Pereira de Matos, á Baía, para o efeito de *reduzir* certas pipas de aguardente e assucar e outros generos precisos nesta ilha.

— Manuel Dias da Costa, das Fontinhas, à Baía, para receber a parte que lhe pertence da herança de seu tio Bernabé Días, falecido em Minas Gerais.

— Bruno Manuel do Carvalhal, de Angra, à Baía, para procurar o amparo de seu tio e tres irmãos que tem nos Estados da America.

— Estácio Joaquim Ferreira, clérigo, à cidade do Rio de Janeiro para a companhia de seus pais.

Ano de 1779:

— José Caetano Martins, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, com seus oito filhos, chamados José Martins Lobayo, Mateus Correia

Martins, Manuel de Sousa Lobayo, Ana Maria Margarida, Teodora Feliciano da Anunciada, Mariana Benedita do Sacramento, Feliciano Ludovina de Nazaret e Luiza Tomazia Victorina, e seu cunhado Padre Jacinto Manuel de Almeida Lobayo, um fâmullo chamado Miguel Machado e duas escravas, Joana e Maria.

- José Simões, do Porto Martins, à mesma cidade.
- João Borges, das Lagens, à mesma cidade.
- Pedro Fernandes, do Porto Judeu, à mesma cidade.
- Joana Josefa, à mesma cidade, com sua filha Doretêa.
- José Martins Soares, do Porto Martins, à mesma cidade.
- Joaquim José, da Aqualva, à mesma cidade.
- Francisco Vieira Arruda, de Angra, à mesma cidade.
- Manuel de Almeida Ponte, de Angra, à mesma cidade, com sua mulher Luzia Delfina e um filho de peito, chamado João.
- José Martins, da Vila Nova, à mesma cidade.
- José Gonçalves, homem pardo, de S. Bartolomeu, à mesma cidade.

— João Correia de Melo, do Porto Judeu, à mesma cidade.

— Joaquim Mendes de Brito, da Vila da Praia, à mesma cidade.

— Manuel Caetano, da Vila Nova, à mesma cidade.

— Paula Mariana, de S. Bartolomeu, à mesma cidade do Rio de Janeiro, com seu sobrinho Fernandes.

- Francisco Inácio, do Porto Judeu, à mesma cidade.
- Francisco Andrade, do Cabo da Praia, à mesma cidade.
- Antonio Vieira, da Vila da Praia, à mesma cidade.
- João Nunes, da Fonte do Bastardo, à mesma cidade.
- Antonio Vieira de Borba, à mesma cidade, para a companhia de seu pai Matias Vieira da Areia.

— Antonio Xavier Pereira, soldado artilheiro de meia Praça do Castelo de S. João Batista, à cidade do Rio de Janeiro, com licença de um ano, para o efeito de procurar o amparo de uns parentes que na dita cidade tem favorecidos de bens.

- Manuel Caetano de Andrade, do Juncal, da Vila da Praia, à mesma cidade.
- Manuel Toste de Borba, de São Sebastião, à mesma cidade.
- Manuel Machado Valadão, do Juncal, à mesma cidade.
- João do Rego de Menezes, das Lagens, à mesma cidade.

— José Luiz, da Vila da Praia, à mesma cidade.

Ano de 1780 :

— José Inácio da Silveira, de Angra, à Baía onde tem seu estabelecimento.

— Mateus Rodrigues da Rosa, da Terra Chã, à Baía, com sua mulher Rosa de Santo Antonio e dois sobrinhos, Jacinto Caetano e Inácia Joaquina.

— Ambrósio Manuel Teles e seu filho Mauricio José Teles, com com suas mulheres e uma filha de menor idade, à Baía.

— Ponciano José Pereira, de S. Máteus, à Baía.

— João Pereira da Costa, de Angra, à Baía, com sua mulher Maria Feliciano Barreto e quatro filhos menores, chamados Ana, Maria, Cipriano e Jerónimo.

— Jacinto José da Fonseca, à cidade do Rio de Janeiro.

— Manuel Martins de Andrade, da Ribeira da Aqualva, à Baía.

— Francisco Cardoso, de Santa Barbara, à cidade do Rio de Janeiro.

— Manuel Luiz, de S. Bartolomeu, à Baía.

— Maria Micaela da Conceição, de Angra, à Baía, com dois filhos menores, Domingos e Ana.

— José Gonçalves, de S. Bartolomeu, à Baía, com sua cunhada Maria Inácia, sua filha Tomazia Inácia e seu sobrinho Joaquim José.

— José Ribeiro do Vale, à Baía.

— Jacinto Machado Neto Ralinho, de Angra, à Baía.

— Domingos de Sousa Tavares, de Angra, à Baía, com duas escravas pretas chamadas Rita de Jesus e Maria de Jesus.

— Antonio de Almeida, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro.

— André de Linhares, do Porto Judeu, à Baía.

— Antonio de Aguiar, da Serra da Vila da Praia, à Baía.

— José Xavier, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro.

— Bernardo Machado, menor, de S. Mateus, à cidade do Rio de Janeiro.

— Francisco José da Fonseca, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, pela da Baía.

— José Antonio da Costa, de Angra, oficial de carpinteiro, à cidade da Baía.

— João, homem preto, escravo do Capitão Fabiam Antonio de Almeida Tavares, à Baía.

— Manuel Pacheco de Lima, do Porto Judeu, à Baía.

— Mariana do Carmo, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro com escala pela Baía.

— Raimundo Gonçalves, de Angra, à Baía.

— Antonio Gonçalves Laranjo, dos Biscoitos, à Baía.

— Miguel Francisco, de Angra, à Baía.

— Antonio Furtado, da Vila Praia, à Baía.

Ano de 1781:

— José Benedito da Silva, Presbítero do habito de São Pedro, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seus pais, levando um seu moço chamado João Machado de Azera.

— Maria Inácia de Jesus, viuva de João Baptista Francez, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, levando em sua companhia um pretinho de menor idade, por nome José.

— Diógenes Tiburcio Pamplona, de Angra, à mesma cidade.

— João Caetano de Sousa, da Vila da Praia, à mesma cidade.

— Vicente de Sousa, de S. Mateus, à cidade do Rio de Janeiro.

— Tomaz Corvelo, de S. Mateus, à mesma cidade.

— Francisco Borges, das Lagens, à mesma cidade.

— João Alves Diniz, da Aqualva, à mesma cidade.

— Pedro Ferreira Luiz, do Porto Judeu, à mesma cidade.

— Francisco Fernandes Pimentel, de S. Mateus, à mesma cidade.

— João de Sousa Machado, de Angra, à mesma cidade.

— Caetano Correia, de S. Mateus, à cidade do Rio de Janeiro.

— Antonio Martins, de Angra, à mesma cidade.

— Manuel Soares de Azevedo, do Porto Judeu, à mesma cidade.

— José Borges Leal, de Angra, à mesma cidade.

— Tomaz Borges, das Lagens, à mesma cidade.

— José Luiz de Aguiar, das Lagens, à mesma cidade.

— André Gonçalves, das Fontinhas, à mesma cidade.

— José Nunes de Mendonça, da Fonte do Bastardo, à cidade do Rio de Janeiro.

- Mateus Machado, à mesma cidade.
- Jacinto José Ferreira, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu tio José Francisco, que o mandou buscar.
- Catarina do Espirito Santo, de Angra, à mesma cidade, com sua filha menor, Mariana.
- Francisco Pereira, do Porto Judeu, à mesma cidade.
- Manuel d'Avila, da Vila da Praia, à mesma cidade.
- Antonio Ferreira Velho, de S. Barbara, à cidade do Rio do Janeiro.
- Valério José, de Angra, à mesma cidade.
- Manuel Machado, do Porto Judeu, à mesma cidade.
- Luiz da Costa Diniz, da Ribeirinha, à mesma cidade.
- Antonio José de Bettencourt, da Vila da Praia, à mesma cidade.
- Manuel Vieira Pacheco, de Angra, à mesma cidade.
- Pedro José, de Angra, à mesma cidade.
- José Machado Ribeiro, de São Sebastião, à cidade do Rio de Janeiro.
- José Inácio, de Angra, à mesma cidade.

Ano de 1782 :

- José Antonio da Silva e Melo, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro.

Ano de 1784 :

- Manuel Pereira, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro.
- João Dias, das Fontinhas, à mesma cidade, para companhia dum seu tio.
- Mariana Josefa, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seus irmãos, que a mandaram buscar.
- José Francisco Pereira, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para companhia de seu tio Jacinto Pereira Machado, que o mandara buscar.
- Inácio Camelo de Menezes Pamplona, de Angra, à mesma cidade, para viver na companhia de seus tios o Alferes Antonio Machado Mendonça e Gonçalo Correia de Menezes.

Ano de 1785 :

— Violante Rosa Joaquina, de Angra, a Minas Gerais, para receber o benefício da companhia de seu primo Antonio Pereira, que a mandara buscar.

— Antonia Maria de Jesus, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu marido João de Sousa Machado, que a mandara buscar e a seus dois filhos menores Maria Antonia e João Inácio.

— Antonio de Sousa Mendes, de Angra, à mesma cidade.

— Antonio Machado Vieira, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, com sua filha Joaquina Rosa, para a companhia de um seu filho, que se acha favorecido de bens.

— Manuel Machado Mendes, da Casa da Ribeira, à mesma cidade.

— Antonio Machado Nunes, da Fonte do Bastardo, à mesma cidade, para a companhia de seu irmão José Nunes de Mendonça, que o mandara buscar.

— Miguel Machado, de S. Bartolomeu, à mesma cidade, para a companhia de um seu tio para lhe dar modo de vida.

— Caetano de Sousa Coelho, das Lagens, à mesma cidade, para companhia de um seu tio.

— Tomazia Mariana, de Angra, à Baía, para a companhia de seu marido José Cardoso.

— João de Sousa, das Lagens, à Ilha de Santa Catarina, para a companhia de seu tio Padre Manuel de Sousa, que o mandara buscar para o favorecer.

— Antonio Machado, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de um seu tio que o mandara buscar para o favorecer.

— José Vicente de Noronha, Angra, à cidade do Rio de Janeiro.

— Manuel Borges de Andrade, das Lagens, à mesma cidade, para a companhia de um seu tio e dois irmãos, que o mandaram buscar para o favorecerem.

— João Borges Homem, dos Altarea, à Ilha de Santa Catarina, a deligenciar procuração bastante de seu tio Antonio Correia Borges.

— Manuel de Aguiar, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Ja-

neiro, para a companhia de seu irmão José de Aguiar de Almeida, que o mandara buscar.

— Agostinho José, da Vila da Praia, à mesma cidade, a procurar modo de vida por não poder conseguir o seu adiantamento nos Estudos a que se tinha aplicado.

— José Machado, da Vila da Praia, à mesma cidade, para a companhia de seu irmão germano, Francisco Machado Mendes, que o mandara buscar.

— Jacinto Pereira, de S. Mateus, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu tio Jacinto Pereira.

— José Martins de Andrade, da Vila da Praia, à mesma cidade, para a companhia de seu irmão Antonio Martins, que o mandara buscar.

— Ana Claudina Vitorina, de Angra, à mesma cidade, para a companhia de seu irmão Manuel José Correia, que a mandara buscar.

— Manuel Fernandes, das Lagens, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu tio Manuel Fernandes de Aguiar, que o mandara buscar.

— Lourenço Correia de Melo, à mesma cidade, para a companhia de seu tio, Sebastião Correia de Melo, que o mandara buscar.

— Diogo Alvaro, dos Biscoitos, à mesma cidade, para receber certa herança que lhe adveio por falecimento de João Romeiro.

— Antonio Coelho, de S. Bartolomeu, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Martinho José Ferreira, de S. Sebastião, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu irmão Antonio Ferreira Machado, que o mandara buscar.

— Manuel Cardoso, de Santa Barbara, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar o amparo de seu tio Antonio Gonçalves.

— Antonio Joaquim de Avila, de Angra, à mesma cidade, para a companhia de um seu irmão para lhe dar um modo de vida.

— João Ferreira Velho, de S. Bartolomeu, à mesma cidade, a levar a seu irmão uma *C.<sup>am</sup> de Banhos*, e ver se o favorecia e a seu pai.

— Antonio Francisco Ferraz, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, a receber certa herança que lhe adveio pelo falecimento de João Ribeiro, tio de sua mulher Ana Rosa, que leva em sua companhia, e dois filhos, um de vinte meses e outro de tres.

— João de Castro do Canto, de Angra, ao Rio de Janeiro a procurar modo de vida segundo a sua qualidade de nascimento.

— José Gonçalves, de Angra, ao Rio de Janeiro, para a companhia de seu pai José Gonçalves Martins, que o mandara buscar.

— Beatriz Maria, do Cabo da Praia, à mesma cidade, para a companhia de um seu irmão.

— José Toste, do Belo Jardim, à mesma cidade, com sua mulher Josefa Antonia, e seus filhos, Joaquim, José, e um de peito.

— Mateus Romeiro, do Raminho, à mesma cidade, a receber certa herança que lhe adveio por falecimento de seu tio João Romeiro.

— Manuel Paim, do Cabo da Praia, à mesma cidade, para a companhia de seus pais, que o mandaram buscar, levando sua mulher Tomazia Mariana e dois filhos, Mariana e Mauricio.

— Manuel de Sousa, das Fontinhas, à cidade da Baía, a procurar modo de vida, em razão da sua muita pobreza.

— Manuel de Borba, à mesma cidade, a procurar modo de vida por viver pobremente.

— João Pereira de Matos, de Angra, à mesma cidade.

— Tomaz de Sousa, da Vila da Praia, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Francisco Xavier Coelho, à mesma cidade, para a companhia de seu pai Tomaz Francisco Coelho.

— Francisco Machado, de S. Bartolomeu, à mesma cidade, para a companhia de seu tio Manuel Machado.

— José Joaquim da Silva, de Angra, à Baía, a tratar de negocios de seu pai Joaquim José de Sousa.

— Manuel Aguiar de Almeida, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu filho José de Aguiar de Almeida, que o mandara buscar.

— Mateus Cardoso, das Fontinhas, à Baía, a procurar modo de vida.

Ano de 1786:

— Francisco Cardoso Mancebo, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar a companhia de seus pais.

— Antonio Fernandes, de S. Barbara, à mesma cidade, com sua mulher Maria Josefa e seus filhos, Antonio, João, Maria, Barbara e Joana, a procurar modo de vida.

— Francisco Machado Roiz, das Doze Ribeiras, à mesma cidade, com sua mulher Maria Antonia e seus filhos, Antonio Machado, Francisco Machado, Mateus Machado, Antonio Correia, Ana e Joana, a procurar modo de vida.

— Capitão João de Barcelos Pimentel, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro.

— Antonio de Menezes Camelo Rego, menor, natural da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu irmão Inácio Camelo, e seus tios, levando em sua companhia um seu moço chamado Francisco Machado.

— José Coelho, das Doze Ribeiras, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, levando em sua companhia sua mulher Maria Josefa e um filho do peito.

— Maria Eugénia, da Terra-Chã, à cidade do Rio de Janeiro, para companhia de seu marido José Fagundes, que a mandara buscar e a sua filha Maria do Carmo.

— Serafina Mariana, viuva, de S. Bento, à mesma cidade, para a companhia de um seu filho, que a mandara buscar.

— João Inácio Pereira, da Terra Chã, à cidade do Rio de Janeiro com sua mulher e filha, a procurar modo de vida.

— Jacinto José de Freitas, da Agualva, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Francisco Machado Alves, da Agualva, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Leonarda Joaquina, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de um seu tio que a mandara buscar.

— Simão Teixeira Flores, de S. Sebastião, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, com sua mulher Delfina Plácida e sua filha Rosa.

— Antonio Francisco Ramalho, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar o amparo de uns seus parentes em razão da sua pobreza, levando em sua companhia sua mulher D. Leonor Joaquina Tavares e seis filhos chamados, D. Mantildes Tomazia Joaquina, D. Faustina Rosa de Medeiros, D. Tereza Joaquina de Medei-

ros, D. Maria Tereza de Medeiros, José Francisco Ramalho e Luiz Francisco Ramalho.

— Manuel Simões, de S. Bento, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar a companhia de uns seus parentes levando sua mulher Mariana Joséfa e tres filhos Inácio Simões, Maria Joaquina e Aldina Vitorina.

— Manuel Rodrigues, da Terra Chã, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, levando sua mulher Joséfa Mariana.

— Margarida Joaquina, da Agualva, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seus irmãos, com seus tres filhos chamados Genoveva Rosa, Vitoria de Ascenção e Manuel.

— José Nunes, de S. Sebastião, à mesma cidade, a procurar a companhia de seus irmãos.

— Manuel Machado, de Angra, à mesma cidade, a procurar modo de vida, com sua mulher Leonarda Francisca e duas filhas Joséfa Clara e Maria do Amparo.

— Maria Antonia, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seus irmãos que a mandaram buscar, com seu filho José da Silveira e sua sobrinha Maria Joséfa.

— Mateus Gonçalves Leonardo, da Ribeirinha, à mesma cidade, para procurar o amparo de um seu tio.

— Manuel Cardoso de Borba, da Casa da Ribeira, à mesma cidade, para a companhia de seu irmão João Machado de Borba.

— José da Camara e Sá, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, levando em sua companhia sua mulher D. Rita Izabel e uma sua filha D. Joana Helena e sua irmã D. Catarina Lusiana.

— José Joaquim Francisco, de S. Mateus, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, levando em sua companhia sua mulher Gertrudes Margarida, sua sogra Catarina Joséfa, e seis filhos chamados Manuel, Diógenes, Severo, Florida, Francisco e Victoriano.

— Silvestre Martins, de S. Bento, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida com sua mulher Leonarda Laurea Vitorina e dois filhos menores, Margarida e Antonio.

— José Lopes, menor, de Angra, à mesma cidade, a procurar modo de vida na companhia de um seu cunhado.

— Maria Perpétua, menor, de Angra, à mesma cidade, para a companhia de duas tias.

— Antonio Ferreira Ormonde, de S. Sebastião, à mesma cidade, a procurar o amparo de seus tios João Ferreira Ormonde e João Vieira Borges.

— Manuel Gonçalves Maduro, de S. Bartolomeu, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Dom Miguel Inácio do Canto Castilbranco, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida.

— Manuel Gonçalves, das Fontinhas, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, com sua mulher Mariana Felícia.

— Francisco de Aguiar, das Fontinhas, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, com sua mulher Catarina de S. Joaquim e tres filhos de menor idade Manuel, Francisco e Gertrudes.

— Joaquim José de Sousa, de Angra, à mesma cidade, a procurar modo de vida, levando em sua companhia sua mulher Rosa Joaquina da Silva, sua mãe Margarida Antonia de Vasconcelos, sua cunhada Maria Micaela do Carmo e seis filhos de menor idade, Maria Maximina, José Joaquim, João, Ana, Eusébio e Agostinho.

— António de Sousa, homem preto, de S. Bartolomeu, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu pai.

— Maria Vitória, de S. Bartolomeu, à mesma cidade, com sua irmã Mariana de Jesus, a procurar o amparo de seus irmãos, que os mandaram buscar.

— José de Sousa, de menor idade, de S. Mateus, à mesma cidade, para a companhia de seu tio André de Sousa que o mandara buscar.

— Francisco José Pinheiro, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida.

— Rosa Feliciano, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu irmão Francisco Correia.

— José António de Barcelos, das Lagens, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Francisco Machado de Azera, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida.

— António Machado Luiz, das Doze Ribeiras, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, levando em sua companhia sua mulher Rita dos Anjos e três filhos Manuel, António e Josefa.

— André de Sousa, da Vila da Praia, à mesma cidade, para a companhia de sua avó que o mandou buscar.

— José Aguiar, da Vila da Praia, à mesma cidade, a procurar a companhia de tres filhos.

— Francisco Teixeira, escravo pardo, à cidade do Rio de Janeiro, por ordem do seu senhor o Sargento Mór Francisco Pereira de Lacerda, de Angra.

— José Machado, de Angra, à mesma cidade, para a companhia de seu irmão, que o mandou buscar.

— José Roiz, das Lagens, à mesma cidade, para a companhia de seu tio Manuel de Aguiar Coelho.

— Antonio Ferreira Nunes, da Vila da Praia, à mesma cidade, para a companhia de um seu irmão, com sua mulher Maria Antonia, seu filho José Antonio Dutra e sua nora Maria da Conceição.

— Francisco Machado Azevedo, da Agualva, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— José Machado Toledo, de S. Barbara, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— José Nunes Simões, da Agualva, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Manuel Lopes, da Vila da Praia, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Manuel Nunes de Aguiar, das Lagens, à mesma cidade, para companhia de seu pai.

— Dom Joaquim Inácio do Canto, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, a negocio de sua utilidade.

— José de Sousa Soares, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para procurar meio de sua vida, levando em sua companhia sua irmã Genoveva Vitoria.

Ano de 1787:

-- Sebatião José de Lima, da Vilha da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, levando em sua companhia sua mulher D. Antonia Vicencia e seus filhos Jacinto, João, Francisca e Rosa.

— Braz Correa, de Angra, à mesma cidade, a procurar modo de vida, levando sua mulher Maria do Amparo e um filho menor José.

— José Francisco Pacheco, de Angra, à mesma cidade, a cuidar de certa dependencia de sua utilidade, levando um filho menor José.

— Francisco Xavier Cardoso, de Angra, à mesma cidade, a cuidar de certa dependencia de uma herança.

— José Coelho Machado de Melo, de Angra, ao Rio Grande, onde tem seu estabelecimento.

— Tereza da Conceição, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de sua filha e genro que a mandaram buscar.

— José Gonçalves, de Angra, à mesma cidade, a procurar modo de vida, com sua mulher Inácia Joaquina e quatro filhos Maria, Francisco, Fabricio e Gertrudes.

— Florencia Maria, de Angra, à mesma cidade, com sua filha, Mariana Francisca, e um filho menor chamado Francisco, para a companhia de seu filho Antonio Francisco Ferraz.

— José Coelho Machado, de Angra, a Minas Gerais com seu filho Francisco Borges Coelho, natural de Minas.

— Maria Joaquina, de Angra, à cidade do Rio do Janeiro, para a companhia de sua filha que a mandou buscar, levando um filho menor chamado Francisco.

— José Freitas, de Angra, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Antonio Silveira de Bettencourt, de Angra, à mesma cidade, para a companhia de seu tio Francisco Silveira Bettencourt.

— Manuel Cardoso Velho, de Santa Barbara, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seus primos Vicente Romeiro e Francisco Machado Velho, para o favorecerem em razão da sua pobreza, e ser anão, e falte de forças para trabalhar.

— Manuel Machado de Aguiar, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de seu irmão José Machado de Aguiar.

— Catarina Joséfa, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, com suas sobrinhas Rosa Joaquina e Catarina Rosa, para a companhia de seu marido Jerônimo Silveira.

— Antonio Machado de Miranda, da Ribeirinha, à mesma cidade, procurar a companhia de um seu irmão.

— Antonio Vieira Borba, da Vila da Praia, à mesma cidade, com seu filho, Inocencio José de Borba, sua nora Catarina Luiza e dois netos menores chamados José e Inocencio, a procurar a companhia de seu irmão Manuel Vieira de Borba, para lhes dar modo de vida.

— Eufemia Rosa, viuva, de Angra, à mesma cidade, com sua filha Delfina Bernarda, para a companhia de sua prima Maria da Ascensão.

— Joaquim José Furtado, de Angra, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Domingos José Cardoso, viuvo, de Angra, à mesma cidade, com seu filho José

— José Pacheco, dos Altares, homem pardo, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— José Inácio, menor, de 14 anos, de Angra, à mesma cidade, para companhia de seu tio Manuel Pereira de Fontes, que o mandara buscar.

— Francisca Vitoria, de Angra, à mesma cidade, para companhia de sua tia Izabel de Jesus.

— José Antonio de Oliveira, de S. Bento, à mesma cidade, com suas irmãs Maria Joaquina e Ana Maurícia, a procurar modo de vida.

— Francisco Borges, da Casa da Ribeira, à cidade do Rio de Janeiro, para companhia de seu tio.

— Manuel Martins Machado, da Agualva, à mesma cidade, com sua mulher Maria Jacinta e uma filha chamada Maria, a procurar modo de vida.

— João Pereira de Melo, da Agualva, à mesma cidade, com sua mulher Catarina da Anunciada e seus filhos Frutuoso, José, Genoveva, Jacinta e Margarida, a procurar modo de vida.

— Francisco da Costa, da Ribeirinha, à mesma cidade, a procurar a companhia de um seu tio.

— Ursula Joaquina, de Angra, à mesma cidade, a procurar a companhia de alguns seus parentes.

— Ana Joaquina, de S. Bartolomeu, à mesma cidade, a procurar o amparo de uns seus tios que a mandaram buscar.

— António Luiz de Sousa, da Vila da Praia, à mesma cidade, para a companhia de seu irmão José Luiz de Sousa.

— Francisco Cardoso e António Vieira Vaz, da Casa da Ribeira, à mesma cidade, para a companhia de um seu irmão.

— José António Cordeiro, da Agualva, à cidade do Rio de Janeiro, com sua mulher Mariana de Jesus e dois filhos menores, Manuel e Luiz, a procurar modo de vida.

— Severino José da Camara, de Angra, á mesma cidade, com sua mulher Rosa Narcisa e uma filha menor chamada Maria.

— António Fernandes, do Porto Judeu, á mesma cidade, a procurar a companhia de um seu tio, que o mandou buscar.

— André Rocha Evangelho, de São Bartolomeu, á cidade do Rio de Janeiro, para a companhia do seu irmão Pedro da Rocha Evangelho.

— Manuel da Costa, de Angra, á cidade do Rio de Janeiro, a procurar a companhia de seus irmãos, com sua mulher Esperança Clara, e dois filhos menores Agostinho e Maria.

— José Francisco de Barcelos, de São Sebastião, á cidade do Rio de Janeiro, a procurar a companhia dos pais.

— Hipólito Pereira, de São Mateus, á mesma cidade, a procurar o amparo de seu tio Jacinto Pereira Machado.

— Francisco Xavier de Sousa, de Angra, á mesma cidade, a procurar a companhia de seu tio José de Sousa.

— João Ferreira Simões, do Porto Martins, á mesma cidade, a procurar a companhia do seu irmão José Simões.

— António Gonçalves Laranjo, dos Biscoitos, á mesma cidade, a receber a herança de seu pai.

— José de Sousa, de Angra, á mesma cidade, a procurar modo de vida, com sua mulher Josefa Bernarda e filha Ana Joaquina.

— José Caetano de Andrade e António Caetano de Andrade, da Vila da Praia, á cidade do Rio de Janeiro, a procurar a companhia de seu tio Manuel Fernandes de Aguiar.

— José da Costa, de Angra, á mesma cidade, a procurar modo de vida.

— José Domingos de Oliveira, de Angra, á mesma cidade, a procurar modo de vida, levando em sua companhia sua mulher Francisca Mariana, dois filhos menores, António e Francisco, sua sogra Rosa Mariana, sua cunhada Faustina Mariana.

— Francisco Ferreira Brioso, da Vila da Praia, á cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, levando seu filho Francisco Borges.

— Manuel Gonçalves, dos Biscoitos, á mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Francisco João Cardoso, de Angra, á mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Frutuoso José de Aguiar, da Vila da Praia, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida, levando em sua companhia sua mulher Jacinta Maria e cinco filhos menores Ana, Maria, José, Jacinto e Mateus.

— José Caetano Pires, da Vila da Praia, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— José António dos Santos, de Angra, à mesma cidade, a procurar modo de vida, levando sua mulher Mariana Josefa, dois filhos menores, Luiz e António, sua tia Francisca da Encarnação, com um filho menor António.

— D. Flora de Merens, do Porto Judeu, à cidade do Rio de Janeiro, a procurar a companhia de seu irmão, levando suas três filhas D. Maria Merens, D. Rita Paim Pamplona e D. Clara Merens de Vasconcelos.

— Rosa de Jesus, viuva, de Angra, à mesma cidade, levando em sua companhia duas filhas chamadas Angélica Rosa, solteira, e Tomázia Miriana, casada, com três filhos de menor idade, chamados João, Mariana e Maurícia, para a companhia de seu marido Manuel Paim Fagundes.

— Miguel do Couto, dos Biscoitos, à mesma cidade, a procurar modo de vida.

— Joaquim Luiz Arruda, da Vila da Praia, à mesma cidade do Rio de Janeiro, a procurar modo de vida.

— João Vieira Lopes, à mesma cidade, com sua mulher Feliciano Maria e dois filhos um de peito chamado José e outro António e um seu irmão Jacinto Vieira.

— Joaquina da Rosa, viuva, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, com seu filho João Inácio e três irmãs Josefa Teodora, Mariana Josefa e Rosa Narcisa.

— Francisco Machado, da Vila da Praia, à mesma cidade, a procurar a companhia de seus sobrinhos, para o favorecerem.

— João Tavares, de Angra, à mesma cidade, a procurar a companhia de seus tios.

— José de Freitas de Aguiar e João Machado de Aguiar, da Vila da Praia, à mesma cidade, para a companhia de seu irmão Manuel Fernandes de Aguiar.

— Jacinta Feliciano, de Angra, à mesma cidade, para companhia de um seu tio.

— Maria da Soledade e António Martins, de Angra, à mesma cidade, na companhia de seu cunhado José Domingos, que vai procurar modo de vida.

— José Pereira, de Angra, à cidade do Rio de Janeiro, para a companhia de um seu tio que o mandara buscar.

## RESUMO

	Mascullinos		Femininos		Totalidades	
	Maiores	Menores	Maiores	Menores		
Ano de 1766:						
Ao Rio de Janeiro . .	1	—	—	—	1	
À Baía . . . . .	2	—	—	—	2	
A Minas Gerais . . .	2	2	2	1	7	
	5	2	2	1	10	10
Ano de 1767:						
Ao Rio de Janeiro . .	3	—	7	3	13	
À Baía . . . . .	1	—	1	—	2	
A Vila Rica . . . . .	1	—	—	—	1	
	5	—	8	3	16	16
Ano de 1768:						
Ao Rio de Janeiro . .	1	—	—	—	1	
À Baía . . . . .	1	—	—	—	1	
	2	—	—	—	2	2
Ano de 1769:						
Ao Rio de Janeiro . .	9	—	1	—	10	
A Minas Gerais . . .	2	—	—	—	2	
A Minas do Ferro Frio	2	—	—	—	2	
Ao Sabará . . . . .	1	—	—	—	1	
	14	—	1	—	15	15
Ano de 1770:						
Ao Rio de Janeiro . .	15	—	8	—	23	
A Minas Gerais . . .	12	—	—	—	12	
ACampos de Peroubela	2	—	—	—	2	
Ao Sabará . . . . .	1	1	1	6	9	
	30	1	9	6	46	46
					A transportar . . . . .	89

Ano de 1776:	Transporte . . . . .					89
Ao Rio de Janeiro . . . . .	4	—	6	—	10	
À Baía . . . . .	1	—	—	—	1	
A Minas Gerais . . . . .	1	—	—	—	1	
Ano de 1778:	6	—	6	—	12	12
Ao Rio de Janeiro . . . . .	1	—	—	—	1	
À Baía . . . . .	7	1	3	1	12	
Ano de 1779:	8	1	3	1	13	13
Ao Rio de Janeiro . . . . .	30	2	8	3	43	43
Ano de 1780:						
Ao Rio de Janeiro . . . . .	5	—	—	—	5	
À Baía . . . . .	24	3	11	4	42	
Ano de 1781:	29	3	11	4	47	47
Ao Rio de Janeiro . . . . .	33	1	1	—	35	35
Ano de 1782:						
Ao Rio de Janeiro . . . . .	1	—	—	—	1	1
Ano de 1784:						
Ao Rio de Janeiro . . . . .	4	—	1	—	5	5
Ano de 1785:						
Ao Rio de Janeiro . . . . .	30	2	7	2	41	
À Baía . . . . .	8	—	1	—	9	
A Minas Gerais . . . . .	—	—	1	—	1	
À Ilha de S. Catarina	2	—	—	—	2	
	40	2	9	2	53	53
A Transportar . . . . .						298

Ano de 1786:	Transporte . . . . .					298
Ao Rio de Janeiro . .	56	18	44	12	130	130
Ano de 1787:						
Ao Rio de Janeiro . .	58	26	46	12	142	
A Minas Gerais . . .	2	—	—	—	2	
Ao Rio Grande . . .	1	—	—	—	1	
	61	26	46	12	145	145
						573

# CERVANTES ESTEVE NA TERCEIRA ?

Por J. AGOSTINHO

É tradição arreigada entre os historiadores nacionais, e até admitida por alguns de países estrangeiros, que Miguel de Cervantes veio à Terceira com uma das expedições que Filipe II de Espanha enviou contra esta ilha, ou fosse na que terminou desastrosamente na Salga, ou na mais afortunada empresa de D. Alvaro de Baçan, marquês de Santa Cruz.

A comemoração do quarto centenário de Cervantes arrastou um recrudescimento de investigações sobre a vida do imortal autor e, entre pormenores que voltaram à balha, lá veio de novo a questão da sua passagem por esta ilha. Abordou-a o catedrático espanhol de Geografia e História, Dr. Isidoro Escagüés y Javierre, numa conferência pronunciada na Sociedade de Geografia de Lisboa, a 26 de Fevereiro de 1948, e reproduzida no Boletim da Sociedade, correspondente aos meses de Março e Abril do corrente ano.

Traduzimos aqui o que a tal respeito disse o Dr. Escagüés :

« Não faltam também, nas obras cervantinas, referências a outras zonas lusitanas. Em numerosas ocasiões menciona a Índia Portuguesa, Goa e outros pontos do longínquo Oriente sob a soberania desta nação ; e inclusivamente temos uma alusão às ilhas Terceiras, motivo pelo qual alguns escritores

portugueses e até espanhóis (1) tem sustentado a opinião de que Cervantes tomou parte na expedição militar contra os Açores.

O Professor Lizon (2) opina connosco, que Cervantes não esteve nestas ilhas, «que foi seu irmão Rodrigo quem, no regresso, com a ânsia das ruas lisboetas, matizadas de ouro e maravilhas, devia ter tanta impaciência como o capitão do romance que insta o grumete com voz palpitante :

Sobe, sobe marujinho,  
acima ao mastro real,  
vê se vês terras de Espanha,  
areias de Portugal.»

Cervantes não esteve nos Açores, e, como mostra desta opinião, indicaremos aquilo que brevemente o escritor diz a respeito das ilhas Terceiras em uma das suas novelas (3):

« Seis dias navegaram os dois navios com próspero vento, seguindo a derrota das ilhas Terceiras, paragem em que nunca faltam, ou naus portuguesas das Indias Orientais, ou algumas extraviadas das Ocidentais. E ao cabo de seis dias lhes deu pelo costado um rijíssimo vento, que no mar Oceano tem outro nome diferente do que lhe dão no Mediterraneo onde se chama meio-dia, o qual vento foi tão durável e tão rijo, que sem deixar tomar as ilhas, lhes foi forçoso correr para Espanha. »

Se Cervantes tivesse conhecido pessoalmente os Açores, teria descrito as ilhas com mais largueza e realismo do que faz no parágrafo anterior, sobretudo se recordamos as belezas naturais que possuem. E, se houvesse pisado estas ilhas,

(1) F. Caballero.— «Pericia geográfica de Miguel Cervantes demostrada en a historia de Don Quijote de la Mancha». 2.ª ed. Madrid, 1905, p. 23 (cit. pelo Dr. Escagüés).

(2) Adolfo Lizon. — «El viaje de Miguel Cervantes a Portugal». Conferencia pronunciada no Ateneu de Madrid em 12 de Julho de 1947 (idem).

(3) La Española Inglesa (idem).

seguramente que não teria caído no erro geográfico de supôr que nessas zonas «nunca faltam naus portuguesas das Indias Orientais», pois é bem sabido que a rota marítima de Lisboa à India não passava pelos Açores, mas sim pelas ilhas da Madeira ; seguindo tambem a sua fantasia, e não uma impressão pessoal, «o rijissimo vento que no mar Oceano tem outro nome diferente do que lhe dão no Mediterraneo», «vento durável e rijo» segundo o escritor, é desconhecido naquelas latitudes, pois é bem sabido e são muito conhecidas e temidas pelos marinheiros as longas calmas dos mares açorianos e a placidez e quietação da sua atmosfera em todas as estações. Estes erros são filhos, na realidade, do desconhecimento absoluto daquelas latitudes.

Se Cervantes tivesse conhecido as ilhas dos Açores, teria falado delas de forma diferente do que faz, pois que constituem uma fonte permanente de inspiração para qualquer escritor por causa das suas belas paisagens. E disto podemos ter certeza absoluta, pois outras regiões da Terra que intervem nas suas obras, quando lhe eram conhecidas, descreve-as com absoluta perfeição. E inclusivamente, para dar mais força aos nossos argumentos, podemos assegurar que os dois erros geográficos que se encontram ao falar das ilhas Terceiras, são dos poucos e raros de toda a geografia cervantina».

Ha realmente na argumentação do Dr. Escagüês uma afirmativa que nos dá que pensar, mas que só homens de letras, versados na obra cervantina, poderão esclarecer: é o facto de Cervantes ter passado por alto sobre as belezas naturais destas ilhas, que tanta tinta tem feito correr a autores antigos e modernos. Era Cervantes realmente um paisagista ? Do que conhecemos do Quixote não o podemos afirmar. Haveria talvez uma razão para Cervantes não desejar alongar-se em descrições dos Açores : se veio na expedição de D. Pedro de Valdez, ficou com certeza a amaldiçoar a Terceira e todo o pitoresco das suas encostas e ladeiras, muito principalmente aquela que de S. Sebastião desce para o Porto Judeu...

Se veio na armada do marquês de Santa Cruz, deveriam também as remeniscências da ilha andar-lhe na mente tão misturadas com as cenas trágicas da tomada e do saque, que decerto a sua veia genial preferiria desviar-se para outras paragens.

Onde porem o Dr. Escagüês é mais positivo é na sua argumentação geográfica e esta, valha a verdade, é toda a favor de Cervantes.

Na verdade, nem na menção da derrota das naus da Índia pelos Açores, nem nos pormenores sobre o vento do meio-dia (como se lhe chama no Mediterrâneo) ou vento sul, como agora lhe chama toda a gente, o grande génio de Cervantes se enganou.

As naus da Índia não tocavam nos Açores, na ida, mas sim na volta. E esta escala era quasi normal, porque, como tão bem tem demonstrado o nosso grande geógrafo, o Almirante Gago Coutinho, os ventos do Nordeste, que predominam na zona subtropical, obrigavam os navios que singravam para o Norte, a bordejar até à latitude dos Açores, aproveitando depois daqui para Lisboa os ventos que são predominantemente do quadrante de Oeste.

Esta escala pelos Açores tinha ainda a vantagem de afastar os navios das costas africanas, infestadas de piratas, dando-lhes aso a reunirem-se aqui e seguirem depois de conserva, às vezes mesmo acompanhados de um comboio de navios da Armada, até à metrópole.

Esta escala pelos Açores pôde dizer-se que data das primeiras navegações para a Índia, pois que nem o próprio Vasco da Gama escapou a ela. São bem conhecidas aliás as instituições existentes na Terceira, destinadas a socorrer do necessário as naus da Índia, entre as quais avultava a Provedoria das Armadas; e as ordens reais, já do tempo de D. Manuel, sobre o que haveria a fazer-se aqui com relação a essas naus.

Emquanto ao vento sul rijíssimo, que teria afastado destas paragens os dois navios referidos na novela de Cervantes, é tudo quanto ha, senão de mais trivial, pelo menos de suficientemente frequente para que a asserção seja absolutamente verossímil. O que não é verossímil, mas está bem em opposição com a realidade, é a existência de calmarias nos Açores, terras das mais ventosas que ha por esse mundo fora, infelizmente para quem cá vive, e para quem nos seus mares tem de navegar, sobretudo entre os meses de Outubro e Abril.

Parece pois que, se não ha outros argumentos a opôr à tradição

da passagem de Cervantes pela Terceira, não são os apresentados pelo Dr. Escagüés os que vão abalar as nossas convicções a tal respeito.

Mesmo num catedrático de geografia e história não é aliás de admirar a falta de informação sobre os assuntos referidos, pois que não é muito abundante, sobretudo em idioma castelhano, a literatura referente aos Açores <sup>(4)</sup>. Se bem que um dos primeiros roteiros destas ilhas, por sinal muito consultado até ao levantamento hidrográfico do arquipélago pelo capitão Vidal, era o de Tofiño <sup>(5)</sup>.

---

(4) Destacamos o brilhante artigo publicado em 1932 na «Revista General de Marina» pelo capitão de Fragata (hoje Almirante), Don Rafael Estrada, intitulado «Una visita a las islas de la Madera y Azores».

(5) Don Vicente Tofiño y Don Antonio Valdez. — «Derrotero de las Costas de España y Portugal y de las Islas Azores ó Terceras... 1789. (Corrigido e aumentado pela Direcção de Hidrografia, Madrid, 1849).

# A PESCA NA ILHA TERCEIRA

Pelo Major FREDERICO LOPES

A industria da pesca nesta ilha nunca adquiriu o desenvolvimento que seria de esperar alcançasse, tratando-se dum povo genuinamente insular, como é o açoreano em geral.

A razão da pouca tendencia do Açoreano para as lides do mar (excepção feita ao homem do Pico) explica-se talvez pela instabilidade do tempo no Arquipélago, que não permite, durante longos períodos, que se demandem com relativa segurança os «mares» de longe onde mais abundam as espécies ictiológicas.

Esta grande instabilidade meteorológica deriva de que as ilhas não são apenas afectadas pelas depressões vindas de Oeste, das costas da América, mas também constituem, elas próprias, um centro de formação de perturbações que surgem quasi imprevisivelmente, violentas e rápidas.

Não raramente também, são estas regiões atingidas por ciclones de origem tropical, nascidos a Leste das Antilhas e que, rompendo por um corredor de baixas pressões que caprichosamente se lhes franqueia, veem precipitar-se sobre o Arquipélago ainda com parte da sua enorme violencia inicial.

Excluida a quadra do Verão — de meados de Junho até à primeira quinzena de Setembro — as mudanças de tempo e os ventos fortes rodeiros ocorrem com singular frequência em todo o resto do ano,

Anos	N.º de embarcações de pesca (Vela e remos)	Tonelagem	N.º de marítimos matriculados	Obs.
1900	148	—	907	Não estão incluídas as baleei- ras.
1947	154	120	750	

Outro factor — o pequeno porte das embarcações — deve ter contribuído para o fraco desenvolvimento da pesca nesta ilha.

Os barcos, sendo, como são, quasi sempre propriedade de pescadores, homens de poucas posses, nunca vão além dos 35 palmos de comprimento de quilha. O mais vulgar porém, é oscilarem entre os 23 e 28 palmos, tamanho absolutamente impróprio, por deminuto, para as lides perigosas do mar.

O «barco» (1), de duas proas e dois paneiros, arma quatro bancadas, sendo a primeira meio-fixa e as outras 3 volantes. Usa remos de tolete, tareados no punho com uma bola de ferro, um por cada bancada, geralmente. (Fig. 1).

Outras embarcações, ainda mais pequenas, chamadas «lanchas», são de tipo identico, tendo porem a popa cortada.

Uns e outros constroem-se em Angra, S. Mateus e Vila Nova, onde se encontram bons calafates. Os maiores porem, quasi sempre são importados da Ilha do Pico.

Tanto para os barcos como para as lanchas, a madeira empregada é o «pinho-da-terra» (*pinus insignis*) sendo o cavename de cedro.

São pintados a cores carregadas: vermelho ou verde, da quilha à linha de água, e verde, azul ou cinzento, daí até à borda, com falca pintada a côr diferente. Interiormente, do fundo até à draga, usa-se de preferencia o vermelho escuro, com faixa cinzenta daí para cima.

A unica armação (Velame) é a vela grande, traquete ou de espiça, e a giba ou «gibra». Para o aproveitamento de certos ventos

(1) — Na ilha do Pico, ha 3 espécies de «barcos», a saber: *Barco grande*, barco de viagem, descoberto, de popa traçada e 2 mastros, com velas latinas e gibra ou, mais modernamente, com aparelho de iate e convés; *Barco pequeno*, é o barco de pesca, de boca aberta, armando traquete e gibra; e *Barco da cidade*, o que navega para Angra e tem as características do *Barco grande*.

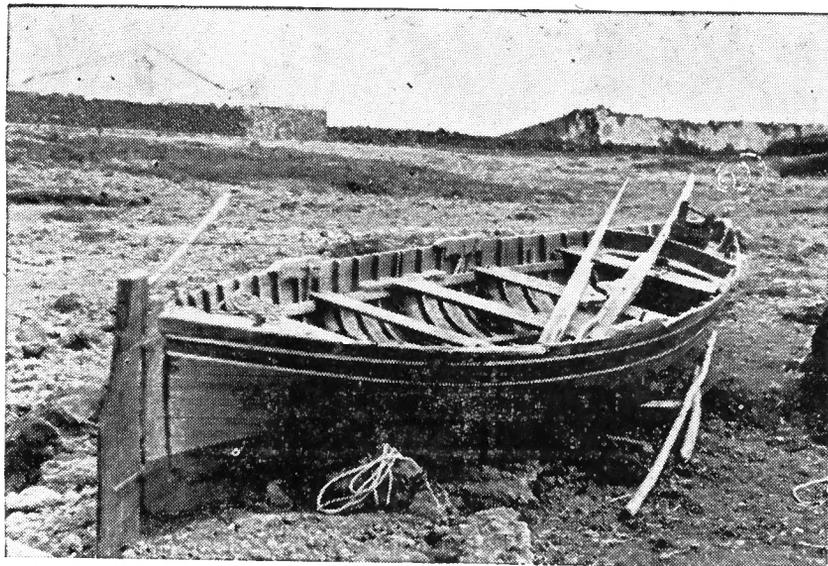


Fig. 1

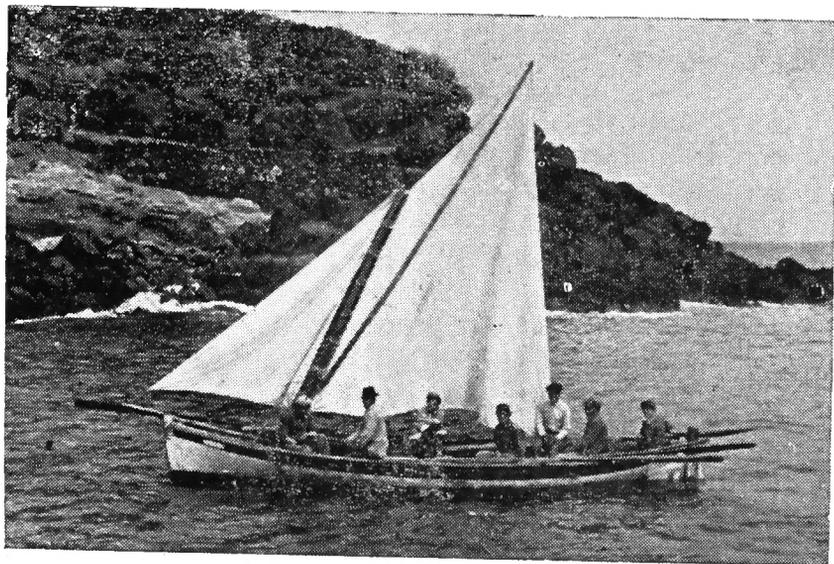


Fig. 2



usam ainda a chamada «vara-da-burra» que aplicam em diagonal no traquete (Fig. 2).

Todavia, só os pescadores da Praia e alguns do Porto Judeu fazem uso mais frequente da vela. Os de S. Mateus, sendo embora os únicos verdadeiramente profissionais, só com vento muito de feição largam pano metendo os remos dentro.

Os barcos são sempre bentos no varadouro antes de serem lançados ao mar, cerimónia a que chamam baptizar o barco, porque nessa ocasião lhe põem o nome e lhe dão padrinho ou madrinha. A embarcação, com o leito da popa coberto com uma toalha de rendas, tem sobre esta, durante o piedoso acto, uma imagem do Santo ou Santa da devoção do proprietário. Além do padre e do sacristão, assistem à cerimónia o dono, a família mais chegada e algum amigo convidado. Não é de uso porém fazer-se qualquer festa, mesmo íntima, comemorando o acontecimento.

Os nomes mais vulgares são: S. João, S. Pedro, St.º António, St.º Amaro, S. Mateus, St.º Cristo, Espírito Santo e N.ª S.ª sob diversas invocações, em especial da Boa Viagem e da Ajuda. Raramente se encontram designações semelhantes às que são de uso corrente no Continente. De resto, também não seria fácil sabe-las, porque não é costume escreverem o nome no costado, nem sequer interiormente.

A superstição leva-os a meterem no leito do barco uma palma benta em Domingo de Ramos ou a pregarem uma ferradura ou uma rodela de chifre de veado para afastarem o «quebranto» e os «maus olhados».

Cada barco tem a sua «companha» que é formada por um certo numero de pescadores, variável consoante a tonelagem, e pelo «mestre» que é geralmente o dono. Este vai ao leme e dirige a manobra e as pescarias. Os aparelhos pertencem-lhe também, na maior parte dos casos.

Variam de lugar para lugar as condições de divisão do produto da pesca, sendo os quinhões, no geral, repartidos igualmente pelo barco, pelo mestre e pelos homens da companhia, depois de pagos os impostos de pescado e municipal, este ultimo pertencendo ao «nabiça», (nome usado aqui para designar o vendedor ambulante ou arrematante do peixe) quando o pescador lhe faz a venda antes de ir ao mercado.

No caso da pesca ser feita de rede, cabe ao dono dela  $\frac{1}{3}$  do total da pescaria. Ao enchelevar <sup>(1)</sup> grande cabe quasi sempre uma soldada.

Cada grupo ou núcleo de pescadores organisa uma irmandade ou confraria que desempenha papel importante na vida da comunidade e recebe uma soldada na divisão das pescarias. Em S. Mateus cobra 4 % sobre o valor do pescado e é dada de arrematação, ficando ao arrematante o encargo de cobrar a percentagem devida pelos pescadores.

A confraria exerce funções de assistencia, esmolando os pescadores inválidos e doentes, fazendo ou subsidiando o enterro dos irmãos, distribuindo donativos em épocas de prolongado mau tempo que não permitam a saída dos barcos, etc.

É governada geralmente por 7 «mesários» dos quais um é «juiz» e outro «mordomo». Algumas dessas Confrarias são erectas em ermida própria e tem anexa uma Irmandade do Espirito Santo que pode ou não ter o edificio proprio denominado «império» ou «triato» (teatro).

Em Angra a Confraria dos maritimos do Corpo Santo, tem sua igreja — a ermida da N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Viagem — e por patrono S. Pedro Gonçalves. O império denomina-se «dos Remédios» e tem coroa própria.

Em S. Mateus, o patrono é Santo Antonio. A imagem foi adquirida em 1891 pela respectiva Confraria, cujos estatutos, feitos e aprovados pelo Bispo D. João Marcelino dos Santos Homem Aparício, datam de 1776. A Irmandade do Espirito Santo tem coroa própria, mas o império é comum à gente da terra e do mar. Fazem porem as festas independentemente, uma no Domingo de Pentecostes outra no Domingo da Trindade. A coroa do «Espirito Santo do Mar» foi adquirida com donativos de emigrantes naturais d'ali.

Na Praia da Vitória, a Confraria tem por patrono N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Viagem, para cuja capela foi adaptado o edificio dum antigo Império.

---

(1) — Candido de Figueiredo, no Novo Dicionário (1899) escreve «enchelevar» (De *encher* + *levar*).

Em Vila Nova, o patrono é N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Ajuda <sup>(1)</sup> que se venera na ermida do mesmo nome, sobranceira ao porto. Não tem Confraria nem Irmandade do Espírito Santo.

Em Porto Judeu existiu em tempos uma Confraria cujo patrono era S. Pedro Apóstolo. A antiga imagem foi em 1946 substituída por outra, adquirida pelos marítimos, para o que descontaram soldada durante algum tempo. Não ha Irmandade nem coroa do Espírito Santo.

Nos Biscoitos, o patrono é Santo Antonio, cuja imagem se venera na ermida do mesmo nome, sita no lugar do Porto, e à qual todos os anos os marítimos, auxiliados por outros devotos, fazem a festa. Não tem Confraria nem Irmandade.

A festa anual aos respectivos patronos consta geralmente de missa cantada e sermão com procissão que vai até ao varadouro onde se encontram os barcos enfeitados com bandeiras, colgaduras, flores, ramos de faia, etc., e estampas devotas na popa armada em altar, sendo costume tocarem com o andor do patrono em todos os barcos.

No fim do sermão — que antigamente, no Corpo Santo, era ao ar livre, junto ao varadouro — o padre pregador costumava proclamar os nomes dos novos mesários, escolhidos pelos mesários cessantes, no próprio dia da festa, em reunião feita na sacristia para esse fim exclusivo. A nova mesa toma posse no Domingo seguinte ao da festa, tomando á mesa cessante as contas da gerência finda. O «juiz», na procissão, leva uma vara de prata, conduzindo os «mesários» e o «mordomo», ora os andores de maior devoção (N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Viagem, S. Pedro Gonçalves, etc.) ora pequenos círios enfeitados com raminhos de flores artificiais. Em Angra usam umas varas grandes de madeira polida, com ponteiras metálicas, e uma ancora, também de metal, enrustada no terço superior da vara. Em S. Mateus, são os rapazes

---

(1) — Na freguesia das Cinco Ribeiras tambem ha, junto ao porto, uma ermida da mesma evocação que era muito venerada pela gente do mar, e da qual diz Cordeiro na sua «Historia Insulana» (Livro VI — Cap. XVI — Pag. 78 — N.º 150):

«... não só para o mar tem a dita Ermida de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Ajuda que dizem ali appareceo, e por ali vem à vista as naos da India, e salvão a esta Senhora, e lhes responde o Forte da terra, e manda logo nova á Cidade».

solteiros que conduzem o andor de Santo Antonio, enquanto os casados naquele ano levam o de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Viagem. As Confrarias, alem da festa do patrono, fazem também a festa do Espirito Santo segundo o uso tradicional, com terço, coroação, distribuição de esmolas, arraial, iluminação, e ás vezes, como remate, toirada à corda.

A-pesar porem de se conservarem, com certo grau de entusiasmo e fê, tantas das cerimónias tradicionais a que atraz nos referimos, mantem-se e avigoram-se até os sintomas de decadência.

O mar não é já, para o Terceirense ao menos, aquela atracção e feitiço que a tantos levou para longes terras, no século áureo dos Descobrimentos. Daí a quadra popular tão conhecida, que ao mar acusa sem perdão :

O' mar, sagrado ladrão,  
 Contra ti dou minhas queixas :  
 A quem has de levar não levas,  
 A quem has de deixar não deixas.

E se não é de admitir carência de afoiteza nas lides perigosas da pesca — porque todo o Açoreano, e o Terceirense em apreciável percentagem, tambem fez e faz boa figura nas companhas de pesca da Terra Nova, quer bacalhoeiras quer de caça ao cachalote — é de constatar que, na sua terra natal, raro se sente com ganas de afrontar as fúrias do mar e do vento. E' talvez porisso que, quando entende por dever aconselhar alguém a que não se intrometa em questões alheias, costuma dizer :

Se ouvires roncar o mar,  
 Deixa os outros embarcar.

E ele, por prudência... não vai no bote.

\*

Os aparelhos de que se servem os pescadores da Ilha Terceira para captura das diferentes espécies ictiológicas, são todos confeccionados por eles e podemos dividi-los em 3 espécies, a saber :

- A) — Aparelhos de rede
- B) — Aparelhos de anzol
- C) — Aparelhos de diversos utensílios

### A) — APARELHOS DE REDE

Todos os aparelhos de rede usados nesta ilha são do tipo volante, e tem como principais os seguintes:

#### 1) Rede de arrastar

Composta de «lados» e «centro» donde sai o «copo» ou «saco», de diametro na boca inferior à altura da rede, tem entre 80 a 90 braças de comprimento por 5 de igual altura em toda a sua extensão. Os «lados» tem redes de duas malhagens, os «ralos» e os «meios ralos», porfiando-se estes aos panos do «centro», «bastos» ou «meudeira», em que os da parte superior e inferior da «boca» do «copo» tomam o nome de «testas» («de cima» e «de baixo»). A malha dos «ralos» tem o dobro do tamanho da dos «meios ralos», do mesmo modo que esta é também dupla da dos panos do centro. O copo tem a mesma malhagem que os «bastos». A tralha de flutuação é chamada da «cortiça», e a da esteira, conhecida por tralha da «chumbada».

Nos extremos da rede, «cabresteira», os chicotes dos cabos das tralhas ligam-se por meio de pé de galinha aos cabos que servem para alagem da rede para terra, sendo mais curta a pernada que dá para a tralha da cortiça de modo a não permitir que a rede, ao ser arrastada, deixe de roçar o fundo.

À tralha da cortiça e a meio da testa de cima, está ligada, por meio dum «fiel» de cerca de 3 braças, uma boia de cortiça chamada «vigia», que serve, não só para melhor dirigir a alagem da rede por igual, como para ajudar a safar o copo de algum bico de pedra em que se pegue ao arrastar. É feita de fio de algodão branco, excepto a rede do copo que é tinta, a «cor do Carmo» para que o peixe «acuda» de preferencia a ele. Antes da ultima guerra vinha quasi toda da Alemanha, por ser mais barata. Os panos da rede de diferentes malhagens eram importados em peça, aqui sendo armados e preparados depois pelos pescadores.

Para largar a rede a embarcação aproxima-se da costa no lugar em que quer fazer o lanço, aí desembarcando a gente que ha-de ficar na mão com um dos cabos de alagem da rede. A embarcação rema depois para o mar arriando cerca de 60 braças de cabo, a seguir ao que começa a lançar um «lado» da rede, depois o «copo» e finalmente o outro «lado», ocasião em que já deve estar de novo aproada à terra. Entregue o outro cabo e desembarcando o pessoal disponível que irá ajudar os outros pescadores que se «chegam», o mestre da embarcação toma a «vigia» à popa, para suspender o copo, passando a seguir a mandar a alagem da rede. Se ha pouco peixe a embarcação entrega a rede em terra: caso contrário, prolonga-se com a tralha da cortiça junto ao copo, a fim de receber o peixe que os pescadores, dentro de água quando possível, vão passando a cestos para dentro dela. Havendo rebentação na costa que dificulte o copejar da rede, então o barco reboca-a para o largo, depois de lhe ter fechado a boca do saco, aí tirando depois o peixe com o auxilio de cestos.

Quando o fundo é de pedra, arrasta-se a rede até que os ralos sejam colhidos em terra, tomando-se o peixe de dentro da embarcação por meio de enchelavar.

Para arrastar a rede são necessários em terra 8 a 10 homens (4 ou 5 por cada alar), ficando a embarcação pelo menos com 4 homens.

Onde a água é funda, fazem-se, em geral, 3 lanços num dia; na Praia da Vitória, onde o lanço é menos penoso, chegam a fazer 5 e 6 lanços seguidos.

Esta rede é especialmente destinada à pesca da sardinha, embora com ela também se tome: salema miuda, salmonete, tainha, bicuda, chicharro, carapau, etc.

## 2) — Estremalho

É uma rede plana em tudo semelhante à anterior, com rede de 3 malhagens: os «ralos», «meio ralos» e «bastos». É entalhada do mesmo modo com «cortiças» para a flutuação e corrida de chumbada na esteira.

Como esta rede não tem copo, não usa também, por desnecessária, a «vigia». Para efectuar o lanço procede-se ao cerco do peixe, semelhantemente ao que se faz com a chamada «rede-de-arrastar»,

sendo o peixe tomado para a embarcação por meio de enchelavar. A rede é toda de fio de algodão branco, feito na Alemanha. Às vezes, num único lanço pode fazer-se boa pescaria, mas em geral, fazem-se 5, 6 e até 10 lanços num dia. É bastante usada em S. Mateus. Exige para a sua manobra tanto pessoal como a rede de copo.

### 3) — Rede de emalhar ou de bater

Com cerca da 45 braças de comprido, por 4 de altura, é uma rede plana duma só malha, que tem, como a anterior, rodelas de cortiça na tralha de cima e é corrida de chumbada no «roçalho». Por meio de 2 cabos, que vão de tralha a tralha nas cabresteiros da rede, se apoitam os 2 pandulhos de pedra que a seguram enquanto se faz o lanço. Toda a rede é tinta de «cor do Carmo», para que o peixe, perseguido, se deixe emalhar com mais facilidade. A rede é aqui feita com fio de linho, importado de Lisboa. Para efectuar o lanço, procedem os pescadores do seguinte modo: a embarcação aproxima-se da costa o mais que pode e aí apoita uma das cabresteiros da rede, afastando-se em seguida para o mar até deitar fora cerca de 10 braças de rede. Dá uma rotação curta, cerca de 110°, a fazer um engano chamado «talão», virando a seguir de 90° sobre o outro bordo, para lançar o resto da rede em rumo paralelo à linha da costa. Fundeada a outra poita, a embarcação mete-se entre a rede e a terra, começando então os pescadores a bater com os remos na água e a «espedrejar» (atirar pedras) ao peixe que, para fugir, procura sair no engano em que se prende. Quando ha muita abundancia de peixe, muitos emalham também nos lados da rede, embora a maior parte caia no «talão».

Para suspender a rede, começam os pescadores por colher a primeira poita que fundearam, isto é, a que fica mais junta à terra, desemalhando o peixe à medida que ele chega à borda. O peixe tomado no ultimo lanço é em geral desemalhado já em viagem. O numero de lanços que se fazem em cada pescaria, depende, naturalmente, da maior ou menor fortuna, com que ela decorre, mas pode considerar-se como sendo de 12, o numero médio de lanços que efectuam num dia de pesca.

Por este toma-se: tainha, salema, veja, sargo, bicuda, etc. Às ve-

zes, quando as circunstâncias favorecem, esta rede é posta a «ama-joar», ficando no mar por espaço de tempo de uma noite.

O lanço faz-se então do modo diferente, sem engano ou «talão», aproveitando uma ponta de terra, mas mais geralmente uma enseada, que se saiba servir de passagem habitual do peixe. É indispensável porem, que o local escolhido seja também de «água mansa», pois que doutro modo, a rede, sob a força da corrente, seria obrigada a mergulhar, evitando o peixe de cair nela.

O levantar da rede faz-se, em geral, de terra para o mar; quando, porem, ha rebentação ou muita resaca, procede-se inversamente, tomando-se a rede com a embarcação sob poita que se fundeou ao largo, de modo a aproveitar as jazidas do mar e assim suspende-la com mais segurança.

De «amajoa», toma-se: tainha, bicuda, e tambem salema, sargo, etc.

#### 4) — Enchelavar grande

Do tipo das redes de suspensão, é de forma cônica, com a orelha porfiada em 2 arcos de madeira com cerca de 10 braços no redondo, toda da mesma malha, sendo o fundo reforçado. Emendadas as «portas» (extremos dos arcos), procede-se do seguinte modo para fazer o lanço: Um homem em pé sobre a embarcação, amarra as 8 linhas que suspendem o enchelavar ao extremo duma vara, depois do que este é arriado até ficar suspenso da borda. Atraído o peixe com engodo, larga-se o enchelavar que fica então suspenso da vara disparada pelo travez da embarcação. Quando convem, suspende-se o enchelavar com a vara que faz alçaprema, no outro extremo, de encontro ao dormente da bancada, tomando-se então o peixe que ele traz. Em média, fazem-se 25 a 30 lanços; contudo, com muito peixe à borda pode fazer-se uma boa pescaria em 10 ou 12 lanços.

Pescando com enchelavar grande, usado apenas para o chicharro a embarcação vai seguindo sob remos, ao sabor da corrente, para tomar o peixe que acudio ao engodo que se deitou.

As manobras da embarcação e enchelavar exigem, pelo menos, 5 pescadores.

Tambem se toma, juntamente com o chicharro, boga, sardinha, carapau, etc.

## 5) — Enchelavar de peixe-rei

Semelhante ao anterior, tem apenas cerca de 3 braços no redondo.

Os arcos são de ferro zincado, suspensos por 4 linhas, que se ligam à «beta» que vem à mão do pescador. A's linhas prende-se uma boia de cortiça para que elas estejam levantadas do fundo e permitam ao pescador avivar a «beta» sem que o peixe desconfie.

Arriado então para o fundo o enchelavar, o pescador mete dentro a «beta» muito de vagar até que sinta o peso do aparelho.

O peixe é iscado com lapas, caranguejo, lagosta ou santola (o melhor) que vão espetando em arames que se cruzam e estão presos aos arcos. O suspender do aparelho exige muita ligeireza, porque o peixe-rei se escapa com muita facilidade. Dois homens, pescando apoiados entre 3 e 6 braços em fundo de pedra, fazem, em média, 30 a 35 lanços em cada pescaria.

Juntamente com o peixe-rei, toma-se também: verdugo, castanheita, rainha, bodião, garoupa, etc.

## 6) — Tarrafa

Esta rede de mão, de forma circular, com cerca de 7 braços no redondo é em tudo idêntica às que se usam no Continente, apenas variando um pouco o modo de se fazer o lanço.

Presa a linha, «rabicho», ao pulso do braço esquerdo, o pescador colhe em pandeiro na mão do mesmo lado as 5 ou 6 braços que tem, de comprido, a referida linha, segurando também nela o centro da rede.

A seguir abre esta em leque, estendendo-a no chão, tomando de novo na mão esquerda, uma dobra de tamanho conveniente, para que a rede, pendendo, fique reduzida à altura de se poder lançar. Feito isto, prende com os dentes o extremo da saia da rede que lhe fica mais próximo do corpo, fazendo depois uma toma na mão esquerda e finalmente outra na direita, de modo a que, com rápido movimento de rotação que imprime ao corpo e ao braço direito estendido quasi horizontalmente, a rede, no lanço, abra toda no ar, e abafe o peixe sobre que a tarrafa vai cair dentro de água. Para suspender a rede, ala-se o «rabicho» tomando-se então o peixe que caiu, em geral, tainha, salema, sargo, etc.

Uns pescadores usam-na na cor natural do linho, de cujo fio é sempre feita; outros, para pesca de dia, fingem-na com infusão de casca de loiro ou de pinho resinoso.

Usada unicamente na pesca a pé, à beira do calhau.

### 7) — Camaroeiro

Como todos, formado por um cabo ou mão que se liga ao arco de ferro zincado em que está porfiado o saco de rede, com cerca de 0,80 de diametro na boca, tinta da chamada «cor do Carmo». Usa-se na pesca embarcado, para tomar chicharro e cavalinha miuda pela lua, ou pelo farol em noite escura.

Especialmente empregado pelos pescadores de Angra. Enquanto os outros pescadores estão tomando peixe com linha ou cana, um deles vai lançando engodo e colhendo com o camaroeiro o peixe que acode. É pesca penosa.

### 8) — «Cofres» ou «Potes»

São estas as designações por que aqui se conhecem os «covos» armadilhas destinadas a tomar lagostas e santolas.

Ha-as de dois tipos: rede e madeira. Teem ambos forma cilíndrica de 1<sup>m</sup>,00 a 1,30 de alto e cerca de 0,70 de diametro. Os de rede, são armados com 4 arcos de madeira que dão àquela a forma com que usam. As «bocas», tanto nestes como nos de madeira, são semelhantes às que se veem nas ratoeiras. Os de madeira, revestidos de ripas, teem uma «porta» que o pescador abre para retirar o producto da pesca. Presos aos «cofres» vão dois pandulhos de pedra com que eles os fundeiam com o auxilio duma «beta».

A «beta» do «cofre» é sustentada por duas ou três boias de cortiça, a primeira colocada a uma distancia do cofre ligeiramente maior que a altura de água em que se o apoiou, seguindo-se as restantes com espalho de cerca de três braças entre si.

## B ) — APARELHOS DE ANZOL.

## 1 ) — Agulheira

O aparelho conhecido por este nome, consta de uma linha de algodão que aguça na arça do loro de arame, com cerca de 3/4 de braça de comprimento em que está empatado o unico anzol que possui. Toda a linha é corrida de chumbadas que se podem aproximar mais ou menos, regulando-se a distancia que as separa conforme a maior ou menor força da corrente.

Quando a água corre com mais força, deslocam-se as chumbadas, aproximando-as de modo a que o anzol procure a profundidade a que se deseja pescar; quando, pelo contrário, a corrente é fraca, separam-se as chumbadas, para que a linha aproveite por algum tempo o engodo, que a água, no seu correr, vagarosamente, vai afastando da embarcação. Com este aparelho, toma-se cavala grada e goraz.

## 2 ) — Briqueira ou Barqueira

Este aparelho de 2 anzóis, tem a linha ligada pela «arça» a um arame com cerca de meio metro de comprimento, que, no outro extremo sustenta pelo meio uma pequena vara de marmeleiro de cujas extremidades pendem as «paradas» em que estão empatados os anzóis. A meio da vara e pelo lado de baixo vai suspensa a chumbada, necessaria para fazer o aparelho ganhar o fundo que se deseja. Pouco acima da «arça», vai presa a «manga» em que se coloca o engodo que o pescador obriga a espalhar-se na água, depois do aparelho bater no fundo, com sacudidos movimentos de vai-vem que propositadamente imprime então à linha. Este aparelho usa-se para pescar goraz, carapau, besugo e bodeão.

## 3 ) — Arame

Conhece-se por este nome o aparelho constituído pelo arame propriamente dito, que é a linha que vem à mão do pescador e pela «jogada» que é o pesqueiro em que ha 2 anzóis, um de «cima» e o

outro de «baixo», desviados entre si de cerca dum palmo. Abaixo da «arça» ha a chumbada, sendo as «paradas» em que se empatam os anzóis enroladas com arame fino, para que o peixe, ao abocar a isca, não as corte com os dentes. O aparelho trabalha-se com linha de arame que vem à mão do pescador. Conhecem-se as «jogadas» por numeros, conforme o tamanho dos anzóis que empregam.

Com a jogada n.º 1 (a maior) toma-se congro, albar e cherne. Com a n.º 2, congro, abrotea, bagre, boca negra e goraz. Com a n.º 3, besugo, bodeão e garoupa.

A chamada pesca do «atambique», é feita com uma outra jogada ainda mais pequena que as anteriores, tomando-se com ela: peixe-rei, verdugo, bodeão pardo, bodeão azul e bodeão vermelho pequeno.

#### 4 ) — Cangalhos

É um aparelho com linha de arame, aguçada numa madeira com 3 «ladroes» empatando em cada um seu anzol, tendo no chicote um pandulho de pedra. Este aparelho é exclusivamente usado para a pesca do cherne.

#### 5 ) — Gorazeira

É um aparelho que pode ter 50 a 200 anzóis empatados nos «ladroes» que pendem do «estralho», ligando-se este por um extremo à «linha», composta de varias linhas de pesca — 2 a 7 — de cerca de 30 braças cada, e suspendendo no outro um aparelho de pedra que assenta no fundo durante a pesca. A linha usa-se suspensa, na pesca à cavala, chicharro grado e goraz; quando não «tôpa» com peixe dêste, o pescador alivia então o aparelho deixando estender a gorazeira no fundo para assim experimentar a pesca da abrotea, bagre e boca negra.

Para evitar que os anzóis se enrasquem uns nos outros enquanto o aparelho está «apanhado» (colhido), os pescadores daqui entalam-lhes as hastes — e não as «barbas» — no chanfro aberto num bocado de cana que designam por «canudo».

Lançado o aparelho, só decorrida, em média, uma hora ou mesmo hora e meia, é que o pescador o suspende para tomar o peixe que nele caiu.

Uma gorazeira de cem anzois, sem as linhas de pesca, custava no ano findo, material e mão de obra, cerca de 30\$00 escudos.

#### 6) — Linha do corrico

Esta linha de reboque pode ser preparada de 2 modos: anzol «estorvado» num arame de cerca de 0<sup>m</sup>,07 de comprido, emendado em outro arame com cerca de 3 braças, tendo, no outro extremo, uma arça em que «aguça» a linha do corrico que vem à mão do pescador; no outro sistema, a haste do anzol prende-se ao «gigo», — peça de osso de baleia em forma de peixe, — tendo uma arça no extremo oposto ao do anzol, em que por sua vez «aguça» o arame. Com este aparelho, levado de reboque pela embarcação, toma-se bicuda, serra, enxova e bonito).

#### 7) — Aguilhadas, canas e caniços

São aparelhos «aviados» de modo semelhante, constando, essencialmente, duma vara segura num extremo pelo pescador, pendendo do outro a linha de arame com o respectivo anzol. Entre os 3 aparelhos aqui citados, só a aguilhada tem a vara de bambu, não sendo o arame preparado com chumbo; os outros dois, têm a vara de cana canavial—mais fraca no caniço—e usam chumbo no pesqueiro. O caniço, na pesca do carapau, trabalha com 2 anzois; a aguilhada é para a pesca de serra, bicuda, lirio, bonito, enchareu, etc. A cana é usada na pesca da cavala grada, durante o dia, servindo o caniço para tomar: chicharro, cavala miuda, boga, carapau, peixe-rei, salemamiuda, etc.

#### 8) — Jogada

Semelhante aos «cangalhos», mas apenas com dois «ladrões» ou pernadas.

#### 9) — Aparelhos diversos e utensilios

Entre os muitos e variados aparelhos e utensilios que fazem parte dos equipamentos para a pesca, figuram como principais os seguintes

*Arpão e lança* — usados na pesca do «marracho», servindo também aquele para tomar toninha e albafar.

*Fisga* — de 4 ou 5 dentes, destinada à pesca da bicuda, enche-reu e lirio, (hoje quasi desaparecida).

*Tenaz* — de madeira, com 5 a 6 dentes de ferro em cada «boca» é destinada a «entenazar» o congro, ainda fora da borda, a fim de lhe poderem cortar a espiga.

*Bicheiro* — gancho de ferro servido por um cabo de madeira, destinado a trancar o congro pela boca e a mete-lo dentro da embarcação.

*Canastra* — ou «canaoa», com a forma dum barco, de tábua aberta, destinada a conservar o isco vivo. Tem 1 metro de comprimento, ou pouco mais, usando-se atracada à borda da embarcação, suficientemente suspensa da água para que o chicharro e o carapau não se passem para fora dela.

*Máquina de moer* — hoje usada em substituição do «navalhão» que servia para picar o engodo necessario à pesca.

Todavia, a lista que vai a seguir, por ordem alfabética, dá bem ideia do complexo de todo esse ferramental que, juntamente com o já anteriormente descrito, não ficará ainda assim completo :

Agulhas	Croques	Linhas diversas
Agulheiras	Destorcedor ou Des-	Loros
Anzois	trocedor	Luleira
Baldes	Escoras	Manga para engôdo
Boias	Estronca	Navalhão
Botadouros	Espinel	Negaças
Bucheiros	Estrovadura	Pandulho
Caixa dos aparelhos	Facas	Pau das moreias
Camaroeiro	Farol ou Lampião	Pau de varar
Celhas	Ferramenta de calafate	Peixes (de alumínio, de marfim, etc.) pa-
Cepo de picar engodo	Fiel	ra correr
Cerdas	Gorateiro	Poitas
Cestos	Graveta	Rabadela
Chumbetas	Jogada	Remos
Cocha	Laços	Tambica
Cordas	Lasca	

Tangril (para a pesca do albacar)	Tarrafas Trancador (só ferro)	Trol ou tral Trôxa
--------------------------------------	----------------------------------	-----------------------

\*

São bastante numerosas e relativamente abundantes as espécies ictiológicas que se encontram nos mares da Ilha Terceira, se bem que nos últimos tempos se tenha notado uma apreciável diminuição de peixe, especialmente junto às costas. Não estão, ao que parece, devidamente estudadas as causas dessa desercção.

Fundamenta-as porem o marítimo no desusado movimento de aviões e navios de cruzeiro, durante os anos da guerra, executando varios bombardeamentos, quer offensivos quer de simples treino, a poucas milhas ao largo desta ilha, o que julgo razão de pouco pêso.

Longe vai o tempo em que os povoadores, «... *sem pregos e sem anzois, senão somente com as mãos, tomavam peixes que andavam à borda d'água*» no dizer de Gaspar Frutuoso, mas o caso é que, há umas dezenas de anos, eram muito mais fartas as pescarias do alto e incomparavelmente mais abundantes os pesqueiros de calhau do que nas épocas que ora decorrem.

Eis, por ordem alfabética, uma relação das principais espécies que nestes mares se encontram com relativa frequencia :

Abrotea	Buzios	Congro
Agarrador (= Pegador)	Cabaz	Cornuda (= Martelo)
Agulha	Cabra	Corvina
Agulhão	Cação	Craca
Albacora	Camarão	Dourado
Albacar	Cantaro (= Bagre)	Firó (= Enguia)
Aranha do mar	Carapau	Enxareu
Bagre (= Cantaro)	Caranguejos	Enxova
Besugo	Castanheta	Espada
Bicuda	Cavaco	Folião
Boca-negra	Cavala	Galo
Bodeão	Cherne	Garoupa
Boga	Chicharro	Gata
Bonito	Coça	Goraz

Imperador	Pegador (= Agarrador)	Santola
Jimanta		Sapo do mar
Labandeira	Peixe-Rei	Sardinha
Lapas	Polvo	Sargo
Lagosta	Porco	Serra
Lírio	Prombeta (Trombeta)	Sôlha
Lixa	Raia	Tainha
Lua	Raião	Tintureira
Lula	Rainha	Toninha
Martelo (= Cornuda)	Rato	Trombeta (Prombeta)
Mero	Rocaz	Tubarão (=Marracho)
Mugem	Roda	Veja
Murea	Safio	Viuva
Mureão	Salema	Voador
Pargo	Salmonete	

\*

Os processos de pesca usados, relativamente a cada espécie, são os seguintes, com indicativo das profundidades a que se tomam e das iscas empregadas:

Espécies ictiológicas	Profundidades	Aparelhos usados	Isca
Abrotea	Até 5 linhas	Arame e Gorazeira	Lula, Chicharro e Goraz.
Bagre ou Cântaro	» 6 »	» »	Lula, Chicharro e Goraz.
Besugo	—	» e Briqueira	Sardinha, Chicharro, Lula, Polvo, Lagosta.
Bicuda	—	Rede de emmalhar, cana e corrico	Chicharro, Sardinha e Boga, vivos.
Boca Negra	» 9 »	Arame e Gorazeira	Lula, Chicharro e Goraz.
Bodião	» 1 »	Arame e Briqueira	Caranguejo, Lagosta, Camarão e Lula.
Boga	—	Caníço e Enchelavar	Perna de caranguejo Fidalgo, Lagosta e ova de lapa.

Espécies ictiológicas	Profundidades	Aparelhos usados	Iscas
Bonito	—	Aguilhada	Chicharro, Sardinha e Carapau, vivos
Carapau Cavala	Até 2 1/2 lin. —	Canço e Enchelavar Canço, Arame, Aguilheira, Camaroeiro, Briqueira e Enchelavar	Carapau e Minhoca Cavala
Cherne	» 10 »	Arame com Cangalhos	Lula, Chicharro e Goraz.
Chicharro Congro	— » 9 »	Canço e Enchelavar Arame	Chicharro. Lula, Chicharro e Goraz.
Garoupa	—	Arame e Briqueira	Cavala, Chicharro, Sardinha, Carapau, Camarão, Lagosta, Lula e Caranguejo.
Goraz	» 9 »	Arame, Gorazeira e Briqueira	Chicharro, Sardinha, Cavala e Goraz.
Lagosta	—	Arame e Covos ou Cofres	Chicharro e Cavala no caso de arame; Congro, Raia, Salema, Moreia, nos cofres.
Polvo	—	Linha com anzol, ou Cana com uma «amostra» de peixe	Qualquer peixe, excepto Moreia.
Moreia	» 4 »	Arame	Lula, Chicharro, Boga, Carapau e Polvo.
Pargo	» 3 »	Arame	Chicharro e Sardinha fresca.
Peixe-Rei	» 1 »	Arame, Enchelavar e Canço	Minhoca e ova de Lapa.
Salema	» 4 »	Rede, Enchelavar e Canço	Musgo da pedra.
Sardinha	—	Rede de Arrastar e Enchelavar	Não tem isca nem engôdo.
Serra	—	Redes de arrastar e Cana	Chicharro e Sardinha, vivos.
Tainha	—	Rede de emmalhar e Canço	Figos de figueira, guelra de Chicharro fresco, Caranguejo e Lagosta.

Especies ictiológicas	Profundidades	Aparelhos usados	Isclas
Salmonete	—	Redes ou Covos	Pedaços de louça branca dentro do covo, é o bastante.

\*

Relativamente a «engôdos» os nossos pescadores confeccionam-nos consoante as espécies a tomar e os recursos da estação do ano em que as tomam, a saber:

- 1.º Picando ou moendo, juntamente, sardinha fresca de dois sais ou sêca, com chicharro fresco, carapau e batata doce cozida, prepara-se o engôdo próprio para tomar: besugo, boga, carapau, cavala, chicharro, moreia e pargo.
- 2.º Para pescar de noite o peixe do fundo usam peixe assado (moreia, raia, salemã, etc.) moído com sardinha sêca. Toma-se com êste engôdo: abrotea (junto à costa), carapau, congro (na costa) e moreia.
- 3.º Na chamada «pesca de marisco», só feita de dia, servem de engôdo: lagosta, caranguejo, lula, camarão e ouriço, para tomar: besugo, bodeão, boga, carapau, garoupa, moreia e peixe-rei.
- 4.º Peixe-vivo (chicharro, sardinha, carapau, etc.), transportado na «canastra» atracada à borda do barco, usa-se para apanhar bicuda, bonito e serra.
- 5.º O musgo da pedra, além de iscla, serve também de engôdo para a salemã.
- 6.º Figos, tripas de peixe e abobora menina, servem de engôdo para a tainha.
- 7.º Moreia, raia, salemã, etc. assados, ou mesmo chicharro, cavala e sardinha fresca, usam-se como engôdo para lagosta quando pescada a arame.

—Na pesca do bagre ou cântaro, boca negra, cherne e congro, não se faz uso de engôdo.

O quadro seguinte dá-nos, resumidamente, as diferentes épocas do ano em que se pescam determinadas espécies, tanto de dia como de noite :

MÊSES DO ANO	ESPÉCIES DE PESCARIAS
Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março	<p><i>De dia :</i> Garoupas (a), bodiões (a), vejas, salemas, sargos (a), Peixe-rei, verdugos, rainhas, castanhetas, carapaus (a), e besugos (êstes em pequenas quantidades)</p> <p><i>De noite :</i> Congro (a), abrótea (a), bagre, bôca-negra, cherne e pargo.</p>
Abril e Maio	<p><i>De dia :</i> Gorazes (de gorazeira) e cherne</p> <p><i>De noite :</i> Congro, abrótea, etc.</p>
Junho e Julho	Nestes meses fazem-se as mesmas pescarias incluindo a albacora (atum), cavala e chicharro
Agosto	Idem, incluindo os bonitos
Setembro, Outubro e Novembro	Idem. Também se faz a pescaria da cavala e do chicharro, durante a noite, à luz artificial.

(a) --- Aparecem todo o ano com relativa abundância.

Ha no mar, longe ou perto, lugares privilegiados onde o peixe abunda, aos quais os pescadores dão o nome de «Pesqueiros», «baixas» ou «baixos», designando alguns por nomes estravagantes que derivam de alcunhas de pescadores que os descobriram ou utilizaram, e da sua situação relativa a pontos da terra mais dominantes e visíveis. Uns são preferidos para os chamados «peixes do cimo d'água», outros para «peixes do fundo». Todos porém são determinados pelas « marcas », designação que os marítimos dão às intercepções de linhas ou « enfiamentos » em terra que definem essas posições.

\*

O quadro seguinte dá-nos a relação dos mais importantes pesqueiros para peixe do cimo de água :

Designações dos Pesqueiros	Espécies que mais abundam	Características	Obs.
Ilheu grande (dos das Cabras)	Lirios, enchareus, chicharro miudo e bicudas.	—	Carapau, boga, tainha, serra, etc. são peixes que se omam em qualquer mar onde aparecem,
Limpo do Ilheu	Cavala e Chicharro.	—	mas sempre muito proximo da terra.
Ilheu pequeno (Fradinhos)	Cavala, Chicharro, Bicuda e Goraz.	Farto	O bonito, embora malhe também em qualquer mar, toma-se sempre ao largo, entre 2 e 5 milhas de distancia à costa.
Baía da Ribeira Sêca	Cavala e Cavalinha.	—	
Baía da Praia	Cavala, Chicharro e Sardinha.	—	
Pedra da Fieira	Cavalas.	Especial	
Baixa da Serreta	Todo o peixe de Verão.	Muito rico	
Baía do Fanal	Cavala, Chicharro e Sardinha.	Muito farto	
Baía de Angra	Chicharro, Besugo e Sardinha.	—	

O quadro seguinte mostra-nos os principais pesqueiros para peixes de fundo, com as respectivas marcas, dimensões aproximadas e sua situação :

Designação	Marcas	Dimensões dos pesqueiros (Mil.)	Principais Espécies ictiológicas	N.º de linhas	Situação	Observações
Rochinha	Igreja da Vila de S. Sebastião pelo Ilheu das Cabras com a Igreja de S.ª Luzia a apontar com o lado L. do Monte Brasil.	1,50 x 0,7	Cherne, bagre, boca negra, congro.	6 a 9	Entre o Sul de Angra do Heroísmo e Leste de Porto Judeu	
Braz Gonçalves	A «Popa do navio» (a) à vista com a «Casa da pólvora» no Castelo de S. J. Baptista a aparecer pela Caldeira do Monte Brasil.	4 x 1,5	Cherne, bagre, boca negra, congro.	6 a 9		(a) Cabeço existente na Vila de S. Sebastião.
Cabrão (da terra)	A "Casa do Comendador" (b) a encostar à ponta de S. Diogo no Monte Brasil, com os Fradinhos a "Casar" com a ponta das Contendas.	1 x 3/4	Abrotea, cherne, bagre, boca negra, congro.	5 a 9		(b) Perto do sítio denominado a «Aberta».
Restinga	Casa do "Escomaredo" pela ponta do Mt. Brasil com os Fradinhos pela "Casa do José Gorgita" do Porto Judeu.	1 x 1/2 x 1 1/2	Congro, Chernes, Goraz.	5 a 9		
António Silveira	Fradinhos a enfiar com a Ribeira do Teste e a "Casa da muita porta" pela ponta de S. Diogo.	1/2 x 1	Congro e cherne.	6 a 9		
Antonio Manuel	Ilheu da Mina pelo Porto Novo, com os Fradinhos do Mt. Brasil.	2 x 1/2	Abrotea, boca negra e congro.	4 a 9		
Agostinho	Fradinhos para a igreja de N. S. da Esperança e o ilheu da Mina com uma árvore notável no Porto Martins	2 x 1	Cherne e congro.	6 a 9		
Pedra da Mina de Fora	Fradinhos pelo Castelo com o ilheu da Mina pela «Rocha Negra»	2 x 1	Goraz.	6 a 7		

Designação	Marcas	Dimensões dos pesqueiros (Mil.)	Principais Espécies ictiológicas	N.º de linhas	Situação	Observações
A botar a Campanha	Igreja do Castelo por dentro do ilheu das Cabras, com o ilheu da Mina pela Rocha das Amoreiras.	4 x 2 1/2	Goraz.	6 a 8	Entre S. de Angra e L. do Porto Judeu	
A botar o Monte	O Monte a aparecer pela Ponta Grossa (a) com a Matriz da Praia pela borda da "Serrinha". (b)	5 x 5	Mar rico em goraz, cherne, bagre, boca negra, abrotea, congro, etc.	4 a 9	Entre o Leste do Porto Judeu e o Leste da Ponta de Malmerenda que limita a baía da Praia da Vitória.	(a) Junto à Igreja da Esperança. (b) Cabeços existentes na Ponta na Mina.
Rochinha	A avistar o ilheu das Cabras pela ponta da Mina, com a Matriz da Praia pela borda da "Serrinha". (c)	4 x 1	Abrotea, bagre e congro.	3 a 5		(c) Vide nota anterior
A botar ponta por ponta	A avistar o ilheu das Cabras pela ponta da Mina, com a Matriz da Praia pelo Pico dos Louros. (d)	3 x 1 1/2	Abrotea, boca negra, congro.	3 a 6		(d) Entre as Quatro Ribeiras e os Biscoitos
Cabecinho	Ilheu das Cabras pela face do Pico das Contendas, com a Matriz da Praia pela Igreja das Fontinhas.	6 x 3	Mar muito extenso, excepcionalmente rico em cherne, boca negra, bagre, abrotea e congro.	4 a 9		
Pedra da baía	Ponta das Quatro Ribeiras com as casas dos Biscoitos a abrir e o ilheu do Norte enfiado com a Queimada.	3 x 2	Mar muito farto de peixe, onde se toma abrotea, congro, boca negra e bagre.	3 a 7	Entre L. da Ponta de Malmerenda e N. dos Biscoitos	
Senhorinha	«Casa do Manuel da Silva» a encostar à ponta das 4 Ribeiras pelo «Engenho» (e) com a ponta da Serra da Praia.	1 1/2 x 0,005	Mar de pouco peixe, mas onde pescam boca negra, abrotea e congro.	3 a 4	Entre L. da Ponta de Malmerenda e o N. dos Biscoitos	(e) Fábrica do alcool, já demolida.
Cinco Picos	O Pico D. Joana com a ponta das 4 Ribeiras e a «chegar» os Cinco Picos para o pico da Rocha.	2 x 1	Mar farto de congro, cherne, bagre, boca negra e abrotea.	5 a 7	Entre L. da Ponta de Malmerenda e o N. dos Biscoitos	

Designação	Marcas	Dimensões dos pesqueiros (Mil.)	Principais Espécies ictiológicas	N.º de linhas	Situação	Observações
Espigão da Mola	«Granel» (a) a encostar para a ponta das Quatro Ribeiras, pela igreja da Vila Nova a enfiar com a «Casa do Toucinho» (b)	3 x 3	Mar farto de congro, abrotea e boca negra.	4 a 7	Entre Leste da Ponta de Malmerenda e o Norte dos Biscoitos	(a) Nas 4 Ribeiras. (b) Na Vila Nova.
Pedra da Furna	Igreja das 4 Ribeiras com a ponta do mesmo nome, pela «Forcada» (c) aberta a meio da baía da Vila Nova.	3 x 3	Mar farto de congro, abrotea e boca negra.	3 a 7		(c) Pedra que fica junto à ponte do mesmo nome.
A emparelhar as casas	2 casas notáveis no meio da freguesia das 4 Ribeiras com a ponta do mesmo nome, pela ponta de Malmerenda a abrir da terra.	4 x 4	Mar abundante de congro, abrotea, bagre e boca negra.	4 a 7		
Casteletes	Ponta de Malmerenda à vista e farol da Serreta também à vista.	Mar enorme desde a costa até ao alto	Mar muito farto de cherne, congro, abrotea, bagre e boca negra.	4 a 8		
Biscoitos	Uma golada que há no Pico dos Touros com a «Serra Queimada», por uma ribeira que há nos Altares enfiada com o Pico do mesmo nome.	2 1/2 x 2 1/2	Mar especial de chernes, tomando-se também abrotea, congro, bagre, boca negra, goraz, etc.	5 a 9	Entre o Norte dos Biscoitos e o Leste da Serreta	
Melro	Casas notáveis nos Altares, chamadas «Silveiras», com o meio das grifas da Igreja do Raminho, pela furna dos Casteletes a abrir da ponta do mesmo nome.	2 x 1/2	Mar muito farto de cherne e também de congro, abrotea, boca negra, goraz, etc.	5 a 9		
Cacete	«Serrinha» (d) à vista pela terra do Pico do Altar, com a Igreja das 12 Ribeiras enfiada por uma «balaia» (e) que fica em cima da Serra de S.ta Barbara.	3 x 3	Mar especial de cherne, tomando-se também com abundancia congro, boca negra e goraz.	5 a 9		(d) Do Pico do Altar (e) Pequena elevação

Designação	Marcas	Dimensões dos pesqueiros (Mil.)	Principais Espécies ictiológicas	N.º de linhas	Situação	Observações
Nordeste	Igreja do Raminho pelo meio da mata do Estado, com o pico de N. S. da Ajuda à vista.	2 x 1	Mar farto de congro, abrotea, bagre, boca negra e goraz.	2 a 7	Entre o Leste da Serreta e o Sul de S. Mateus	
Baixio	A ponta da Galera à vista e uma «balaia» (a) que aparece antes do pico de N. S. da Ajuda também à vista.	2 x 1	Mar farto de congro, bagre, abrotea, boca negra e goraz.	2 a 7		(a) Pequena elevação
Alto	Pico das Cruzinhas a aparecer entre o pico do Facho e o do Zimbreiro (b) pela igreja Velha de S. Mateus enfiada com um pico de bagacina da chamada «Quinta do Contente».	Faixa extensa com cerca de 2 milhas de largo	Mar farto de congro, bagre, abrotea, boca negra e goraz.	3 a 6		(b) Todos no Monte Brasil.
Infernal	«Casa da Maria Rosa» com o pico do Merens pelo caminho de S. Diogo (c) enfiado com a igreja da Ribeirinha.	3 x 3	Mar farto de congro, bagre, abrotea, boca negra e goraz.	2 a 5	Entre o Sul de S. Mateus e o Sul do Monte Brasil	(c) Na encosta W. do pico do Zimbreiro no Monte Brasil.
Restinga do Fanal	Casa notável entre a Ribeirinha e Vale de Linhares, pelo pico do Facho com o Torreão dos Mosquitos (d) à vista pelo pico do Zimbreiro.	2 a 2	Mar pobre de congro, bagre, abrotea, boca negra e goraz.	2 a 5		(d) No Castelo de S. João Baptista do Monte Brasil.
Façanha do Monte	Apontar a igreja de S. Pedro pela face W. do Monte Brasil, com o Pico dos Coelhoos (e) a encostar para o Ilheu das Cabras.	4 x 2	Mar pobre de congro, abrotea, bagre, boca negra e goraz.	3 a 6		(e) No Porto Judeu
Mar longe	18 a 20 milhas para Leste da Praia da Vitoria.	Bastante extenso	Congro, bagre, boca negra, abrotea e goraz.	—	A Leste da Praia da Vitoria	Pouco frequentado pelos pequenos barcos de pesca geralmente usados nesta Ilha.

Alem destes há, evidentemente, muitos outros que, por serem de conhecimento restrito ou por terem designações semelhantes, são por vezes de muito difícil identificação. E se os pesqueiros do alto são tão numerosos como o provam os quadros atraz insertos, os pesqueiros denominados «de pedra» ou de calhau, atingem numero elevadissimo, o que não é para admirar se pensarmos que se encontram numa terra que tem dezenas de quilometros de costas permitindo pesca de cana.

No entanto parece-nos interessante deixar relação dos principais, á volta da ilha, começando na baía de Angra e acabando na baía do Fanal.

### RELAÇÃO DOS PESQUEIROS DE PEDRA

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Cais Comprido	Encosta Leste do Monte Brasil	Peixe-rei, verdugo, salema, sargo, castanheta, rainha, côça, carapau, chicharro, taínha, veja, labandeira, etc.	Abrotea, polvo, morreia, morião, sargo, lagosta, santola, cavaco, safio, imperador.	A pesca mais abundante é a do polvo, excepto nos meses de Verão em que aparece com mais frequência o chicharro.
S. Benedito	Idem	Idem	Idem	
Cagão	Idem	Bicuda, serra, enchareu, bodeão, etc	Congro, mero, safio, etc.	De Novembro a Abril, abundam o bodião, a garoupa e especialmente o sargo.
Cais da Figueirinha	Baía de Angra	Sargo, chicharro, salema, garoupa, bodeão, veja, polvo, peixe-rei, verdugo, etc.	Sargo, abrotea, morreia, safio, lagosta, espada, etc.	Pesca-se também com tarrafa, de dia e de noite. É utilizável com qualquer maré.
Sapata até ao Cais	Idem	Idem	Idem	
Cais da Alfandega	Idem	Idem	Idem	Tarrafa, de dia e de noite. Utilizável com qualquer maré.
Porto de Pipas	Idem	Idem	Idem	Idem. Idem.

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Ponta do Castelinho	Baía d'Angra	Idem	Idem	
Baixas das Aguas	Baía das Aguas	Idem	Idem	
Pôça da Sardinha	Idem	Idem	Idem	
Pedra Alta da Sardinha	Idem	Idem	Idem	
Por baixo da rocha do Dário	Idem	Idem	Idem	
Grota do Vale	P.ta d'Atalaia	Idem	Idem	
Timão	Idem	Idem	Idem	
Pedra Rachada	Serretinha	Bodeão	Abrotea	Só é acessível na praia-mar.
Rochinha	»	Carapau	Sargo	Sempre acessível. É melhor com o mar mechido.
Palames	»	Salema	Abrotea e moreia	» » Exige mar manso.
Sono	»	Sargo	Lagosta	Utilizavel com qualquer mar. Acesso facil.
Cais das Amoreiras	»	Peixe-rei e salema	Abrotea e lagosta	» » » »
Rochinha das Pontas	»	Peixe-rei e verdugo	Lagosta	» » » »
Pontas	»	Bicuda e carapau	Lagosta e congro	Mar fundo, utilizavel em qualquer estado.
Morgado	»	Sargo e salema	» »	» » » »
Boca da furna	Porto Judeu	Sargo	Lagosta e congro	Pouca profundidade. Utilizavel com qualquer mar.
Ponta de Manuel Dias	»	Salema	Sargo	» » » »

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Redondo de N <sup>a</sup> Senhora	Porto Judeu	Salema e sargo	Sargo	Mar profundo. Utilizavel com qualquer mar.
Cruz do Canário	»	Carapau e peixe rei	Sargo e lagosta	» » »
Redondo	»	Salema	Abrotea e moreia	Só utilizavel com mar manso.
Pontinha	»	Chicharro e bicuda	Abrotea e moreia	» » » » »
Pedra alta	»	Bodeão e salema	Polvo e abrotea	Só utilizavel com mar manso.
Ponta do Veado	»	» «	Moreia e abrotea	» » » » »
Cavalinho	»	Carapau e bodeão	» »	Utilizavel com qualquer mar.
Pedra Grande	»	Salema e bodeão	» »	Pouco profundo. Utilizavel mesmo com mar bravo.
Altinho	»	Peixe-rei e salema	Abrotea e congro	Exige mar manso. Mar profundo.
Ponta de Dias Váz	»	Chicharro e carapau	» »	» » » » »
Sombreiro	»	Peixe-rei e verdugo	Abrotea e moreia	» » » . Pouca profundidade.
Rego da Cambada	»	Salema e carapau	Abrotea e congro	» » » . Muito fundo.
Ponta dos Coelhoos	»	Sargo e salema	» »	Aproveitavel com qualquer mar.
Chiqueiro	»	Salema	» »	» » » »
Barrinha mansa	»	»	Lagosta e congro	Exige mar manso.
Cais da Salga	S. Sebastião	Bodião e chicharro	Abrotea e moreia	Só utilizavel com a maré vazia.
Bilhafre	»	Chicharro	Lagosta	Grande profundidade. Acesso difficil.
Cação	»	Sargo e veja	Lagosta e congro	» » » » . Requer mar manso.

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Serretas	S. Sebastião	Bodeão	Lagosta e moreia	Grande profundidade. Utilizavel com qualquer mar.
Cavalas	»	Sargo e veja	Sargo e lagosta	Grande profundidade. Utilizavel com qualquer mar.
Rojais	»	» e verdugo	Abrotea e moreia	Grande profundidade. Requer mar manso. Acesso difficil.
Ponta da Mina	»	Bodeão e veja	Lagosta	Grande profundidade. Requer mar manso. Acesso difficil.
Pedra de José Nunes	»	Salema	Abrotea e lagosta	Requer mar manso. Acesso difficil.
Pedra das Covas	»	Peixe-rei e verdugo	Abrotea	Acesso difficil. Requer mar manso.
Ilheu da Mina	»	Chicharro	Lagosta	Grande profundidade. Requer mar manso.
Pesqueiro Largo	»	Carapau e bicuda	Congro e mero	Grande profundidade. Utilizavel com qualquer mar.
Covetas	»	Salema e peixe-rei	Lagosta e congro	Grande profundidade. Utilizavel com qualquer mar.
Furado	»	Chicharro	Lagosta e moreia	Acesso difficil. Requer mar manso.
Cais da Corda	»	Tainha	» »	Requer mar manso.
Biscoitinho	»	Salema	Abrotea e moreia	Utilizavel apenas na praia-mar.
Salto do Cabrito	»	Sargo e chicharro	» lagosta	Acesso difficil, grande profundidade. Utiliza-se com qualquer mar.
Pesqueiro dos Meninos	»	» »	Lagosta	» » » » »
Ponta do Ganso	»	Bicuda e serra	»	» » » » »

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Rocha Negra	S. Sebastião	Bicuda e serra	Lagosta	Acesso difficil. Grande profundidade. Utiliza-se com qualquer mar.
Pesqueiro Novo	»	Peixe-rei e verdugo	Abrotea	» » » « «
Sombreiro	»	Carapau	»	Requer mar manso.
Poça do Arco	»	Salema	Abrotea e lagosta	» » »
Ponta Delgada	»	Carapau e chicharro	Lagosta	Grande profundidade. Acesso difficil. Utiliza-se com qualquer mar.
Furtados	»	Carapau e sargo	»	» » » » »
Ponta do Gaspar	Porto Martins	Bodeão e sargo	»	Requer mar manso.
Ponta do Padre António	»	» »	Abrotea e moreia	» » »
Ponta da Côca	»	Bodeão e moreia	Moreia e abrotea	» » »
Curral	»	Sargo e salema	Moreia e lagosta	» » »
Cavalo	»	Bodeão	Bodeão e peixe-rei	Requer mar manso. Acesso difficil.
Baixas	»	»		Não é utilizavel durante a noite e requer mar manso.
Ponta da Maria	»	Salema	Sargo e lagosta	Utilizavel com qualquer mar.
Pesqueiro do Trigo	L. da Igreja	»	» »	» » » »
Curral	Ponta Negra	Salema	« »	» » » »
Porto Novo	Forte de S. Fernando	»	» »	» » » »

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Poção de S. Jorge	Forte de S. Jorge	Salema	Sargo e lagosta	Alem das espécies mencionadas dá bicudas em abundância.
Rego do Boi	Idem	Idem	» »	Abundante.
Borreiro	Estrada do P. Martins	Idem	» »	»
Arieiro	Idem	Sargo e carapau	» »	»
Balcão	Idem	Idem	Abrotea e lagosta	»
Calheta	»	Idem	» »	»
Piquinhos	»	Idem	» »	»
Baixa das Patas	»	Idem	» »	»
Outeirão	»	Idem	» »	»
Engenho	»	Idem	» »	»
Apoio	»	Idem	» »	»
Cais da Vila	Praia da Vi- fória	Chicharro, carapau e sargo	Sargo	
Enchova	»	Idem	---	Só de dia.
Enchurradas	Santa Rita	Sargo, carapau, bodeão	Moreia e abrotea	Abundante.
Pesqueiro Velho	»	Idem	» »	»
Caneiro	»	Idem	» »	»
Aleixo	Serra de Santiago	Chicharro petingueiro	» »	»
Espigão	Idem	Idem	» »	»

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Caldeirinha	Lages	Chicharro e carapau	Sargo	Só de dia.
Pedra de Saltar	Vila Nova	Chicharro, carapau, sargo, garoupa, bo-deão, etc.		
Biscoitinho	»	Idem		
Laje da Fonte	»	»		
Pesqueiro do Pau	»	»		
Mesa	»	»		
Póssas	»	»		
Caneiro	»	»		
Morro Negro	»	»		
Mulher	»	»		
Grilho	»	»		
Lavadouro	»	»		
Pedra das Buracas	»	»		
Pontinha Negra	»	»		
Duas Pedras	»	»		
Palame	»	»		
Burra	»	»		
Rincão	»	»		
Canto do Portão	«	»		

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Baurícios	Vila Nova	Chicharro, carapau, sargo, garoupa, bodeão, etc.		
Rocha Caída	»	Idem		
Correia	»	»		
Balieira	»	»		
Ponte de José Vieira	»	»		
Trez Pedras	»	»		
Pesqueiro do Rato	»	»		
Caneiro dos Charros	»	»		
Caneiro dos Sargos'	»	»		
Cavalo	»	»		
Espião	»	»		
Homem	»	»		
Craspiada	»	»		
Canto	»	»		
Cagada	»	»		
Tufe	»	»		
Galejo	»	»		
Forcado	»	»		
Crespo	»	»		

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Carreiro Vigario	Vila Nova	Chicharro, carapau, sargo, garoupa, bo-deão, etc.		
Tabuleiro	»	Idem		
Alto Novo	»	»		
Furna	»	»		
Canto dos Cagarros	»	»		
Caldeirão Grande	»	»		
D. Fernando	Serreta	Sargo, salema, bo-deão, garoupa, tainha, veja, verdugo, etc.	Moreia. Em pequena quantidade, lagosta, abrótea e congro.	Permanente.
Fundil	»	»	»	Com meias marés e de enchente.
Canto do Doido	»	»	»	Com maré cheia.
Pesqueiro da Greta	»	»	»	»
2.º » » »	»	»	»	Com lua fraca.
Bico da Ponte	»	»	»	Nas pôças, com maré cheia.
Taboleiro	»	---	»	Meia maré com lua.
Pesqueiro dos Manjariçães	»	---	»	Ao sair da lua.
Pesqueiro do Meio	»	---	»	Maré de enchente e ceu estrelado.
» da Agua Azêda	»	»	»	Permanente.

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes		Observações
		De dia	De noite	
Pesqueiro dos Vermelhos	Serreta	Sargo, salema, tainha, bodeão, veja, etc.	Moreia, abrotea, lagosta e congro.	Com enchente de marés, e de noite pelo escuro.
Lage dos Bodiões (Ribeira das Lapas)	»	»	» »	
Lage da Descida (Ribeira das Lapas)	»	»	» »	
Alto do Queimado	»	Chicharro, especialmente.	Abrótea e congro.	
Pesqueiro dos Sargos	»	Sargos, peixe-rei e bicuda	Sargos.	Com qualquer maré.
Passarião	»	Moreia e abrotea	Lagosta e abrótea.	Com maré cheia.
Bem-feito	»	Salema e sargo	Sargos.	» » »
Lage do Bernardo	»	Sargo, salema, bodeão e garoupa	Moreia, abrótea e congro.	» » »
Pesqueiro do Caracol	»	»	»	Com maré baixa.
Ponte do Quarteiro	»	»	»	» » »
Calhau Entre-as-Pedras	»	»	»	Maré cheia.
Maria Afonso	»	»	»	» »
Cabeça da Ponte	Doze Ribeiras	Bodeão, garoupa, sargo, peixe-rei, verdugo, boga, chicharro, carapau, besugo, salema, veja.	Lagosta, abrótea, congro, méro, moreia, moreão, cavaco, e santola.	
Alto da Ponte	«	Sargo e tainha.	Sargo e tainha	

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes	
		De dia	De noite
Virado-atraz	Doze Ribeiras	Tainha, sargo e salema.	Sargo e tainha
Gregório	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, chicharro, carapau, veja, salema.	Abrótea, moreia, moreão.
Rachada	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, carapau, boga e salema.	Lagosta, moreia, moreão, abrótea, santola e cavaco.
Pedra Alta	»	Sargo, tainha e salema.	
Pedra da Pôça	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, carapau, veja e salema.	Lagosta, abrótea, moreia, morião, cavaco" e santola.
Pedra do Canto	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, carapau, boga e salema.	Lagôsta, abrótea, moreia e moreão.
Sombreiro	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, salema, veja, carapau e chicharro.	Lagôsta, abrótea, moreia, moreão, cavaco e santola.
Môrro da Gata	»	Sargo, salema, e algum peixe-rei e verdugo.	(Nunca se pesca)
Lage das Onze (Cabeça)	«	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, salema, veja, chi-	Lagôsta, abrótea, santola, cavaco, moreia e moreão.

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes	
		De dia	De noite
Lage das Onze (Cabeça)	Doze Ribeiras	charro, carapau, boga e salema	
Idem (Alto)	»	Tainha, sargo e salema.	Tainha, sargo, abrótea, moreia e moreão
Idem (Virado-atraz)	»	Sargo e salema.	(Não se pesca)
Patacho das Onze	»	Peixe-rei, verdugo, bodeão, garoupa, carapau e boga.	
Patacho da Ribeirinha	»	Idem, Idem.	
Cordeniz	»	Idem, Idem.	
Ladriz	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, sargo, salema, carapau, chicharro, boga, veja e tainha.	Lagosta, cavaco, santola, abrótea, moreia e morião
Penedo Negro	»	Sargo.	
Lage da Cova	»	Sargo, salema e tainha.	
Laginha	»	Sargo, salema e veja.	
Pedra da Pôça	»	Sargo, salema, veja, carapau, peixe-rei, verdugo e tainha.	Abrótea, moreia e moreão.
Ponta Ruiva (Pôço)	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, carapau, chicharro,	Lagosta, abrótea, moreia, morião, sarrão, congro, santola,

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes	
		De dia	De noite
	Doze Ribeiras	boga, besugo, bicuda, serra, liro e veja.	cavaco e cação.
Ponta Ruiva (Poiso-de-Chicharro)	»	Idem	Idem
Idem (Poiso da Areia)	»	Idem	Idem
Idem (Alto das Pontas)	»	Sargo, tainha, carapau, chicharro, boga, peixe-rei, verdugo, bodeão, garoupa e veja.	Sargo, tainha, moreia, morião e abrótea.
Idem (Escada)	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, chicharro, carapau, boga, veja, sargo e tainha.	Sargo, tainha, lagosta, cavaco, santola, abrótea, moreia e morião.
Canal da Ponte	»	Sargo, salema, bodeão e garoupa.	
Estrado	»	Sargo, salema, veja, bodeão, garoupa, carapau, peixe-rei e verdugo.	
Jampires (Pôço Alto e Buraco)	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, carapau, chicharro, boga, veja, salema e tainha.	Lagosta, santola, cavaco, congro, abrótea, moreia e morião.
Calhau-lambudo	»	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, salema, sargo e veja.	

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes	
		De dia	De noite
Alcaides	Doze Ribeiras	Bodeão, garoupa, peixe-rei, verdugo, carapau, chicharro, boga, tainha, salema e veja.	Lagosta, abrótea, cavaco, moreia, morrião e santola.
Salto-da-Pata	»	Sargo e tainha	
Morrinho das Dez	Santa Barbara	Sargo, salema, bodeão, garoupa, tainha, veja, verdugo e chicharro.	Moreia, lagosta, congro e sargo.
Pedra do Almeida	»	»	»
Pedra das Môças	»	»	»
Aguilhão das Dez	»	»	»
Atravessada	»	»	»
Pedra Nova	»	»	»
Morro do Gancho	»	»	»
Passadouro	»	»	»
Pedra da Traves-sadinha	»	»	»
Pedra do Valadão	»	»	»
Pedra Redonda	»	»	»
O Berço	»	»	»
Lage do Cota	»	»	»
Buraco de N. <sup>a</sup> S. <sup>a</sup>	»	»	»

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes	
		De dia	De noite
A Ladriana	Santa Barbara	Sargo, salema, bodeão, garoupa, tainha, veja, verdugo e chicharro.	Moreia, lagosta, congro e sargo.
O Caldeirão	»	»	»
Areia	»	»	»
Poceiro	»	»	»
Ponte de João dos Santos	»	»	»
Lage	»	»	»
A Caixinha	»	»	»
O Trumedário	»	»	»
O Canario das Seis	»	»	»
Pedra da Pôça	»	»	»
Ponta Gôrda	»	»	»
Ponta das Cinco	Cinco Ribeiras	Sargo, salema, garoupa, bodeão, chicharro	Moreia, abrotea, sargo e lagosta.
Ponta do Sacristão	»	»	»
Canário	»	»	»
Cercado	»	»	»
Pedra Alta	»	»	»
Ponta do Pesqueiro	S. Mateus	»	»

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes	
		De dia	De noite
Ponta da Vigia	S. Mateus	Sargo, salemã, garoupa, bodeão, chicharro	Moreia, abrotea, sargo e lagosta
Negrilo	»	Idem	»
Igreja Velha	»	»	»
Cascalhinho	»	»	»
Forte Grande	»	»	»
Poço da Luz	»	»	»
Mercês	»	»	»
Vila Maria	»	»	»
Alcaide	Caminho de Baixo	»	»
Pedra Furada	»	»	»
Rochinhas	»	»	»
Lajinha	»	»	»
Helena	»	»	»
Varandinha	»	»	»
Pedra do Manuel Tomé	»	»	»
Buraco do Comendador	»	»	»
Ponta da Grotta	»	»	»
Areias Brancas	»	»	»

Nomes dos pesqueiros	Situação	Espécies de peixes	
		De dia	De noite
Preguiça de fora	Caminho de Baixo	Sargo, salema, bodeão, garoupa e chicharro.	Moreia, abrotea, sargo e lagosta.
Preguiça de dentro	»	»	»
Pedra Alta	»	»	»
Cais da Silveira	»	»	»
Fanal	S. Pedro d'Angra	»	»
Recanto	Encosta W. do Monte Brasil	Bodeão, garoupa, veja, verdugo, sargo, pargo e cavala (pequena).	Lagosta, cavaco, me-ro, santola, abrótea, etc.
Cais do Castelo	»	Idem, Idem.	Idem, Idem.
Pôças	»	Bicuda, serra, lírio, bodeão, sargo, carpau e goraz (muito raro).	»
Grota	»	Bodeão, garoupa, rainha, verdugo, etc.	»
Guarita	»	Sargo, salema, tainha, muja, etc.	Abrótea, sargo, congro, safio, etc.
Grotão	»	Tainha, salema, sargo, veja, etc.	»
Greta	»	Tainha (muito abundante), bodeão, sargo, etc.	»
Cadeira do Padre Inácio	»	Bicuda, serra, enxova (rara), lírio, enchareu, chicharro, garoupa, etc.	Congro, safio, abrótea, cavaco, santola, lagosta, sargo, etc.

A zona compreendida entre a Ponta da Lagoa, a W. de Vila Nova, e a Ponta do Raminho, a N. da Fajã da Serreta, é considerada como imprópria para a pesca, mas podemos e devemos exceptuar, por ser de certo modo notável, a parte de costa situada imediatamente a E. e W. da Ponta da Rua Longa, na Calheta dos Biscoitos.

---

Servio de base a êste trabalho um extenso Relatório elaborado em 1933 pelo então Capitão do Porto de Angra, 1.º tenente Liberal da Câmara, sôbre «A Industria da Pesca na Ilha Terceira», e um aditamento àquele, elaborado tambem pelo mesmo distinto official, no ano seguinte, contendo principalmente indicações sobre as «marcas» dos «mares» mais conhecidos e procurados pelos nossos pescadores.

Grande auxílio nos trouxe igualmente o magnífico estudo publicado pelo Dr. Luis Ribeiro no fasc. III do Vol. I de «Açoreana».

Á boa vontade daqueles a quem directa ou indirectamente solicitámos informações e que tão prontamente no-las cederam, queremos tambem deixar aqui expresso o nosso melhor agradecimento.

# As festas do Espirito Santo nos Altares

pele Padre Inocencio Enes

As festas populares do Espirito Santo, introduzidas no arquipélago pelos primeiros povoadores, celebram-se em todas as freguesias da Terceira, como nas de todas as ilhas, e, embora identicas no fundo, oferecem certa variedade de pormenor de umas localidades para outras.

A descrição que se segue respeita apenas à freguesia dos Altares e refere-se à actualidade.

As festas consistem no culto prestado em cada casa nas semanas que decorrem do domingo da Pascoela ao da Trindade, e nos bodos, que se dão, neste ultimo domingo e no de Pentecostes, na capela ou *império* a isso destinado, para os quais existe uma associação ou irmandade a que pertencem as pessoas da freguesia que o desejam.

Em cada uma das mencionadas semanas a corôa do Espirito Santo, com a bandeira e mais insígnias, está em casa de um dos irmãos designados pela sorte, de domingo a domingo.

A corôa (imperial) é de prata encimada por um pequeno glôbo com uma pomba, símbolo do Paráclito, de azas abertas, assente numa salva, tambem de prata, com seu pé, e o cétro em cuja extremidade mais delgada ha uma pomba igual à da corôa. A corôa é enfeitada

com flores artificiais miúdas, quasi sempre brancas, em torno do aro e dos braços e o cétro tem amarrado um laço de fita branca larga com pontas.

A bandeira é de damasco de sêda vermelha bordado a applicões de setim de sêda branca, com uma corôa, por cima desta uma pomba voante e ramos nos quatro ângulos. As applicões são orladas a *sotache* amarelo e em volta da bandeira, excepto no lado que prende à haste, ha uma franja de sêda tambem amarela. Encima a haste uma pomba de prata, com dois laços de fita de sêda branca e vermelha, amarrados por baixo.

As insignias são as varas que dantes levavam as pessoas que acompanhavam a corôa nos cortejos, e hoje já se não usam, de madeira pintada de vermelho com uma conreira de metal na ponta e as tochas, de madeira brancas as pertencentes às corôas e vermelhas as das bandeiras, hoje todas só vermelhas, mais grossas que as varas.

Ha tambem o tambor que serve no império, e os foliões tocam na folia.

A festa em cada casa consiste em rezar o terço durante a semana à noite, no bezerro na tarde de sexta-feira e na coroação e jantar no domingo.

Para a festa fazem-se convites.

Antigamente a mulher, dona da casa, que tinha o Espirito-Santo, percorria a freguesia na quaresma, entrava nas casas e em cada uma dizia: — «Eu venho dar a saber que o Espirito-Santo vai para nossa casa tal dia, para irem esperar e rezar o terço, de semana me ajudarem aos bocadinhos, quando puderem, e no domingo irem ao *império* e jantar e mais a gente disso que Nosso Senhor der». Onde queria que lhe ajudassem a armar a casa acrescentava: — «E no sabado, antes da semana da coroação, quero que me ajudem a armar a casa», para o que, todavia, só convidavam parentes ou vizinhos.

Na segunda-feira da semana da coroação, depois de ter o Espirito-Santo em casa ia o homem, calçado e engravatado com uma vara enfeitada na mão, às casas onde a mulher já tinha estado, a convidar os homens e dizia: — «Eu venho dar a saber que tenho o Espirito Santo em casa, para domingo me acompanharem e ao Senhor Espirito Santo e jantarem e mais nós disso que Nosso Senhor dere». Onde queria que o fossem ajudar nalgum serviço acrescentava o pedido.

Hoje vão juntos, marido e mulher, duas ou três semanas antes da coroação.

As pessoas convidadas visitam o Espírito-Santo e levam ovos, manteiga, assucar e leite em cabaças ou latas enfeitadas de flores, e quando saem, a dona da casa oferece uma merendeira com uma flor espetada na cabeça, ou uma rosquilha também enfeitada, a cada pessoa. Se esta tem crianças oferece outras merendeiras mais pequenas para elas.

No sábado antes da semana da coroação, depois do meio-dia, reúnem-se as raparigas convidadas para armar a casa, afim de preparar o necessário. Umaz fazem florinhas de papel, outras arranjam molhêtes de faias, que os homens foram buscar ao mato na vespera, destinados a fazer uma ramada de verdura nos tirantes do tecto, outras depenam fêno (rama verde de pinheiro) para juncar o chão, outras põem flores em jarras. Por cima do altar fazem o céu com um lençol apropriado de largos folhos em volta, cozido em canas por modo a ficar bem esticado, e nele pregam lenços de sêda vermelha, em triângulo e, pelo meio, flores de papel e *bolas de casquinha*, isto é, bolas de vidro de espelho.

No resto do quarto o tecto é forrado com a ramada quanto mais tapada melhor, ornada de onde em onde por entre as faias com florões de papel em forma de repolho. As paredes ou frontais do quarto revestem-se de colchas vermelhas.

Consiste o altar numa mēsa forrada com uma colcha branca e por cima uma toalha de paninho com renda em volta.

Sobre o altar e em roda põem-se vasos ou jarras de flores e quatro castiçais com círios.

Junta à porta de entrada, no caminho, espeta-se um mastro onde toda a semana se hastea a bandeira feita de tiras de pano, uma vermelha e duas brancas dos lados, ou quatro tiras longitudinais duas brancas, duas vermelhas alternadas, e um ramo de faia ou giesta na ponta do mastro, a indicar que na casa está o Espírito-Santo.

No beirado, no intervalo das telhas, por modo ao vento os não levar, espetam-se ramos de giesta florida.

Quando acabam estes trabalhos deita-se um foguete e come-se uma merenda constante de milho cozido ou pão de rala com queijo de cabra.

Hoje ha quem forre todo o tecto do quarto com lençoes, em vez de faias, nos quais pregam as flores e bolas de casquinha, e galões a fazer arcos dum lado ao outro.

O imperador do primeiro domingo, isto é, o que tem o Espirito-Santo em casa nessa semana, vai no domingo da Ressurreição à tarde, com um cortejo de raparigas, buscar as corôas ao *império*, onde elas estão, que são levadas com todas as insignias, estas distribuidas, de preferência pelos parentes e depois pelos visinhos.

Os portadores de algumas têm denominações especiais, e, como a festa é simulacro de festa real ou imperial, as denominações são as de antigos funcionários palatinos. Assim o que leva a corôa na salva chama-se *pagem da corôa*, o que leva a bandeira *alferes*, o que leva a vara vermelha enfeitada com uma conteira de metal na extremidade e uma fita de sêda *viador* ou *trinchante*.

Os portadores das tochas não têm designação especial, e para isso são escolhidos de preferência os imperadores dos outros domingos, ou parentes e visinhos e tambem pessoas de distinção.

Se o cortejo passa na igreja o sino repica, mas só nas coroações, e ao chegar à porta da casa do imperador pára em duas alas conforme vem no caminho, e o pagem da corôa passa no meio delas sendo o primeiro a entrar com a bandeira e a vara. Á entrada da porta estão quatro pessoas, duas de cada banda, uma com uma bandeja de flores para atirar às corôas, outra com um cirio acêso que acompanha estas até ao altar onde se metem no nicho.

Depois de entrarem as corôas entram os portadores de outras insignias e o resto das pessoas, que todas ficam a acompanhar o Espirito-Santo durante a tarde. Á entrada da corôa sobem ao ar dois ou três foguêtes.

Á noite reza-se o terço. As raparigas sentam-se à frente, dum e outro lado do altar, em táboas apoiadas nos extremos em dua cadeiras, e os rapazes, no geral em pé por falta de espaço, ficam para o lado da porta.

Se ha música, violas, rabecas, etc., à frente dos rapazes põem-se cadeiras para os tocadores.

Antes e depois do terço cantam em louvor do Espirito-Santo cantigas como as que seguem :

Ó Senhor Espirito-Santo,  
Que estais no vosso altar,  
Deitai vossa santa benção  
A quem vos vem visitar.

Ó Senhor Espirito-Santo  
Lá da Casa da Ribeira,  
Cheira a cravo, cheira a rosa,  
Cheira a flor da laranjeira.

Ó Senhor Espirito-Santo  
Que dais a quem vos vem ver ?  
Aos solteiros bôa sorte,  
E aos casados bom viver.

Esta casa está armada  
De madeira delgadinha,  
E dentro dela habita  
Aquela corôa divina.

Esta casa está armada  
Por dentro e por fora não,  
Por dentro cravos e rosas,  
Por fora manjaricão.

O cetro, divino cetro,  
Ó corôa, divina corôa,  
Vós no mundo sois pombinha  
No céu divina pessoa.

Divino Espirito-Santo  
Tende de mim compaixão,  
Deparai-me um amorzinho  
Leal ao meu coração.

Boa noite p'ró divino  
E p'rás flores do seu altar,  
E para todas as pessoas  
Que o terço lhe vem rezar.

Dantes bailava-se tambem, mas as condemnações da igreja tem levado, pouco a pouco, a abandonar o costume e hoje já se não baila.  
O terço actualmente rezado, cantava-se antigamente.

No primeiro dia escolhe-se um rapaz para tocar a campainha a cada *Gloria Patri*, e uma rapariga para dizer a meditação e oferecer os mistérios.

Nisso serve qualquer livro devoto, pois não ha texto próprio.

O rapaz da campainha, depois de recitado o terço e rezada a Salve-Rainha, pede vários Padre-Nossos pela sagrada morte e paixão de Nosso Senhor Jesús Cristo, à Virgem Nossa Senhora para que valha a todos na hora da morte, pelos defuntos do Imperador e da Imperatriz, por todos os ausentes, pelos defuntos dos que rezam o terço, pelas almas do Purgatório, pelos que andam sobre as águas do mar para que Nosso Senhor os deixe chegar a porto de salvamento, e, em especial, ao Espirito-Santo para que a todos faça seus devotos.

A seguir toca a campainha e todos juntos dizem Espirito Santo Deus misericórdia! (três vezes) Virgem Mãe de Deus rogai por nós! (três vezes), com que termina a reza.

Depois a dona da casa ou a filha e, se não tem filha, uma rapariga a quem isso pede, vai dar o cetro a beijar às mulheres, e o dono da casa, o filho ou um rapaz se o não tem, faz o mesmo aos homens. Beijam a pomba e quase todos tocam com ela na testa para o Espirito-Santo dar juízo. Ha rapazes e raparigas que beijam ainda a fita amarrada no cabo do cetro afim de casarem cedo.

Uma promessa, que às vezes fazem, é rezar o terço com a corôa na cabeça e, nesse caso, põe-se uma almofada ao pé do meio do altar, sobre a qual ajoelha quem faz a promessa, com a corôa na cabeça e o cetro na mão inclinado no braço.

Durante a semana a Imperatriz nada faz senão receber visitas. Está toda aperaltada, com grande avental branco com seu folho engomado e encanudado. Para cuidar do serviço da cozinha tem uma mestra e uma cozinheira ajudadas pelas raparigas que estão convidadas para amassar e fazer qualquer trabalho necessário. A mestra e a cozinheira dormem na casa, bem como alguma outra mulher, para o trabalho nocturno de cozer o pão quando a festa é tão grande que exija cozedura dia e noite. As que dormem em suas casas são chamadas de manhã por um fogueite.

A cada amassadura ou cozedura deita-se uma bomba, a fora outras que se atiram sem ser nessas ocasiões, pois as raparigas divertem-se com isso e, no geral, roubam-nas à dona da casa.

Na quinta-feira ou no sabado, por ocasião do terço, a Imperatriz oferece a cada pessoa uma merendeira.

As raparigas guardam as suas e dão-nas aos rapazes, os quais comem a que a Imperatriz lhes deu e metem a oferecida pela rapariga na algibeira do peito da jaquêta onde a conservam às vezes durante mais duma semana, e nunca a comem porque pode ter feitiços.

As raparigas, que na semana ajudam a amassar, fazem da massa pequenas merendeiras que oferecem aos namorados.

Os dias das visitas são terça e quarta-feira. Nos outros dias só vão parentes e íntimos da família. Se entre as visitas ha pessoa grada da freguesia deita-se um foguête. Todas, ao despedirem-se, beijam o cetro que a dona da casa lhes apresenta.

Na noite da quinta para a sexta acabam de cozer-se as massas, e na sexta-feira é a festa do bezerro.

Logo de manhã as raparigas preparam as fitas de papel de cores várias para enfeitar o animal, e nessa ocasião faz-se uma tósca corôa de madeira forrada de fitas e encimada por uma merendeira com uma flor espetada, bem como *bonas* (do espanhol *moñas*?) de papel, em forma circular, que se pregam, como as fitas, com breu no cabelo do bezerro.

Havendo mais de um bezerro preparam-se ornatos para todos.

À tarde juntam-se rapazes e raparigas e, com a folia, vão até onde está o bicho que enfeitam, em quanto, ao som de violas e rabecas, cantam fazendo estalar bombas e foguêtes.

Enfeitado o bezerro põem-lhe uma campainha ao pescoço e trazem-no consigo, no geral acompanhado por duas vacas enchocalhadas e os cornos enfeitados com um arco de vime forrado de papeis de côr. Atraz segue a folia a cantar e tocar diversos instrumentos até casa do Imperador.

Ao passarem pelas casas das pessoas mais importantes, *pelo império*, igreja e casa do padre, a que sempre propositadamente se dirigem, ainda que por lá não passem de caminho, calam-se os instrumentos de metal e, acompanhados apenas por violas e rabecas, deitam cantigas de saudação improvisadas como as seguintes:

Vosso marido é o sol  
 Que alumia casa e rua  
 Vossos filhos são estrelas,  
 Vós, senhora, sois a lua.

A rainha no seu trono  
 Ampara a sua bandeira,  
 Também vós, real senhora,  
 Amparais família inteira.

São estas, improvisos de cantadores afamados, mas a par delas, em maioria, ha outras melhor ou peor architectadas :

O bezerro enfeitado  
 Com boniras amarelas,  
 E as meninas estão vendo  
 Debruçadas às janelas.

Diante da igreja as cantigas dirigem-se ao Santissimo Sacramento, a Nossa Senhora ou aos Santos :

Salve! Salve casa santa  
 Dos anjos acompanhada.  
 Aonde Jesus habita  
 Na hóstia consagrada.

Louvo a Virgem Santissima,  
 Que nesta casa tambem mora,  
 Peço-lhe p'ra nos valer  
 Sempre e na ultima hora.

Para mostrar que não sou  
 Do tempo do paganismo,  
 Louvo os santos que a habitam,  
 Herois do cristianismo.

Diante de ti prostrado,  
 Eu te saudo, ó cruz,  
 Onde por nós foi pregado  
 O nosso amavel Jesús.

Cumprimentos ao pároco :

Vimos aqui cumprimentar-vos  
 Por serdes nosso pastor,  
 Guiai as vossas ovelhas  
 No caminho do Senhor.

Sois pastor das nossas almas,  
Pra isso Deus vos escolheu,  
Abençoai-nos senhor  
Com o poder que ele vos deu.

Sois como o bom lavrador  
Que a sua terra semeia,  
Lhe deita a boa semente  
E ao encher metade é aveia.

Na frente do Império :

Acabamos de chegar  
Deante do Espírito - Santo,  
Louvo-o porque ele sabe  
Com que alegria lhe canto.

Vimos à vossa presença  
Tão pobres do coração,  
Ó divino rei d'amor  
Deitai-nos vossa benção.

Deitai vossos raios de fogo.  
Que para nós serão ósculos,  
Alumiai nossas almas  
Como alumiaste os apóstolos.

Apareceste em várias partes,  
Até no rio Jordão  
Quando João batisou Cristo  
E Cristo batisou João.

Quando os apóstolos estavam  
No Cenáculo a orar,  
Baixaste em línguas de fogo  
Para a ciência lhes dar.

Agora vamos partir  
Que a hora vai avançada,  
Vossa benção nos acompanhe  
Até à última morada.

Chegados a casa do Imperador, a mulher deste com o cetro abençoa as rezes destinadas ao sacrifício, fazendo com êle uma cruz na cabeça e outra no lombo.

Segue-se a matança, que é feita pelo pessoal indispensavel, e o resto da gente entra na casa onde passa a tarde a tocar viola e cantar.

Acabada a matança vai para a mesa a ceia, servida a tempo de terminar antes de vir gente para o terço, que antigamente constava de pão de milho amassado com leite e assucar e queijo de cabra e hoje consta, geralmente, de alcatra de peixe ou carneiro, pão de trigo e vinho.

No sabado de madrugada vai o marchante partir a carne e, se o Imperador dá esmolos, vem a mestra da função escolher o que precisa para o jantar, e o resto é partido para distribuir pelos pratos em que são dadas. Antes, porem, de mais nada, fazem-se quatro postas grandes ou redondas, que colocadas em pratos travessas são levadas ao cair da noite, por quatro rapazes, cada um com sua travessa e todos juntos, por sua ordem, ao pároco, ao sacristão, ao criador do bezerro e ao marchante, sendo a do pároco acompanhada dum pão de mesa ou rosquilha grande se é na semana do bôdo.

A enfeitar cada posta ou esmola põe-se em cima um raminho de hortelã.

Os pratos com as esmolos tendo ao lado uma merendeira, são postos em bancos ou táboas estendidas, e enquanto isto se faz, dois homens percorrem a freguesia, um para um lado outro para outro, a distribuir bilhetes com indicação da hora a que as esmolos serão entregues em troca do bilhete.

Antes o padre benze as esmolos e assiste à distribuição, oferecendo-se a cada contemplado um copo de vinho.

Ao mesmo tempo dois ranchos de raparigas andam pelas casas a pedir emprestada a loiça para o jantar, e uma delas, que saiba escrever, vai tomando nota do que recebe afim de evitar enganos na restituição. Outras raparigas ficam em casa do Imperador a limpar talheres e panelas destinadas ao serviço no dia seguinte. O fim de cada um destes trabalhos é anunciado com um foguete.

Nalgum tempo ia com a corôa para cada casa um pequeno tambor, ao ritmo do qual as raparigas bailavam a *campona*, a *chamarrita* e a *viradinha*.

No domingo de manhã muito cedo, às vezes ainda todos dormiam, chegavam à porta da casa do Imperador, a tocar e cantar, os foliões. Levantava-se êle e a mulher, para abrirem a porta e darem alguma cousa de comer aos foliões que, enquanto não chegava a hora da coroação, davam uma volta por outras casas a saudar, em quadras de improviso, na sua monótona cantilena acompanhada de tambor, os donos que lhes pagavam a amabilidade com alguma oferta, recolhida logo no saco que, para tanto levavam. Um dos foliões conduzia a bandeira, igual à do Espirito-Santo, mas mais pequena, de lã e não de sêda, com a haste encimada por uma pomba de madeira prateada, o outro tocava no tambor.

A quantos encontravam pelo caminho davam a pomba a beijar e a alguns deitavam a sua cantiga laudatória :

Viva o senhor F. . .  
Nobre pessoa de bem,  
Deus lhe dê muita saude  
E à familia tambem.  
Bom dia senhora dona,  
Rainha da fidalguia,  
Deus dê saude ao seu dono  
Para a sua companhia.  
Aqui tem na sua frente  
Estes dois pobrinhos juntos,  
Fazei-lhe uma esmolinha  
Por alma de vossos defuntos.  
Ó meu nobre benfeitor,  
Nós vimos cumprimentar,  
A vós e vossa familia,  
Deus os queira abençoar.  
O senhor José Martins,  
A honra da freguesia,  
Sois a pessoa mais nobre,  
Sois o rei da valentia.

O vestuário dos foliões era opa de chita vermelha enramada, com grande gola branca redonda, e na cabeça, amarrado com as pontas para traz, um lenço vermelho de barra branca.

A' hora da coroação regressavam a casa do Imperador para acompanharem o cortejo que abriam.

No caminho organiza-se o cortejo, homens atraz e mulheres à frente, e distribuem-se as insígnias. Havendo, como geralmente ha, mais de uma corôa a primeira é entregue ao criador do bezerro, ou seu representante, e as outras a pessoas de família ou distinção.

As bandeiras dão-se a rapazes novos, parentes, afilhados ou vizinhos e, se a mestra da função ou a cozinheira tem algum filho no cortejo, a este pertence uma das bandeiras de preferência a todos. As tochas das corôas cabem aos Imperadores dos outros domingos ou seus representantes, e as que acompanham as bandeiras, uma de cada lado, a rapazes novos parentes ou vizinhos. Como já se disse a vara do viador é entregue ao rapaz que tocou a campainha nos terços e vai no meio do cortejo endireitando as filas.

Seguem todos para a igreja a cantar a Ave-Maria. Se a filarmónica acompanha não se canta.

À porta da igreja, da parte de dentro, está o pároco a aspergir com água benta os que vão entrando.

Começa então a missa e, dita ela, o pároco procede à coroação cantando o *Véni-Creator*.

À entrada e saída o pároco vai atraz das corôas a cantar a *Magnifical*, terminada a qual os Imperadores, voltados para ele, fazem-lhe uma reverência e traçam no ar uma cruz com o cetro como se o abençoassem.

No geral coroam homens e não crianças, mas nem sempre o chefe da família. Às vezes fazem-se promessas como a de coroar um filho que esteve doente e melhorou.

Quando entra ou sai a coroação o sino repica, e ao levantar a Deus na missa deitam-se três foguetes à custa do Imperador que, de corôa na cabeça, regressa a casa onde se observa complicado cerimonial dirigido por meio de cantigas improvisadas pelos foliões, quando os ha.

Ó meu nobre imperador  
Faz favor de ajoelhar,  
Meu nobre pagem da corôa  
Faz favor de o descoroar.

Eu vou daqui para as ilhas,  
Das ilhas para a Madeira,  
Entregai o estandarte  
Meu alferes da bandeira.

Ó meu nobre imperador  
Tomai o vosso lugar,  
P'ra daqui a instantinho  
Mandar-nos vir o jantar.

Vão todos então para a mesa.

No meio da mesa do Imperador ha um pequeno trono onde se colocam as corôas, que ali permanecem até ao fim do jantar, e a ella se sentam os portadores das insígnias e os foliões que, depois de todos sentados, começam a pedir em cantigas as iguarias.

O jantar consta de sôpa de carne, carne cozida, alcatra e pão de trigo feito com ovos e assucar, *pão de mesa*, de grandes dimensões (quatro por alqueire), regado com vinho alegrador e inspirador dos foliões.

Começam as cantigas destes :

Minha nobre Imperatriz  
Botai p'ra cá a sopinha,  
Para a gente a comer  
Saborosa e bem quentinha.

Venha a carne para a mesa  
Em travessas repartida,  
O pão dôce e mais o vinho,  
Que é uma bela comida.

Venha agora a alcatra assada  
Com seu molhinho bem feito,  
Com pimenta e pau de cravo,  
Que é coisa que tem geito.

Comida a alcatra termina o jantar.

Os rapazes deitam então nos copos vinho e confeitos e mandam às raparigas.

Nem todos, porem, o fazem ; só alguns que querem agradar às namoradas ou, por esse meio, encetar namôro.

Antes de se levantarem o rapaz que nos terços durante a semana pediu Padre-Nossos, pede agora pelas mesmas intenções e todos rezam de pé em voz alta, e os foliões, com suas cantigas, percorrem a mesa para lhes darem dinheiro.

Organiza-se depois o cortejo.

Os *pagens das corôas*, põem-nas na cabeça dos Imperadores que assim as vão levar à casa do Imperador do domingo seguinte, onde são recebidos pelo modo já descrito. Entrados ajoelham sobre almofadas e os pagens tiram-lhes as corôas, que entregam ao dono da casa ; voltam depois para suas casas acompanhados dos foliões a quem oferecem uma alcatra e um pão de mesa.

Nas semanas dos bôdos, Pentecostes e Trindade, tudo segue na mesma ordem pelo que respeita à coroação, mas ha mais os mordomos, oito para cada bôdo, cada um dos quais cose um saco (6 alqueires) de pão destinado aos pobres que não podem coze-lo em suas casas.

As esmolas de pão e carne são dadas no sabado no largo junto à igreja onde tambem está o *imperador*.

Nos dois sabados ha lugar à coroação, à tarde, dos mordomos que a sorte designa entre os oito. Para esse efeito vão os mordomos buscar as corôas a casa do Imperador, levam-nos à igreja onde são coroados e, acompanhados pelo pároco, dam uma volta em torno das esmolas estendidas em táboas ou bancos, por modo que os coroados fiquem à cabeceira. Nesta altura o pároco benze as esmolas que são entregues por ele aos portadores de bilhetes, a cada um dos quais se oferece um pequeno copo de vinho.

No cortejo só tomam parte mulheres.

Bentas as esmolas os mordomos põem as corôas no império e as mulheres sentam-se nas varandas, e as raparigas, olhando os namorados se os têm ou, se os não têm, procurando arranja-los pois é, por via de regra, neste dia que os namoros principiam, em quanto a filarmónica toca num corêto para isso armado. Quando por qualquer circunstância não ha concerto da filarmónica, tocam violas e cantam ao desafio.

No domingo do bôdo tudo se passa como nos outros, mas as

corôas, em vez de irem para casa do Imperador, vão para o *império* depois de se distribuir o pão e o vinho, bentos pelo pároco na dispensa (anexo ou dependência do império destinada a arrecadar as comidas) a seguir a descoroar os imperadores, pois, nesse dia o pároco acompanha as corôas e é quem as tira aos Imperadores.

Estes para o jantar apenas levam processionalmente para casa os cetros, que são espetados em três copos cheios de trigo colocados na mesa em lugar das corôas. O jantar nesse dia tem mais arroz doce de que se dá a cada conviva uma fatia espetada numa faca a seguir à alcatra. Depois do jantar o cortejo vai para o império e os homens das insígnias levam bandejas com rosquilhas grandes, travessas com carne assada e outras com arroz doce, garrafas de licor e respectivos copos, garrafas e copos de vinho, para as mulheres que vão no cortejo comerem e beberem durante a tarde e para a Imperatriz, que também está no *império*, mandar presentes às suas amigas que lá não tenham ido.

Para estes ha também uma grande bandeja de doces variados, nesperas, e uns pequenos pires de arroz doce, que as raparigas transportam na palma da mão.

A distribuição dos presentes faz-se do seguinte modo : Os homens que levaram as bandeiras e as corôas, com umas toalhas brancas enfeitadas com fitas de várias côres, pregadas no ombro esquerdo e com lenços de sêda na cabeça, acompanhados pelo viador com a vara e pelos foliões, andam toda a tarde a distribui-los. Cada presente consta de alguns doces, um pires de arroz doce, e fruta se a ha. Quando o distribuidor chega ao pé do destinatário, os foliões fazem o seu aranzel de saudações e só, findo ele, o presente é entregue. Para o transporte a Imperatriz arranja pequenos pratos de vidro.

Se o presenteado não está no arraial, levam-lhe a casa o presente.

O Imperador, por sua vez, sai de quando em quando ao arraial, a convidar os seus amigos a irem ao império comer e beber alguma cousa. Dentro do império tanto o Imperador como a Imperatriz estão sentados junto duma mesa e nada fazem.

Alem desta mesa ha outra dos procuradores com aguardente e fatias de massa sovada para as pessoas que vão pagar promessas, às quais o Imperador também oferece alguma cousa da sua mesa.

Os objectos oferecidos ao Espirito-Santo são arrematados nos intervalos da música.

Ao cair da noite vão levar o Espírito-Santo a casa do Imperador do segundo bôdo (Trindade), no qual tudo se passa como no primeiro.

Se são coroadas crianças deitam confeitos na corôa e às que acompanham o cortejo oferecem, às vezes, fatias de pão de mesa.

Na segunda-feira de qualquer dos dois bôdos, o pão que restou é distribuído pelas casas pobres na proporção do numero de pessoas de família, e da distribuição se encarregam procuradores e mordomos da festa.

O povo tem o conceito de ser o Espírito-Santo muito vingativo, pelo que põe o maior cuidado em pagar escrupulosamente as promessas que lhe faz e não ser castigado.

Em abono desta ideia conta vários casos.

Um homem, por exemplo, tinha destinado um bezerro para a função do Espírito-Santo, mas gostou dele por ser bonito e substituiu-o por outro. Quando estavam a matar este, morreu aquele num cerrado proximo.

Os foliões e os presentes acima referidos tem caído em desuso e quasi desapareceram já.

Na freguesia ha, como já se disse, uma irmandade do Espírito-Santo na qual se inscrevem as pessoas que desejam fazer parte dela, cujos nomes são lançados num caderno.

Não pagam quotas, mas os sócios ou irmãos obrigam-se a ser Imperadores e mordomos quando não haja quem voluntariamente a tanto se preste.

Os Imperadores são os que corôam e fazem a festa em cada uma das semanas; os mordomos são os que tem à sua conta fazer os peditórios para compra do vinho, cozer o pão para o bôdo e esmolas e dar a carne para as esmolas. Os peditórios fazem-se separadamente pelos oito mordomos de cada bôdo.

No dia aprazado vão todos com um carro de bois pedir pelas casas da freguesia e recebem cambadas de milho, aboboras, mogangos, batatas, que depois vendem em arrematação, ou dinheiro de quem não tem aqueles géneros.

Com o producto da venda compram o vinho e se por luto ha famílias que não vão ao bôdo e contribuíram para ele, levam-lhe o vinho a casa.

Os carros do peditório são enfeitados com bandeiras e os bois trazem campainhas ao pescoço.

Os Imperadores são designados à sorte para o que se faz uma porção de bilhetes e numeram-se tantos quantos os domingos. Um dos procuradores faz a chamada e o chamado mete a mão numa urna e tira um bilhete. A chamada repete-se tantas vezes quantas as precisas para sairem todos os bilhetes numerados. Às vezes os sorteados fazem trocas entre si, conforme as suas conveniências.

Os procuradores são verdadeiros gerentes da irmandade por ela eleitos. Para a eleição convocam-se todos os irmãos e são propostos os mais competentes. Nesse dia, antes da eleição, prestam-se as contas do ano findo e é esta a única vez que reúne a assembleia geral.

# Superstições comuns ao Brasil e aos Açores

Comunicação apresentada ao Congresso  
de Florianópolis — Estado de Santa Catarina. Brasil

pele Dr. Luís da Silva Ribeiro

Na «Revista da Academia Cearense» publicou, em 1910, Guilherme Studart, 335 superstições do Ceará, reproduzidas por Luís da Câmara Cascudo a páginas 298 da sua Antologia do Folclore Brasileiro.

Parte delas, algumas com pequenas variantes, existe nos Açores; mas do facto não pode concluir-se que tenham ido do arquipélago para o Brasil, pois são comuns ao continente português. A-pesar-disso não será descabido o confronto entre umas e outras, como contribuição para o estudo comparativo do folclore dos dois países.

## *Água.*

a) Não se dá o sobejo a beber a outra pessoa, porque esta fica a conhecer os segrêdos (Brasil).

Superstição generalisada em todo o Portugal — Figueira da Foz (1-47), Guimarães (2-348), mencionada por Leite de Vasconcelos (10-68) e Luís Chaves (13-138). Segundo Lima Carneiro (11-132) se são duas mulheres e ambas amamentam, secará o leite à primeira, crença semelhante à que existe no Barroso (20-91).

Na ilha Terceira a superstição é idêntica à brasileira, mas é para notar-se que nos brindes dos jantares de casamento todos os convivas bebem pelo mesmo copo.

b) Duas pessoas não devem lavar as mãos conjuntamente numa bacia, porque uma perde a felicidade em proveito da outra (Brasil).

Na Terceira diz-se que haverá desavenças entre ambas, e o mesmo se diz no continente (5-109).

### *Amulêtos*

a) A criança de peito deve trazer ao pescoço, ou no braço, uma figa de ouro, prata, ou principalmente de coral para evitar o mau olhar ou o quebranto (Brasil).

A figa é amulêto infantil muito generalizado por toda a parte e que vem de antigos tempos (28-556 e 570; 31).

Em regra não se usa isolada, mas sim em companhia de outros (13-158), que, na Terceira, são a meia-lua, o sino-saimão, às vezes o peixe, uma rodela ou pedacito de unicórnio, medalhas devotas e símbolos cristãos, a cruz, a ancora e o coração (fé, esperança e caridade). O mesmo se pratica em São-Miguel (24-10). A preferência dada ao coral deriva das virtudes mágicas da cor vermelha. Na Terceira chegam a amarrar ao cordão, ou cadeia metálica, que suspende os amulêtos, um pedacinho de pano vermelho e o mesmo fazem nos animais. Igualmente usam o raminho ou galho de coral ou massa vermelha.

b) Em lojas e vendas encontram-se pregadas à parede ferraduras de cavalo, e isso para trazer felicidade no comércio (Brasil).

A crença na virtude da ferradura está espalhada em Portugal.

Existe na Figueira da Foz (1-49), Santo Tirso (17-255), Barroso (20-92), noutras localidades (10-100) e ainda no estrangeiro (26-205).

Na Terceira, à semelhança do que se pratica noutras partes (13-128), pregam-a na face interna da porta de entrada da casa e preferem a ferradura do pé esquerdo, a qual, todavia, para ter virtude, deve ser encontrada por acaso no caminho.

c) Pregar uma moeda na gavêta do balcão é chamar a fortuna para o logista ou mercieiro. Do mesmo expediente usam os engraxates sobre o caixão de engraxar (Brasil).

Na Terceira, além disto, pregam-se as moedas falsas, sobre tudo

de cobre, inadvertidamente recebidas pelo comerciante, sobre o balcão da loja.

Da moeda como amulêto em Portugal, tratou largamente Leite de Vasconcelos (28-111).

d) Alguns donos de mercearia ou venda usam tambem do chifre para chamar freguesia (Brasil).

Na Terceira, como no Barroso (2-92), o chifre é de carneiro preto.

Põem a ponta pregada na armação da loja ou no descanço do relógio, às vezes dourada a purpurina e enfeitada com um pequeno laço de fita encarnada. O chifre, geralmente considerado como livrando do quebranto, é preventivo aconselhado por antigos médicos contra a fascinação (30-83), dando felicidade a quem o traz.

### *Animais.*

a) Canto de galo, ao anoitecer, é sinal de fuga de alguma moça (Brasil).

Na Beira, antes da meia-noite, diz haver rapariga solteira grávida (8-160), e comumente considera-se mau agouro. Nos Açores (Terceira e São Miguel (23), antes da meia-noite, anuncia vinda de navio do Brasil ou de Lisboa.

b) Canto de galo em noite escura é sinal de infelicidade (Brasil).

Por todo o país o mesmo (10-151), no Cadaval (3-105), Turquel (21-67), etc.

c) Canto de galo junto de uma pessoa está a anunciar-lhe qualquer cousa (Brasil).

Na Terceira, proximo de casa onde se acha um doente, anuncia morte deste.

d) Em casa onde a galinha cantou como galo haverá morte de alguém. Para preveni-lo mata-se logo a galinha (Brasil).

É consequência da natural repugnancia do povo pelos seres anormais (27-8), e existe por todo o país (10-153, 29-1357) designadamente na Figueira da Foz (1-53), Santo Tirso (17-40), Turquel (21-67), Barroso (20-30).

Em São Miguel crê-se o mesmo (23) e por isso, diz-se na Terceira, — «Galinha que canta como galo, force-se-lhe o gargalo.

e) Gato preto encaipora a casa (Brasil).

Em Guimarães é bom agouro (2-126), e no Alentejo o agouro mau é com o cão prêto (13-129). Diversas superstições com animais prêtos existem nos Açores (14-159) e, embora pouco generalizada, ha uma superstição terceirense idêntica à brasileira.

f) O gato tem sete fôlegos, por isso custa tanto a morrer (Brasil).

Crêem o mesmo no continente português (10-173) e, na Terceira, diz-se que, por esse motivo, pode cair de grande altura sem sofrer dano.

g) Quem mata gato tem sete anos de atrazo (Brasil).

De trabalhos diz-se em Portugal — Turquel (21-41), Santo Tirso (17-41) e nos Açôres — São Miguel (24-45, 25-96) e Terceira. Os modernos condutores de automóveis fazem toda a diligencia para não matarem gatos com o carro, receando o agouro.

h) Uivo de cão à noite é sinal de morte e, para fazer calar o cão, emborca-se o sapato (Brasil).

Em Portugal considera-se mau agouro e, para conjurar os seus desastrosos efeitos, usa-se o mesmo meio (10-168, 13-130), preferindo-se o sapato do pé esquerdo. Em Santo Tirso é sinal de virem cães danados (Revista Lusitana, XIX-257), e noutras localidades simplesmente prenuncio de morte ou desgraça — Beira (7-161), Figueira da Foz (1-53), Cadaval (3), ilha de São Miguel (24-44, 25-96), Terceira, etc.

i) Entrada de beija-flor prêto ou borbolêta prêta numa casa é mau agouro; a de uma esperança é felicidade (Brasil).

Aqui o elemento principal é a côr, posto que, por si só, a borbolêta seja agourenta. Os franceses dizem — *papilon au matin chagrin, au soire espoire*. No Cadaval (3-105) e na Figueira da Foz (1-76) ha crença idêntica, mas no Barroso (20-97) como noutras terras, (29-1264) é o besouro. Em Turquel (21-70) a borbolêta branca anuncia boas noticias e só a prêta mau agouro. Em Santo Tirso (17-40) a borbolêta branca é bom persagio, e as aranhas prêtas mau. Em São Miguel borbolêtas à noite a queimarem-se na luz, sendo brancas prognosticam boas novas, sendo prêtas, más (10-25, 94).

j) Cachorro urinar à porta é sinal de ventura (Brasil).

O mesmo no continente (Barroso, 20-98) e na Terceira.

k) Para fazer um cão acostumar-se a uma casa basta enterrar no batente da porta do quintal alguns cabelos da ponta da cauda e ele não fugirá mais (Brasil).

No continente (10-171), Turquel (21-71), Santo Tirso (17-36), untam as patas do gato com azeite, e o mesmo praticam na Terceira tanto no gato como no cão. Para conhecer bem o dono, este cospe-lhe no focinho.

*l)* Quando o calongo entra pela casa dentro é sinal de boas notícias ou de dinheiro (Brasil).

No continente a entrada de mosca vareja prenuncia visitas (10-136) e, mesmo em São Miguel (10-25 e 93). Na Terceira a entrada de zangão.

*m)* Em casa em que ha pombal a fuga dos pombos é anúncio de desgraça próxima (Brasil).

Na Terceira crêem o mesmo, por isso se diz—«Casa de pombos, casa de tombos»; e em São Miguel ha igual preconceito (24-46 e 25-95). Quem os tem deve conserva-los sempre. Assim o julgam igualmente na Beira (8-158) e na Figueira da Foz (1-53); mas em Gaia a casa que não tem pombos é que se considera desafortunada (10-157). As rôlas tambem são agourentas (13-128).

*n)* De obra de execução muito demorada se diz que está enterada nela alguma caveira ou queixada de burro (Brasil).

O mesmo no continente (10-176) e na Terceira, onde de qualquer trabalho intrincado ou moroso, se diz que tem caveira de burro ou dente de cavallo.

*o)* Não se deve espanar teias de aranha para não espantar a felicidade (Brasil).

São muitas entre nós as superstições com aranhas quase sempre mais ou menos ligadas a dinheiro. Na Terceira quanto mais pequenas são melhor e, segundo alguns, para o dinheiro vir, devem matar-se com o dedo mínimo.

### *Astros.*

*a)* Quem aponta as estrelas cria verrugas (Brasil).

O mesmo na Terceira e em São Miguel (23), bem como por todo Portugal (10-26), na Beira (7-162), no Barroso (20-97), Turquel (21-71), e ainda na Itália (26-266).

*b)* Para fazer crescer a fortuna toma-se uma cédula ou uma moeda e, mostrando-a à lua diz-se três vezes :

Deus te salve, lua nova,  
Clara e resplandecente,  
Quando vieres de outra vez  
Traze-me desta semente.

Leite de Vasconcelos regista fórmulas semelhantes no continente (10-20) e nos Açôres basta mostrar-lhe o dinheiro (23).

### *Casa.*

a) Para fazer com que se retire uma visita muito demorada, põe-se uma vassoura atrás da porta, ou sal dentro do fôgo, ou viram-se as cadeiras de pernas para o ar. Se a visita tem hernia, ao estalar do sal, a hernia ronca (Brasil).

Na Beira abrem tambem a tenaz do lume detraz da porta (8-157) e na Terceira uma tesoura, e a vassoura com a rama para cima, o que noutras localidades é sinal de haver desordem (Revista Lusitana, XXI-33). Não se conhece superstição semelhante à da hernia.

b) Quando alguém muda de uma casa para outra, a primeira cousa que deve enviar é um pouco de sal, e, ao entrar na casa, pisar com o pé direito e tratará de fazer logo fôgo (Brasil).

No continente lenha e sal, mas no Porto azeite, pão, vinho, carqueja e carvão (10-252). Na Terceira mandam sal e fermento, o mesmo fazendo em São Miguel (23), salvo em Vila Franca do Campo onde mandam resteads de cebolas, fermento, sal e pimenta (24-36). A superstição de entrar com o pé direito é antiga. Dela fala São Martinho no *De correctione rusticorum*, citado por Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Luzitania*.

c) Varrer a casa de noite é arriscar-se a morrer inchado (Brasil).

Muitas são as superstições referentes ao varrer a casa de noite. Em Guimarães é isso mau (2-357) e na Figueira da Foz varrer para a rua. Na Beira (7-169), como em São Miguel (23, 24-34) e na Terceira, deitar fora o lixo leva a fortuna. No Barroso (20-93), em Turquel (21-71) e noutras partes (13-128) existem credices semelhantes.

d) Passar a vassoura, ao varrer a casa, pelos pés de um transeunte, é condena-lo ao celibato (Brasil).

O mesmo nos Açôres e no continente (10-224, 21-68, 24, 22, etc).

e) Velho que reedifica um prédio não chega a ver a sua conclusão, ou morre pouco depois de terminar a casa (Brasil).

Nos Açôres dizem: — «Casa nova, tumba à porta».

f) Quebrar espelho é procurar infelicidades (Brasil).

É superstição vulgarisadíssima (10-241, 20-97, etc.) que, nalgumas partes, se estende a qualquer vidro (29-1265). Nos Açôres, tanto em São Miguel como na Terceira, existe igualmente.

g) Abrir o chapéu de sol dentro de casa é chamar o Santíssimo (Brasil).

Isto crêem também em Guimarães (2-349), e na Beira é agouro de morte (8-168). Na Terceira é pessimo agouro, como entrar no quarto de cama levando uma galinha, neste caso, por obra da assimilação de pena desgosto com pena de ave, tão frequente no cancioneiro.

### *Casamento.*

a) Prender com um alfinete o vestido da noiva, ou pôr na cabeça a grinalda, atrai logo casamento (Brasil).

Na Terceira os rapazes e raparigas solteiras guardam alfinetes, que tenham servido à noiva, e flores de laranjeira da grinalda ou outro enfeite.

b) Quem se levantar primeiro da cama no dia seguinte ao casamento é que morre primeiro (Brasil).

No continente o que primeiro se deita (10-221) e nos Açôres, como lá também, o que primeiro se deitar ou apagar a luz (24-30, 31).

c) Quando chove em dia de casamento se diz que a noiva comeu na panela (Brasil).

É sinal de felicidade em Portugal (10-224, 7-167, 20-90), e nos Açôres, no parecer de uns é bom 'no de outros mau, por anunciar lágrimas.

d) Dádiva de lenço ou anel é malquerença futura, para evita-la é preciso retribuir a dávida com uma moeda de dez reis (Brasil).

O lenço e o anel são, em geral, prendas de namorados (13-57, 59); mas ha quem julgue a oferta do lenço mau agouro por servir para enchugar lágrimas e, por isso, aconselhe a troca por uma moeda de pequeno valor, simulando compra (10-217). Nos Açôres, como aliás

tambem no continente (Revista Luzitana, XXV-70, 29-1348, 32), as raparigas bordam lenços para oferecerem aos noivos.

e) Quatro pessoas, que se cumprimentam, cruzando as mãos, cortam casamento (Brasil).

É superstição açoriana e continental, mas entre nós agoura morte (1-54, 2-330), o que melhor se coaduna com as ideias que o povo liga à cruz (29-593).

f) Dois casamentos no mesmo dia numa casa trazem infelicidade a um dos casais (Brasil).

Nos Açôres não é preciso serem da mesma casa, basta serem na mesma igreja. O que primeiro dela sair leva consigo a fortuna e tira-a ao outro.

### *Comida.*

a) Deitar dinheiro em cima da mesa, na ocasião de estar posta para a refeição, chama pobreza e atrazo (Brasil).

Tambem em Santo Tirso (17-50) e na Terceira onde, para conjurar o agouro, havendo necessidade de pôr o dinheiro, se levanta a ponta da toalha para o colocar sobre a madeira.

b) Quebrar sem querer um copo numa festa ou entornar a água ou o vinho sobre a mēsa do banquete, é bom agouro (Brasil).

Entornar vinho é sempre alegria (13-133, 20-98), mas em Santo Tirso água é mau agouro. Na Terceira entornar vinho em qualquer ocasião é bom agouro; sal ou azeite mau.

### *Corpo humano.*

a) Quando se costura um rasgão do vestido que se traz no corpo, deve dizer-se: «Eu te cozo vivo e não morto».

É superstição corrente (10-252). Na Terceira explicam que se coze conjuntamente a pessoa, e se esta for mulher grávida não poderá parir sem descozerem a roupa.

b) Usa-se cortar um pouco de cabelo e pô-lo no olho da bananeira para crescer depressa (Brasil).

O mesmo se pratica em Portugal, tanto continental como insular, sendo, porem, a planta escolhida ora a silva (Revista Luzitana, XXV-

-33, XXVIII-254) ora a cana (Turquel, 21-73; ilha Terceira). O costume integra-se nas tradições populares do São João.

c) Quando a orelha direita de uma pessoa está quente é que estão falando bem dela, se, porem, é a esquerda estão falando mal. No último caso morde-se o talho da camisa, porque então o maldizento morde a língua e se cala (Brasil).

A mesma crença na Figueira da Foz (1-47) e na Beira (7-166), Turquel (21-69), Barroso (20-97), Santo Tirso (17-49), mas nalguns lugares deve-se dar um nó no lenço (10-258) ou uma dentada na manga da camisa (24-35). Na Terceira ha a mesma superstição com chiar um ouvido.

d) Sentir coceira na palma da mão é prenuncio de receber dinheiro ou alguma dádiva (Brasil).

Segundo o povo terceirense comichão no anus ou na ponta do nariz prognostica calote.

e) Quem sua muito das mãos ficará curado se as esfregar nas paredes da igreja (Brasil).

O remédio em Vila-Franca do Campo consiste em entrar e dizer: «A primeira vez que nesta igreja entrei, o suor das minhas mãos aqui deixei». As palavras operam a cura sem necessidade de passar as mãos na parêde. O essencial é ser igreja em que nunca se tenha entrado.

### *Cousa perdida.*

a) Para encontrar cousas perdidas promete-se gritar três vezes por São Dino. Achada a cousa diz-se: — São Dino é o santo mais milagroso da Corte-Celeste. Outros prometem dez reis a Santo Antonio (Brasil).

Na crença popular portuguesa Santo Antonio é especialmente invocado para achar o perdido (32) e a forma de promessa é frequente noutros casos. São Dino é desconhecido na Terceira.

### *Criança.*

a) Quando uma criança nasce com um sinal vermelho no corpo foi que a mãe pôs dentro da camisa alguma flor ou guabiraba (fruta).

Se manchas brancas foi semente de laranja, se manchas pretas foi pele de fumo (Brasil).

Tambem em Portugal se relacionam os sinais no corpo da criança com certos actos da mãe no período de gravidez. Na Beira atribuem-nos a ter trazido colares (7-165), noutras localidades objectos ao pescoço (13-254). No Barroso (20-89), como na Terceira, basta cheirar flores para que as malhas vermelhas apareçam.

b) Se uma mulher grávida põe ao seio uma chave, o menino traz o beijo rachado (beijo leporino), se uma medalha traz no corpo algum sinal (Brasil).

O mesmo, quanto ao beijo, em Guimarães (2-263), Santo Tirso (17-30) e Terceira. A chave, segundo o parecer de outros, provoca tambem sinais no corpo da criança (10-201).

c) Passar o pente sobre os seios faz secar o leite (Brasil).

No Barroso mete-se um pente entre os seios (20-91) e na Terceira, para as *dadas*, simulam pentear os seios em quanto recitam um ensalmo.

d) Para que o recém-nascido seja feliz atira-se o umbigo nas ondas do mar (Brasil).

O cuidado com o umbigo existe por toda a parte, principalmente para evitar que seja comido por algum animal, em particular o rato. (Revista Lusitana, XIX-233 e 85; 16-93, 5-109). Ha todavia quem julgue que deve ser comido por um galo para a criança vir a cantar bem (Revista Lusitana, XIX-38). Em Vila-Franca do Campo queimam-no (24-11), e na Terceira receiam que seja comido pelos gatos e atiram com ele para o telhado da casa, ou enterram-no na cozinha em lugar em que ninguem possa pôr os pés.

e) A criança ao nascer é banhada em água morna com vinho do Porto, e põem na bacia uma moeda ou outro objecto de ouro para que o recém-nascido seja rico e feliz (Brasil).

O mesmo costume existe por todo o Portugal (10-69, 2-51, 17-30). Em Vila-Franca o dinheiro é deitado às escondidas pelos avós e fica pertencendo à parteira (24-12), e na Terceira botam mais louro para a criança cheirar bem.

f) Menino ainda pagão não deve dormir às escuras (Brasil).

O mesmo nos Açôres e no continente (5-112, 7-159, 2-54, 17-30, etc.) Note-se a denominação pagão dada no Brasil como na Terceira

à criança antes de batizada. A designação mais frequente é mouro.

g) Criança no leito a sorrir é que está a conversar em sonhos com outras crianças que morreram pagãos (Brasil).

A superstição portuguesa diz que fala com os anjinhos (7-158, 16-96 etc.)

h) Não se põe menino de peito deante do espelho sob pena de se lhe retardar a fala (Brasil).

Existe esta superstição em Portugal (10-204), designadamente na Beira (7-158) e no Barroso (20-91), como na Terceira e em São Miguel (24-15).

i) Menino que à noite brinca com fôgo, urina na rêde (Brasil).

Comum em Portugal (10-35, 20-95) e na Terceira.

j) Individuo que chorou no ventre materno ou nasceu implicado, é por certo afortunado. E' tambem sinal de profeta (Brasil).

Chorar ou falar no ventre materno torna o individuo adivinho, segundo a crença popular (Terceira e continente, Revista Luzitana, XXV-39, 17-45, etc.) O resto como no Brasil.

k) Quem dá e torna a tirar/Vira a corcunda para o mar (Brasil).

As crianças terceirenses dizem: «Quem dá e torna a tirar/Ao inferno vai parar», ou «Nasce-lhe uma giga nas costas», fórmula esta mais próxima da brasileira.

l) Andar de costas agoura os pais (Brasil).

Em Portugal ensina o caminho ao diabo (Guimarães 2-284), Figueira da Foz (1-66), Santo Tirso (17-50), Barroso (20-97).

m) As unhas de uma criança devem ser aparadas pela primeira vez por pessoa que tenha boa voz, para que possua dote igual (Brasil).

Em Guimarães, (2-44), Barroso (20-91), Povoia de Varzim (16-95) e noutras partes, como na Terceira, devem ser roídas, porque corta-las com tesoura retarda a fala. Na Beira é a madrinha quem as deve cortar (7-157).

n) Quando se extrai um dente podre a uma criança, esta atira o dente ao telhado da casa, proferindo as palavras :

Mouro, Mourão,

Toma teu dente podre,

Dá cá o meu são. (Brasil)

Na Terceira faz-se o mesmo, mas o dente atira-se de costas para o telhado e diz-se :

Mouro, Mourão,  
Toma lá um dente podre  
E dá-me um são.

Cousa semelhante se pratica por todo o país (10-205) invocando-se nalgumas partes São João, na Beira Palheirinho Palheirão, ou Cinza Cinzão (7-160), deitando-se o dente para cima do forno em Santo Tirso (17-244). No Barroso (20-87) diz-se «Dente fóra, dente fóra ... na cova».

Ainda cousa identica em São Miguel (24-16).

o) Passar uma criança entre as pernas de quem faz com que não cresça (Brasil).

p) Passar por cima de outrem traz-lhe enguiço (Brasil).

q) Passar a perna sobre a cabeça de quem paraliza o crescimento (Brasil).

As três superstições estão intimamente relacionadas e existem nos Açores (24-16) e no continente (10-259) onde é enguiço.

Quando na Terceira uma criança salta por cima de outra que está deitada no chão diz: — «Eu te enguiço, pela porta do carriço, que não cresças mais do que isso». Para desenguiçar salta de novo em sentido contrário.

r) Não se deve chamar bonita uma criança sem acrescentar Benza-a Deus (Brasil).

Benza-te Deus é frase que se destina a prevenir o quebranto, que pode resultar de inveja ou mau olhado. Na Terceira dizem também Deus te guarde e Gil Vicente emprega a forma Benza-te Deus na *Rubena*.

### *Dias nefastos.*

a) Ninguém emprenda negócio qualquer no 1.<sup>o</sup> de Agosto (Brasil).

Também em Portugal é dia nefasto (29-1304) e na Terceira dizem: «Casamento em Agosto traz desgosto».

b) Não se deve emprender viagem no dia de São Bartolomeu (24 de Agosto), porque nesse dia o demónio anda solto.

Que o demónio, que na iconografia católica São Bartolomeu tem amarrado aos pés, se solta nesse dia durante algum tempo, é crença

generalizada no país que existe em São Miguel e na Terceira, (1-67, 21-68).

c) Pagamento de conta em segunda-feira obriga a pagamentos durante toda a semana (Brasil.)

Na Terceira existe crença idêntica que se estende a outros factos além das contas — contratemplos, arrelias, etc.

### *Fôgo.*

a) Cuspir no fôgo faz secar a saliva (Brasil).

O fôgo é sagraço; saiu da boca de um anjo (7-164, 10-36), por isso não se deve suja-lo (1-77, 17-50, 13-131). No Barroso dizem ser judeu quem cospe no lume (20 95), e na Terceira diz-se que cuspir no fôgo intesica.

b) No fogão da cozinha, quando a lenha crepita, é sinal certo de alguém estar falando mal dos donos da casa (Brasil).

É superstição generalizada em Portugal (10-35, 2-93, 13-132, 20-69, etc.)

Na Terceira significa o mesmo, e em São Miguel estalar a luz anuncia presente.

### *Morte.*

a) Baú ou gaveta aberta chama a morte para casa (Brasil).

Na Terceira abrir qualquer caixa, quando se sai, abre a sepultura (12-310), e o mesmo em São Miguel (24-45).

b) Dormir com os pés para a porta é agouro de morte (Brasil).

Como na Beira (9-219), na Figueira da Foz (2-53) e por todo o continente (10-25); na Terceira acredita-se o mesmo e em São Miguel que faz morrer mais cedo (24-32).

c) Passar enterro à porta é mau agouro (Brasil).

Quem estiver doente deve sentar-se na cama (8-169, 10-243, 17-49 e Terceira) por isso, em São Miguel, não é bom estar dormindo. Ainda na Terceira agoura mal um cortejo de casamento encontrar-se no caminho com enterro, ou passar por casa onde haja defunto.

d) Havendo treze pessoas à mês, ou morre a mais velha ou a mais nova (Brasil).

É superstição corrente por toda a parte. O numero treze é agou-

rento (29-1343). No país encontra-se generalizada (10-228, 1-53, 7-166, 3-107, 17-49) e nos Açores. Em São Miguel morrerá um qualquer dos treze (23).

e) Cair retrato ou espelho da parêde é morte do dono ou dona da casa (Brasil).

É como a antecedente generalizada e liga-se à superstição já referida de partir espelho. Em Vila Franca se o retrato é de pessoa viva, cair significa morte ou doença dela; se é de pessoa falecida *estar penando* (24-34).

f) Dizerem duas pessoas a mesma palavra ao mesmo tempo é sinal que não morrem naquele ano (Brasil).

O mesmo em Portugal (Guimarães 2-348), Figueira da Foz (1-53) e na Terceira. Abrirem a boca ao mesmo tempo prenuncia que serão compadres (10-253), e nalgumas localidades as duas pessoas, depois de proferirem a mesma palavra, devem apertar as mãos (Revista Lusitana, XXVIII-256).

g) A agulha com que se coze mortalha deve ir com o defunto para a cova (Brasil).

São muitas as superstições com as agulhas. Na Terceira a que serviu para cozer mortalha guarda-se afim de ser pregada, sem ele saber, na parte interna da gola do casaco que um rapaz levar à inspecção para o serviço militar, e ficar livre dele.

h) Pessoa que morre em dia de chuva vai para o céu; se é em dia de grande ventania, para o inferno (Brasil).

Na Vila Franca chover durante o enterro é bom, porque a chuva lava os pecados (24-46).

i) Comer ou beber qualquer cousa com uma vela acêsa na mão chama a morte (Brasil).

Em Portugal endoidece (9-222, 10-41, 20-95, 21-73, etc.) e o mesmo nos Açores.

j) Doente que muda de cabeceira na cama está para morrer (Brasil).

Tambem entre nós (Revista Lusitana, XXV 33).

### *Praga.*

a) O esconjuro ou praga rogada ao meio dia tem mais efeito do que em outra qualquer hora (Brasil).

Nos Açôres, como no continente (7-171, 10-213, 21-69), é entre a elevação na missa da hostia e do calixe, momento solene em que as súplicas são atendidas, propício a encantamentos diversos (26-153). A hora do meio dia é especialmente considerada pelo povo brasileiro, pois, segundo outra superstição cearense (6), nela se não deve sair de casa.

### *Sonho.*

a) O sonho mau não se conta estando em jejum, sob pena de se realizar (Brasil).

Na Terceira, como em São Miguel (25-61) o sonho mau deve dizer-se antes do sol nascer; e o bom deve guardar-se até ao dia seguinte.

b) Sonhar com dentes é morte, se com os da frente é morte de parente próximo (Brasil).

Na Terceira e em São Miguel (25-60) sonhar que caem dentes, sejam quais forem, é morte de parente, e em Santo Tirso doença (17-50).

### *Tempo.*

a) Cobrir os espelhos com vestidos de sêda evita a queda de raios (Brasil).

Na Terceira cobrem-se com qualquer pano ou voltam-se com as costas para fora.

b) Palma benta do Domingo de Ramos queimada acaba a trovoadá (Brasil).

Em Guimarães basta tê-la em casa (2-174) e na Terceira, como na Povia de Varzim (16-162), põem-na à cabeceira da cama. Também a metem no leito do barco.

c) Chuva com sol é que a raposa está casando (Brasil).

Nos Açôres é casamento de feiticeira (15-15) e na Terceira dizem: «Tempo a alforrar, feiticeira a se casar». Alforrar, diz-se chover e fazer sol, por favorecer a alforra dos trigos.

## NOTA BIBLIOGRAFICA

1. M. Cardoso Martha e Augusto Pinto. «Folclore da Figueira da Foz», vol. 2.º. Esposende, 1913.
2. Alberto V. Braga. «De Guimarães». Esposende, 1924.
3. M. Cardoso Martha. «Folclore de Cadaval». Esposende, 1934.
4. P.º Firmino A. Martins. «Folclore do Concelho de Vinhais», vol. 1.º. Coimbra, 1928.
5. A. Lima Carneiro. «Algumas superstições comuns a Portugal e ao Brasil», na *Brasília*, vol. 3.º, pág. 109 a 120.
6. Luís da Camara Cascudo. «Antologia do Folclore Brasileiro», São Paulo, s/d.
7. Jaime Lopes Dias. «Etnografia da Beira», vol. 1.º, Lisboa, 1926.
8. Idem, vol. 3.º, Lisboa, 1929.
9. Idem, vol. 5.º, Lisboa, 1939.
10. J. Leite de Vasconcelos. «Tradições populares de Portugal». Porto, 1882.
11. A. Lima Carneiro. «A alimentação da criança na primeira infancia», no Congresso do Mundo Português, vol. 18.º, pág. 126.
12. P.º Inocencio Enes. «Tradições populares da freguesia dos Altares, da Ilha Terceira», no *Boletim* do Instituto Histórico, vol. 3.º, pág. 289.
13. Luís Chaves. «O amor português». Lisboa, 1922.
14. P.º Ernesto Ferreira. «Ao espelho da tradição». Ponta Delgada, 1943.
15. Francisco Carreiro da Costa. «O tempo na linguagem popular micaelense», na *Açoreana*, vol. 3.º
16. A. Santos Graça. «O Poveiro». Povoia de Varzim, 1932.

17. A. C. Pires de Lima. «Tradições populares de Santo Tirso», na *Revista Lusitana*, vol. 18.º, pág. 17 e 282.
18. Claudio Basto. «Falas e tradições do distrito de Viena do Castelo», na *Revista Lusitana*, vol. 17.º, pág. 55.
19. Claudio Basto. «Silva Etnográfica», na *Revista Lusitana*, vol. 25.º, pág. 148.
20. Fernando Braga Barreiros. «Tradições populares do Barroso» na *Revista Lusitana*, vol. 19.º, pág. 77.
21. José Diogo Ribeiro. «Turquel folclórico», na *Revista Lusitana*, vol. 20.º, pág. 54.
22. João de Vasconcelos. «Tradições populares», na *Revista Lusitana*, vol. 25.º, pág. 29.
23. Francisco Maria Supico. «Almanach do Archipelago dos Açores» para 1868. Ponta-Delgada, 1867, pág. 106.
24. Urbano de Mendonça Dias. «A Vila», vol. 4.º. Vila Franca do Campo, s/d.
25. P.e Ernesto Ferreira. «A alma do povo micalense». Ponta-Delgada, 1927.
26. Paul Sebillot. «Le paganisme contemporain». Paris, 1908.
27. Joaquim Pires de Lima e Fernando Pires de Lima. «Tradições populares de Entre Douro e Minho». Barcelos, 1938.
28. J. Leite de Vasconcelos. «Opúsculos», vol. 5.º Lisboa, 1938.
29. J. Leite de Vasconcelos. «Opúsculos», vol. 7.º Lisboa, 1938.
30. J. Leite de Vasconcelos. «Etnografia portuguesa», vol. 1.º Lisboa, 1933.
31. A. Tomaz Pires. «Amulêtos».
32. Armando de Matos. «Santo Antonio de Lisboa nas tradições populares». Porto, 1938.

# Ensalmos e orações da Ilha Graciosa

Colhidas por Manuel Machado de Avila

Para benzer a «Zirpela»

Jesus ia pelo caminho e encontrou S. Paulo e perguntou:

- Donde vens, Paulo ?
- Venho de Roma, Senhor.
- Que se conta por lá ?
- Muita doença de Zirpela e Zirpelão.

— Torna atraz, Paulo. Vai-te curar essa gente.

- Com quê, Senhor ?
- Com azeite dôce,

Água da fonte,  
E alecrim verde do monte.

Rezarás uma Ave Maria

Em louvor da Virgem Maria.

«Sume-te» daqui !

N. B. = Qualquer pessoa que tenha uso da razão pode benzer a «Zirpela». A cerimonia é feita com um galhinho de alecrim em-

bebido em azeite dôce e água fria, espargindo em cruces ao mesmo tempo que recita a oração supra. Depois, para evitar que a doença, se repita naquela pessoa, corta-se um limão ao meio, passa-se no local doente, escreve-se num papel o nome dêste e prende-se ao limão. Em seguida uma donzela que se chame Maria (solteira e virgem) toma-o e vai deitá-lo ao mar de costas para traz e diz : «Vai-te e não voltes mais».

(Colhida nos Fenais)

\*

Outra

- Donde vens, Paulo ?
- Venho de Roma.
- O que há por lá ?
- Muita doença de Zirpela e Zirpelona.
- Vira atraz, Paulo, e vai curá-la.

— Com quê, Senhor ?

— Com azeite dôce

E água da fonte

E alecrim do monte

Para que daqui não monte.

N. B. = Benze-se tambem com um galhinho de alecrim molhado em azeite dôce e água, mas em vez das cerimoniaes com o limão, corta-se o raminho de alecrim em três pedacinhos, cospe-se neles e atiram-se para traz das costas. Ao cabo de três dias, juntam-se e deitam-se no lume

Ao alecrim do monte chamam tambem «Alecrim dos defuntos». No final da reza tome-se «monte» por equivalente a «aumente».

(*Colhida na Fonte do Mato*)

\*

Contra o quebranto

A gente que to deu, Deus que to tire (benzendo) Pai, Filho e Espírito Santo, são três pessoas da Santíssima Trindade. Santa Ana pariu Maria, Maria pariu Jesus, Jesus baptisou Cristo e Cristo baptisou João lá no rio Jordão.

Jesus perguntou a João :

— Qual de nós está mais bem baptisado ?

— Sou eu, Senhor, pela vossa sagrada mão.

Se tens quebranto ou ramo de inveja ou ar ruim, fica são e salvo como Deus te deu no mundo.

Para que possas comer bem, Deus te tire todo o mal que o teu corpo tem.

N. B. = Enquanto se diz esta oração, faz-se constantemente cruces com a mão sôbre a pessoa aquebrantada ou, na falta desta, sôbre uma camisa pertencente à mesma. Qualquer pessoa pode benzer o quebranto, inclusivamente a mãe quando se trate de crianças.

(*Colhida no Carapacho*)

\*

Outra

Se tens quebranto

Eu to alevanto

Com a graça de Deus

E do Espírito Santo.

(*Colhida na Fonte do Mato*)

\*

Outra

Fulano . . . . (nome inteiro)

Nome que te puzeram na pia,

Em nome de Deus e da Virgem

Maria,

Eu te benzo e te persino

Com o sangue do justo Divino.

Meu Senhor Jesus Cristo! Se é quebranto, olho mau, ramo de inveja ou outra qualquer doença que de ti se queira tirar, naquele mar se irá botar e do poder do vivo ou do morto eu não te pari nem te criei, êste mal te tirarei em nome do Padre, do Filho e do

Espírito Santo. Arca fechada, piedosa Senhora! Este corpo não tinha perigo lá no vale do Jordão.

Cristo baptisou João e João baptisou Cristo. — Qual de nós está mais bem baptisado? — Eu, Senhor, pelas vossas santas mãos.

Primeiro Deus nasceu do que este mal foi dado e pela graça de Deus é de ti tirado.

Um Padre Nosso, uma Ave Maria e um Glória Patri.

(*Colhida no Rebentão — S.ª Cruz*)

\*

### Contra o quebranto nos porcos

Se tens quebranto eu to ale-vanto. Dois olhos maus to deram e com três to tiro, com três pessoas da Santíssima Trindade: Padre, Filho e Espírito Santo.

N. B. = Benze-se duas vezes por dia em 3 dias seguidos.

(*Colhida na Fonte do Mato*)

\*

### Deitar a peneira

Quando se quiere adivinhar uma coisa, espeta-se uma tesoura meia aberta no arco duma peneira, e duas pessoas, cada uma de seu lado, seguram, com o dedo indicador colocado por debaixo da «argola» da tesoura, a peneira que se conserva na posição vertical, e diz-se:

«Peneira que peneirarás todo

o pão da humanidade, quero que me digas a verdade».

Depois reza-se o Credo três vêzes, fazendo cruces sôbre a peneira com a mão direita aberta e com o dedo polegar virado para cima e diz-se à peneira, por exemplo:

«Se Manuel pensa em casar com a Maria, vira-te para mim; se não pensar em casar vira-me as costas».

Pouco depois as argolas da tesoura movem-se e assim a peneira traça a sorte que está reservada.

Esta reza serve para adivinhar tudo.

\*

### Para benzer o Côbro

Eu ia por um caminho, encontrei José e Maria e perguntei:

— Isto que seria? Será fôgo ou será côbro? Com que se «aparrará»? (aplacará?).

— Com a bondade do Padre Eterno e do Filho da Virgem Maria.

N. B. = Benze-se o côbro com uma faca qualquer, fazendo cruces. Depois pergunta-se ao paciente: — «*Queres que o corte?*» ao que êste deve responder: «*Tomara eu já!*» Em seguida corta-se uma palha, dizendo si-

multaneamente estas palavras : —  
*«Corto-te a cabeça e o rabo  
 para que não cresças nem en-  
 verdeças como a ama de Je-  
 sus Cristo não enverdeceu».*

*(Colhida em Fenais)*

\*

Oração contra as trovoadas

Senhor S. Jerónimo,  
 Santa Barbara Virgem,  
 Virgem gloriosa,  
 Linda como uma rosa,  
 Quando Deus nasceu  
 O mundo esclareceu.  
 Salva a mim, salva a ti,  
 Não salves moiro judeu  
 Que matou o bom Jesus  
 Lá ao pé da Cruz.

\*

Outra

Cristo Rei veio em paz e Deus  
 se fez homem ; o verbo foi feito  
 de carne ; Cristo nasceu da Vir-  
 gem ; Cristo andava em paz no  
 meio dos homens ; Cristo foi cru-  
 cificado ; Cristo foi morto ; Cristo  
 foi sepultado ; Cristo ressuscitou ;  
 Cristo subiu ao ceu ; Cristo manda-  
 da ; Cristo reina ; Cristo de todos  
 os raios nos defenda ; Cristo ha-  
 bita conosco.

(Faça-se uma pausa e reze-  
 se um Padre Nosso, uma Ave  
 Maria e um Gloria Patri).

*(Colhida em Fenais)*

\*

Para a Noite do Natal

Santa Maria do Natal  
 Venho pedir e rogar  
 Que guiais o vosso filho  
 Que me assente no seu livro  
 No seu livro de rezar,  
 Que a minha alma se não perca  
 Nem vá para mau lugar.

*(Colhida nos Fenais)*

\*

Oração ao deitar

Oh que noite tão escura,  
 Ao rigor de todo o tempo,  
 Onde foi expirar uma alma  
 Sem levar o Sacramento ;  
 O espírito caminhou  
 Foi ver a face divina :  
 — «Aqui estou a vossos pés, Se-  
 nhora,

Como uma ovelha desgarrada,  
 Esperando que me *ajunteis*  
 Ao vosso santo rebanho».

— «Eu ensinei-te a benzer,  
 Tu não quizeste fazer ;  
 Eu ensinei-te a rezar,  
 Tu não quizeste uzar ;  
 Eu ensinei-te a ir à missa,  
 Não ias com devoção . . .  
 Entre o calix e a hostia  
 Sempre a dormir te achei ;  
 Encheste-te de soberba,  
 A soberba não vai ao Ceu ;  
 Agora vai-te seguindo  
 O caminho do Inferno».  
 Nossa Senhora se *alevantou*  
 Seu bento Filho chamou :

— «Ó *mê* Filho, ó *mê* Filho!  
 Pelo leite que mamaste  
 Dêstes meus sagrados peitos  
 Na noite do *alimento*,  
 Vai-te acudir àquela alma  
 Que ali se vai perdendo ;  
*Alevanta-te*, S. Miguel  
 Arcanjo, vai-te pesar  
 Aquela alma infiel».  
 Os pecados eram tantos  
 Que a balança foi ao chão ;  
 Nossa Senhora se *alevantou*  
 Sua benção lhe deitou ;  
 Por milagre da Senhora  
 A balança levantou.  
 Quem rezar o rosário à Virgem  
 Reze-o com devoção,  
 Que a Virgem é piedosa  
 P'ra de nós ter compaixão.

(*Colhida na Luz*)

\*

Outra

A Virgem Maria  
 Mandou-me recado  
 Que eu fôsse cantando  
 Bendito e louvado.

Bendito e louvado  
 Que estais na custódia,  
 Estrela dos anjos,  
 Rainha da gloria.

Deitei-me na cama  
 Puz a considerar :  
 — Que farei à minha alma  
 Para me salvar ?

Veio o Anjo da Guarda  
 Que é a minha guia,  
 Que eu fôsse devota  
 Da Virgem Maria.

Ó Virgem Maria,  
 Vós não permitais  
 Que eu viva nem morra.  
 Em pecados mortais.

Em pecado mortal  
 Não hei de morrer,  
 Que a Virgem Maria  
 Me ha de valer.

Me ha de valer  
 Na maior aflicção,  
 Chamando eu por ela  
 De bom coração.

De bom coração  
 Hei de eu chamar  
 Que a Virgem Maria  
 Me ha de acompanhar.

Me ha de acompanhar  
 De noite e de dia  
 Louvemos a Deus  
 E à Virgem Maria.

Amen.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

Outra

Na cama dos vivos me vou deitar,  
 Jesus Cristo quero chamar,  
 Que a minh'alma está doente

Porque pequei mortalmente.  
 Os pecados que fiz  
 Ao confessor não disse,  
 Mas direi agora  
 A ti, Senhora.  
 Sabeis quantos eles são.  
 Quero pôr os meus olhos no ceu  
 E o coração na gloria  
 Para adorar a Jesus Cristo  
 Que está na Custódia.  
 Quero dizer três vezes  
 Porque não sei se morrerei :  
 — Jesus, Jesus, Jesus salvai-me.

(*Colhida na Luz*)

\*

Outra

Senhor Deus, deitar-me quero,  
 Minha alma e meu corpo vos en-  
 trego.

Se eu dormir, velai-me ;  
 Se eu morrer *alumiai-me*  
 Com as três candeias da Santís-  
 sima Trindade, que são: Deus  
 Pai, Deus Filho e Deus Espirito  
 Santo que no fim de contas é um  
 só Deus verdadeiro. Amen.

(*Colhida na Luz*)

\*

Outra

Com Deus me deito,  
 Com Deus me levanto,  
 Com a graça de Deus  
 E do Espirito Santo.  
 Nossa Senhora me cubra com o  
 seu manto.  
 Se com ele coberto fôr,

Não terei medo nem pavor  
 De coisa que má fôr.  
 Senhor, dormir quero,  
 Minh'alma vos entrego ;  
 Se eu dormir velai-me ;  
 Se eu morrer acompanhai-me.  
 E assisti-me com as três pessoas  
 da Santíssima Trindade: Padre,  
 Filho e Espirito Santo. Amen.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

Outras

Deus em *diente*,  
 Paz em guia,  
 Em nome de Deus  
 E da Virgem Maria  
 Se deita em minha companhia.  
 Deus nos salve,  
 Filho de Deus Padre,  
 Mãe de Deus Filho,  
 Esposa do Espirito Santo,  
 Templo e arca  
 Da Santíssima Trindade.

(*Colhida na Fonte do Mato*)

\*

Nossa Senhora da guia  
 Chama-me : meu afilhado.  
 Ó minha rica madrinha  
 Trazei-me bem guiado.

(*Colhida na Praia*)

\*

Eu sou de Jesus  
 E Jesus é meu.  
 A minha alma e corpo  
 A Jesus dou eu.

(*Colhida na Fonte do Mato*)

## Outra

Minha porta vou fechar  
Com destino de me deitar.  
A Virgem Nossa Senhora  
Me venha acompanhar.

(Idem)

\*

## Outra

Jesus vivo,  
Jesus morto,  
Jesus crucificado,  
Sangue de Cristo,  
Leite da Virgem  
Por aqui derramado.

(Idem)

*Esta oração deve ser dita 3  
vezes ao dia.*

\*

## Outra

Senhor que vieste do Ceu  
Benzer o vosso altar.  
Benzei a minha caminha  
Aonde eu me vou deitar.

(Colhida na Fonte do Mato)

\*

## Outra

São Francisco benzeu o seu altar  
E eu tambem benzo a minha cama  
Aonde me vou deitar.  
Em nome do P., do F. e do E. S.<sup>to</sup>

(Colhida nos Fenais)

\*

## Orações ao levantar

Bendita seja a luz do dia ;  
Bendita seja quem a cria ;  
Bendita seja a Santa dêste dia ;

Bendito seja o anjo da minha  
guarda ;  
Bendito seja o Santo (ou Santa) do  
meu nome ;

Bendito seja S. Silvestre  
E a camisa que êle veste ;  
Bendito seja S. Simão  
Que tem a vara de Adão ;  
Que amarre os inimigos  
Que contra mim são.

(Colhida nos Fenais)

\*

## Outra

Eu me entrego a Jesus  
E à sua santíssima cruz,  
Ao Santíssimo Sacramento  
E às três *arrelíquias* que estão  
dentro ;

Às três missas do Natal  
P'ra que não suceda nenhum mal ;  
A' Virgem Nossa Senhora  
Que seja sempre comigo  
E me livre do perigo ;  
E ao anjo da minha guarda  
Que me livre e guarde  
Das astúcias de Satanaz. Amen.

(Colhida nos Fenais)

\*

## Outra

Anjo da guarda potente,  
Levantai-vos comigo,  
Andai *diente*,  
Espantai os inimigos  
Não ha alguém que me atente.  
Corpo de Deus ardente,  
Se quereis ser meu amôr

Dareis conta da minh'alma a Deus  
Diante de Nosso Senhor.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

### Oração a S. Marcos

São Marcos intermediário entre mim e o inimigo; Anjo da minha guarda me livre a mim e meu marido, meu José, meu Manuel . . . . (etc.) assim como me livrastes e guardastes dos perigos do dia, livrai-nos e guardai-nos dos perigos da noite, todos os maus pensamentos, todas as más imaginações e tentações do demónio. Nosso Senhor nos tome à sua conta para bem das nossas alminhas quando elas dêste mundo forem.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

### Oração

a N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição  
Ó Virgem da Conceição  
Consolai meu coração  
Que está muito desconsolado  
De pecados carregado;  
Ó Virgem, se eu vos tivesse  
Sempre por minha advogada,  
Não teria medo nem terror de nada.  
Ó Anjo do Céu, ó Estrela do Mar,  
Benditos são os anjos  
Que vos vem acompanhar.  
Lá nas casas de Belem  
Aonde estão Santos e Santas  
Com seus votos e orações,

Acompanhando a Virgem Maria

Quando seu parto seria?

Em *pinos* da meia noite

Nasceu rosa florida

Bradando pelos pastores:

— Pastores, tendes bons dias,

Filhos da Virgem Maria.

Quem souber esta oração,

Quem a souber que a diga,

Quem a ouvir que a aprenda;

Lá no dia de Juizo

Verá o que ela defende. Amen.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

### Oração para a Confissão

Aqui ajoelho, Senhor,

Aos vossos dôces e amados pés;

Não repareis o meu tardar

Que eu venho para me confessar;

Venho carregado de pecados

Que são:

Vícios, ódios, regálos, soberbas, vaidades, loucuras, presunções, murmurações, falta de missa, confissões mal feitas, penitências mal cumpridas, de pecados mortais, de tudo enfim me acuso deante da vossa soberana magestade vos peço perdão de todos os meus pecados esquecidos e lembrados.

Pelo péso da vossa cruz

Dizei-me, ó amado Jesus,

Qual foi a emenda que nela puz.

Bem sei que tenho merecido o

Inferno,

Em não amar os vossos dōces  
mandamentos.

*Refujo-me* como posso no co-  
ração de Jesus.

Jesus é o meu amôr,  
Sôbre êle irá a minh'alma  
Quando dêste mundo fôr.

Meu Deus e meu Senhor,  
Morto fôstes e vivo estais,  
Perdoastes a vossa morte  
Que foi tão cruel e tão forte.  
E tão forte perdoais  
Meus pecados esquecidos  
E todos os alembrados  
Aos pés do meu confessor.  
Se êles não estão confessados  
Me confesso a vós, Senhor,  
Que sois o Rei da Verdade ;  
Na hora da minha morte,  
Tende de mim piedade.

Meu Senhor Jesus Cristo,  
Cristo do meu coração,  
Perdoai os meus pecados  
Que bem sabeis quantos são.  
Aqui tendes o penitente,  
Dai-lhe agora a absolvição,  
Dai-lhe neste mundo graça  
E no outro a salvação.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

Outra

Deus te salve, cruz sagrada,  
Porta do romeiro *mano*,

Fostes o caminho plano  
Que lá no ceu deu entrada.

Quem me dera aos vossos pés,  
Senhor,  
Como no monte *Rendino*,  
Só para não gosar desgostos  
Como no louco inquilino.

O gôsto que ha em Deus  
Com sua cruz nos convida,  
Quem a leva mais pesada  
Nela tem melhor partida.

Pecador, olha que tens  
Muita queixa contra ti.  
Deus te deu uma alma,  
Se a perderes, ai de ti!

Não tornas a ver a Deus  
Nem acabas de penar ;  
A morte te ha de procurar  
E olha que não o has de achar.

A musica dum anjo enche  
Um mundo de alegria,  
Que fará os anjos todos  
Com Jesus em companhia.

Ó alma, despréza o mundo,  
Este mundo de malícia,  
Procura gosar a glória  
Que é uma bonita delícia.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

## Outra

À porta das almas santas  
Bate Jesus toda a hora,  
As almas santas vieram :  
— Que quereis, Senhor, agora ?

— Quero que *vades* comigo  
Até à porta da glória.  
— Muito me pesa, Senhor,  
Muito me ha de pesar  
Por não estar preparada  
P'ra convosco caminhar.

Ó loiro tão bonitinho,  
Sacratio tão estimado,  
Meu Senhor que estais lá dentro  
Nove vezes encerrado.

Meu Senhor que estais lá dentro,  
Quem vos podesse adorar,  
Adorar o bom Jesus  
Para um dia me salvar.

Se eu merecer o Inferno  
Rogo que dareis perdão  
Pelas vossas cinco chagas  
E dolorosa Paixão.

Salvai-me, meu bom Jesus, salvai-  
—me.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

Oração para todos os dias  
da Quaresma

— Viste meu filho lá dentro,  
Lá dentro em Jerusalem ?

Meu filho tão bem criado  
Que nunca agravou ninguém.

Esse homem que aqui passou  
Com a cruz às suas costas  
Que, de pesada, fazia  
Chorar pedras e vós, mulheres,  
Bem sabeis que dores são.  
As das Mães e as da Maria  
Eram crueis com razão.

Seu filho vai osculando ;  
Cada passada que dava  
Seu sangue ia derramando  
E a cada açoite ajoelhava  
E aos algozes perdoava.  
Lá vem Santa Madalena  
Com seu lenço *alimpar*.  
Tambem lá vai S. João  
Com tamanha devoção.

Quem esta oração souber  
E disser  
Todos os dias da Quaresma,  
Portas do ceu achará  
E as do Inferno não verá  
Nem por elas passará.  
Com pecados perdoados  
Eternamente nos ceus  
Viverá junto aos chamados  
E sob a vista de Deus.

Amen.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

## Oração à Virgem

Maria puríssima  
 Dos anjos rainha,  
 Formosa pombinha,  
 Mãe do casto amor,  
 Estrela fulgida  
 No mar tormentoso  
 Do mundo maldoso,  
 Destino e pavor  
 Da morada etérea  
 Por Eva fechada.  
 Tu és franca entrada  
 Para os servos teus,  
 Dos grillhões desprende-nos  
 Que nos tem ligado,  
 Limpos do pecado  
 Para o ceu nos leve,  
 Sempre e hoje livrai-nos  
 De tantos escolhos,  
 Volvei-nos teus olhos  
 Mãe de piedade.

Amen Jesus.

(*Colhida na Praia*)

\*

## Oração para a Comunhão

Aqui ajoelho, Senhor,  
 À vossa mesa real.  
 Meu coração se alegra  
 De receber tal manjar.  
 Tal manjar tão excelente,  
 Dado de tão boa mente.  
 Concebido pelo Senhor,  
 Dado a todo o pecador.

Vem cá meu serafim  
 Entrai no meu coração,  
 Sustentai minha fraquesa  
 Com o vosso divino pão.

Meu Senhor, eu não sou digno  
 Que vós entreis na minha alma,  
 Nem sequer na minha casa  
 Devido ao espírito malino  
 Que me tem posto à raza.

(*Colhida nos Fenais*)

\*

## Na hora da morte

Avé Maria  
 Deus escolheu  
 P'ra nossa Mãe  
 Dela nasceu.

Dela nasceu  
 P'ra nos salvar,  
 Nós pecadores  
 Sempre a pecar.

Sempre a pecar  
 Sem emenda ter,  
 Ninguém se lembra  
 Que ha de morrer.

Que ha de morrer  
 E contas dar  
 Ao Creador  
 Que ha de julgar.

Que ha de julgar  
 Do bem e do mal,  
 Livre-o da culpa  
 Do pecado mortal.

(*Colhida nos Fenais*)

**Oração ao entrar na igreja**

— Donde vens, pecados meus ?

Os pecados que me acompanharam até aqui, fiquem da banda de fora que eu palavras de Deus venho ouvir.

*(Colhida na Fonte do Mato)*

**Oração ao tomar agua benta**

Agua benta preciosa  
Que lavaste os pés a Cristo  
Lavai tambem a minh'alma  
Já que eu vos digo isto.

*(Colhida no Rebentão)*

## Subsídio para o Cancioneiro Popular Açoreano

# Cantigas da Ilha Graciosa

Coligidas por Manuel Machado de Avila

Rua abaixo, rua acima,  
Mariquinhas à janela,  
Comendo figos passados,  
Empachada morra ela.

Tenho fome não de pão,  
Tenho sede não de vinho,  
Tenho fome dum abraço,  
Tenho sede dum beijinho.

Mandei fazer um navio  
Com vinte e quatro janelas  
Para embarcar saudades  
Por já não poder com elas.

Andais abaixo e acima  
Sem dizer o que quereis ;  
Se eu fôr dar o sim a outro,  
Então não vos aqueixeis.

Se eu soubesse a certeza  
Que tu me querias bem,  
Fazia-te uma fineza  
Que nunca fiz a ninguém.

Tive um sonho esta noite,  
Um sonho bem atrevido :  
Sonhei que tinha na cama  
A forma do teu vestido.

Tu vais abaixo e acima  
Como o retroz na balança.  
Quem mais faz menos merece,  
Quem menos merece, alcança.

Se amor com amor se paga,  
Porque não pagas, amor ?  
Olha que Deus não perdoa  
A quem não é pagador.

Minha Mãe p'ra me casar  
 Prometeu-me quanto tinha,  
 Depois de eu estar casada  
 Deu-me os trapos da cozinha.

Minha Mãe p'ra me casar  
 Prometeu-me três ovelhas :  
 Uma cega, outra torta  
 E outra sem ter orelhas.

Senhor mestre da viola,  
 Diga-me se quer ou não  
 Que eu cante uma cantiga  
 Ao toque da sua mão.

Tu és branca como o leite,  
 E o leite também se bebe ;  
 Mal empregado a menina  
 Ter o juízo tão leve.

Tu és branca como o leite  
 E o leite também se come ;  
 Mal empregado a menina  
 Dormir na cama sem home.

Lá vem a lua a sair  
 Redonda como um botão ;  
 Quem tem seu amor à vista  
 Tem alegre o coração.

Minha Mãe eu quero água,  
 Nossa Maria não vem.  
 Ou ela quebrou o pote  
 Ou demora-se com alguém.

Quem fala de mim, quem fala ?  
 Quem fala de mim, quem é ?  
 Quem fala de mim não chega  
 Ao calcanhar do meu pé.

Já vi olhos que por olhos  
 Se deitaram a perder :  
 Estes meus por esses teus  
 Assim ha de vir a ser.

Tanta cantiga sabia,  
 E tudo tenho esquecido,  
 Só o nome do meu bem  
 Trago sempre no sentido.

O amor nasce de dadas,  
 Meu amor, que te darei ?  
 O amor que não dispende  
 Por certo que não tem lei.

Menina, quereis saber  
 Como agora se namora ?  
 É fechar o olho esquerdo  
 E pôr a lingua de fora.

Os olhos dos namorados  
 Têm um certo não sei quê  
 Que serve de subscrito  
 À carta que se não lê.

Quatro com cinco são nove,  
 Com meu coração são dez.  
 Se eu te menti algum dia  
 Aqui me tens a teus pés.

O meu amor é um cravo.  
 Flor que o meu craveiro deu.  
 Ninguem se pode gabar  
 De ter cravo como o meu.

Pediste-me a mão direita  
 Mas nem a esquerda te dou,  
 A mão direita está dada  
 A quem primeiro falou.

Eu sempre simpatisei  
Com tua feição mimosa.  
Bem pudera Deus fazer  
A nossa sorte ditosa.

Sinto no coração ganas  
E a minha alma de gatinhas  
Por ver o galo entre as canas  
A chamar pelas galinhas.

Ó vaidosa, vós pensais  
Que não ha outra no mundo.  
Não é pois caldo tão gordo  
Que se não lhe veja o fundo.

Ó figueira dá-me um figo,  
Ó silva, dá-me uma amora,  
Ó menina dá-me um beijo  
Que amanhã eu vou-me embora.

Vós dizeis, minha menina,  
Que só a mim quereis bem.  
Estais brincando comigo  
Enquanto o outro não vem.

Vós dizeis sempre, ó lindinha,  
Que só a mim me quereis,  
Passais por mim e a outros  
As mesmas festas fazeis.

O vigario deu no cura  
E o cura no tesoureiro,  
E o ladrão do sacristão  
Partiu a cara ao coveiro.

As pombinhas quando nascem  
Põem-se logo aos beijinhos ;  
Assim fazem os namorados  
Quando se apanham sosinhos.

Meu coração fecha, fecha ;  
Fecha com dois cadeados ;  
Duma banda fecha amores,  
Doutra, penas e cuidados.

Não me atires com pedrinhas  
Que eu estou lavando a loiça,  
Atira-me com beijinhos  
De modo que ninguem oiça.

Ninguem se pode fiar  
Da formosura hoje em dia ;  
Tudo hoje se vai comprar  
Numa qualquer drogaria.

Eu pedi a morte a Deus  
Não foi para te matar.  
A vida perderei eu,  
Meu amor, para te dar.

Deixa-me bailar tambem  
Com êste meu sobretudo.  
Hoje tudo fica bem  
Por ser no dia de entrudo.

Eu fui, tu foste, nós fomos,  
Fiquei, ficaste, ficámos,  
Eu quiz, quizeste, quizemos,  
Amei, amaste e amámos.

Quando eu era pequenina  
Antes de meu pai nascer,  
Inda não engatinhava  
Já morria por você.

Tenho dentro do meu peito  
Duas rodas a moer :  
Uma moe por saudades,  
E outra por bem querer.

Manuel, bonito nome,  
 Nome que Deus escolheu.  
 Quando Deus te não deixou,  
 Como te hei de deixar eu ?

Adeus, ilha Graciosa,  
 Adeus, ó lindos Fenais,  
 Adeus meu querido amor,  
 Adeus para nunca mais.

Senhores não se admirem  
 De eu cantar sem ser casada.  
 Eu canto com alegria  
 De me achar bem empregada.

Senhores, não se admirem  
 Dum macaco fazer renda,  
 Eu já vi uma perúa  
 Ser caixeira duma venda.

Tua boca cheira a beijos,  
 Já hoje beijaste alguém ?  
 Ó minha boca de prata,  
 Eu nunca beijei ninguém.

Vai alto, o ceu vai alto,  
 Mais alto vai o luar,  
 Mais alto vai o futuro  
 Que Deus tem para me dar.

Quem me dera já morrer,  
 Depois da morte ter vida,  
 Para ver quem te gosava,  
 Prenda amada, tão querida.

O cabelo anelado  
 Nem a todos fica bem,  
 Ao ladrão do meu amor  
 Fica melhor que a ninguém.

Meu amor quiere que eu tenha  
 Juízo, capacidade. . .  
 Tenha êle que é mais velho,  
 Que eu sou de menor idade.

Ó meu amor, tu não sabes  
 Glorias que eu arrecebi  
 Quando cheguei à janela  
 E derrepente te vi.

Senti a porta mecher,  
 Julguei seres tu, Joana.  
 Credo, meu Deus, que desgraça,  
 Até o vento me engana.

Tudo nesta vida cansa,  
 Tudo no mundo tem fim.  
 Só não cansa nem acaba  
 A língua do cão ruim.

Ha quem diga que o pecado  
 É natural nestas eras,  
 E admiram-se do mundo ser  
 Uma gaiola de feras.

Deus! Dai-me um amor p'ra aquela,  
 Mas se o não tendes que mande,  
 Mandai-lhe um, que tambem serve,  
 Daqueles de orelha grande.

Eu sou filha de casal  
 E tambem sou batizada ;  
 Vai pescar noutro pesqueiro  
 Que aqui não apanhas nada.

Pareces, dessa maneira,  
 Discreto à laia de tolo ;  
 Vai cantar para a Caldeira,  
 Não me tires o miolo.

*(Colhidas nos Fenais)*

Se amor com amor se paga,  
 Porque não pagas, amor ?  
 Olha que Deus não perdoa  
 A quem não é pagador.

Rema para cá, lanchinha,  
 Lanchinha dos quatro remos ;  
 Se me queres qualquer coisa,  
 Lá em terra falaremos.

Eu a remar não te alcanço,  
 Deixa que te apanharei ;  
 Se eu te apanho em meus braços  
 Em que estado te porei ?

Eu remando p'ra te ver,  
 Tu a fugires de mim ;  
 Eu vejo que mais te quero  
 Do que tu me queres a mim.

Olha para mim direito,  
 Não olhes atravessado.  
 Quantas carinhas mais belas  
 Eu tenho já engeitado ?

Menina do chapéu alto,  
 Cinturinha de marfim.  
 Ponha lá a chaleira ao lume  
 A fazer café p'ra mim.

Esta noite fiz um roubo,  
 Fiz um pecado mortal :  
 Roubei a filha a meu sôgro  
 Pela porta do quintal.

Esse teu peito, menina,  
 É um pombal de pombinhas ;  
 Deixa-me eu ir com a mão  
 Apalpar se tem azinhas.

Se eu chegasse a possuir  
 Esses teus olhos de luzes,  
 Muita gente ficaria  
 Na boca fazendo cruces.

Não tens grinalda florida  
 Nem fitas franjadas de oiro,  
 Mas tens somente um tesouro  
 Que te torna apeteçada.

Fui à missa e nada ouvi,  
 Levantou a Deus, não orei ;  
 Eu só via os teus olhos,  
 Ai minh'alma que pequei !

Esses teus olhos, morena,  
 Tem um tom aveludado,  
 Uma dor que me faz pena  
 De não ser teu namorado.

Queria era ser navio  
 E tu a rosa dos ventos,  
 Para, guiado por ti,  
 Findarem os meus tormentos.

Atirei com uma laranja  
 Á mocinha da janela ;  
 Ela me chamou doidinho,  
 Mas doidinha anda ela.

Não finjas tanta tristeza  
 A ver se tenho ciume ;  
 Os laços do amor são chamas  
 E não se brinca com lume.

Não ha peixe como o sargo  
 Quando chega à água quente,  
 Nem amor como o primeiro  
 Quando vem de boa gente.

Borboleta que sempre andas,  
 Nem de noite tens socêgo ;  
 Tu chegas à luz e morres,  
 Eu morro porque não chego.

Tu trocaste-me por outro,  
 Eu com isso não me importa,  
 Mas gostava de saber  
 Quanto ganhaste na troca.

Teu coração me parece  
 Aqui andar a meu lado  
 E por ser de pouco preço  
 Nunca anda desalugado.

Tu és a água da fonte,  
 És a espuma do mar,  
 Tu és a rosa do campo,  
 És a hostia do altar.

Tenho jurado esquecer-te  
 Quinhentas vezes segurás,  
 Mas em te vendo não posso  
 Lembrar-me das minhas juras.

Dizem que a pulga, coitada,  
 Tem sempre a cabeça à morte ;  
 Dorme na cama co'as môças,  
 Eu até lhe invejo a sorte !

Lá no alto daquela serra  
 Há um sino sem badalo.  
 Já me doi o ceu da boca  
 De ensinar êsse cavalo.

Meu coração bate, bate,  
 Coisa que eu nunca senti.  
 Nunca morri por ninguém,  
 Mas morro agora por ti.

Quando te vi fiquei prêsa,  
 Cativa, sem liberdade.  
 Sujeitei-me ser teu bem  
 Por minha livre vontade.

Não sei que mal fiz ao sol  
 Que não dá no meu jardim.  
 Não sei que fiz ao meu bem  
 Que não olha para mim.

Saudades, quem pudesse  
 Impedi-las ao nascer.  
 Onde não ha saudade  
 Não pode haver bem-querer.

Se vais à fonte por água,  
 Volta atraz, coração meu ;  
 Vai à fonte dos meus olhos,  
 Agua clara choro eu.

Quem quizer que a silva pegue  
 Faça um furo no valado.  
 Quem quizer o amor firme  
 Traga-o escandalizado.

Ó morte, porque não vens  
 Trazer teus dias fatais ?  
 Vivendo, vivo em penas ;  
 Morrendo, não peno mais.

O peixe na água está vivo,  
 Chegando a terra, morreu.  
 Vivo em casa de meus pais,  
 Ninguem está melhor do que eu.

Quem tem amores não dorme  
 Nem conversa com ninguem ;  
 Se dorme perde o sentido,  
 Se conversa não quere bem.

Puz a mão no lado esquerdo,  
 Não senti meu coração.  
 De-repente me lembrei  
 Que estava na tua mão.

De baixo da malva rôxa  
 Trago o meu bem encoberto ;  
 Todos dizem que é verdade  
 Mas ninguem o sabe ao certo.

Ó meu amor, se me desses  
 Eu tambem te havia dar  
 Beijinhos até morrer,  
 E abraços até matar.

A tristeza chove em mim  
 Como a chuva miudinha.  
 Não sei para onde foi  
 Tanta alegria que eu tinha.

O sol anda e desanda  
 Em voltinhas se vai pôr ;  
 Eu não ando nem desando,  
 Sou-te firme, meu amor.

Eu fui ao jardim dos cravos,  
 No primeiro dei um golpe.  
 Mais me custa a tua ausencia  
 Do que a minha propria morte.

Amar e saber amar,  
 Amar e saber a quem,  
 Amar ao bom Deus do ceu  
 E não amar mais ninguem.

Mandei ladrilhar o már  
 Com pedras duma pedreira,  
 Para ir ver o meu amor  
 Quando fôr para a Terceira.

Eu ausente, tu ausente,  
 Eu de ti e tu de mim.  
 Permita Jesus do Ceu  
 Que esta ausencia tenha fim.

Suspiros batem no chão,  
 Fazem grande matinada ;  
 Bem sei quem os está dando,  
 Mas sem lhe servir de nada.

Desanela o teu cabelo,  
 Não o tragas anelado ;  
 Desengana o teu amor,  
 Não o tragas enganado.

Se eu soubesse quem tu eras,  
 Da terra donde tu vinhas,  
 Com mil balas atirava  
 Ao mau coração que tinhas.

Aqui donde estou bem vejo  
 Um junquillo a abanar ;  
 Tambem vejo o meu amor  
 Mas não lhe posso falar.

Eu sou triste, vivo triste,  
 A tristeza me convem ;  
 Só no mundo vive alegre  
 Quem não estima ninguem.

Já cantei uma cantiga,  
 Já com esta fazem duas  
 Nada me ha de matar  
 Senão as saudades tuas.

O' malmequer mentiroso,  
 Quem te ensinou a mentir ?  
 Dizes que me queres muito  
 Mas já sei que é a fingir.

Se vires o meu amor,  
Aquele que eu deixei de amar,  
Diz-lhe que afinal já tenho  
Um melhor no seu lugar.

Trago dentro do meu peito  
Duas escamas de peixe:  
Uma diz que devo amar-te,  
A outra diz que te deixe.

Esta casa é um vaso  
E o dono é uma flôr,  
Dentro dela está um anjo  
Que ha de ser o meu amor.

A Terceira é das touradas,  
Faial um jardim de flôres,  
S. Jorge é a terra de inhames,  
Graciosa dos amôres.

Quando digo que te amo,  
Dizes, amôr, que eu te minto.  
As maguas que por ti soffro  
Deus as sabe e eu as sinto.

Sabia tanta cantiga,  
Todas o vento levou,  
Só a do meu amorzinho  
No coração me ficou.

Eu fui ao mato à lenha  
Mas só encontrei orego,  
E na grotta uns namorados  
Julgando que eu era cego.

Ó roseira, roseirinha,  
Roseira num só botão,  
Queira Deus que desabroches  
Dentro do meu coração.

Talvez penses, por que canto,  
Que a vida alegre me corre.  
Eu sou como o passarinho  
Que até canta quando morre.

Eu fui ao pico, piquei-me,  
Piquei-me lá num picão,  
O picão nasce da silva  
E a silva nasce do chão.

Um beijo dado na face  
Nunca ouvi de fazer mal.  
De graça se pede e dá-se  
Não deixa nenhum sinal.

Quer tu queiras quer não queiras,  
Has de vir à minha mão,  
Que eu tenho remédio santo  
Que te abranda o coração.

*(Cólhidas na Fonte do Mato)*



Viola, minha viola,  
Comes comigo à mesa;  
Tu és a minha alegria  
Quando eu sinto tristeza.

Ó minha mãe, que trabalhos!  
Para quem trabalho eu?  
Eu trabalho noite e dia,  
Não tenho nada de meu.

Meu raminho de cipreste,  
Triste é a tua figura.  
Quando eu de ti me lembrei  
Já meu mal não tinha cura.

Se eu me fôr daqui embora  
Por ninguém hei de chorar.  
Só se fôr pelo meu bem,  
Se eu não o puder levar.

*(Coligidas na Praia da Graciosa)*



Ingrato! porque maltratas  
Esta alma toda tua?  
Se é por vingança já basta,  
Se é por amor continua.

Se eu tivesse pena de ouro  
Comprava papel de prata,  
Com sangue das minhas veias  
Escrevia-te uma carta.

Deitei um papel ao vento,  
Pelo ar perdeu a côr.  
Por mais enredos que haja  
Não te deixo, meu amor.

Se eu tivesse o teu retrato  
Tua ausencia não sentia,  
De duas em duas horas  
O teu retrato veria.

Eu com vergonha não olho,  
Com vergonha não olhai,  
Com vergonha não vos peço,  
Com vergonha não me dais.

Se os meus suspiros voassem  
Dava mil em cada hora,  
Que fôsem bater no peito  
De quem me lembrou agora.

Eu suspiro, tu suspiras,  
A suspirar morrerei.  
Eu suspiro só por ti,  
Por quem suspiras não sei.

Meu amor, se tu me amas  
Com outro no pensamento,  
*Haveras* de ser corrido  
Como as canas são do vento.

Meu coração por ti anda  
Á vela como um navio.  
Pelo bem que eu te quero  
Não te posso dar desvio.

Mesmo que a terra se abra  
E eu viva caia dentro,  
Eu não quero outro amor,  
Nem sequer tal pensamento.

Tu foste o primeiro vidro  
 Que eu puz na minha vidraça,  
 Sim, foste o primeiro amor  
 Que logo caíste em graça.

Aquele sim que eu te dei  
 Naquela sala escura,  
 Antes eu tivesse dado  
 O meu corpo à sepultura.

Semei cravos na areia,  
 Não sei se eles nascerão  
 Também o meu lindo amor  
 Não sei se me é firme ou não.

Nossa Senhora da Ajuda,  
 Nossa Senhora da Guia,  
 Deparaí-me um bom marido  
 Para a minha companhia.

Não posso comer sem dar,  
 Nem falar sem ser de ti;  
 Não posso fazer a cama  
 Sem dizer: deita-te aqui.

Eu cheguei ao céu sentei-me,  
 Duma nuvem fiz encôsto,  
 Dei um beijo numa estrela  
 E julguei ser no teu rosto.

Ó quem pensasse na morte,  
 Nos artigos que ela tem,  
 Fixava os olhos no céu,  
 Não amava a mais ninguém.

Eu mandei vir de Lisboa  
 Um canivete de prata  
 Para cortar uma língua  
 Que me parece ingrata.

Eu mandei vir do Brasil  
 Um canivete doirado  
 Para partir a rosquilha  
 No dia do meu noivado.

Os teus olhos mais os meus  
 Não deviam de nascer,  
 Não se viam, não se amavam,  
 Não tinham que padecer.

O anel que tu me deste  
 Naquele dia do Senhor,  
 Fica-me largo no dedo  
 E apertado no amor.

O sol quando nasce, inclina  
 Na pedra do meu anel.  
 Eu também quero inclinar  
 Nos teus braços, Manuel.

Meu amor, tu não me deixes,  
 Meu amor, tem dó de mim,  
 Que eu hei de ser teu amor  
 Para séculos sem fim.

Cantigas são meninices  
 Que se deitam pelo vento.  
 Quem acredita em cantigas  
 Tem fraco entendimento.

Meu amor festeja os anos,  
 Festeja-os bem festejados  
 Para daqui a um ano  
 Não estarmos separados.

Meu amor dá cá a mão,  
 Vamos até ao jardim.  
 Quem não aparece esquece,  
 Mas não te esqueças de mim.

Adeus, meu cravo encarnado,  
 Minha flôr do lírio branco,  
 Adeus amor meu amado  
 Por quem eu suspiro tanto.

Tu és aquele que se gaba  
 De ter três e quatro à escolha,  
 Mas inda te quero ver  
 Como a figueira sem fôlha.

Dei um aí, tu não ouviste ;  
 Suspirei, não déste fé ;  
 O meu coração é teu,  
 O teu não sei de quem é.

O F quer dizer fiel,  
 Bem fiel te tenho sido,  
 E tu, por sorte cruel,  
 Perdeste-me do sentido.

Anjo que vais para a Gloria,  
 Espera que eu tambem vou ;  
 Quanto te tenho à vista  
 Penso que na Gloria estou.

Quem me dera ir contigo  
 Que eu contigo ia bem ;  
 Não levava nem deixava  
 Saudades de ninguem.

A minha ceia foi peixe,  
 A sobremesa maçã ;  
 Senhores com quem bailei :  
 Adeus, até amanhã.

Quando eu chego à janela  
 E não vejo o meu amor,  
 É como quem vai ao ceu  
 E não vê Nosso Senhor.

Quando eu te tenho à vista,  
 Prenda amada e tão querida,  
 São as horas mais alegres  
 Que eu tenho na minha vida.

Ó sô tolo, ó sô tolo,  
 Não andes a entolecer ;  
 Pensas que eu morro por ti,  
 Mas já nem te posso ver.

O meu amor me deixou  
 Para amar outra mais rica,  
 Bexigosa, feiticeira . . .  
 Tudo em sua casa fica.

Meu amor, não vivas triste  
 Nos dias que has de viver ;  
 Anda alegre como dantes,  
 Inda mais se pode ser.

Meu amor, não vivas triste  
 Que a tristeza chama a morte.  
 Vive alegre se puderes  
 Que Deus é que talha a sorte.

Eu jurei e tu juraste,  
 Ambos jurámos firmeza ;  
 Jurei amar-te e sou firme,  
 Mas falhaste, que tristeza.

Parte amor que lá vão balas,  
 O chumbo tambem *vareia*.  
 Não posso mostrar carinhos  
 A quem a mim *refalseia*.

O meu amor me deixou,  
 Ó que grande tirania.  
 Minha paixão é cantar,  
 Cada vez mais alegria.

O meu amor diz que tem  
 Outras paredes mais altas.  
 Desengana-te, amor, de mim,  
 Que eu não sirvo para faltas.

Já não tenho coração  
 Já mo roubaram do peito.  
 No lugar onde eu o tinha  
 Nasceu-me um amor-perfeito.

Dizem que o chorar tira  
 As penas do coração.  
 Chorei ontem, chorei hoje  
 E as mesmas penas estão.

Eu já não quero dormir  
 Senão à sombra do trigo.  
 O meu dormir é sonhar,  
 O meu sonhar é contigo.

Eu nasci entre as estrelas,  
 Entre as nuvens fui creada ;  
 Perdi-me na noite escura,  
 Nos teus braços fui achada.

Das estrelas miudinhas  
 Mandei fazer um cordão  
 P'ra prender minh'alma à tua  
 E a tua ao meu coração.

Alfinetes são amores  
 E agulhas amidades ;  
 Amores fora da banda  
 São dobradas as saudades.

Ha um ano que te amo,  
 Ha dois que te quero bem,  
 Ha três trago-te em meu peito  
 Sem dizer nada a ninguém.

O anel que tu me deste  
 Ha de ser de oiro batido.  
 O amor que é para mim  
 Já o trago no sentido.

O meu amor é Jesus,  
 Com isso estou contente ;  
 Como Jesus nunca morre,  
 Tenho amor eternamente.

Palavras leva-os o vento . . .  
 Ai tão leves que elas são !  
 Assim o vento levasse  
 As penas do coração.

O cravo depois de sêco  
 Significa amor perdido.  
 Antes que eu queira não posso  
 Tirar-te do meu sentido.

Eu já não tenho a quem conte  
 As mágoas do coração.  
 Hei de fazer uma cova  
 Para enterrá-las no chão.

Ninguem descubra o seu peito  
 Nem ao próprio confessor ;  
 Quem o seu peito descobre  
 Para si mesmo é traidor.

Isabel e Agostinho  
 Ainda aos arraiais vão :  
 Ela sempre de cestinho  
 E êle sempre de bordão.

Os teus cabelos são lindos,  
 Teus labios lindos, rosados.  
 Teus encantos são infindos  
 Ó mulher dos meus pecados.

Com teus carinhos me encantas  
Adormeço em teu regaço.  
As cantigas que me cantas  
São os versos que eu te faço.

Prometi uma promessa  
À Senhora do Livramento  
Se visse entrar o meu amôr  
Da minha porta p'ra dentro.

Confecei-me a Santo António  
Disse-lhe que andava amando ;  
Ele deu-me por penitência  
Que eu fôsse continuando.

Dizem que o preto é luto  
E que o branco é fantasia ;  
Se o verde é esperança  
Hei de ser feliz um dia.

Vem cá meu preto da China,  
Vem cá, queimado do sol :  
Quanto mais preto mais firme,  
Quanto mais firme melhor.

Se errar, não sou a primeira  
Nas aventuras do mundo.  
Hei-de abraçar a Terceira  
Se o vapor não fôr ao fundo.

Dizem que é fácil amar  
Para quem bem considera,  
Mas é custoso encontrar  
Amor firme nesta era.

Prêso a êsse teu olhar,  
Logo a teu lado fiquei ;  
A vida passo a sonhar  
E ainda não acordei.

O nosso amor para mim  
É tão dôce como amargo :  
Juntos é gôso sem fim,  
Amargoso mal te largo.

Se a minha vida é feia,  
Da minha sorte me queixo :  
Contigo, alegria cheia,  
Tristeza assim que te deixo.

Hei de amar-te com cantigas,  
Prender-te sem embaraços,  
Em versos feitos de rimas  
E rimas feitas de abraços.

Que ventura inesperada  
Se eu pudesse adormecer  
E acordar na madrugada  
Do dia em que te hei de ver.

Nunca o teu rosto mimoso  
Pela minha rua assoma.  
Se não sabes onde eu moro,  
Quem tem boca vai a Roma.

É bem verdade, Maria,  
Seres do meu coração.  
Se o teu nome principia  
Na palma da minha mão . . .

Dei um ai entre dois bosques,  
Rebentaram dois rochedos.  
Se me juras de ser firme  
Eu te conto os meus segredos.

Menina, estás à janela  
Mas tem cuidado não caias ;  
A janela é muito alta,  
Podes romper tuas saias.

Amôr que estás à janela  
Comendo pão com queijo :  
Faz da bôca uma pistola,  
Atira para cá um beijo.

O meu amor foi-se e disse  
Que por ele não chorasse,  
E apertando-me a mão, tornou :  
Querida, quem te levasse.

Na fôlha da rosa larga  
Fiz a minha sepultura.  
Quem é firme no amor  
No mundo não tem ventura.

Teus olhos, contas escuras,  
São como a noite cerrada.  
São escuros mas deixa-lo,  
Sem êles não vejo nada.

O amor enquanto é novo  
Ama com muito cuidado,  
Mas depois de estar casado  
Mostra cara de enfadado.

O meu coração é terra,  
Hei de manda-lo lavar,  
Para semear desejos  
Que eu tenho de te falar.

Desci um alto rochedo,  
Duma silva fiz encosto.  
Não me importa padecer  
Tendo um amor a meu gôsto.

Daqui onde estou bem vejo  
Olhos a quem eu venero,  
Olhos a quem eu quiz muito,  
Olhos a quem quiz e quero.

Há duas coisas no mundo  
Que não chego a compreender :  
Um padre ir para o Inferno  
E um médico morrer.

Não me digais mais adeus,  
Com esses adeus me matais :  
Adeus para toda a vida,  
Adeus para nunca mais.

*(Colhidas na Luz)*



O ar é propagador,  
Eleva o som das sereias.  
O amor é como o sangue  
Que corre todas as veias.

Na fita do meu chapéu  
Teu nome mandei gravar,  
Para que saibas, amor,  
Que me estás sempre a lembrar.

Eu fui pedir-te a teu pai,  
Ele me disse que não,  
Tua mãe disse que sim,  
Qual deles terá razão ?

Eu casei-me, cativei-me,  
Nunca o devia ter feito.  
Sempre pensei que p'ra mim  
Fosses de maior respeito.

Eu plantei uma saudade  
P'ra de ti não me esquecer,  
Regada com as lágrimas  
Que choro de te não ver.

Tu foste a rosa mais linda  
Que neste jardim nasceu.  
Se eu cheirasse o teu perfume  
Que ditoso que era eu !

Heide amar a saudade  
Apesar de roxa e triste,  
Porque dentro em meu peito  
Uma saudade existe.

Se eu fôsse rei neste mundo,  
Que feliz sorte era a minha !  
Depois da gente casar  
Serias tu a rainha.

Fui um dia ao cemitério  
P'ra falar com minha avó,  
Estava ela e meu avô  
Jogando ao dominó.

Amo a Deus que é meu pai,  
A Terra que é minha mãe,  
A ti que és o meu amor,  
Não quero amar mais ninguém.

(*Colhidas nas Fontes*)



Sou pequena, visto saias,  
Faço roda de mulher.  
Dizei lá ao meu amor  
Se assim pequena me quer. } (a)

Quem morrer mal de amores  
Não se enterra em sagrado,  
Enterra-se em campos verdes  
Aonde se *apastora* o gado.

A saudade encoberta  
É um vale de amargura :  
Cantando choro o meu mal  
Como quem não tem ventura.

Cravo branco, risca preta,  
Me causa admiração.  
S'inda não tens outro amor,  
Descança o meu coração.

Saudades me tem posto  
Delgada como uma linha.  
Nascemos um para o outro,  
Paciência, sorte minha.

Quem me dera um caminho  
Por debaixo dêste chão,  
Para te poder falar  
Sem haver murmuração.

(a) Na Terceira ha esta variante :

Assim mesmo pequenina  
E' que o meu amor me quer.

No cofre das minhas penas  
Mais penas nenhuma cabe ;  
Alguem ha que sabe algumas,  
Mas, todas, só Deus as sabe.

Ai de mim tão pequenina,  
Tão perseguida de amores  
Que já nem forças eu sinto  
Para suportar mais dores.

O ladrão do melro preto  
Toda a noite me tentou,  
Mas, chegou-se à madrugada,  
Deu às asas e voou.

Semei no meu quintal  
A semente do melão,  
Nasceu-me um macaco torto  
Co'uma viola na mão.

Desde que o mundo é mundo  
Muita gente tem morrido ;  
Nem no mundo se acha falta,  
Nem o ceu se tem enchido.

Eu não quero à minha porta,  
Sombra da tua aguilhada :  
Eu sou mulher, perco tudo,  
És homem, não perdes nada.

Ó minha mãe, minha mãe,  
Ó minha mãe, minha amiga,  
Quem perde êsse amor que tem  
Perde tudo nesta vida !

Minha mãe é uma santa,  
Porisso foi batisada ;  
Eu que sou filha dela,  
P'ra santa não falta nada.

Minha mãe é uma santa,  
Meu pai um santarrão ;  
Tenho dois santos em casa  
A quem faço oração.

Cantai-me uma cantiguinha  
Antes que seja resada ;  
Quem é nobre, nobre fica,  
Quem canta não perde nada.

És a cara dum defunto,  
Quem te vir reza o credo.  
Tomar amores contigo  
Só por um triste remédio.

*(Colhidas no Carapacho)*



Eu era para ser padre,  
Paciência, Deus não quiz ;  
Dei um beijo numa môça,  
Foi o delíto que fiz.

Eu bem sei que sabes, sabes,  
Eu bem sei que sabes bem ;  
Eu bem sei que sabes dar  
O valor a quem o tem.

Os peixes que estão no mar,  
Mesmo os que estão bem no fundo,  
Todos têm os seus amores  
Como a gente cá no mundo.

Canta boca da minha alma,  
Tu não cantas, canto eu ;  
Não posso estar calada,  
Foi *signo* que Deus me deu.

Ah ! que voz seria esta  
 Que eu aqui ouvi agora ?  
 Será a voz de algum anjo  
 Ou de alguém que o adora ?

Se tu fôsses o meu bem  
 Muito te havia de querer ;  
 Nas palmas das minhas mãos  
 Te deveria trazer.

Se eu soubesse de tu vires  
 Aliviar minhas penas,  
 Teria a casa varrida  
 E enfeitada de açucenas.

Graças a Deus que cheguei  
 Ao jardim das cristalinas :  
 Os cravos são dos melhores  
 E as rosas são das mais finas.

Se eu tivesse asas, voava,  
 Muitas vezes te ia ver,  
 Mas como asas não tenho  
 Bem vês que não pode ser.

Fiz um A pela manhã  
 E um M ao romper da aurora,  
 Fiz um O ao meio dia,  
 Fiz um R e fui-me embora.

Fiz um A — para te Amar,  
 E um B — para Bem querer,  
 Fiz um D — Deixar-te, não,  
 E um S — Só se morrer !

Coração que a dois adora,  
 Com êle não tenho fé ;  
 Eu não quero amôr partido  
 Porque o meu inteiro é.

Fui ao mar para ver água  
 E ao jardim para ver flores.  
 Fui ao ceu para ver estrelas  
 E aqui para ver amores.

Tu é que és o meu amôr  
 Por quem penas eu padeço ;  
 Dentro do meu coração  
 Outro amôr eu não conheço.

Vai-se chegando a noite,  
 Chega-se a mim a alegria,  
 Afim de ver meu amor  
 Já que não o vejo de dia.

Eu puz-me a contar as horas,  
 (E os dias sempre a crescer !)  
 A ver quando chega a noite  
 Meu amor, para te ver.

Puz-me a contar as estrelas  
 Só a do Norte deixei ;  
 Por ser a mais bonitinha  
 Contigo a comparei.

Eu queria-te adorar  
 Como o sol adora a terra ;  
 Dizem que tens outro amor,  
 Não lhe quero fazer guerra.

Tenho um amor que me ama,  
 Outro que me dá dinheiro,  
 Tenho outro que me bate à porta,  
 Esse é que é o verdadeiro.

Ó coração de pombinha,  
 Ó asas de Primavera,  
 Quem pudesse adivinhar  
 O teu sentido qual era.

O mar é vivo e não fala,  
O rio corre e não cansa ;  
Quem me dera adivinhar  
Se inda me tens na lembrança.

O meu amor é cambado,  
Nas duas pernas tem geito.  
Ó cambado do diabo,  
Porque não andas direito ?

O amor é gato bravo  
Que arranha a dois corações.  
Sape sape, bichaninho,  
Não me faças arranhões.

Das estrelas miudinhas  
Mandei fazer um cordão  
P'ra prender minh'alma à tua  
Na raiz do coração.

O Santo Antonio é negrinho,  
É negrinho como a amora.  
Quando vê moças bonitas  
Deita a linguinha de fora.

Canta, minha amiga, canta,  
Canta que eu te ajudarei ;  
Se te vires naufragada  
Chama por mim que eu irei.

Estas meninas não cantam,  
Que males serão os seus ?  
Se calhar vem avisadas  
Dos seus servinhos de Deus . .

Estas meninas não cantam,  
Louvado seja o Senhor.  
Cantando seu mal espantam  
E afastam a maior dor.

Se tu visses o que eu vi,  
Pasmavas como pasmei.  
De ver um bicho tão grande  
Nas barbas dum peixe-rei.

Aí vem a Sapateia,  
Aí vem a moda *bum'a*  
Quem não canta a Sapateia  
Não canta moda nenhuma.

Mariquinhas lá de baixo  
Mandou-me um cestinho de ovos,  
E minha mãe logo disse  
Que eram amorzinhos novos.

Eu fui ao fundo do mar  
Apanhar uma açucena.  
Logo por desgraça minha  
Apanhei a mais pequena.

Tu disseste a quem me disse  
Que não me querias ver.  
Eu com isso não me importo.  
Mas enfim, gostei de saber.

O beijo que tu me deste  
Sem tua mãe o saber,  
Agora podes dar-me outro,  
Que já lhe foram dizer . . .

O limão que tu me deste,  
Não o comi nem o dei,  
Guardei-o na minha arca  
P'ra não lhe perder a lei.

Quem tem amores não dorme,  
Eu tambem assim fazia,  
Mas como já não os tenho,  
Durmo de noite e de dia.

Se eu morrer sem te gosar  
 Hei de te vir perseguir :  
 De dia não vais andar,  
 De noite não vais dormir.

O anel que tu me dêste  
 Era de vidro, quebrou-se ;  
 O amor que me tiveste  
 Era pouco, acabou-se.

Minha sogra tem-me raiva,  
 Minha cunhada também,  
 Mas não me importo com isso,  
 Queira-me o seu filho bem.

Lá vem a lua saindo,  
 Vermelha como uma brasa.  
 Quem tem a mulher ciosa  
 Tem o demonio em casa.

O diacho leve os ratos  
 Mais os dentes das formigas,  
 Que me roeram o sacco  
 Onde eu trazia as cantigas.

Não sei que cantigas cante  
 Á vista de tanta gente ;  
 Tanta cara, tanto olho,  
 Tanto nariz, tanto dente.

O meu cantar hoje em dia  
 Já não é como tem sido ;  
 É como pano lavado  
 Que o lustro traz perdido.

Quero cantar, ser alegre,  
 Não quero entristecer ;  
 Quem é triste morre cedo  
 E eu não quero morrer.

No meio daquele mar  
 Está um barco de pau  
 Onde o meu amor se assenta  
 A pescar ao *garapau*.

Sabe Deus se de hoje a um ano  
 Sabe Deus se de hoje a um dia,  
 Eu aqui ou noutra terra  
 Desço à sepultura fria.

O amor que em ti puz  
 Antes o puzesse n'água ;  
 Vem a água leva tudo,  
 Não deixa pena nem mágua.

Chamaste-me preta, preta,  
 Sou preta mas sou airosa ;  
 Também a pimenta é preta  
 Mas põe a sopa gostosa.

A giesta é amarela  
 E amargosa na raiz ;  
 Dizes que me não quizeste  
 Mas fui eu quem te não quiz.

Ando triste, vivo triste  
 Por um bem que eu tanto adoro,  
 Chego à janela triste,  
 Viro para dentro, choro.

Com falares e promessas  
E com lérias e cantigas  
É que os moços atrevidos  
Iludem as raparigas.

Rapariga tu não cases  
Com homem que já casou :  
Olha que vais criar pintos  
Que outra galinha chocou (!).

Vai para a Caldeira bela  
E, para limpar o mundo,  
Atira-te ao lago dela  
E deixa-te ir para o fundo.

*(Colhidas em lugares não identificados)*



Dá-me a tua mão direita  
Unida palma com palma,  
Atraz da mão vem o corpo,  
E atraz do corpo, a alma.

Meu amor me chamou doido,  
Acho que assim que está bem :  
Eu ando doido por ela,  
E ela não sei por quem . . .

Dá-me a tua mão direita  
E os teus dedos estendidos.  
Palpitam mimosamente  
Nossos corações unidos.

Uma ingrata neste mundo  
Foi o meu primeiro bem ;  
Foi ela que me ensinou  
A ser ingrato também.

Tu julgas que eu não sei  
Das tuas rebeldarias.  
Se tu me quizesse bem  
Fala a outra não darias.

Ingrata, já te não lembras  
Da constancia prometida,  
Que juraste seres minha  
E eu teu para toda a vida.

*(Colhidas na Feiteira)*

(!) Ou «firon».

# Viagem de Pompeo Arditì de Pesaro à Ilha da Madeira e aos Açores (1567)

No dia 6 de Maio de 1567, terça-feira, à tarde, saímos com a maré do porto desta cidade de Lisboa, numa caravela armada, com destino à ilha da Madeira. Chegados ao mar navegamos toda a noite com leve brisa de leste; na manhã seguinte, crescendo o vento, perdemos de vista a terra, e assim, sem a ver, navegamos quatro dias com bellissimo tempo, sempre com vento favorável ora de leste ora do norte. No quinto dia, que foi domingo, de manhã cedo, avistamos uma pequena ilha chamada Porto-Santo, a qual, segundo dizem os marítimos, mede cinco léguas de circunferência, está a 33 graus e  $1/3$  e é muito fértil, abundante em cereais e gados e abundantíssima de coelhos. Chegados à altura desta pequena ilha, deixamo-la à direita e principiamos a ver a ilha da Madeira, que por ser terra altíssima se vê de muito longe e dista quinze léguas da outra pequena ilha. À mão esquerda da Madeira vimos depois três ilhotas, a mais próxima das quais está à distância de quatro léguas.

Chamam-se estas ilhotas *Desertas*, porque numa habitam apenas seis ou sete pastores e as outras são deshabitadas. São tão pequenas que a maior não chega a ter uma légua de comprimento e de largura um tiro de arcabuz, tão estreita nalguns pontos que não podem passar três pessoas a par. Cada uma delas é quase toda rocha viva, altíssi-

ma e escarpada, com uma única saída tão difícil que, ha três anos, como alguns ingleses tentassem desembarcar para roubar gado, um prêto que aí se tinha recolhido, defendeu sózinho à pedrada o lugar de desembarque, evitando-o e abatendo cinco dos assaltantes. Vêem-se nelas vacas, carneiros, mulas, muitas cabras, perús, galinhas e enorme quantidade de coelhos.

Daquí, costeando parte da Madeira, chegamos à tarde ao Funchal, cidade sede do bispado, assim chamada porque, quando lá chegaram os primeiros povoadores, era um campo de funcho. Esta ilha da Madeira está situada a 32 graus e meio, dista da mais proxima das ilhas Afortunadas, que se chama Lançarote, 70 léguas, 100 léguas da costa de Africa e 150 léguas de Lisboa, é muito montanhosa, de costas altas, abundantíssima de fontes de bellissima água. Mede desoito léguas de comprimento e quatro de largura, só é habitada no litoral, porque na montanha, por causa da espessura do arvorêdo tão denso que se caminham duas e três léguas sem ver sol, e da grande quantidade de água, que aí brota, mesmo em Julho, faz um frio insuportável; mas no litoral, onde estão as povoações, o ar é tão temperado que em nenhuma época faz frio nem calor. Esta ilha deve ter mais de 13 a 14 mil almas e está dividida em duas capitánias, uma denominada do Funchal, outra do Machico, as quais pertencem a dois senhores deste Reino, e são morgadios que se transmitem em herança e recebem a redízima do Rei, isto é, se o Rei tem dez mil escudos de rendas eles têm mil.

A capitania do Funchal prodús a quase totalidade do açúcar; a do Machico, por não ser tão abundante de água, prodús menos, mas, em compensação, abunda em cereais e gados. Toda a ilha dá grande quantidade de vinhos considerados excelentes, muito semelhante à malvasia de Cândia; os cereais que aqui se colhem são bons, mas em tão pequena quantidade que não chegam para um terço do consumo, o que obriga a ir busca-los às Canárias e aos Açores. A colheita é mais cêdo do que a nossa, pois em 12 de Maio comemos pão novo, uvas, figos e melões, e os homens da ilha diziam que desde Março começavam a comer pão novo. É muito abundante de frutas de todas as qualidades, em especial bananas iguais às que vem de Chipre e Veneza. E o solo é tão fértil que a arvore plantada num dia dá fruto passado um ano; alem do que tem a propriedade maravilhosa de não criar animais venenosos e fazer perder o veneno aos que para lá são

levados de outra parte; nem se encontram animais nocivos a não ser ratos e pequenas rãs do tamanho de um dêdo (1).

A cidade do Funchal é a maior povoação da ilha e deve ter cinco a seis mil almas; está situada numa praia de milha e meia de comprimento, voltada para o lado de Cabo-Verde, onde ancoram todos os navios que vem buscar açúcar, vinho e compotas, que nesta cidade se fazem excellentes e em grande quantidade.

Tanto os que compram como os que vendem pagam direitos ao Rei à razão de dez por cento, de modo que o Rei, com isto e com o negócio do açúcar da gente da terra que lhe dá de cada cinco um, recebe por ano, sem despesa, uma média de cincoenta mil ducados.

Desta ilha, depois de trinta e cinco dias de permanência, partimos a 13 de Junho para os Açores, e ainda não tínhamos andado duas léguas, quando o vento acalmou de tal sorte que todo o resto da noite até ao meio dia seguinte quase não andamos. Ao meio dia, passada a ponta voltada ao poente, com vento sueste perdemos de vista a ilha à noite, e assim navegamos com bellissimo tempo durante três dias depois de deixar a terra, ora com oeste ora com leste; no quarto dia, quinta-feira à tarde, avistamos ao longe uma das ilhas dos Açores, assim chamadas pelo grande número deles que havia quando pela primeira vez foram reencontradas, mas agora nem um se vê, porque, segundo dizem, desapareceram de repente quando as ilhas principiaram a ser habitadas. Na manhã seguinte, ao romper do dia, achavamo-nos próximo desta ilha, que se chama de Santa-Maria, de onde se avista São Miguel distante treze léguas. Santa-Maria fica a 38 graus, não é muito montanhosa e abunda em cereais, gado e carnes, devendo ter de circúito não mais de sete ou oito léguas.

Navegando para diante deixamo-la à esquerda e andamos em roda da ilha de São Miguel; antes do meio dia chegamos à ponta da ilha voltada a leste e d'aí costeamos a parte sul, entrando à tarde em Ponta-Delgada onde desembarcamos, demorando-nos na ilha quarenta dias e cavalgando-a nesse tempo quase toda; porem mais claramente do que poderia e saberia descreve-la, contarei o que em grande parte vi e o que em parte ouvi à gente da terra digna de crédito.

Esta ilha está a 39 graus, à distância de cento e cinquenta léguas da Madeira, e as suas dimensões são de desoito léguas de comprimento por duas ou três de largura, orientando-se o comprimento de

leste para oeste. Do lado leste é montanhosíssima e toda coberta de árvores, entre as quais muitos cédros do Libano ; o resto é quase todo plano com colinas frutíferas que dão grande quantidade de cereais e gados ; ainda prodús pastiel para fingir pano em tamanha porção que os ingleses a ela vem todos os anos compra-lo e carregam dez a doze navios grandes. O vinho não presta porque é tão fraco que não dura mais de três ou quatro meses, de modo que Deus deu todas estas ilhas a um Rei para uma socorrer as outras, pois succede que todas estas ilhas dos Açores, que são nove — Santa-Maria, São Miguel, Terceira, São Jorge, Pico, Faial, Graciosa, Flores e Corvo —, têm vinhos ordinários, mas todas, excepto Pico e São Jorge, são abundantes em cereais, e trocando com a Madeira cerial por vinho, todas comodamente se mantêem. Esta ilha de São Miguel é muito populosa e deve contar, segundo dizem, vinte mil almas ; é muito abundante em vacas, carneiros e porcos, e é tanta a quantidade de cordenizes que maravilha ; não é muito abundante de água, embora não falte para os usos quotidianos ; os melões são os melhores de todas as ilhas e ha-os de quatro e cinco palmos de comprimento. Tambem é excelente o mel de abelhas, não me parecendo que possa haver melhor, nem sequer igual. Segundo os vestígios que se observam, a ilha já ardeu toda ; e no ano de 1563, dizem que na vespera de São Pedro, num lugar chamado Vila-Franca, começou pouco a pouco a terra a tremer e depois toda a ilha com grande força, terramoto que durou três dias seguidos, e no quarto correram três montes, dos quais nem um só vi, e deitaram fôgo com tamanho estrépito que se ouviu em São Jorge, isto é, a cinco léguas de distância, com enormes nuvens de pedra pomes e tanta quantidade de escórias, que, soprando vento do poente, chegaram a Portugal a uma distância de duzentas e sessenta léguas. Estas escórias causaram grande dano às colheitas e cobriram toda aquela parte da ilha, por modo que só agora começa a produzir alguma cousa.

Deitou ainda o monte tão grande porção de pedra, em cinco dias que durou a erupção, que em dois lugares de uma e outra banda da ilha, voltados a norte e sul, fez no mar duas praias de duas a três milhas de comprido e meia milha de roda. Correram destes montes correntes de lava incandescente cuja passagem nem elevação nem nada podia impedir, e eu vi uma que passou um grande monte e depois entrou no mar, tendo percorrido mais de uma légua de terra.

Esta lava converteu-se em pedra durissima e nêgra que, à vista parece breu.

Toda a ilha está cheia de montes abertos no cimo e rôtos por dentro, cuja terra é cinza, sinal evidente de serem devidos ao fôgo; alem disto, por toda a ilha, cavando quatro ou cinco pés na terra, encontra-se esta matéria queimada e convertida em pedra durissima. Da banda do norte, depois deste fôgo, encontrou-se a pedra de fazer alumen, que aí se faz, embora em pequena quantidade.

Dizem que a duas léguas do lugar chamado Vila-Franca, dentro da montanha, ha algumas furnas de enxofro de onde se escoam, quase no mesmo ponto, dois regatos, um tão frio que não se lhe pode meter a mão dentro, outro tão quente que, metendo-se nele um porco e tirando-o logo, lá deixa a pele. Dizem ainda que ha aí uma planicie no meio da qual está um lago cuja água negríssima de continuo ferve, e exala miasmas por modo que, se lá vão cães ou outros animais logo morrem, e aos homens não causam dano; cousas estas que, por ser perigoso e muito alagado o caminho, não tentamos ver.

Ao lado da dita Vila-Franca, situado ao sul à beira da costa, depara-se um maravilhoso ilheo quase redondo de meia milha de circuíto, distante da terra outro tanto, fechado em volta de rocha viva muito alta, que parece talhada a escopro. A terra no meio vai-se pouco a pouco abaixando e forma no centro uma pequena bacia de quarenta varas (2) de diâmetro, onde entra o mar por uma aberta, o que visto pela gente da ilha e conhecendo a comodidade que d'ái lhe podia advir, ha muitos anos abriu a parte voltada para terra, que é mais estreita e baixa, e fez uma entrada para barcos. Mas foi tão apertada que não entram embarcações de mais de uma tonelada, e porque, como disse, a abertura está voltada para terra, que a abriga do vento norte que podia prejudica-la, é porto seguríssimo com todo o tempo.

Dentro do porto do ilhéo ha enorme quantidade de peixe de toda a qualidade, na rocha inúmeras pombas bravas, que se apanham com a maior facilidade, e o terreno, se fosse cultivado, daria ótimo vinho, pois, inculto como está, nele crescem vinhas de excelentes uvas. Assim este ilhéo, que creio em todo o mundo outro igual se não encontrará, tem estado ao abandono sem utilidade alguma para o Rei por falta de quem saiba demonstrar a Sua Alteza a necessidade de existir na ilha

um porto como este para a sua armada, tanto mais não havendo nela nenhum isento de perigo. Sua Alteza, porem, resolveu agora por conselho do sr. Tomas <sup>(3)</sup> alargar a entrada por modo a passarem os navios que vêm da India, e aí conservar a armada de guarda-costas da ilha, para não succeder o que no ano passado succedeu à Madeira saqueada pelos franceses. E como o fundo é insufficiente para flutuarem os ditos navios, torna-se necessário escava-lo, cousa facil aliás. Até então, a fim de prevenir quaisquer accidentes, deve-se mandar construir uma fortaleza em qualquer parte do ilhéu, onde possa haver artilharia para defeza do porto, e uma casa para o capitão e os poucos homens necessários, de forma que, fazendo-se uma boa cisterna, por lá não haver água, e armazenando-se lenha e trigo com a possibilidade de o moer, os moradores ficarão habilitados, sem mais nada, à defeza do local contra todo o peder do mundo.

Esta ilha de São-Miguel é toda capitania e morgadio dum fidalgo do Reino, e a sua principal povoação é a cidade de Ponta-Dealgada assim denominada por estar na ponta mais estreita da ilha, cidade que poderá ter oito a nove mil almas e rende para o Rei, com toda a ilha, cerca de trinta mil ducados livres de despezas.

Partimos daqui para a Terceira na segunda-feira 28 de Julho à oite, num pequeno barco dito da carreira por não fazer outras viagens alem destas, e navegamos toda a noite com vento fraco do sul, que, ao romper do dia, acalmou totalmente; mas pouco depois veio vento nordeste que nos era contrário, e, por não ser impetuoso, para não voltar para traz, tivemos de passar o tempo bordejando na esperança de em breve rodar, pondo-se de feição, o que, todavia, não succedeu durante três dias, nos quais estivemos à vista da Terceira sem chegar a ela, a-pesar de, normalmente, se fazer o percurso dessas trinta léguas em menos de um dia e uma noite. Ao quarto dia quis Deus que o vento torcesse para sul e entramos depois do meio dia no porto da cidade de Angra, no primeiro de Agosto.

Esta ilha está na altura de Lisboa, isto é, a 39 graus e meio, chama-se Terceira por ter sido a terceira a ser encontrada, e dista de Lisboa 290 leguas. Não é muito grande, pois não excede 6 léguas de comprido e 4 de largo; o maior comprimento está orientado, como em São-Miguel, do nascente para poente. O solo, parte de montes ásperos parte de colinas férteis e amenas, prodús muito trigo e nal-

guns lugares tem correntes de água não tão grandes nem boas como as de São-Miguel.

Abunda em bois, cabras, ovelhas, porcos, e tem grande quantidade de cordenizes.

Ainda se notam vestígios de materiais petrificados que cozeram (lavas solidificadas), e muitos montes são furados como os de São-Miguel; depois de ser habitada ha 140 anos, segundo dizem, não se deu nenhuma erupção. À ilha afluem muitos navios por ser mais cómoda à navegação do que qualquer das outras; por isso nela tocam todos os vindos das Indias orientais e occidentais, do Brasil, São Tomaz, Mina e Cabo-Verde, a reabastecer-se de mantimentos, parecendo que Deus pôs milagrosamente esta ilha no meio de tão grande mar oceano para salvação dos míseros navegantes, que muitas vezes lá chegam sem mastros nem velas, ou sem mantimentos, e aí se fornecem de tudo.

Está dividida em duas capitánias, uma dita de Angra, outra da Praia, que são morgados de dois gentis-homens do Reino.

Os direitos reais, segundo dizem, são 7 a 8 mil ducados e a cidade de Angra, sede do bispado, cabeça das mais ilhas, é residência do Corregedor do Rei, que governa. Esta cidade é muito populosa e, segundo dizem, poderá ter sete a oito mil habitantes, mais que todo o resto da ilha; é muito bonita, com boas casas, ruas largas e direitas, e nela se fabricam ótimas mobílias de excelentes madeiras. Achando-nos nós na Praia em 9 de Agosto, tivemos notícia de terem chegado três navios da India e a armada real se encontrar no porto de Angra, e um galeão e duas caravelas, deverem partir com ela, assim que os navios tivessem mantimento, a fim de os proteger dos corsários em tão grande numero nestes mares, que o Rei todos os anos se vê forçado a mandar uma armada à ilha para defender e acompanhar os navios.

Resolvendo nós seguir nessa armada, se fosse possível, logo saímos da Praia para Angra, cerca de quatro léguas distante, onde no mesmo dia embarcamos numa caravelinha para as ilhas de São Jorge e Faial, as quais, por ordem de Sua Alteza, era preciso ver, na esperança, porque então o vento estava de leste favorável a nós e contrário aos navios da India, de regressar antes de partirem aqueles navios, que andavam bordejando e tomando mantimentos, sem ancorarem porque o Rei proibira fundearem no porto de 1 de Agosto em deante,

por ser ele pouco seguro nessa época e já se terem perdido navios por darem à costa. Mas, tornando a nós, digo que navegamos todo aquele dia e noite e de manhã cedo nos achamos em São Jorge, no porto chamado das Velas, onde logo desembarcamos, e, visto o preciso, nesse mesmo dia seguimos para o Faial num barco. A ilha de São Jorge dista da Terceira dez léguas terra a terra, e desoito porto a porto, tem de comprimento dez léguas e de largura apenas duas; é muito montanhosa e estéril, tanto que poucos dos moradores colhem o grão suficiente para seu consumo, abunda em lenhas e nela se fazem os melhores vinhos do arquipélago, inferiores contudo aos da Madeira. A sua largura é quase no sentido leste oeste, e tem ao lado, para o levante, à distância de cinco a seis léguas, outra ilha do mesmo comprimento e largura, ou com pequena diferença, formando ambas um canal. Esta ilha chama-se do Pico, por causa dum monte altíssimo e agudo que nela ha a que os naturais chamam pico; e contam que, antes de rebentar o fogo em São Miguel, sentiram fortíssimo abalo de terra que não só a agitou toda, como fez tremer São Jorge à distância de cinco a seis léguas, de modo que parece ambas as ilhas estarem ligadas no fundo do mar. Depois deste terramoto o cimo do pico abriu-se com grande ruído e começou a lançar enorme quantidade de fogo, o que continuou até ao ano de 1565, mas agora já cessou, e da abertura saíram, dizem, sete regatos ardentes de matérias de igual qualidade às de São Miguel, que correram até ao mar e se acham convertidas em pedra. A ilha é toda montanhosa e selvática, e a lenha dela, na opinião geral, é a melhor de todas as ilhas. Habitam-na unicamente pastores que vivem como selvagens e se alimentam de animais que apanham na floresta, dos quais a ilha procria infinita quantidade, isto é, vacas, cabras, ovelhas, porcos e coelhos, pois em toda ela não se encontram outras espécies comestíveis de quadrúpedes.

Navegando depois em frente, ora à vela ora a remos, conforme o vento permitia, chegamos ao Faial às 4 horas da noite, onde logo saltamos o melhor que pudemos, e aí, visto o que tínhamos a ver, nos embarcamos nesse mesmo dia já referido para voltar a São Jorge, tão grande era o nosso desejo de apanhar a armada. Esta ilha do Faial fica do lado sul ao fundo do canal formado por São Jorge e Pico, quase de forma redonda, distante oito léguas das Velas. Não tem capitão porque, morto sem herdeiros o que havia, reverteu à corôa.

Nesta ilha, como em todas as outras, ainda se vêem vestígios de fogo, de modo que alguns pertendem que não só São Jorge e Pico, mas as demais, estão ligadas entre si, sendo que todas geralmente arderam, e que procedem de comum origem. Esta ilha é bastante povoada e dizem que o rendimento anual do Rei é de seis a sete mil ducados.

As outras pequenas ilhas, que não vimos, Graciosa, Flores e Corvo, não têm nada de notável, e, alem de pequenas, são de pouca utilidade dando as três de rendimento ao Rei menos de dois mil ducados por ano.

Partidos que fomos do Faial andamos à roda de São Jorge a remos por ser desfavoravel o vento, e chegados aí anoiteceu a meio do canal, o vento, que nos era contrário, começou a crescer tanto que estivemos em perigo sem os marinheiros poderem avançar contra ele; mas por fim quiz Deus que, passado longo tempo, o vento abrandasse e, porseguindo, chegassemos às quatro horas do dia ao porto das Velas onde dormimos o pouco da noite que ainda restava, e aí, depois de jantar, mudamos para um barco um pouco maior, a fim de chegar com mais segurança à Terceira, e, a remos todo o dia e toda a noite seguinte, andamos no canal ao longo da costa da ilha, até de manhã cedo, alcançarmos uma pequena aldeia no extremo chamada Topo, a oito léguas das Velas, onde pensavamos deixar o barco em que vinhamos por meter muita água e partir noutro maior que estava carregado para a Terceira por ser favorável o vento.

Como porem passasse a soprar de leste, que nos era contrário, demoramos três dias sem pão e sem vinho não tendo levado mantimentos por não cuidarmos serem precisos, e agora os não encontravamos; e aquella pobre gente, sem saber onde ir busca-los, via-se forçada para comer e andar com uma faca pela costa a apanhar umas conchinhas que ha nas pedras como caracois, a que chamam lapas e com elas cozidas na água se mantinha. Mas Deus socorreu-nos a tempo fazendo chegar ali um amigo nosso com um barco muito veloz a remos, no qual embarcamos no sabado ao meio dia, e a remos andamos todo o dia e noite à roda da Terceira; como prazesse a Deus de manhã, à hora do jantar, no domingo, desembarcamos na cidade de Angra donde no dia seguinte, 18 de Agosto, providos das cousas ne-

cessárias, para a viagem ao Reino, embarcamos numa caravela que andava em busca da armada, a qual, cessando o vento leste que tanto a tinha demorado e soprando mais ao norte, já havia partido de volta a Portugal. Como, porém, se não afastara muito e iam num navio mais ligeiro, chegamos na quarta-feira à vista de São-Miguel e, agradecendo a Deus esta mercê, subimos para o galeão onde fomos muito bem alojados pelo capitão; e assim, como refrescasse o vento, começamos a navegar alegremente, a fazer figura duma grande frota porque, além dos três navios da Índia e dos três da armada, vinham conosco de conserva para se livrarem dos piratas vinte e cinco navios mercantes. Com tão bela companhia andamos cinco dias depois de sair da Terceira sempre com vento norte, aprofados a levante, até que ao sexto dia, 23 do mês, rodou de novo o vento para leste e como não pudessemos continuar com a prôa ao levante, vimo-nos obrigados a voltar-la ao sul, de modo que durante dois dias, tomada a altura, conhecemos ter descaído um grau; mas depois, como o vento virasse ao levante, e logo a sueste e sul, retomamos a nossa altura; desta forma navegamos com ventos vários, ora à pôpa ora à proa, até 30 de Agosto sempre com bom mar. No dia último do mês, todavia, que foi domingo, ao romper da manhã, começou a soprar do poente, ao princípio sem grande fúria, para mais tarde crescer, até que à noite amainamos todas as velas e voltamos a prôa ao vento com receio de dar à costa, porque o piloto dizia estarmos muito próximos. Na segunda-feira primeiro de Setembro começou a cair uma chuva torrencial que durou três horas com grande cerração e o mar tão embravecido com o vento que levantava vagas que nos escondiam os navios da Índia a pesar de estarem muito próximos, e se este mar houvesse rebentado como o nosso estaríamos em risco de tudo perder. Esta tempestade durou todo o dia e noite até que no dia seguinte, terça-feira, entrou o vento a amançar e a mudar-se para noroeste, pelo que, convencidos de irmos à costa, guindamos as vergas e levantamos as velas que tinham estado amainadas um dia e duas noites, e depois de jantar, clareando a atmosfera, com grande contentamento avistamos a terra próxima seis ou sete léguas, e às 3 horas da noite entramos e fundeamos no porto denominado Cascais, seis a sete léguas distante de Lisboa.

Na manhã da quarta-feira, 3 de Setembro, à hora da maré, providos de piloto os navios da Índia para passar a barra, que é muito

perigosa por causa dum recife à entrada do porto de Lisboa, chegamos finalmente a ele, com grande alegria, dando graças a Deus Nosso Senhor por nos ter conduzido a porto de salvamento.

*(Documentos para o estudo das relações culturais entre Portugal e Itália, II-21).*

#### NOTAS

(1) No texto *raganelline*. Cremos referir-se às pequenas rãs de cor verde e peito branco, *hyla arborea*, que vivem nas arvores de alguns jardins do Funchal, às quais se refere o «Elucidário Madeirense».

(2) Vide a descrição dos terramotos em Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, Liv. IV, Tomo II, Ponta-Delgada, 1926, pág. 124 e 144. A catástrofe de Vila Franca foi em 1522.

(3) *Canne* no texto, antiga medida de cerca de 2,<sup>m</sup> 25, que traduzimos por vara por nos parecer a antiga medida linear portuguesa mais aproximada da italiana.

(4) Tomazo Beneditto, engenheiro militar italiano ao serviço do Rei de Portugal que construiu os castelos de São Braz de Ponta-Delgada, o castelo de São Sebastião em Angra, etc.

## CENTENÁRIO DO P.<sup>e</sup> JERÓNIMO E. DE ANDRADE

No dia 11 de Dezembro do ano findo, comemorou-se o primeiro centenário da morte do P.<sup>e</sup> Jerónimo Emiliano de Andrade.

Notável professor e educador da mocidade, Comissário de Estudos e primeiro Reitor do Liceu, autor de numerosos e excelentes livros didáticos, não era ao Instituto que cumpria promover a comemoração daquela data. Tomou a iniciativa quem, entre todos, melhor a podia tomar, a Camara Municipal, que organizou uma romagem à campa do ilustre mestre no Cemitério de Nossa Senhora do Livramento e uma exposição bibliográfica na sua bibliotéca.

O P.<sup>e</sup> Jerónimo, contudo, embora não fosse historiador, ainda mercê da sua visão de pedagogo, occupou-se da história local e fê-lo por forma que bem merece aqui lembrar.

«- Nada mais pode ser vergonhoso ao homem de educação que desconhecer as vantagens e as riquezas da terra que lhe deu o ser, e ignorar os acontecimentos heroicos que nela se passaram.»

Como para tanto não houvesse um compendio, escreveu-o o P.<sup>e</sup> Jerónimo e em 1843 publicou o primeiro volume da *Topographia ou descripção physica, polttica, civil, ecclesiastica e histórica da Ilha Terceira*, logo seguida em 1845 do volume segundo, inteiramente consagrado à parte histórica, não chegando a publicar o terceiro, que devia abranger o período seguinte à denominação espanhola,

por a morte ter posto termo à sua operosa e benemérita existência. Para este volume deixou, porem, felizmente, preciosos apontamentos que o seu discípulo, biógrafo e amigo, P.<sup>e</sup> Mariano Constantino Homem, publicou em 1850 com o título — «*Apontamentos Posthumos do Padre Jeronymo Emiliano d'Andrade, para servirem de continuação á Topographia da Ilha Terceira*».

É digna de registo a sua noção de história e do papel do historiador, consignada na Prefação do volume segundo.

« — Lembrados que somos historiadores e não romancistas, o nosso principal cuidado foi transcrever com o maior escrúpulo e reduzir a ordem os factos mais salientes que se acham espalhados nos diferentes escritos que pudemos conseguir, conservando as mais das vezes as proprias palavras dos seus autores, temendo altera-las, dando-lhes diferente linguagem. Em obras históricas só se procura a verdade, e não a originalidade, e quando a não tenhamos alcançado pela inexatidão das peças, de que nos temos servido, ao menos podemos lisongear-nos de nada termos escrito de fantasia».

Ao tempo ainda não tinha sido publicada a copiosa e excelente obra de Drumond, *Annaes da Ilha Terceira*, cujo primeiro volume só saiu em 1850.

As fontes de que se socorreu, segundo diz, foram Frutuoso, atravez de Cordeiro, a *História Insulana* deste, o *Espelho Cristalino* de Frei Diogo das Chagas, que todavia dá como anónimo, o *Livro do Tombo* do P.<sup>e</sup> Menezes e as *Taboas Genealógicas* do Dr. João Cabral de Melo, ambos como o *Espelho* manuscritos.

Utilizou ainda documentos autênticos, memórias e anotações de particulares, e os livros antigos do Arquivo da Camara de Angra, trasladados por Drumond por iniciativa do Doutor Antonio Moniz Barreto Corte-Real, cujo valioso auxilio agradece. Alem destes consultou historiadores portugueses, designadamente Barros, Galvão, Candido Lusitano, Faria, Soares da Silva, não esquecendo a Crónica da Guiné recentemente publicada.

Aproxima e critica essas fontes para delas tirar conclusões ainda, em muitos pontos, aceitaveis, não obstante os progressos posteriormente feitos.

Examina os motivos que teria o Infante D. Henrique para promover a viagem aos Açores e entende que seriam notícias árabes, ou de

outra origem, sobre a sua existência. A seu ver, baseado nelas, procedeu por calculo e não por súbita inspiração.

Discorda de Cordeiro quanto à data do povoamento da Terceira que fixa entre os anos de 1444 e 1450. Provavelmente, na volta, os descobridores de Cabo-Verde teriam avistado os Açôres, e isso só poderia ser depois de 1446, pois, segundo Barros, Galvão, Soares e Silva e Faria, foi nesse ano o descobrimento daquele arquipélago, como é confirmado pela Crónica da Guiné.

Cordeiro supõe Cabo-Verde ao norte quando está ao sul e esquece que o Infante entregou a sua colonização aos descobridores, não sendo portanto a falta de idoneidade a razão porque o mesmo não fez para os Açôres.

Sucessivamente vai criticando e pondo de parte diversas hipóteses, para concluir que, ao certo, nada se pode saber e afirmar. A data de 23 de Abril de 1445 para o descobrimento, com tanta precisão fixada por Soares de Albergaria, não é aceitavel, pois não diz como a achou.

Cordeiro oferece-lhe noutros passos, como a época da vinda de Alvaro Martins Homem, fundados reparos.

Nos *Apontamentos* analisa com imparcialidade e isenção notáveis os estranhos episódios do Cerco do Castelo em 1641 e tenta explica-los.

O estado da ilha, a acção do governo local depois da Restauração, a situação da agricultura, o viver ostentoso da gente rica, os tumultos e desordens populares são narrados com escrupulo e verdade.

Notavel é a critica do Governo-Geral até Araujo, e nos *Apontamentos* encontram-se apreciações e noticias que ninguem mais nos dá.

O talento e a superior cultura do distinto educador forneceram-lhe uma justa visão da história, e o modo como escreveu o seu pequeno mas precioso livro, destinado a ser lido pela juventude, que ela ainda hoje pode e deve ler com incontestavel proveito, confere-lhe o direito à nossa gratidão e a ser lembrado pelo Instituto que em particular se dedica ao estudo da história local.

# Homenagem ao Dr. Henrique Braz

Palavras do Presidente do Instituto na sessão de homenagem à memória do Dr. Henrique Braz, no aniversário do seu falecimento, cuja acta vai publicada noutro lugar.

Meus Senhores:

Não era a mim que cabia falar nesta sessão do nosso saudoso consócio Dr. Henrique Braz.

Rasões, porem, a todo o ponto atendeveis, que certamente mais do que a nós a ele penalizam, impediram o nosso consócio sr. Dr. Elmiro Mendes de se desempenhar do encargo que lhe fôra confiado e, por fôrça das circumstancias, em mim veio cair.

Sinto o facto por V. Ex.<sup>as</sup> que ficarão privadas de ouvir o sr. Dr. Elmiro Mendes com a sua linguagem elegante e castiça a que se alia a excelencia duma primorosa dição; por mim, que nunca poderei substitui-lo; e pela memória de Henrique Braz que não terá a merecida consagração por todos nós desejada.

Ha na personalidade multimoda do Dr. Henrique Braz vários aspectos a considerar: — o político, o administrador local, o parlamentar, o profissional; a par do homem culto, poeta, prosador, estilista, orador, jornalista, sempre esteta, enamorado de beleza e ansioso de perfeição.

Embora todos se harmonisem e completem dando a visão integral

do homem, e a justa medida do seu altíssimo valor, só dos ultimos aqui me ocuparei.

Cêdo começou a manifestar decidida vocação literária. Ainda estudante liceal estreou-se com um pequeno livro de versos — *Vagidos*.

A maioria dos escritores, quando atingem a plenitude do seu desenvolvimento, repudia os escritos da mocidade. Coram perante as inevitáveis deficiências e incorrecções que lhes notam, e julgam-nos indignos de si.

Não sei se fazem bem se mal. Sei, e isso me basta, que quem quiser estudar a obra que nos legaram, precisa te-los em conta, pois é nelles que geralmente se revelam as tendências naturais do seu espirito e muitas vezes se manifestam as qualidades mais características do homem e do seu labor intelectual. Se perdem em perfeição e equilibrio, ganham infinitamente mais em sinceridade. Não têm ainda a cultura e a ponderação dos trabalhos de outra idade, a abafar o que é natural e expontâneo.

Isto succede com os *Vagidos*.

Ao lê-los impressiona-nos logo a falta da influência saliente, decisiva, dum autor favorito tomado para modêlo. Junqueiro, por exemplo, tão querido já então dos jovens poetas, o grande sedutor tido como ideal de perfeição, não o avassalou.

E isto não é porque o poeta manifeste uma originalidade vincada. Ha influências evidentes, mas não de um, de muitos poetas lidos com entusiasmo, assimilados e fundidos no seu espirito. Henrique Braz já era, não o homem dum só livro, mas o homem de muitos livros.

Supreende numa obra poetica de estreia o cuidado com a forma. Não ha versos frouxos nem errados, deslizes de metrificacão, dureza, esforço visivel, e, sem embargo de leves hesitações técnicas, tudo parece fluente, expontâneo, sonoro, musical, bem ritmado. Sirva de exemplo a pequena poesia — *As Nuvens* :

Vão as nuvens pelo espaço,  
 Cerúleas, nêgras, sombrias,  
 Austeras voando a passo  
 Como tristes cotovias,  
 Vão as nuvens pelo espaço.

Atravez esse negrume  
O céu azul é tão lindo,  
Tão lindo que em si resume  
Um canto de amor infindo,  
Atravez esse negrume.

Não ha irrupções líricas nem paixão dominante, imagens que choquem pelo inesperado, exagêros sentimentais, estados de alma desordenados, tudo é equilibrio. Mais visual que sentimental, mais objectivo que subjectivo, o poeta encontra inspiração no que o cerca, ou em situações em que se encontra.

Canta o amor, mas nunca é o cantor petrarchiano duma Laura ou dantesco duma Beatriz; obedece a solicitações de momento e torna-se impossivel identificar a inspiradora que parece variar com a ocasião. É um amor indefinido e vago, voluvel, talvez um pouco egoista, mas sempre sincero.

Tudo isto se encontra na obra subsequente do escritor.

Henrique Braz não era um poeta no verdadeiro sentido da palavra. A sua sêde insaciavel de beleza arrastou-o naturalmente para a poesia sem obedecer contudo a um imperativo categórico do seu espirito, e daí trocá-la em breve pela prosa, se bem que no intimo, ocultamente, a cultivasse toda a vida. Aos ritmos estreitos do verso preferiu os ritmos largos duma prosa expressiva, cantante e sedutora, de formas amplas e variadas, capaz de traduzir os sentimentos e as ideias com a beleza que não dispensava em nada.

Orador alia a frase elegante e correcta, clara e insinuante, a um alto poder de sugestão. A sua figura simpática, atraente, a sua voz bem timbrada quase de cantor, a sua dicção perfeita, o convencimento pessoal daquilo que queria transmitir aos outros, dava-lhe ascendente formidavel sobre o auditório e dominio das almas.

Escritor seduzia pelo estilo que atinge a culminância da perfeição no *Longe do meu horizonte*, impressões de viagem pela Europa, que foi levado a empreender, porque «viajar é um acto de cultura, de gosto artistico».

Poder-se-a notar-lhe certa artificialidade proveniente da rebusca de harmonia e equilibrio, uma sobreposse de cuidado formal, em prejuizo da expressão das ideias. Talvez dele se possa dizer o que os

grêgos diziam dos discursos de Demóstenes, cheirarem ao oleo com que tinham sido polidos. Mas que encanto nessa prosa perfeita, plástica, sonora, bela por si só como um poema, onde existe «alguma coisa de cristalino, de aveludado de ondeante, de marmoreo, que só por si plasticamente realizasse uma absoluta beleza»; «uma prosa como ainda não ha». (Fradique Mendes).

A semelhança dos simbolistas, as palavras têm para Henrique Braz uma beleza propria imanente da sua sonoridade sem relação com o significado; por isso a sua linguagem se esmalta de vocábulos raros, luzindo como preciosas gêmas, cascallhando alácres como garridas em toque de plagentes sinos.

Pela sonoridade se explica o emprego de palavras como estorcegar, liniforme, pútrido, juncado, horridamente, pandemônico, garrula, em vez dos sinónimos vulgares e correntes, e frases como «figurinha esbelta de irreal formosura, irradiando alento, amor, vitalidade».

Quem souber a sua predilecção pela música terá a justificação do facto.

Sem ser executante, educou-se por modo a tornar-se ouvinte esclarecido capaz de sentir e compreender o que ouvia. Não era exclusivista. Procurava descobrir os progressos da arte e o esforço dos modernos compositores para enriquecerem o património herdado de novos meios expressivos.

O mesmo em pintura, em escultura, em literatura campos por onde passeava o seu espirito de esteta.

As mais belas páginas do *Longe do meu horizonte* são, pelo menos para mim, aquelas em que nos fala de arte, sobre tudo quando a obra contemplada desperta as recordações históricas armazenadas na memória pela vasta e polimórfica cultura.

Um dia, fervoroso leitor de história, Henrique pensou faze-la e pôs-se em contacto com os historiadores locais.

Convidado para uma conferência na Camara Municipal da Praia da Vitória, tomou o tema dos sacrificios, por vezes heroicos, que a ilha tem feito pela nação e os pequenos beneficios deproporcionalmente deles advindos. *Sob o signo do sacrificio*. . se intitulou o opusculo.

As fontes de informação de que se socorreu foram os *Anais* de Drumond e a *História* do P.<sup>e</sup> Cordeiro. Leu-as atentamente e logo o

seu espírito arguto deu conta das hesitações e lacunas encontradas. Assim sentiu a necessidade de, por novas investigações, refazer o já feito completando-o, e ir mais além.

Começaram então as suas peregrinações pelos arquivos.

Henrique Braz trazia para a história todo o seu enorme poder expressivo verbal, a faculdade rara de vivificar e animar o que estava morto e inanimado, uma dialéctica segura afinada no exercício da advocacia, minuciosidade e honestidade de processos lógicos impostas pelo seu character e pela sua ponderação, tudo vendo, pesando, medindo antes de tirar conclusões, nada afirmando sem cautela ou mesmo conjecturando sem base sólida. E trazia mais a posse dos métodos históricos adquirida em atentas e diuturnas leituras dos mestres historiadores.

A boa estrela dos que sabem investigar — quem bem procura sempre encontra dizia D. Carolina Michaelis — deparou-lhe novos elementos e novos documentos. Estudou-os, criticou-os, comparou-os, e eles revelaram-lhe factos e aspectos nunca dantes suspeitados.

Teve a felicidade de encontrar, e de quanto ela o alegrou sou testemunha, os testamentos de Pero de Barcelos e Inez Gonçalves, infértil e afanosamente já procurados por muitos, analisou-os, interpretou-os e caiu na época confusa dos descobrimentos. Leu tudo o que havia, cronistas, historiadores, documentos, descobriu por seu turno cousas novas, corregiu e emendou erros, tirou conclusões, João Fernandes Lavrador, Diogo de Teive, os Cortes-Reais juntaram-se outra vez a Pero de Barcelos nas viagens e explorações para oeste.

Surgiram-lhe contraditores e dos mais temíveis, mas garbosamente, com a segurança de quem sabia o que tinha dito, manteve os seus pontos de vista. Não lhe faltaram igualmente os aplausos e os estímulos dos competentes, entre todos o do egrégio Dr. Joaquim Bensaude que sobremaneira presava.

Ponto nublado da historia terceirense é o cerco do Castelo e a Restauração, e se aí não fez investigações tão profundas procurou compreendê-lo e esclarecê-lo.

Tendo reunido quantidade inacreditável, assombrosa até, de elementos inéditos, escreveu as *Ruas da Cidade*, onde a propósito dos nomes delas nos surge a vida do burgo desde o seu início.

Para mim é este o seu melhor trabalho histórico.

Sobre história citadina é o melhor, poderia talvez dizer o único, que temos e poucas cidades, incluindo Lisboa, possuirão no género obra tão completa, tão copiosamente documentada, tão viva e colorida.

Bem sei que um leitor exigente poderá notar certa dispersão escusada, excursos e digressões afastadas do principal assunto. Isso, todavia, se por um lado pode ser defeito, por outro é virtude, visto animar o conjunto e, quando escrito na linda prosa do autor, é um encanto, um autêntico regalo espiritual.

Henrique Braz comprazia-se na descrição de episódios aventureiros. Observava-os, reconstituía-os, explicava-os, mas erra quem suponha nisso uma feição sensual e libidinosa do seu espírito. A sua vida morigerada, sem aventuras, desmente-o completamente. Ha apenas um requinte estético, uma curiosidade benevolente, uma tendência a bem compreender para bem justificar e desculpar. Não é um moralista rígido e às vezes, como tantos outros, postiço. É um cronista benigno, um esteta em busca do sentimento que foi, é e será sempre o maior gestor das grandes obras de arte.

E maravilha como o seu espírito equilibrado e afeiçoado pela cultura pôs o seu incontestável e brilhante talento literário ao serviço da história, valorizando-a, sem que uma só vez a imaginação desfigurasse a verdade.

Investigou com o escrúpulo e rigor dum homem de ciência, animou o resultado com as qualidades do homem de letras.

Foi no nosso Boletim que saíram as *Ruas da Cidade* e alguns dos seus mais profundos estudos, e bastaria o facto para justificar a homenagem do Instituto à sua memória.

Outras razões ha, porem, a acrescentar.

Desde a primeira hora Henrique Braz deu-lhe um esforço, uma dedicação, uma actividade, que mesmo os que melhor o conheciam estavam longe de esperar.

Já doente, enfraquecido, não faltava a uma reunião ainda com o mais desabrido tempo, e por sua vontade reuniamo-nos todos os meses ou até todas as semanas.

Falava-nos dos seus estudos, queria saber opiniões sobre assuntos que, aliás, conhecia melhor que ninguem, ouvia atento o que lhe diziam, aceitava contraditas e sugestões, fazia-as por seu turno num raro espírito de colaboração.

Segundo o seu justo critério o Instituto não consagrava, fornecia elementos de trabalho e dava possibilidades de publicidade. Pertencer a ele não representava uma honra, mas um encargo e um compromisso. Aberto a todos quantos quizerem trabalhar só lhes exige honestidade de processos e desejo de ir mais além do que antes se tenha ido.

Assim como pensava assim procedia; e preferiu a investigação à síntese, a monografia à obra vasta de conjunto.

Muito lhe ficamos devendo.

Não se pode aplicar-lhe o lugar comum de que a sua vida fosse ceifada em verdes anos. Entrara já na casa dos sessenta; mas muito podia ainda utilmente viver, pois, embora o corpo alquebrado, enfermigo, lhe não permitisse grandes esforços, o espírito moço e vivaz que albergava muito podia de bom e útil produzir no campo sereno da investigação para onde fugia nas horas de ócio.

Morreu quando ia dar vida e forma a numerosos elementos pacientemente reunidos.

As *Ruas da Cidade* quedam incompletas; artigos e ensaios já delineados sem a redacção definitiva que cuidadosamente lhes daria.

Fica-nos o que escreveu e publicou, e se é infelizmente pouco em quantidade, é muito, muitíssimo na qualidade.

Fica-nos mais o seu espírito orientador, o exemplo da sua dedicação ao Instituto, a doce recordação da sua amizade, a lembrança saudosa da sua convivência, da sua colaboração nunca regateada, da sua figura insinuante e superior, da sua afabilidade reservada, da distinção das suas maneiras, da sua alma bondosa de eterno enamorado da beleza.

Fica e ficará na memória de quantos algum dia trabalharam com ele nesta casa, e para afirma-lo solenemente, se reúne hoje o Instituto nesta descolorida mas sincera homenagem.

*Palavras do sócio Tenente-coronel José Agostinho :*

O falecimento do Dr. Henrique Braz coincidiu com um período em que os meus deveres profissionais me obrigaram a deslocar-me com frequência aqui, e por isso, nem pude assistir ao seu funeral, nem estive presente na reunião do Instituto em que foram tomadas resoluções sobre o modo de levar a cabo uma justa homenagem à sua memória. E, que mais não fosse senão para explicar a minha ausência, eu não deveria ficar hoje calado. Ha porem outros motivos para que eu diga alguma coisa, embora pouco — muito menos do que aquilo que teria vontade de dizer. É que por circunstâncias várias esta sessão não pôde ter, nem o brilho, nem a amplitude, que os amigos que o Dr. Braz tinha no Instituto, desejariam dar-lhe e eu não devo deixar de secundar, de maneira bem ostensiva, os esforços que o nosso presidente, Dr. Luís Ribeiro, tem feito para que ela se não apague de todo.

O elogio do Dr. Luís Ribeiro, só por si, teria aliás contentado o espírito do nosso saudoso consócio, se ele pudesse ouvi-lo, porque ele era muito especialmente sensível à sinceridade e à amizade vincada na alma e não simplesmente nas palavras.

Seria por outro lado atrevimento demasiado da minha parte querer acrescentar mais qualquer coisa ao que o nosso presidente já disse, tanto mais que uma boa parte da actividade do Dr. Henrique Braz se desenvolveu num campo que me é totalmente extranho.

Isso não impede no entanto que eu pague aqui o meu tributo à sua memória, embora duma maneira bem modesta, que de modo algum se coaduna com o que merece um homem que era estruturalmente um esteta, um cultor da perfeição, a quem repugnava fundamentalmente tudo o que fosse imperfeito e improvisado.

Mas não me esqueço por outro lado do apreço que ele tinha pela sinceridade e pela justiça, a repugnância que lhe causavam os elogios à ordem e os salamaleques de encomenda. E foi isso que me animou a vir ler-vos estas breves linhas, em que pús sobretudo a intenção de ser fiel tanto quanto possível às minhas reminiscências.

O Dr. Henrique Braz era mais adeantado do que eu em idade e

em estudos. Quando fui para o liceu, ali em S. Francisco, ele era já crescido. Teria uns desasseis anos, mas tinha já o porte de um homem feito. Sempre vestido com esmero, falando mansamente, mas com decisão, merecia a atenção dos mais novos e dos mais velhos.

Nem enfatuado, nem pretencioso. Aquela linha esmeradamente correcta, que nós lhe conhecemos até à morte, ele já a tinha quando era aluno do liceu. Nunca ninguem o viu retouçar como os outros, nem dizer palavrões. Contudo não era um tímido, nem um contemporizador. Débil de forças, defendia-se com o brilho do seu espírito, com a mordacidade da sua ironia, flagelando sem piedade a estupidez arrogante e a injustiça.

Voltámos a encontrar-nos no liceu de Lisboa. Ele brilhava entre os duzentos e tantos alunos da sua classe e ainda hoje, entre os nossos contemporâneos do liceu de S. Domingos, aparece, uma vez ou outra, quem por ele me pergunte. Nas aulas de literatura ele destacava-se com outros alunos, que depois vieram a ter nome nas letras nacionais. Colaborava assiduamente na «Alma Académica», um dos mais bem feitos jornais de estudantes que tem aparecido neste país.

As suas qualidades de orador suave e delicado, mas sempre impressivo e preciso, faziam dele porta-voz dos estudantes. E era já então um gosto ouvi-lo, ordenando as ideias com a sua inteligência fulgurante, esmerando-se nas imagens, ritmando as palavras, num brotar sereno e cadenciado de ideias.

Apartámo-nos durante alguns anos, seguindo rumos totalmente diferentes. Ele foi para Coimbra, tirar o curso de direito, eu para a Escola Politécnica. Topámo-nos dois anos mais tarde, por ocasião da greve académica do tempo de João Franco, em que ele marcou a sua atitude digna e intransigente, mantendo-se fiel à atitude anteriormente tomada pela Academia e saindo limpo daquela crise que deixou mal ferido o prestígio de uma parte da mocidade coimbrã daquele tempo.

Só volvidos bastantes anos é que tornámos a ter um contacto mais apertado. Não esquecerei no entanto que após a primeira guerra mundial, quando eu e outros, que em França havíamos sofrido as inclemências duma campanha duríssima, andávamos quasi esquecidos, o Dr. Henrique Braz não perdia oportunidade de manifestar o seu apreço e a sua admiração pelo nosso esforço. A sua delicada sensibilidade não podia ficar indiferente perante aquilo que, aos seus olhos se afigurava

a continuidade das tradições heróicas da nossa ilha, efectivada pelos combatentes terceirenses da França e da Africa.

Foi porem ha oito anos, quando ambos aceitámos fazer parte da Junta Geral do distrito, que começámos de novo a viver mais em contacto. Um motivo comum nos levara a ambos a aceitar tal função : aproveitar da boa maré, em que havia entrado a administração do país, para procurarmos alcançar um quinhão dessa prosperidade, para a nossa terra, para o nosso distrito.

Trabalhámos aqui em cooperação com o Dr. Ramiro Machado, com o Dr. Candido Pamplona e com outros patrícios, igualmente animados do mesmo fervor de promover o ressurgimento do distrito. Todos nós conservamos a melhor recordação desse período de colaboração elevada, orientada quasi academicamente para um estudo dos problemas do distrito, em que tudo era apontado, medido e discutido, sem que em qualquer de nós se pudesse discernir o menor vislumbre de um intuito reservado, sem que algum estivesse a apontar ao alvo que a ambição pessoal traiçoeiramente estivesse a mostrar-lhe para alem do puro interesse das nossas terras e da nossa gente.

O Dr. Henrique Braz muito contribuiu para o bom êxito dos nossos esforços, coroados sempre por resoluções tomadas por unanimidade e que incontestavelmente libertaram a Junta Geral da atmosfera de desconfiança em que até ali havia vivido. Injustamente, acredito, em homenagem à honestidade e às boas intenções dos que até ali haviam feito parte deste corpo administrativo. Mas pura verdade.

O conselho, o conhecimento desenvolvido das questões, relacionada com a administração da Junta Geral, e o prestigio pessoal do Dr. Henrique Braz, contribuíram muito para mudar o rumo à administração da Junta, encaminhando este corpo administrativo para uma nova orientação que sem dúvida é que preparou o terreno para todos os grandes beneficios que através dela mais tarde começaram a chegar para o distrito de Angra.

Algumas vezes em interinidade exerceu o Dr. Henrique Braz a presidência da Junta Geral. E, como membro da comissão executiva, tive ocasião de apreciar o escrúpulo que ele punha no estudo de todas as questões que vinham à discussão, a sua meticulosidade, o seu cuidado em que tudo fosse deliberado por forma a ficarem salvaguardados os interesses da Junta, a cumprirem-se todos os preceitos da

lei, de modo que não houvesse justos motivos para queixas ou reclamações.

Isso estava aliás dentro do seu espírito de homem de leis e do seu feitio de pessoa que ambicionava sempre a perfeição, desde o estilo que empregava nos seus escritos até à encadernação das obras da sua biblioteca.

O seu último interesse e a tarefa a que ele concedeu o resto da sua fé não desiludida, foi a este Instituto Histórico, onde hoje lhe estamos prestando homenagem.

Havia anos já que o Dr. Henrique Braz ocupava parte do seu tempo em compilar apontamentos sobre o passado da nossa gente. Esta gente da Terceira tem sido refervida em episódios de aventura, de romance, de piedade, de heroísmo, desde os seus fundamentos. Quem quizer, hoje mesmo, ter as provas disso, bastar-lhe-á abrir os olhos e observar. E felizmente não nos falta quem o faça.

Quem preferir mergulhar no passado, embrenhar-se nos papéis velhos, terá a vantagem de achar os episódios já despidos da vulgaridade e terá ainda a seu favor o facto de poder suprir e alindar com a imaginação aquilo que a tinta dos documentos não conservou e so a tradição ou o ambiente deixam entrever. Este aspecto da nossa vida quadrava admiravelmente ao feitio de Henrique Braz, que era a par de tudo, um sonhador e um poeta. Daí o brilho das conferências que sobre assuntos do nosso passado heróico ou romanesco, ele fez na Sociedade Recreio dos Artistas, para só citar as mais recentes.

Por isso ele tinha especial estima pelos documentos antigos e constante preocupação pela sua conservação, um receio quase doentio de que fosse perder-se qualquer coisa que apagasse algo da nossa vida agitada ou subtil do passado.

Nesse desejo, que ele não perdia ocasião de formular e que muitas vezes repetia em reuniões da Junta Geral, veio em grande parte a fundamentar-se a criação do Instituto Histórico, nascido por geração espontânea no seio da Junta Geral, quando ele já não fazia parte desta corporação, mas a que ele deu imediatamente o melhor acolhimento. E através do Instituto com base no mesmo intuito veio afinal a criar-se agora o Arquivo Distrital, que o Dr. Henrique Braz já não poudo ver instituído, mas que era uma das suas mais acalentadas aspirações.

O que o Instituto deve ao Dr. Henrique Braz di-lo com mais autoridade do que ninguem o nosso Presidente. Todos nós recordamos com saudade a sua presença, a finura das suas observações, a clareza e brilho com que nos trazia aqui o produto das suas investigações. E até a veemência com que repreendia a falta de assiduidade de muitos dentre nós, o seu anseio para que a nossa vida fosse mais preenchida de actividade, que se multiplicassem as reuniões. O Instituto nestes últimos tempos era para ele uma preocupação preponderante, emquanto que para nós — excepção feita do Dr. Luís Ribeiro — ele não pôde passar de um violino de Ingres, que as exigências da nossa vida não deixam tocar senão de raro em raro.

Se a alta intelligência do Dr. Henrique Braz e o brilho do seu espirito, a par com o grande amor à sua terra, são um motivo de grande admiração para nós todos, esta dedicação pelo Instituto, que propositadamente deixei para última menção, constitúi grande motivo de respeito pela sua memória e o exemplo que neste momento mais oportunamente podemos apontar aos nossos consócios e a todos quantos estão interessados na nossa tarefa.

*Disse.*

# Cartas de Filipe I e Filipe II ao Bispo D. Pedro de Castilho

Pelo Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima

No dia 19 de Março de 1576 faleceu repentinamente, quando se encontrava na sua Catedral, o Bispo de Angra D. Gaspar de Faria. <sup>(1)</sup>

A escolha do sucessor deste prelado que se nos apresenta como homem prudente, apaziguador e virtuoso, parece não ter sido muito facil. Foi pelo menos demorada, pois só em 4 de Julho de 1578 foi D. Pedro de Castilho confirmado nesta Diocese pela Bula de Gregório XIII *Gratie divine premium*. <sup>(2)</sup>

Era D. Pedro de Castilho filho de Diogo de Castilho e de D. Isabel Ilharco. Seu pai era neto de João de Castilho, espanhol que viera rezidir para Portugal e descendente da casa nobre de Castilho Pedrozo, nas Astúrias. O mesmo acontecia com sua mãe, que era filha de João Ilharco, biscainho que viera com a sua barca vender ferro ao Porto e aqui se fixara. <sup>(3)</sup> Eram ambos de condição modesta e

---

(1) Cf. Francisco Ferreira Drumond, *Annaes da Ilha Terceira*, Tomo I, pág. 168, Angra do Heroísmo, 1850.

(2) *Corpo Diplomatico Português*, vol. X, pág. 541. Transcrevemos adiante este documento, sob o número (I).

(3) Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, vol. IX — Braga, 1939. Cristovão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, Tomo III, vol. 2.º, pág. 405, Porto, 1945.

Diogo de Castilho exercitava o officio de mestre das obras em Coímbra, onde parece ter nascido seu filho Pedro, a julgar pelos registos universitários.

Em data anterior a 1561 matriculou-se em Artes na Universidade de Coímbra, pois neste ano provava já ter o tempo requerido para Bacharel. Com effeito este grau foi-lhe conferido a 24 de Fevereiro de 1561 e o de Licenciado a 30 de Abril do anno seguinte.

Matriculou-se depois em Cânones, apresentando provas dos cursos de 1565 a 1570. Foi Bacharel nesta Faculdade em 1568 e Licenciado em 1572. (1)

Segundo D. Antonio Caetano de Sousa teria obtido o grau de Mestre em Artes e teria estado matriculado em Teologia, antes de ingressar na Faculdade de Cânones. Não encontrámos, porém, na rápida busca a que procedemos, os termos correspondentes, nos respectivos livros de registo. (2)

Exerceu depois os cargos de Prior da Igreja de S. Salvador de Ilhavo e deputado do Santo Officio da Inquisição de Coímbra, por mercê do Cardeal D. Henrique, sendo nomeado em 16 de Fevereiro

(1) Arquivo da Universidade de Coímbra, livros dos *Autos Graos e Prouas de Curso*, dos annos de 1561 a 1572. Para melhor elucidação do leitor sobre a actividade académica de D. Pedro de Castilho, damos o quadro cronológico dos seus estudos universitários :

*Faculdade das Artes*

1561 — Provas para Bacharel.

1561 — Maio, 24 — Grau de Bacharel.

1562 — Abril, 23 — Provas para Licenciado.

1562 — Abril, 30 — Licenciatura.

*Faculdade de Cânones*

1565 — Outubro, 1 a 1570 — Julho, 31 — Provas de Curso.

1567 — Novembro, 18 — Conclusões do 6.º Anno.

1568 — Junho, 25 — Grau de Bacharel

1572 — Fevereiro, 7 — Lição de Suficiencia

1572 — Maio, 27 — Repetição

1572 — Junho, 23 — Exame Privado

1572 — Junho, 29 — Licenciatura.

(2) Cf. D. Antonio Caetano de Sousa, *Catalogo dos Bispos da Igreja de S. Salvador da Cidade de Angra*, in «Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesas». 1722. Tomo I. Lisboa, 1722.

de 1575 visitador da Diocese de Coimbra, de que era Bispo D. Manuel de Menezes. (1)

Embora D. Antonio Caetano de Sousa diga que passou à Ilha Terceira «pelos annos de 1577» (2) e Ferreira Drumond anote a sua chegada em 1578, (3) podemos agora precisar, confirmando o Dr. Gaspar Fructuoso (4), que ella ocorreu depois de 18 de Janeiro de 1579, pois um alvará régio desta data, passado pela Chancelaria da Ordem de Cristo diz: «... ã dom p.º de castilho bpo dangra tenha e aja em cada hum Anno do dia ã partir desta cidade de Lx.ª p.ª o seu bpdo...» (5)

Por não nos parecerem completamente desprovidos de interesse para a história da Igreja nos Açores, transcrevemos, no fim desta introdução, este alvará e tres outros em que o Rei, como Governador da Ordem de Cristo, fixa os ordenados e os direitos do novo prelado. (6)

Trouxe D. Pedro de Castilho na sua companhia o virtuoso padre, Frei Jorge, da regra de Santo Agostinho, que no dizer do Dr. Gaspar Frutuoso, era tam puro na religião, como versado nas letras.

Precisamente no anno anterior, e por carta regia de 15 de Maio, foi provido no cargo de Corregedor o Dr. Ciprião de Figueiredo de Lemos e Vasconcelos (7) a quem foi dado regimento com alçada sobre todas as Ilhas dos Açores, contendo nos seus desasseis capitulos poderes mais amplos dos que haviam sido conferidos aos seus antecessores.

(1) Idem, ibidem.

(2) Idem, ibidem.

(3) Francisco Ferreira Drumond, Ob. cit., Tomo I, pág. 177. Angra do Heroísmo, 1850.

(4) *Saudades da Terra*, in «Dois açoreanos no *Governo Interino*» por Antonio Ferreira de Serpa, in *Arquivos da Universidade de Lisboa*, vol. IV, pág. 263. Lisboa, 1917.

(5) Chancelaria da Ordem de Cristo, Livro 4.º, fols. 116. Transcrevemos este documento sob o n.º (V).

(6) Vid. adiante, documentos n.ºs (II), (III), (IV) e (V).

(7) Era natural de Aveloso e filho de Sebastião Gomes de Figueiredo e de sua mulher D. Antonia Fernandes de Vasconcelos. Seu pai fora familiar do Bispo de Lamego D. Fernando de Vasconcelos e Menezes e elle próprio parece ter pertencido à criação do Conde de Vimioso. Cf. Cristovão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, Tomo I, vol. 2.º, pág.

Era Ciprião de Figueredo magistrado íntegro, zeloso e observador inflexível da lei que fazia cumprir sem esquecer a prudência e a bondade sempre necessárias ao bom juiz.

D. Pedro de Castilho aparece-nos, a julgar pelos documentos conhecidos, como um prelado zeloso, grande defensor dos interesses da sua Diocese, mas impulsivo e por vezes obstinado, embora Gaspar Frutuoso, que parece ter-lhe tributado sincera afeição ou reconhecimento, nos diga que «foi sempre muito manso e recolhido, dando mostras de bondade e virtude». (1)

O seu temperamento levava-o com frequência, não obstante a sua formação jurídica, a uma interpretação errada das leis, invadindo a jurisdição do ordinário. Daqui a luta sem tréguas entre o Prelado e o Corregedor, que logo se inicia no ano de 1579. A primeira questão originou-se no facto do Bispo ter mandado prender no Aljube Simão Afonso, Manuel Gonçalves Machado e Diogo Afonso, contra os quais mandou instaurar cinco processos no tribunal eclesiástico, por adultérios e outros casos de *mixti fori*. O corregedor estranhou-lhe o procedimento e fez-lhe notar que pelos delitos apontados não os poderia mandar prender sem prévia admoestação, como determinava o Cap. 8.º, sessão 24 do Concílio de Trento.

Depois duma troca de alegações mútuas, em que o Bispo e o Corregedor pretendiam defender os seus direitos e privilégios, foram os autos enviados por este ao desembargo do Paço, onde depois de tudo visto se determinou que o prelado só poderia proceder à prisão dos réus, através do ordinário, e depois de proferidas as sentenças condenatórias, «e não o querendo fazer (o que de vos se não espera) eu proverei no caso como for justiça». Sobre outras infracções e violações da jurisdição ordinária advertia-se: «nem outrossim vos intro-mettereis nas fintas das obras das igrejas pellas ditas cousas vos não pertencerem: e não o querendo vos bispo fazer (o que de vos se não espera), mando às justiças nom cumpram vossas sentenças, censuras, nem procedimentos; e o dito corregedor tera muito cuidado,

(1) Dr. Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, loc. cit. pág. 251.

em saber como vos dito bispo e officiaes, usam da jurisdição ; e não consentira que se intrometam na minha». (1)

Ainda este acordão não fora proferido, já novo litígio se estabelecera entre as duas autoridades.

D. Pedro de Castilho por várias vezes procurara obrigar os officiais da justiça secular a revelar-lhe os segredos do seu foro, recorrendo para este efeito a vários meios, desde a excomunhão à prisão no aljube. Desta violação da jurisdição secular o corregedor havia já feito agravo em 29 de Março de 1579. Porem, a mais grave de todas succedeu com o tabalião da Vila da Praia, Francisco Lagarto Lobo, a quem obrigou com várias ameaças a vir à cidade para lhe revelar a materia confidencial dos autos que levantara com o juiz daquela Vila, João Cardoso Machado, intimando igualmente a este para idêntico fim, ao que ele se recusou.

Perante a recusa deste magistrado o Bispo não hesitou em mandá-lo excomungar na sua própria Vila, no domingo seguinte, depois da missa e, na cidade, por anúncios, pregões e notificação ao próprio Corregedor.

Perante estes acontecimentos o corregedor organizou um processo de que mandou dar vista ao Prelado, solicitando ao mesmo tempo a sua justificação, se ele assim o entendesse, para com os outros documentos remeter ao desembargo do paço.

Escusou-se D. Pedro de Castilho do conhecimento deste agravo, declarando que isso pertencia ao tribunal eclesiástico, do que se fez assento e tudo foi enviado ao juizo dos feitos da coroa.

No dia 6 de Agosto de 1580, ainda D. Antonio se encontrava em Lisboa, novamente o desembargo do paço se pronunciava contra o Prelado, pelo acordão de que transcrevemos o seguinte período : — «o que tudo visto e o mais dos autos, mandei que se passasse carta, por que vos rogo e encomendo, não queiraes compellir ao dito corregedor supplicante e mais officiaes, vos mostrem os autos e segredos de justiça, e levanteis vossos procedimentos e censuras, e não o querendo vós Bispo fazer, o que de vós se não espera, mando às justiças

(1) Francisco Ferreira Drumond, *Ob. cit.* Tomo I, pág. 668. Angra do Heroísmo, 1850

seculares não obedeçam a vós dito Bispo nesta parte, nem cumpram vossas censuras e excomuniões». (1)

Não ficaram por aqui as discórdias entre as duas autoridades pelo contrário agravaram-se ainda com o célebre caso de Margarida Alvares.

Tendo havido denúncia contra esta mulher, que era leiga e solteira, no tempo do corregedor Diogo Alvares Cardoso, mandou este magistrado proceder a uma devassa de *alcouce, alcoviteiras, amancebadas, feiticeiras* e outros casos, mas nada se tendo provado foi a acusada posta em liberdade, sendo-lhe passada carta de seguro.

Margarida Alvares temia, porém, ser encomendada pelas justiças eclesiásticas, por isso requereu que se fizesse notificação ao respectivo juízo. Mas, como esta demorasse e entretanto tivesse notícia que as referidas justiças tinham ordem para a prender, recorreu à protecção do corregedor declarando que havia quebrado os termos da carta de seguro. Esta autoridade não fez esperar as suas providências e logo passou mandado de captura contra a declarante, tendo encarregado desta deligência o escrivão Braz Nogueira que se fez acompanhar dos oficiais Francisco da Mota e Álvaro Pires. E tendo-a estes prendido na sua própria residência, encontraram-se à porta com a justiça eclesiástica, que ali ia para o mesmo fim, sob as ordens do escrivão Manuel Bastos, o qual invectivou e desrespeitou a justiça secular, alegando que a presa lhe pertencia e que já andavam em sua procura.

Depois de se alegarem de parte a parte muitas razões e invocarem muitos direitos, o prelado excomungou e condenou o corregedor na multa de mil cruzados para a Santa Sé, condenando igualmente em duzentos cruzados cada um dos oficiais acima referidos.

Perante a gravidade desta deliberação, que separava as duas autoridades superiores das Ilhas dos Açores, num momento em que a união de todas as forças e energias se impunha para fazer face ao estrangeiro que já se preparava para absorver o velho reino enfraquecido, o corregedor organizou mais um volumoso processo que remeteu ao juízo da coroa.

---

(1) Francisco Ferreira Drumond, Ob. cit. Tomo I, pág. 184. Angra do Heroísmo, 1850.

O acordão, firmado pelo juiz dos feitos da coroa, Dr. Manuel da Fonseca, vem datado de 21 de Julho de 1580 e, depois de transcrever e resumir as peças do processo diz : «acordei etc. : Que vistos os autos que o supplicante tirou de vós bispo das ilhas e como se mostra, sendo corregedor por bem de seu officio mandar prender uma parte por culpas que em seu juizo tinha, e estando presa os officiaes do ecclesiastico a quizeram tomar por força ; e por o dito corregedor a não mandar entregar, procederdes contra elle, e o condenardes em mil cruzados não mostrando culpas do dito prezo por que ao juizo ecclesiastico houvesse de ser entregue: e que visto como vós bispo neste caso não podieis proceder, e procedestes contra o direito e em caso em que não tinheis jurisdicção : mandei passar esta carta para vós dito bispo pela qual vos rogo e encomendo nom procedais neste caso, nem em outros semelhantes nesta forma ; e não o querendo vós fazer (o que de vós nom espero) mando as minhas justiças nom cumpram vossas sentenças, nem censuras, nem procedimentos, nem evitem ao supplicante, nem a seus officiaes, nem lhes levem penas de excomungado ; e eu proverei nisso como for justiça, e meu serviço ; e por esta mando ao dito corregedor faça prender os culpados officiaes do ecclesiastico que por força quizeram tomar a presa, e não a entregue a vos bispo, nem a vossas justiças, não lhe sendo mostrado como tendes culpas taes por que por direito possa ser presa no dito juizo etc.» (1)

Este documento, que Drumond transcreveu do *Livro de Registo da Camara da Praia*, fol. 52, levanta um problema. A sentença aparece homologada por Filipe I e vem datada de 21 de Julho de 1580. Mas a este tempo encontrava-se ainda em Lisboa D. António, que só daqui partiu no dia 25 de Agosto depois da batalha de Alcantara. Talvez que esta incompatibilidade se possa explicar admitindo que o documento tenha ficado pendente e aguardando a assinatura real e que por consequencia só tenha tido despacho depois da entrada em Lisboa de Filipe I.

Convem ainda acentuar que a primeira sentença contra o Bispo

---

(1) Francisco Ferreira Drumond, Ob. cit. Tomo I, pág. 675 — Angra do Heroísmo, 1850.

D. Pedro de Castilho a que nos referimos, traz a mesma data. Porém, Drumond quando a extraiu do mesmo *Livro de Registo da Camara da Praia*, fol. 51, não copiou a introdução do documento, ou por que ela não tivesse sido trasladada ou porque a julgasse sem interesse.

Compreende-se perfeitamente que, mesmo antes da chegada à Ilha Terceira dos tres acorôãos a que nos acabamos de referir, o estado de tensão entre o corregedor e o Prelado era insustentavel. Isto e as cartas de D. Antonio Prior do Crato e da Camara de Lisboa dando noticia da sua aclamação como Rei de Portugal, chegadas em fins de Julho, devem ter determinado D. Pedro de Castilho a abandonar Angra, onde os ânimos se mostravam muito pouco favoraveis a admitir outro Rei. Não estranharemos muito a simpatia do Prelado por Filipe 1, se nos recordarmos da sua ascendencia espanhola. Ela explica melhor do que uma concepção juridica da sucessão, como a de D. Jerónimo Osório, puramente intellectual, a sua attitude combativa, levando as ilhas de S. Miguel e Santa Maria a obedecer ao rei estrangeiro e levantando tropas e animando-as na resistencia às forças do Prior do Crato, como se fosse não um Bispo mas um general.

O certo é que no dia 12 de Setembro de 1580, desembarcava em Ponta Delgada, ido de Angra, o futuro Vice-Rei de Portugal e lugar-tenente de Filipe 1. (1)

Até agora pouco se conhecia das relações que o Bispo mantivera com a corte espanhola, durante a sua permanencia em S. Miguel. Sabia-se que apoiando Ambrório de Aguiar, que Filipe 1 despachara como governador dos Açores em 20 de Abril de 1581, havia desempenhado papel importante, senão decisivo na submissão das Ilhas de S. Miguel e Santa Maria ao rei estrangeiro. (2) Os seus revelantes serviços

(1) Gaspar Fructuoso, *Saudades da Terra*, Ob. cit, loc. cit. pág. 251.

D. Pedro de Castilho permaneceu nos Açores, ou melhor em S. Miguel até ao dia 31 de Agosto de 1582, data em que embarcou em Ponta Delgada na Armada que o Marquês de Santa Cruz organizara para servir de comboio para Lisboa às naus da India.

Gaspar Fructuoso, *Saudades da Terra*, Livro IV, vol. 3.º, Cap. 106., pág. 85. Ponta Delgada, 1931.

(2) P.º Antonio Cordeiro, *Historia Insulana* vol. II, Livro VI, Cap. XXV, pág. 141, Lisboa. 1866.

haviam-lhe grangeado a simpatia e o reconhecimento do monarca, que logo após a sua chegada a Lisboa o propôs para o Bispado de Leiria (1), nomeando-o depois Inquisidor Geral do Reino, D. Prior da Colegiada de Guimarães, Presidente do Paço e Esmoler Mór. Tal era a confiança que depositava na sua fidelidade e devoção à causa de Espanha, que duas vezes o nomeou Vice-Rei. (2)

Mas como haviam começado estas relações, qual fora a correspondencia trocada entre o «Demonio do Meio-dia» e o mais alto representante da Igreja dos Açores, ignorava-se até agora.

Ora, quando metódicamente percorriamos o inesgotavel e precioso tesouro documental da Biblioteca da Ajuda, deparámos no vasto espólio de D. Pedro de Castilho, com algumas cartas que se nos afiguraram de interesse para um mais perfeito conhecimento desta época. (3)

São em primeiro lugar as missivas dirigidas por Filipe I a D. Pedro de Castilho, então Bispo de Angra e residente na Ilha de S. Miguel, que logo lhe oferecera os seus serviços. Por elas se verifica o cuidado

(1) Foi confirmado nesta Diocese pela Bula de Gregório XIII *Gratie divine* de 3 de Junho de 1583. Cf. *Corpo Diplomatico Português*, vol. 12, pág. 13.

(2) Foi Vice-Rei de 1605 a 1608 e de 1612 a 1614.

Embora D. Antonio Caetano de Sousa na transcrição da lápide tumular que outrora esteve na capela de S. Tomás da Igreja de S. Domingos de Lisboa, apresente — 31 de Março de 1613 —, parece ter falecido em data posterior, pois são conhecidos documentos, com a sua assinatura, de 1614.

Cf. Afonso Zúquete, *Leiria, Subsídios para a historia da sua Diocese*, pág. 172. Leiria, 1945.

D. Antonio Caetano de Sousa, Ob. cit. loc. cit.

(3) Esta magnifica colecção compõe-se de 23 volumes (51-vii-5 a 22) de folio pequeno, todos encadernados em pergaminho, contendo cartas e documentos originaes e cópias de cartas e documentos officiaes de reis, príncipes, duques, marqueses, condes, Vice-reis, altos dignitários da corte, governadores, Arcebispos, Bispos, Priores e Abades, etc.; todas dirigidas ao Bispo D. Pedro de Castilho, entre os anos de 1580 e 1613. Além destes documentos, que andam por alguns milhares, encontram-se ainda minutas e cópias de cartas escritas por este Prelado.

Toda a vida pública de D. Pedro de Castilho e podemos mesmo dizer, grande parte da vida pública da Nação durante este período, acha-se aqui retratada.

Como complemento desta vasta colecção guardam-se ainda na Biblioteca da Ajuda cinco livros de registo das *Consultas do Desembargo do Paço*, relativos aos anos de 1587 a 1597 (Cód. 44 — XIV — 9 a 141).

que o Prelado pôs na apologia e defesa da causa de Espanha, a actividade prodigiosa que desenvolveu e a sua ingerência em todos os negócios políticos da Ilha de S. Miguel. Destas cartas se conclui, sem sombra de dúvida, que o Rei o considerava como seu principal representante nestas Ilhas. O próprio Ambrósio de tudo lhe deveria dar parte e em tudo deveria com ele acordar.

Alem destas cartas outras encontrámos de algum interesse para a Ilha Terceira, enviadas por Filipe II ao Prelado, quer durante o tempo em que desempenhou as funções de Presidente do Paço, quer durante os períodos em que foi Vice-Rei.

Com a publicação destes documentos outro objectivo não tivemos que o de fornecer aos historiadores açorianos mais alguns elementos para os seus trabalhos.

Lisboa, Dezembro de 1948.

*Baptista de Lima.*

## (1)

Bulla do papa Gregorio XIII a el-Rei

1578 — Julho 4

Gregorius episcopus servus servorum Dei Charissimo in Christo filio Sebastiano Portugallie et Algarbiorum Regi Illustri Salutem et Apostolicam benedictionem. Gratie divine premium et humane laudis preconium acquiritur si per seculares Principes ecclesiarum Prelatis presertim Pontificali dignitate peditis opportuni favoris presidium et honor debitus impendatur Hodie siquidem ecclesie Angrensis tunc per obitum bone memorie Gasparis olim Episcopi Angrensis extra Romanam Curiam defuncti Pastoris solatio destitute de persona dilecti filii Petri Electi Angrensis nobis et fratribus nostris ob suorum exigentiam meritorum accepta de fratrum eorundem consilio apostolica auctoritate providimus ipsumque illi in Episcopum prefecimus et Pastorem curam et administrationem ipsius ecclesie sibi in spiritualibus et temporalibus plenarie committendo prout in nostris inde confectis literis plenius continetur. Cum itaque fili Charissime sit virtutis opus Dei ministros benigno favore prosequi ac eos verbis et operibus pro Regis eterni gloria venerari Maiestatem tuam Regiam rogamus et hortamur attente quatenus eundem Petrum Electum et prefatam ecclesiam sue cure commissam habens pro nostra et apostolice sedis reverentia propensius commendatos in ampliandis et conservandis iuribus suis sic eos benigni favoris auxilio prosequaris quod ipse Petrus Electus tue celsitudinis fultus presidio in commisso sibi cure Pastoralis officio possit Deo propitio prosperari ac tibi exinde a Deo perennis vite premium et a nobis condigno proveniat actio gratiarum. Datum Rome apud Sanctum Petrum

Anno Incarnationis Dominice Millesimo quingentesimo septuagesimo octavo Quarto Nonas Julii Pontificatus nostri Anno Septimo.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Maç. 35 de Bullas, num. 33.

## (II)

Bpdo dangra

Eu el Rej como g.<sup>a</sup>or etc. faço sab aos q̃ este alu.<sup>ra</sup> virem que eu ej por bem e me praz pelo asj sentir por serviço de nosso sñor e por desejar q̃ ho cargo pontifical se exerçite com majs autoridade e as dignidades Beneficios e outros carguos ecclesiasticos do bpdo dangra se provejão com facilidade e certa informação como convem a  
 115 v° / des/carguo de minha cõsciencia e bom governo do dito bpdo e pela myta cõfiança q̃ tenho de dom p.<sup>o</sup> de Castilho bpo do dito bpdo e por lhe fazer merçe q̃ daquj em diante com seu parecer e emformação som.<sup>te</sup> da calidade vida e costumes e suficiencia da p.<sup>a</sup> ou p.<sup>as</sup> q̃ se ouveram de prover das ditas dignidades beneficios e cargos se pase as taes pesoas suas cartas dapsentações em forma ou as prouisões necessarias seg.<sup>o</sup> ordenança sem preceder acerq.<sup>a</sup> dese caso ou esame nem deligencia algũa porq̃ tudo o q̃ tocar ao provim.<sup>o</sup> diso espero que o dito bpo fara tam cõpiidam.<sup>te</sup> como delle confio notefico asi aos deputados do despacho da mesa da cõsciencia e ordõs e lhes mando q̃ cõ emformação do dito bpo sem mais esame como dito he façam pasar carta dapresentações ou prouisões em forma as p.<sup>as</sup> q̃ se ouverem de prouer de dignidades e beneficios e cargos no dito bpdo dangra na man.<sup>ra</sup> sobredita e cumprão e guardem e façam intr.<sup>a</sup> in.<sup>te</sup> cumprir e guardar este meu alu.<sup>a</sup> como se nele cõthem c q.<sup>a</sup> se registara no l.<sup>o</sup> dos pareceres da dita mesa da cõsciencia e ej por bem que valha e tenha força e vigor como se fose carta f.<sup>ta</sup> em meu nome p m̃i asinada e p.<sup>da</sup> p.<sup>ia</sup> ch.<sup>ra</sup> da dita ordem sem embargo de qualquer prouisam

ou Regim.<sup>to</sup> em cont.<sup>o</sup> M.<sup>el</sup> franco o fez ã Lx.<sup>a</sup> a xxviii de nouembro de br<sup>c</sup> Lxxviii lopo roiz camelo o fez escrever.

(A. N. T. T. Chancelaria da Ordem de Cristo, Livro 4.<sup>o</sup>, fols. 115 e 115 v.<sup>o</sup>).

### (III)

Eu el Rej como g.<sup>or</sup> etc. faço saber aos q̃ este aluara virem q̃ eu ej por bem e me p<sup>az</sup> q̃ dom p.<sup>o</sup> de castilho bpo dangra do meu C.<sup>o</sup> vença e aja os dozentos mil rs q̃ sam ordenados ao dito bpdo do dia em q̃ faleceo o bpo dom gaspar de faria seu antecesor em diante e lhe sejam pagos acusto de minha faz.<sup>da</sup> no feytor della da jlha terceira asj e da man.<sup>ra</sup> q̃ se pagafia ao bpo dom guaspar de faria pla carta de dote e conforme a ella descontando se lhe dos depositos do dito Dote prim.<sup>o</sup> q̃ deles lhe seja pago cousa algũa quatrocentos Mil rs q̃ p outro meu alu.<sup>a</sup> Mandej pagar ao dito bpo dom p.<sup>o</sup> de castilho em Rey Gomez de carualhosa meu th.<sup>r</sup> moor p<sup>a</sup> ajuda das desp.<sup>as</sup> da expediçam de suas letras e se sagrar e fazer prestes plo q̃ mando ao feytor de minha faz.<sup>da</sup> da jlha terceira q̃ hora he e plo tempo for q̃ de e pague ao bpo dom p.<sup>o</sup> de castilho os ditos dozentos Mil rs de seu dote em cada hũ Anno do tempo em q̃ faleceo o bpo seu antecesor em diante descontando lhe prim.<sup>o</sup> dos depositos delles os ditos quatrocentos mil rs q̃ lhe a esa conta Mandej pagar como acima he declarado o q̃l. pagam.<sup>to</sup> lhe fara pla carta do dito dotte asj e da man.<sup>ra</sup> q̃ por ella e p outras prouisões do sñor Rej meu sobrinho q̃ ds tem se paguauam ao bpo Dom gaspar de faria e plo treslado da dita carta e deste aluara q̃ se Registara no l.<sup>o</sup> de sua dêsp.<sup>a</sup> plo escruição do seu cargo e c.<sup>to</sup> do bpo m.<sup>do</sup> q̃ lhe sejam os ditos dozentos Mil rs leuados em conta cada Anno q̃ hos asj pagar depois de feito o dito desconto e este alu.<sup>a</sup> q.<sup>o</sup> valha como se fose carta f.<sup>ta</sup> em meu nome p mj asinada e aselada com o sello pendente da dita ordem

sem embargo de qlq.<sup>er</sup> prouisam ou Regim.<sup>to</sup> em cont.<sup>o</sup> Symão boRallo o fez ã Lex.<sup>a</sup> aos dous dias do mes de dezembro de bc lxxbiiij eu bertolameu froes o fiz escreuer.

(A. N. T. T. Chancellaria da Ordem de Cristo, Livro 4.<sup>o</sup>, fols. 116 v.<sup>o</sup> — 117).

#### (IV)

Eu el Rej como go.<sup>or</sup> etc. faço sab aos q̃ este alu.<sup>a</sup> virem q̃ eu ej por bem e me praz p fazer merçe a Dom p.<sup>o</sup> de castilho bpo dangra q̃ ele tenha e aja de minha faz.<sup>da</sup> p.<sup>a</sup> pagam.<sup>to</sup> dos ordenados do prouisor e vig.<sup>rs</sup> q̃ ade ter na cidade dangra da jlha terceira e da cidade da ponta delguada da jlha de sam Miguel cem Mil rs em cada hum Anno q̃ Reparerem co elles como lhe bẽ parecer e serão pagos e entregues ao dito bpo p.<sup>er</sup> esta m.<sup>ra</sup> ps. cincoenta Mil rs no feytor de minha faz.<sup>da</sup> da jlha terceira e os outros cincoenta Mil rs no feytor da jlha de sã Migel (sic) aos quaes feytores da jlha de sã Migel (sic) digo q̃ ora sam e pello tempo forem Mando q̃ se dem e paguem em cada hum Anno asj e da man.<sup>ra</sup> q̃ se pagavam ao bpo seu anteçesor q̃ os pla mesma man.<sup>ra</sup> tinha e isto do prim.<sup>ro</sup> dia do mez de jan.<sup>ro</sup> deste p sente Anno de bc lxxix em diante o qual pagam.<sup>to</sup> lhe façam p este aluara geral sem Mais outra provisã e plo treslado dele q̃ sera R.<sup>do</sup> nos l.<sup>os</sup> da desp.<sup>a</sup> dos ditos feytores plos escriuães do seu cargo e conhecim.<sup>to</sup> do bpo Mando q̃ sejam leuados em conta a cada hũ deles os L.<sup>ta</sup> mil rs cada Anno q̃ assy ande pagar e este alu.<sup>a</sup> se asentara no L.<sup>o</sup> da faz.<sup>da</sup> da ordem e q.<sup>ro</sup> q̃ valha como carta f.<sup>ta</sup> em meu nome e asellada com o selo pendente da dita ordem sã embargo de qlq̃ prouisã ou Regim.<sup>to</sup> ã cõtr.<sup>o</sup> Symão boRallo o fez ã Lx.<sup>a</sup> ao xbj dias do mes de jan.<sup>ro</sup> ano de bc lxxix.

(A. N. T. T. Chancelaria da Ordem de Cristo, Livro 4.<sup>o</sup>, fols. 116).

## (V)

Eu el Rej como g.<sup>or</sup> & faço saber aos q̃ este alu.<sup>a</sup> virem q̃ eu ej por bem e me praz q̃ dom p.<sup>o</sup> de castilho bpo dangra tenha e aja em cada hum Anno do dia q̃ partir desta cidade de Lx.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> seu bpdo em diante os dozentos Mil rs q̃ o s.<sup>or</sup> Rej meu sobrinho que ds tem acrecentou e ouueram os bpos seus antecesores p hũa sua carta cõforme a ella q̃ foy f.<sup>ta</sup> em sintra aos vinte nove dias do mes de julho do ano de mil e quinhentos sesenta e oito e isto emquanto elle Residir no dito bpdo e com as obriguações e lemitações cõtheudas na dita carta q̃ se cõprira e guardara intrãm.te como ã ellas se contem e como se a elle bpo dõ p.<sup>o</sup> p.<sup>te</sup> e concedida e lhe seram p ella pagos os Ditos dozentos mil rs no feytor da minha faz.<sup>da</sup> da Ilha de sam Miguel onde estam asentados e o declara a mesma carta alem dos quatro centos Mil rs. q̃ majs tem p duas prouisões minhas de seu dotte e merçe plo q̃ mando ao dito feytor q̃ hora he e pello tẽpo for lhe dee e pague hos ditos duzentos Mil rs dacrecentam.<sup>to</sup> do dia q̃ o bpo partir desta cidade em diante aos tẽpos e da man.<sup>ra</sup> q̃ se contem na dita carta e conforme a ella e pello treslado della e deste alu.<sup>a</sup> q̃ se registara no l.<sup>o</sup> de sua desp.<sup>a</sup> plo escriuam de seu cargo e conhecim.<sup>to</sup> do bpo mando q̃ lhe sejam os ditos dozentos Mil rs leuados ã conta cada Anno q̃ haja q̃ pagar e aos veedores de minha faz.<sup>da</sup> q̃ façam o escarinbo da faz.<sup>da</sup> da ordem este alu.<sup>a</sup> q̃ q̃ro q̃ valha tenha força e vigor como se fose carta f.<sup>ta</sup> em meu nome e p my asinada e p.<sup>da</sup> pl.<sup>a</sup> ch.<sup>ria</sup> da ordem sem embagro de qualquer prouisam ou Regim.<sup>to</sup> em contr.<sup>o</sup> Simão boRallo o fez ã Lx.<sup>a</sup> aos xviii dias do mes de jan.<sup>ro</sup> de bcl lxxix eu bertholameu froes o fiz escrever.

(A. N. T. T. Chancelaria da Ordem de Cristo, Livro 4.<sup>o</sup>, fols. 116 e 116 v.<sup>o</sup>).

## I

R.do Bpo Amigo, Eu El Rey vos envio muito saudar.

Eu envio ora Ambrosio daguiar coutinho do meu Conselho a Essas Ilhas dos Açores por capitão mor E governador dellas, por estarõ sem capitaẽs neste tempo em q he tam necessario guardarõse e defenderõse dos Cossarios q a Ellas vão, e por nisso ter a cõta que he razão cõ as mesmas Ilhas, E por outros Respeitos, Encomendo vos muito q em tudo o que for necessario E entenderdes delle q convẽ a meu ser.ço lhe deis toda a ajuda E favor q Vos pedir E façaes de Vossa parte nas cousas q Vos comunicar o que pera bem dellas cumprir como de Vos cõfio E espero, Scripta õ Elvas a 24 de fevereiro de 1581.

*Rey*

Para o Bpo dAngra

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 167).

## II

Reverendo Bispo amiguo. Eu El Rey Vos Envio muito saudar. Depois de ser partido para Essas Ilhas Ambrosio d'Aguiar, que tenho mandado por Capitão mór E governador dellas, como por Elle Vos escrevy com aquella confiança que de Vos sempre tive (como tereis entendido por a minha carta) Recebi agora a Vósa de 16 d'Abril, sendome dada á muy.<sup>to</sup> poucos dias outra Vóssa de Jan.<sup>o</sup>, E por ambas

Vy quam bem proçedeis ã Vossa obrigação Em meu serviço, que vos agradeço muito, E bem creio que com Vossa ajuda e Conselho Estarão todas as causas dessas Ilhas no Estado Em que convê para me Eu haver por bem servido dos moradores dellas, E Ambrosio d'Aguiar poder ter Inteiramõte feito ó a que o mandey, E Vos Encomendo muito que a sy ó façaes, E me Escrevaes tudo o que Vos parecerde que Eu deva ser avisado. E depois que Eu ouvir o Padre da Cõpanhia a que Vós Remeteis (que Jnda não he chegado a minha corte por estár doente) Vos Escreverey o mais que ouver por meu serviço./ E sobre os Pregadores que dizeis que não cõprõ o que por Vós lhe foy mandado, se proverá// de que sereis avisado por via do Bispo e Cappelão mor que entende nesta materia por autoridade apostolica. Scrita em Tomar a cinco de maio de 1581.

*Rey*

Para o Bispo d'Angra

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 125 v.º).

### III

R.do Bpo Amigo ; Eu El Rey enuio m.to saudar. recebi agora a vossa carta de-12-de Junho passado, E por ella entendi o que passou o Arcediago na Ilha - 3.<sup>a</sup> - E o mais que ne escreuestes. No que toca a Armada E gente que nella vay, me remeto ao ã sabereis com sua chegada a essas Ilhas, assi acerca da ordem que leua, como de todas as mais dependencias ; E com os Moestr.os de ã me fazeis lembrança mando ter a cõta ã he razam, E assi o tinha prouido antes de me agora ser dada a vossa carta. E ao Arcediago escreveu quam bem servido me ouve delle no que fez, E ey por escusado tornaruos encomendar as cousas da vossa obrigação, porquam bem cumpris com ella : E assi creio que o fareis sempre cõforme a mta cõfiança ã de vos tenho. Escritta em Lisboa a-19-de Julho de 1581.

*Rey*

Para o Bpo d'Angra.

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 -- VII — 5, fol. 39).

## IV

R.do Bpo Amigo, Eu El Rey vos envio muito saudar. Recebi duas cartas vossas, E em hũa dellas respondeis a hũa minha, E me fazeis Lembrança de algũas cousas das Igrejas dessas Ilhas que correm pela mesa da Consciencia, onde tenho mandado que se vejam, E provejam. E por via da mesma mesa sereis avisados do que sobre isto se faz. E quanto ao mais que me escreveis na outra carta de 18 - do passado sobre as culpas da Ilha - 3.<sup>a</sup> E prisam daquellas tres p.<sup>as</sup> que a ella foram : Pesa me disso como he razam, E querera Ds que tudo tenha a emenda que mais convem. Scritta em Lisboa a — 9 — d'Agosto de 1581.

*Rey*

Para o Bpo d'Angra.

(Original).

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 187).

## V

R.do Bpo Amigo, Eu El Rey vos envio muito saudar. por este Caravelão escrevo ao Governador Ambrosio d'aguiar sobre a materia q̃ vos Elle cõmunicará da minha parte, E encomendovos muito q̃ nella. E em de tudo o q̃ mais se offereçer Ele meu serviço façaes o que tenho por muy certo, conforme ao muito que de vós cõfio E espero : E cõ Ambrosio daguiar praticareis os particulares desta materia, E o ajudareis em tudo. E porque sou informado q̃ ontre Elle E os officiaes da Camara dessa Cidade da Ponta delgada ouve algũs descontentamẽtos em q̃ tenho provido cõ escrever a Ambrosio d'Aguiar E á Camara o que me pareceo que caminha para se isto remediar : Vos encomendo agora que tomeis a cargo fazerdes nisto todos os bons officios como sabeis que cumpre em tal materia, E Escrevermeeis tudo o que nisto passar. Escrita em Lisboa, a 10 - de Novr.<sup>o</sup> de 1581 — E o que me escrevestes sobre cousas da vossa obrigaçam pastoral, man-

dey que se visse na mesa da Consciencia onde pertencem, para por aquella via serdes respondido.

*Rey*

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 164).

(A segunda via deste documento encontra-se no Cód. 51 — VII — 5, fol. 89, desta Biblioteca).

## VI

R.<sup>do</sup> Bpo Amigo. Eu El Rey Vos Envio muito saudar. Receby a Vossa carta de 12 do pasado, E pesoume m.<sup>to</sup> do mau Estado (de q̃ me daes cõta) Em que Estão as cousas Ecclesiasticas E seculares da Ilha terceira, E tambõ sinto muito ser forçado q̃ o Remedio destes males seja tanto á custa daquella terra, como não poderá deixar de ser, indo cõtra Ella o exercito q̃ para isso tenho mandado fazer prestes, E bem creio quanto da Vossa parte aveis de trabalhar por se não chegar a isto (se for possível), cõ como o Eu desejo, por çima de quam mal aquella gente mereçe Usar com Ella de minha clemencia./ E quãto á licença q̃ me pedis para Vos Virdes dessas Ilhas, Eu confio de Vos que Inda q̃ Volla desse não Usarieis della, antes creio polla conta Em que vos tenho, E por quã bem tendes procedido em meu serviço, que se agora Estivesseis neste Reino Vos Embarcareis para essas Ilhas. Pello q̃ Vos Encomendo muito prosigaes o q̃ nellas fazeis com aquelle cuidado q̃ sey que disto tendes, òtendendo q̃ de Vos tenho E terey sempre a lembrança q̃ he Razão/.

Scrita ã Lx.<sup>a</sup> a 15 de dez.<sup>bro</sup> de 1581.

*Rey*

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 143).

## VII

R.do Bispo Amigo. Eu El Rey Vos Envio muito saudar, Vy a Vosa carta de 27 de Fevereiro, E por ella Entendo o cuidado com ã fazeis as cousas de meu serviço ã Vos agradeço, E foy bem feito suspender-se a Ida dos guardiãos E do Arcediago á Ilha 3.<sup>a</sup> para se fazer depois em tpo E ocasião mais conveniente como apontaes, E folguey de saber a conformidade que ha antre o governador Ambrosio d'aguair, E a camara da Cidade da Ponta delgada, E creio que vos fazeis nisto todo o bom officio como confio que sempre o fazeis ã tudo. E quanto aos Autos E patente de que me daes conta, Eu mando ver hũa cousa E outra pa Em tudo se prover como for justa E Razão. Scrita ã Lisboa a xy d'Abril de MDLxxxy.

*Rey*

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 159).

## VIII

R.do Bpo Amigo, Eu El Rey vos envio muito saudar. Tendovos mandado responder ás outras vossas cartas Recebi as ultimas ã me escrevestes de 21 de Março E primeir.<sup>o</sup> d'Abril. Ena materia da 3.<sup>a</sup> parece (como dizeis) ã não ha iá que tratar per meyo suaves, de ã aquella gente está tam incapaz de entender a sua obrigação de todos, E o ã particularmente cada hũ interessa em cõprir com ella, Mas ainda percima de tudo isto desejo a sua reduçam E que se escuse o seu castigo, sobre que torno a escrever ao Governador Ambrosio d'aguair o ã vos Elle comunicará, a ã me remeto: E tambem ao ã vos dirá sobre a partida do Marquez de Santa Cruz, E sobre as mais cousas depẽdentes destas materias. E acerca do ã me dizeis sobre as cartas ã vos vieram da 3.<sup>a</sup>, não ha ã tratar soposta a muita cõfiança que de vos tenho, crendo ã em todo tempo comprireis cõ a vossa obrigaçam em meu serviço. E encomen-

do vos q̃ do q̃ toca aq̃lle caso que passou na Igreja de Sam Sebastiam de q̃ vos avisou o Comissario, me escrevais o q̃ mais tiverdes sabido. E o trateis com Ambrosio d'Aguiar : porq̃ inda q̃ estas cousas sejam de menos momẽto q̃ outras, todas se devem prevenir para q̃ de pequenas nãõ vensam a mayores.

/Folguey de saber (como iá o tinha entendido) q̃ ha a cõformidade q̃ deve aver antre Ambrosio d'aguiar E os officiaes da Camara. E sobre o caso do Sacerdote E do Mostr.º de Santo Andre, vos tenho ia respondido. Scrita em Almeiry a 5 de Maio de 1582.

*Rey*

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 174).

## IX

R.do Bpo Amigo. Eu El Rey vos envio muito saudar. Receby as vossas cartas de 24 — E 26 de Mayo/, Enoque dizeis sobre a peleja q̃ o Capitão Mor Pero Peixoto teve cõ os navyos franceses não há que dizer por ser o mesmo sobre q̃ Elle ho Governador Ambrosio daguiar me Escreverão largamẽte aos quoaes Respondo sobre esta materia, E Recebj-o cõtentamẽto que he razão do q̃ nisso se fez por meu Serv.º em q̃ Vos sempre fazeis o q̃ o q̃ de Vos cõfio E espero ; como se Entende de Vossas lembranças, q̃ vos agardeço, E em tudo tenho mandado prover como la sabereis, E pesoume de entender pella Vossa Ultima carta q̃ ficaveis doõte E prazerá a Ds que tereis ja a saude neçesaria pera comprir cõ vossa obrigação, Quanto ao que dizeis sobre os negocios (a que aveis de ser respondido pella mesa da Consciencia) E tenho mandado que nella se trate disso.

Scrita Em Lisboa, a 22 de Junho de 1582.

*Rey*

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 214).

## X

R.<sup>do</sup> Bispo Amigo. eu El Rey vos enuyo muito saudar. Depois de vos ter mādado responder ás vossas Cartas de mayo per hũ Carauelão q̃ há quatro dias q̃ daqui partio Receby agora a de 8 de Junho, E noq̃ toca ás naos da India, do Governador Ambrosio daguiar sabereis o q̃ nysso Ey p meu ser.ço cōforme ao q̃ Escrevo aElle E ao capitão mor Pero Peixoto/. E acerca de aver dyr o Goardiam fr. Pedro E o Arcediago á Ilha terceira na Armada do Marques de Santa Cruz communicareis este Caso a Elle p.<sup>a</sup> se fazer o q̃ mais conuem, E ao Arcediago direis q̃ vy sua Carta e Resposta da q̃ lhe escreuy, E que creo delle que ã tudo me servirá como confio. E quanto ao que dizeis sobre a vesitação dessas Ilhas E do que pera isso tendes necessydade, por via da mesa da Consciencya (onde esta materja pertencê,) sereys a Ella respondjdo, scripta ã Lx.<sup>a</sup> a 26 de Junho de 1582.

*Rey*

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 5, fol. 171).

## XI

R.<sup>do</sup> Bispo Amigo, Eu El Rey Vos envio muito saudar. Tendo entendido pellas Cartas que me escrevestes quando vos recolhestes na fortaleza dessa Cidade E per outras Vias, quam bem compristes no successo q̃ vos obrigou a Isso) cō Vossa obrigação, E o animo, E prompto Zello de meu Serviço q̃ mostrastes naquelle trabalho na obra E nas palavras, me pareceo significarvolo logo por esta minha Carta, E que de Vossos serviços E pessoa tenho muita satisfação E contentamêto, E alembança delles q̃ he razão/ E per outras Cartas vos escreverej sobre as cousas de meu serviço, porque esta hé somête pera entenderdes o q̃ vos nella digo, E q̃ Vos agradeço m.<sup>to</sup> o q̃ tendes feito/ Scrita ã Lisboa a 30 d'Agosto de 1582.

*Rey*

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 166).

## XII

El Rey

R.<sup>do</sup> Inxpo padre (o bispo donpedro del castillo mñ Virrey y Inqui.<sup>or</sup> general ð nel rren<sup>o</sup> de Portugal ðlmro de campo don p.<sup>o</sup> Sarmiento escribe dela Isla terçera que se han continuando las fabricas y rreparos del cast.<sup>o</sup> de santph.<sup>e</sup> del monte del brasil de que Es castelellano pero que dentro de muy pocos dias sele acabava lalcal con que era fuerza çesar hasta q se leproveysse della y rrepresenta dela importancia q̄ Es proseguir Estas fabricas como aca se tiene ðntendido q̄ assi ha parecido advertiros dello y encargaros y mandaros como lo hago que conel dinero q̄ proçede delarrenta delas terçias q̄ Esta aplicado para fortificaciones, é nese rrei.<sup>o</sup> deis (orden q̄ se tome alguna buena ppd.<sup>a</sup> de cal y se envie a aquella Isla conla mayor brevedad q̄ se puidiere como se ha hecho (otras vezes p.<sup>a</sup> que por falta deste material, no paren las dhas ffabricas y del cuidado q̄ enesto pusierdes metendre por Servido de Vos ylo sere ðn q̄ me aviseis lo q̄ se hiciere por q̄ comui.<sup>e</sup> tenerlo ðntendido de Aranjuez a vij de Mayo de 612.

*Yo El Rey*Por Mand<sup>o</sup> del Rey nro Senor

..... Anahayas

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 2).

## XIII

R.<sup>do</sup> Bpo etc. conformandome cõ o q̄ se contem em hũa consulta do desembargo do passo nomeo a Ant.<sup>o</sup> ferr.<sup>a</sup> carreg.<sup>or</sup> q̄ agora he de miranda p.<sup>a</sup> a correção das Ilhas terç.<sup>as</sup> e hey por bem de lhe fazer as mesmas mi q̄ maodaua fazer a Roçã dasilueira com // com declara-

ção q não aceitando me não seruirey mais delle e se tomará em lembrança p.<sup>a</sup> não ser mais prouido como se fez ao dito Roq dasilueira; encomendouos mt<sup>o</sup> q nesta conformidade lho fassaes logo a saber e ordeneis q se despachem as prouizões neçess.<sup>as</sup> e me Venhão p.<sup>a</sup> eu as assinar/. escrita a 11 de Jan.<sup>ro</sup> de 1605.

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 7, pág. 22 v.<sup>o</sup>—23).

## XIV

Com esta será aVs. hũ lanço q Sua Mag.<sup>de</sup> mão dou açertar a gabriel Ribr.<sup>o</sup> da costa na renda das jlhas dos asores eprouim.<sup>to</sup> d'Mazagão como Vs. verá por elle E pl.<sup>as</sup> copias ao de Jorge Diaz crasto e Manoel gomez da costa aq se refere oqual Vs. mandará pôr em preção e qũ andeinelle dez dias contados do em q chegar aessa cid.<sup>e</sup> e auendo quẽ melhore enuiará Vs. os lanços/. Nosso s.<sup>or</sup> Etts de Valh.<sup>o</sup> a 19 de feur.<sup>o</sup> de 1605.

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 -- VII — 7, fol. 56).

## XV

R.<sup>do</sup> Bpo Etts. Vi hũa Carta do Bpo de Coimbra VisoRej q foi desses Reinos de 21 de nou.<sup>ro</sup> do anno passado ehũa consulta da junta deminhafaz.<sup>d</sup> sobre as pertençaes de Ant.<sup>o</sup> Caldr.<sup>a</sup> Contratador das jlhas dos açores E prouim.<sup>to</sup> de mazagão E vistas as Rações dadita Consulta ey porbem e mando q odito Ant.<sup>o</sup> Caldr.<sup>a</sup> pague logo oq deue de prazos corridos ate trinta de Março deste anno eq.<sup>to</sup> a se fazer composição com elle sobre odano do trinta por çento assi no q toca adita Renda das jlhas como ao prouiment.<sup>to</sup> de mazagão me conforino como parecer da dita consulta, E vos encomendo ordeneis a dita Junta faça orçamento

do q pode montar este desconto para ser executado portanto menos ate se tomar Resoluçam na dita composissão E no outro ponto sobre jntereses q diz tomou para prouer o dito lugar de mazagão por lhe faltarem com os pagamen.<sup>tos</sup> não Ej por meu serviço q será ouuido. por parecer q não tem sem embargo de q por sua parte se diz na dita consulta escrita a 15 de Abril de 1605.

E faz na dita junta o dito orçam.<sup>to</sup> do q pode montar o dano dos trinta por cento con os pareceres dos menistros della mo enuiareis escreuendome sobre/tudo con uosso parecer por uia de luis de figd.<sup>o</sup> meu secretarjo.

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51. — VII — 8, fol. 15).

## XVI

### El Rey

Reverendo ynypo padre (o bispo don Pedro del castillo que ser-  
vis de mi Virrey de los Reynos de Portugal por Vra carta de los nue-  
ve del pasado que da ãntendido que ãn conformidad delo que os  
mande ãncargar sobre que hiciese despreveer de cal ala terçera para  
las fabricas y Reparos del Castillo de Sant phelipe distes luego, orden  
para que se ãxecutase y quedava cargada una caravela para partir con  
primer buen tiempo y tengo me por servido del cuydado que ãn esto  
haveis puesto y lo sere ãn que lo continueis de manera que se ãnbie  
otras caravelas com buena cantidad de cal y ãn quanto alo demas que  
deçis della deligençia que haveis hecho sobre los ãncuentros que tie-  
nem las Justicias dela tierra con los ministros de la guerra lo que con-  
viene ãs que se ãscusen guardando las ordenes que estan dadas y  
holgare que esto quede assentado y establecido en Vrõ tiempo por él  
cuydado y buen çeto con que acudís alas cossas que se ofrecen de  
m<sup>o</sup>serviçio de Madrid — A ij — de Julio — de mill y seis cientos y  
doze años.

*Rey*

..... Anayas

(Original — e tem o sêlo regio e endereçado : Por El Rey ao R.<sup>do</sup> Dom P.<sup>o</sup> del Castillo Bispo de Leiria, Presidente do Desembargo do Paço do seu Conslh<sup>o</sup> &.

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 126).

## XVII

El Rey

Reverendo Inxpo Padre obpo Dom Pedro del Castillo Virrey y Inquisidor General de mis Reynos de Portugal, del Mro. de campo don Pedro Sarmiento mi Castellano del Castillo de Sr PH.<sup>e</sup> del Monte del brasil se ha entendido la orden que haveis dado para que de la consignacionq. Esta hecha para fortificaciones se provean con efecto algunas sumas de mrs para q continue la del dho castillo y que assi mismo haveis hecho proveer Ultimamente duçientos moyos de cal de que Gavia mucha necesidene, ytengome por servido del cuidado, con que Haveis acudido alo Referido ylo sere enque lo continueys pues saveis quanto importa ami servicio y al bien de aquellas Islas apresurar. aquella fortificacion y yrmeeis avissando lo que enesto se fuere Haziendo porque Golgare de saverlo de Madrid — a xx iiij — de deziembre de 1612 pues sabeis quanto importa esto para mi servicio y bien de aquellas Islas, no tengo mas q deçir sin hlgare de todo lo q enesto hizierdes.

*Yo El Rey*

..... Anayas

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 48).

## XVIII

El Rey

Rdo Inxpo padre (o bispo don pedro del castillo mi Virrey Inquid<sup>r</sup> Genel. ñn los rreinos de portugal hase entendido que los feitores q ñn la Isla tercera cobran algunas demis rrentas, por fines particulares Suyos no solo se Escusan de dar satisfazion ala gente de guerra que me sirve en aquella Isla dela consignazion q le ésta hecho pero que quando cumple su tiempo se bienem con mucha suma de mis en que son alcanzados queriendo mas pagarlos en mi contaduria mayor de ese rreino que darlos ala dha gente de guerra afin de molestarla y de granxear Ellos con el dinero mediante la dilazion q interponende que ha pascido advertiros y encargaros y mandaros como lo hago q deis (orden para q se rremedie Este abuso y para esto mirareis sisera bi en que antes q salgan los dhos feitores tengan (oblig.<sup>m</sup> de dar Untanteo de su cuenta al provee.<sup>or</sup> de mi hazienda en aquella Isla y al persona acuyo cargo Estubiere La g.<sup>te</sup> de guerra della para que dexen alli El alcance q se les hicere de Madrid axviiij dehen.<sup>ro</sup> de 1613.

*Yo El Rey*Por Mnd.<sup>o</sup> del Rey nosso Senor

..... Anayas

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 121).

## XIX

el Rey

Reverendo Incristo padre don pedro del castillo obispo del mi consejo Virrey Inquisidor general delos reynos de portugal entendiendose ha que lo bispo de la Isla tercera se ha escusado de dar pila de bautismo y declarar por parrochia La yglesia que ay en aquel castillo haviendo en ella el sanctissimo sacramento y estando

(ordenado que se haga lo que se haçe enel castillo de S. gian y que assi mismo no ay enla dhã yglesia retablo nulos (ornamentos decentes para çelebrar misa ni acudir al culto divino y porque como Veis es justo que se atienda a esto Ga parecido advertiros que sere meey servido que sele ordene al (o bispo haga poner pila en la yglesia de aquel castillo y la declare por parrochia dela gente de guerra que enel sirve y que asi mismo se ponga en eila rretablo decente y ornamentos com que se pueda acudir al culto divino que de toda la diligençia. y cuidado que nesto pusieredes de mas deser obra del servizio de dios La reciuré de vos y avisareis delo que se hiciere porque conviene tenerlo entendido de Madrid a xxx de Henero de 1613.

*Yo El Rey*

Por Mand.<sup>o</sup> del Rey nro senhor

..... Anayas

(Original)

(Biblioteca da Ajudá, Cód. 51 — VII — 6, fol. 122).

## XX

R.do Inxpo Padre obispo Don Pedro del Castillo del mí Conss.<sup>o</sup> mi Virrey y Inquisidor general - enlos mis Reynos de Portugal. Por Vra carta delos 19 del passado, se ha entendido la orden que distes para saver silos feitores de hacienda enla Isla tercera se escusavam de dar satisfacion ala gente de guerra que allí sirve y que aunque fue siniestra la Relaçion que se me havia hecho de q no cumplian con sua obligacion. Todavia para que lo hagan mejor se dava nu.<sup>a</sup> orden al proveedor de la hacienda enla dha Isla para que se diese satisfacion ala dha gente de guerra. Conla mayor puntualidad que se pudiere y assi sere servido q se haga como los oy de Vro cuidado y os encargo que lo continueis yme haviseis siempre lo que se hiciere de Md. Avij de no.re de 1613.

*Yo El Rey*

Por Manda.<sup>o</sup> del Rey nro Senor

..... Anayas

(Original)

(Biblioteca da Ajuda, Cód. 51 — VII — 6, fol. 130).

## "Relaçam das couzas sucedidas em a perseguiçam da Cristandade de Japam"

( Cod. 49 — IV — 60 Biblioteca da Ajuda )

Por se referir ao mártir terceirense B. João Baptista Machado, transcrevemos da Relaçam acima mencionada o capítulo 38, que julgamos inédito:

De como faze buscar o Tono de Vomura aos relig.<sup>os</sup>, prende a dous delles e martiriza-os.

Decla — /

Declarando com a pesquisa passada, q̃ em Nangazaqui havia Padres, e dito se lhe aos Gouvernadores do Imperio em suas barbas nam podendo já dissimular, deram sobre elle huã grande reprehçam ao Tono de Vomura q̃ a tarde estava em a Corte, dizendo lhe que como havia tido tanto descuido a embarcar os relig.<sup>os</sup>, pois se haviam ficado tantos, pelo qual temendo o Tono nam lhe viesse algum trabalho, p.<sup>a</sup> remediar o descuido, de entam tratou de fazer buscar, e prender os religiosos q̃ pudesse, e assim baixando se logo para sua terra, em chegando q̃ foi p.<sup>r</sup> Abril, enviou a seu Tio Jenjinrodono com algũa gente a Nangazaqui para q̃ cõ dessimulo, dando a entender q̃ hia a outra couza procurasse prender alguns delles; e assim andou alguns dias lançando redes, porem os Christaõs logo entenderam ao q̃ vinha, e passando a palavra fizeram esconder aos religiosos de maneira q̃ se houve de tornar sem fazer nada, o qual visto pelo Tono, despachou logo já a hum gram privado seu chamado Jiribeoye renegado cõ maõ armada e muita gente a prender alguns religiosos, ou fazer q̃ os tiras-

sem de rasto, cuja vinda taõ pouco servio de nada, mais q̃ de alvoraçar a cidade; e assim se voltou muy enojado, levando frimas das cabeças delas calles, de q̃ nam os ter nenhum, protestando-lhes de q se andando o tempo se soubesse q os haviam escondido, se procederia contra elles como contra rebeldes a Emperador, e com isto se voltou a Vomura. E visto o Tono q tam pouco se havia feito nada, e que em Nangazaqui nam havia remedio, deu praça como se buscasse pelas Aldeas donde se haviam sahido alguns aquelles dias com o alvoroço, e ouvindo q o P.<sup>e</sup> Fr. P.<sup>o</sup> de Assumpçam da ordem de S. Francisco andava p<sup>r</sup> ali perto em sua terra de Vomura compeñando lhe enviou a prender, e foi em hum povo chamado Cuquitzu do Reyno de Tigero, donde estava, e o qual vendo o q passava, se ajoelhou, e deo muitas graças a Deós pela grande merce q lhe fazia, em q fosse prezo p.<sup>r</sup> seu Santo Nome; e logo foi levado/vado a Vomura, e posto em hum carcere. Vendo se pois o Servo de Deós, em o carcere ajoelhado cõ hum Crucifixo pequeno em as mãos, q sempre trazia consigo disse cõ muita devoção: Senhor quando mereço este miseravel peccador estar prezo por vosso amor, pues a mi P.<sup>e</sup> Sam Francisco a hum lhe foi concedido cõ haver lhe dezejado tanto, e voltando a outra parte da Cruz em q estava a imagem da Virgem lhe pediu entcedesse p.<sup>r</sup> elle, e com isto se puzou a cantar Psalmos. Era este P.<sup>e</sup> Fr. Pedro antes q o prendessem já santo, e conhecido p.<sup>r</sup> tal, muy grande trabalhador, e fiel minystro, acudia huas vezes a Nangazaqui, e outras ás Aldeas circunvizinhas por acudir lhe a todos. Foi esta prizão aos ultimos de Abril.

E logo primeiro de Mayo prenderam tambem hü Padre da Companhia chamado Joam Baptista Tavora, q̃ se havia sahido no alvoroço de Nangazaqui, e se hia embarcado para a Ilha de Goto, porem levando lhe os de Vomura espiado, lhe foram seguindo, e assim lhe prenderam pouco depois de chegado estando actualm.te confessando, e com elle a hum dojeu seu chamado Leon, levaram lhos a Vomura ao carcere donde estava o P.<sup>e</sup> Fr. Pedro os quaes vendo se juntos presos pelo Evangelho se abraçaram e deram muitas graças a Deós por tam grande beneficio, e merce como lhes fazia. Era o P.<sup>e</sup> Joam Baptista muy gram Minystro, e trabalhador, e sabia tambem acudir dentro e fora de Nangazaqui, era muy afavel, e amigo de todos as religioens. Quando prenderam este P.<sup>e</sup> andaram tambem os de Vo-

mura em seguimento da embarcação em q̃ hia o Padre Fr. Thomas de Sumarega, q̃ tambe m se havia sahido entam de Nangazaquí p.<sup>r</sup> esta occaziam, e de caminho para hir a consolar os Christaões de Firando, q̃ haviam vindo a pedir religiozo, porem nam alcançaram a embarcaçam, e assim se lhes foi.

Dali a alguns dias que estiveram prezos os Christaões com as guardas, e o Tono q tam bem dissimulou para meter lhes hum recado de Alina, e assim lhes disseram dia da Santissima Trindade e o dia seguinte pela tarde lhes martirizaram, picando se Leam, e esse Leam he/era do jucu do P.<sup>e</sup> Joam Baptista no carcere; e ao sahir os dous Padres viram encima dhua serra hum fogo, p.<sup>r</sup> q isto foi anoitecer, e perguntando o P.<sup>e</sup> Fr. Pedro, que luz era aquella, e respondendo lhe que aquelle era o lugar donde haviam de ser mortos, disse elle: desde ali hiremos diretos ao Paraizo. Pelo caminho levava o P.<sup>e</sup> Fr. Pedro seu Crucifixo, e o P.<sup>e</sup> Joam Baptista o diurno, e entre ambos o rosario. Chegados ao posto, começaram a prêgar aos circustantes, e em particular fez isto o P.<sup>e</sup> Fr. Pedro muito tempo, dezenganando a todos q nam havia salvaçam em outra ley senam em a dos Christaões, e q para ensinar lhes isto haviam vindo os religiosos desde sua terra, padecendo tantos trabalhos, e q agora morriam elles com muito gosto, e alegria p.<sup>r</sup> essa ley p.<sup>r</sup> saber de certo q essa era a verdadeira: e vendo os Bugros q isto hia a la larga, deram presa; e assim ajoelhando se lhe hum de fronte do outro lhes foram cortadas as cabeças p.<sup>r</sup> diversos verdugos quazi a hum mesmo tempo: a de Santo Fr. Pedro foi de hum golpe, e a de Santo Joam Baptista de dous, p.<sup>r</sup> que nam acertava o verdugo. Foi este martyrio a vinte e dous de Mayo deste ano de 17, e de muita consolaçam para os demais religiosos vendo q a mesma sentença estava dada para elles se lhes colhiam, por q antes sempre se entendeo quais haviam de embarcar, e assim depois já não se escondiam tanto. Os q se achavam presentes, assim bons Christaões, como renegados, e ainda alguns gentios depois de hido o Tono, q se quiz achar alli, tomaram todo o sangue que puderam em panos, e papeis q molhavão nelle p.<sup>a</sup> reliquias; e os santos corpos puzeram cada hũ em sua caixa das q uzam os Japoens para guardar seus vestidos, e os enterraram pondo guardas p.<sup>a</sup> q nam os furtassem. Era o P.<sup>e</sup> Fr. Pedro de Assumpção natural de Cuerba junto a Toledo, e o Santo Padre Joã Baptista da Ilha Terceira.

# Uma carta da Duquesa de Mantua

Do artigo do sr. Prof. Dr. Mário Brandão, *Alguns documentos relativos a 1580*, publicado no *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XVI, pág. 1, transcrevemos a seguinte carta da Duquesa de Mantua para Felipe IV, por nos parecer importante para a história da Terceira :

Señor

El Maestro de Campo Boca / Negra me traje esta tarde a / un fraile de la orden de S.<sup>to</sup> / francisco natural q̄ dize ser / de una de las Islas terceras / q̄ ha estado en el Brasil y / Viene en Compañia del M.<sup>ro</sup> / de Campo el qual fraile me / dixo q̄ en el Capitulo interme / dio q̄ su religion hauia heche / hauia elegido por uno de los / custodios a un religioso q̄ se / llama frai Pedro del Desierto / el qual dize ser hijo del Prior / de ocrato Don Antonio y q̄ se / crio en el Brasil y viniendo // Por la tercera fue alli muy / agasajado y q̄ huiendo tomado / el habito ha residido mucho / tiempo en Euora y su prouin / cial tiene resuelto de embiarle / a las mismas Islas Terceras con / el ministerio de Custodio / y dize q̄ no solo ay este hijo / de Don Antonio sino q̄ otro q̄ / esta q̄ en Olanda q̄ se llama D. / Manuel Casso con deuda del / Conde Mauricio de quien tiene / hijos y q̄

otro hermano deste / q̃ se llama D. Christoual esta / en francia. / pone em Consideraçiõ / este fraile los trances de Guerra // q̃ por occasion de D. Antonio / passaron en las tercera al principio de la Vnion desta Corona / a la de Castilla y de la manera / q̃ aquellos Moradores se hauian / declarado por D. Antonio y el / inconueniente q̃ podria tener / Voluer ally Cossa suya particular<sup>te</sup>: / en los tiempos presentes. // y pareciendome puncto / considerable llamare mañana / al Prouincial de Jobregas / a quien toca q̃ no lo he podido / hazer hoy por darse me el auisso / tarde y le ordenare no deje salir / del Reyno al fray Pedro del Desierto // y q̃ siendo necessario embiar / Custodio a las Islas vaia otro y q̃ / en esto se aya con toda prudena / y recato y me auisse de hauerlo / executado pero no le dire la / causa a q̃ obliga esto Am. . . (1) parecido dar Cuenta desto a / V. M. pera q̃ teniendolo enten / dido mande lo q̃ mas fuere / de su seruicio q̃ yo por Conue / niente tendria tenerle apar / tado de los lugares maritimos / en un conuento la tierra adentro / cercana a la de Castilla dissimu / ladamente y sin q̃ entienda q̃ se haze / casso de recelar nada del yo Certi / fico // a V. M. q̃ hasta el dia de hoy / no hauia oido nada de los hijos de / Don Antonio pero este fraile / lo affirma por Cosa llana y / notoria. / Guarde Dios la / Catholica R:<sup>l</sup> persona de / V. M. como la Chris,<sup>tad</sup> ha / menester y yo lo desseo. / lisboa 12 de xbre 1637.

Señor

Bessa la mano a V. M.  
su muy humilde y obed.<sup>te</sup> Prima  
Margarita

*Na capa*

+

(2) Lisboa A su Mg.<sup>d</sup> 1639

La sr.<sup>a</sup> Princesa Marg.<sup>ta</sup> en 12 x.<sup>re</sup>

Con razon de lo q̃ le escriue / Vn frayle de la orden / de S.<sup>t</sup> fran.<sup>co</sup> de las Islas Terceras.

N12 (3)

Biblioteca da Universidade de Coimbra—Ms. 1511.

(1) Faltam umas três ou quatro letras por o papel neste ponto ter sido corroido pela tinta.

(2) A partir daqui aditamento em letra do século XVII.

## (3) Em letra do século XIX.

Na breve introdução aos *Documentos*, comentando esta carta, diz judiciosamente o sr. Prof. Dr. Mário Brandão :

«E a carta da Duquesa de Mantua escrita em 1637 acerca de um filho real ou suposto de D. Antonio, não se pode ler sem comoção. Bastava afinal um pobre e velho franciscano, de quem o pai ao morrer nem sequer se recordava do nome, para preocupar a regente, já quando havia mais de 40 anos o Desterrado repousava ao abrigo do túmulo na igreja do convento de S. Francisco de Paris... O espectro do grande vencido de Alcantara projecta-se na vida da nação escravizada como um *memento* perene dos dominadores. Mas sobretudo o que reconforta ao ler essas páginas amarelcidas é adivinhar nas entrelinhas a vontade ferrea da nação real em manter-se independente. Podem a nobreza corrupta e o alto clero deixar-se seduzir pelo ouro e benesses, ou por mesquinhos escrúpulos de ordem moral ou jurídica, a massa da nação, antes e depois da catástrofe, mantem-se inteiramente fiel, a despeito do deslumbramento das promessas e da crueza dos castigos, à Terra e ao Sangue».

# Orações do pão na Ilha Terceira

Pelo Dr. Luís da Silva Ribeiro

Como base da alimentação popular — tudo com pão faz o homem são — diz um ditado, o pão constituiu a grande preocupação de toda a gente de poucos teres, isto é, da grande maioria, o homem no desejo de que não falte em casa a farinha, a mulher no de que saia bem feito e em quantidade suficiente para todos comerem.

Hoje na Terceira predomina o pão de milho e este cereal é o padrão do salário do trabalhador do gampo. Até à introdução do maiz e desenvolvimento da sua cultura, comia-se pão de trigo com ou sem mistura de centeio; mas depois, pouco a pouco, foi decaindo a cultura deste, quase abandonada no presente, e o pão exclusivamente de milho generalizou-se.

A actual melhoria de condições de vida de parte da população rural, por vezes o desvio da actividade da mulher para outras ocupações lucrativas com prejuizo da árdua tarefa de fabricar o pão para a família, tem levado a maior consumo de pão de trigo das padarias, todavia o pão de milho continua a ser preferido.

O povo quer que falte tudo menos o pão. Ele é a principal condição da vida de família e até da paz e harmonia no seu seio: — «Cassa onde não ha pão, todos brigam e ninguem tem razão».

Por via de regra, em cada lar, a mulher coze o pão ao sábado para toda a semana.

Varre e acende o forno, peneira a farinha, escalda-a num alguidar, tempera-a de sal, amassa-a, deita-lhe o fermento feito de massa que se deixou azedar e a que se vai sempre juntando mais massa (crescentes) e se guarda numa tigela, adiciona-lhe uma pequena porção de farinha de trigo, mais ou menos segundo se quer, para adoçar. A amassadura, normalmente, leva 20 a 30 minutos. Quando a massa começa a abrir fendas deixa-se de amassar e agasalha-se, cobrindo-a com roupa até levedar.

Lêveda tende-se o pão que vai para o forno.

«O nosso povo, diz Leite de Vasconcelos (3-1235), não confia jamais nos próprios recursos e, por isso, em todos os acidentes da vida invoca a protecção sobrenatural».

Daí a existência de práticas e orações inerentes ao fabrico do pão destinadas a obter a protecção divina para ele.

«A alma popular, acrescenta o mesmo escritor (4-888), vive em ambiente muito seu onde a observação da realidade, o sentimento poético, a influência do ritmo, o automatismo da linguagem se misturam a antigas ideias místicas transmitidas inconscientemente pela tradição; de tudo isto resultam obras às vezes na aparência incoerentes ou incompreensíveis, cuja significação só por análises pacientes e estudos comparativos se poderá encontrar (quando pode!)».

De tudo isto ha nas orações do pão, espalhadas pelo país, com forma e carácter semelhante, muitas vezes estereotipado como notou Messerschmidt (6-122), e de lá foram trazidas para os Açores onde se mantiveram sem fundamental e sensível modificação.

Vem de recuados tempos.

Em Roma os padeiros tinham Vesta por patrono e no dia 9 de Junho celebravam a sua festa com ritos particulares. Alem dela havia a deusa Fornax, padroeira dos fornos, à qual tambem festejavam (23-467).

Vesta assumiu essas funções por ordem de Júpiter.

Vesta, fica a teu cargo o figurares  
que em vez de fome em viveres abunda.  
Não largues tua estância; o grão que resta  
que se pize, se amasse, emfim se coma. (23-135)

Da sua origem pagã e do recurso à magia para alcançar a intervenção de poderes sobrenaturais, resultaram práticas que, embora cristianisadas, não desapareceram contudo, fundindo-se numa amalgama nem sempre compreensível.

Paul Sebillot, que num livro — *Traditions et superstitions de la boulangerie* — reuniu grande número de práticas e orações semelhantes às nossas, diz (8-288): «Orações e gestos fazem que a massa levede bem e destinam-se, igualmente, a neutralizar a acção de influências externas e malélicas. Ao forno respeitam normas mesmo anteriores à sua construção, escolha de certa época do ano ou de certa fase da lua, interdição de nela entrarem mulheres.

Na Alemanha dirigem orações ao forno e fazem-lhe oferendas. Ha dias em que se não deve cozer, e alguns actos, como murmurar ou jurar, são rigorosamente proibidos. Longas rezas acompanham na Sicília o deitar cada pão no forno».

De uma dessas rezas, por sinal afim das nossas, dá-nos Leite de Vasconcelos (2-231, n.) a seguinte amostra :

Pani crisci  
 Come Diu te benedissi  
 Crisci pani'nta lu furnu  
 Come Diu crisciu a lu munnu.  
 Sãn Franciscu  
 Pani friscu !  
 San Cantauru  
 Pani cauru, etc.

Na Terceira colhi as orações que seguem, às quais junto breves notas comparativas e explicativas :

1

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Nosso Senhor te acrescente no forno como a benção de Deus acrescentou o mundo todo.

Padre, Filho, Espírito Santo.

Deus te acrescente como trigo de semente.

Emquanto isto se diz traçam-se cruces com a pá na bôca do forno.

Altars.

2

Tanto cresças tu no forno como a graça de Deus pelo mundo todo. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Biscoitos.

3

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. (Benze-se a porta do forno com a mão) Amen.

Continua-se a benzer e vai-se dizendo: — Que tu cresças no forno como a graça de Deus cresce no mundo todo. Senhor Santo Amaro ponha o que lhe falta.

Quando se acaba de amassar faz-se uma cruz na massa e diz-se: Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Doze Ribeiras.

4

Santa Marta dê o que lhe falta; é côdea, é sôlo, é miôlo, em nome da Virgem Maria.

Lameirinho.

5

Em nome de Deus seja e do Santissimo Sacramento. O que é ruim saia para fora, o que é bom entre para dentro. Nossa Senhora te cresça como a graça no céu. Padre, Filho, Espírito Santo.

Porto-Judeu.

6

Assim cresças no forno como a graça de Deus pelo mundo todo. A benção do Pai Eterno, Virgem da Graça acrescentai a massa.

Porto Martins.

7

Padre, Filho e Espírito Santo. Nosso Senhor te acrescente como o trigo da semente, e Santa Marta te ponha farta (ou te ponha o que falta).

Ribeirinha.

8

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Nossa Senhora te cubra c'ò a sua santíssima virtude, que eu da minha parte fiz o que pude.

Reguinho.

9

Padre, Filho, Espírito Santo. Assim cresças no forno como a graça de Deus pelo mundo todo.

Santa-Barbara.

10

Padre, Filho, Espírito Santo (3 vezes). A benção de Deus te cresça como a graça de Deus pelo mundo todo.

Santa Barbara.

11

Depois de amassar :

São Mamede te levede,  
São Vicente te acrescente.

Ao deitar o pão no forno :

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Deus te acrescente como a sua graça por esse mundo todo.

São Bento.

12

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Nosso Senhor te acrescente e te livre da má gente, e me dê o forno cheio.

São Mateus.

13

Padeira de Jesus Cristo, vinde botar a benção ao pão para que ele cresça no forno como a graça de Deus pelo mundo todo.

Em quanto se vai deitando o pão no forno reza-se o *Credo*.

São Sebastião.

14

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Deus te acrescente, como o trigo da semente, que dá de comer a muita gente.

Vale de Linhares.

15

Deus te levante, Deus te acrescente, por obra e graça do Espírito Santo.

Vila-Vova.

16

Padre, Filho, Espírito Santo.  
Nosso Senhor te acrescente  
Como o trigo na semente  
E a graça de Deus  
Por esse mundo todo.

Lages.

17

São Vicente te acrescente,  
São Mamede te levede.  
Fiz-te o que pude,  
Nosso Senhor te ponha  
A sua santa virtude.

Lages.

18

Senhor São Marcos,  
Que cozeste o pão a Jesus,  
Cozei este meu no forno  
Como a graça de Deus  
Pelo mundo todo.

Lages.

## 19

Senhora Santa Marta,  
 Que cozeste o pão a Jesus Cristo,  
 Cozei-me este meu  
 Que está no forno,  
 Fazei-m'ò belo e formoso  
 Como a graça de Deus.

Lages.

## 20

Padre, Filho, Espírito Santo.  
 Abençoaí-me este pãozinho  
 E fazei-me a mercê de o cozer  
 Em forma de se não perder.

Geralmente, em quanto recitam esta oração, fazem uma cruz com a mão ou com a pá, e alguns deitam uma mão de sal sobre as brazas à boca do forno.

Lages (\*)

A maior parte das orações começam ou terminam com a invocação das Três Pessoas da Santíssima Trindade, a que corresponde o gesto de benção ou traçado da cruz no ar, sobre a massa ou na própria massa, feito com a mão (Vila-Franca, São-Miguel, 15-30 e 17-52; Madeira, 7-306; Santo Tirso, 10-52; Monsanto, 9-17; Ourique, 26-185); ou na boca do forno com a mão ou a pá (Guimarães, 5-215; Marco de Canavezes, 24-40). Em Vale de Lobos (9-17) a cruz é feita de canto a canto da masseira; em Idanha-a-Nova (9-17) fazem-se cinco cruces, quatro nos cantos da massa e uma no centro; em Viena do Castelo, em vez da cruz, traça-se o sino-saimão e, como em Vila-Franca, espeta-se um alho na massa (25-255).

A grande preocupação de quem amassa é que a massa leve bem, o pão fique fôfo e cresça no forno com o calor. Isso pede a Deus, aos santos e à Virgem.

---

(\*) Muitas destas orações foram-me amavelmente comunicadas pelo meu amigo sr. Major Frederico Lopes, que as recolheu, e a quem aqui as agradeço.

Para melhor firmar e definir a súplica faz comparações : — como a graça de Deus pelo mundo todo, como a graça de Deus ou as almas no céu, como o trigo da semente, etc., comparações estas que aparecem tanto nos Açores como no continente e na Galiza.

Em Vinhais roga-se a Deus que acrescente o pão como a paz pelo mundo todo (22).

Pede-se mais que acrescente o pão fora do forno para muita gente poder comer dele e chegar paia todos sem faltar.

«Para amparo de muita gente» diz-se em Turquel (11-287); «Nós a comer e tu a crescer, todos seremos cheios com bem pouco comer» (2-230); «Tu a crescer, nós a comer, que nunca te possamos vencer» (24-40). A-pesar-disto em Guimarães, ha quem diga : «E o meu vizinho, ou quem não te merecer, que coma um corno» (5-215), o que deve considerar-se gracejo. Na Galiza ha a mesma preocupação de abundância e até de baixo preço : — «Que lo alce en el horno y lo baje en el mercado», «Dios lo aumente en los agros y lo baje en los mercados» (29-147).

O povo tem a ideia do aumento das almas no céu. Como este é, em seu entender, espaço definido e limitado, um lugar, pasma de se não encher.

Desde que o mundo é mundo  
Muita gente tem morrido ;  
Nem o mundo acha falta,  
Nem o céu se tem enchido.

diz uma quadra ouvida na Terceira.

Alem de Deus (Nosso Senhor, o Santissimo Sacramento) invocam a Virgem e diversos santos. A invocação da Virgem explica-se pelo desenvolvimento do culto mariano nas ilhas, como em todo o país, e ser medianeira entre os homens e Deus. «Cheia de graça» é forma muito popular aqui ainda pedida pela rima com massa. Á semelhança do Porto Martins, diz-se em Unhais da Serra (6-122): «Nosso Senhor te acrescente em massa como a Virgem em graça».

Nas orações terceirenses encontram-se Santa Marta, São Vicente, São Mamede, Santo Amaro, e nas do continente todos, menos o ultimo, e mais São João, São Simão, Santo Antão, Santa Clara, São Cle-

mente, São Gonçalo, São Tomé. Em Vila-França, São Miguel, invocam Santa Suzana a quem chamam, como noutras localidades a Santa Marta, padeira de Jesus Cristo.

A existência do nome dum santo numa fórmula ou numa superscrição pode provir de uma das seguintes causas: — analogia do nome com um nome pagão (Elias e Hellios, Mamede e Mohamed, Romão e romano), popularidade do santo, analogia com o objecto (São Mansos e amanse, São Marcos e marcar), analogia com objecto ou ideia ligada ao santo (São Lourenço livra de incêndios porque morreu queimado), influência da rima (3-605).

Da popularidade do santo, cujo culto se estende a todas as ilhas, deve provir a menção de Santo Amaro na oração das Doze Ribeiras.

Manifestamente, por influência da rima são invocados São Vicente, São Mamede, São Clemente, São Tomé, e Santo Antão, São João, São Simão em formulas terceirenses e continentais (20): — São Mamede te levede», «São Vicente, te acrescente», e mais, no continente, «São João te faça pão».

São Clemente substitui São Vicente numa fórmula de Vinhais (22-29), Santo Antão substitui São João no Alentejo (12-45), São Simão em Viana do Castelo (25-255), e em Guimarães diz-se «São Tomé te levede» (5-215). Na Galiza ha — «San Justo del poco que haja mucho y a San Pantaleon que lo saque bom», a par de São Vicente (29-147).

São Gonçalo entra em Guimarães na reza ao salgar a massa:

Em nome de São Gonçalo

Que não saias ensoço nem salgado (5-215),  
e Santa Clara numa oração de Trinta (Serra da Estrela) com o pedido te clare (6-122), *nomen numen*, como na fórmula infantil terceirense para cessar a chuva — «Santa Clara esclareai».

*Nomen-numen* é ainda a substituição de São Vicente e São Mamede, por São Crescente e São Levede na seguinte oração do Douro (2-229):

São Leve  
te levede,  
São Crescente  
te acrescente,  
São João  
te faça pão.

A invocação de Santa Marta, padeira ou cozinheira de Jesus Cristo, explica-se pelo episódio narrado no Evangelho de São Lucas referente a Santa Marta de Betânia quando hospedou Jesus Cristo toda se afadigar no arranjo da casa e da comida (18-215). Por isso em Vinhais é advogada do pão bem cozido (22-388).

Acresce que o nome é ainda muito popular embora o tivesse sido mais em tempos antigos, talvez ligado a uma crença pagã, figurando em certos modos de dizer — «Morra Marta, mas morra farta», «Lá se foi tudo quanto Marta fiou», «Em louvor de Santa Marta, quem comeu que parta», etc. (4-672).

A invocação de São Marcos, que se encontra numa oração das Lages (18), deve provir de confusão com Santa Marta, que figura noutra oração da mesma localidade (19), por defeito de audição. De resto aquela oração parece em tudo ser corrupção desta.

Mais difícil é encontrar o motivo da invocação de Santa Suzana na oração micalense de Vila Franca do Campo :

Ó minha Santa Suzana,  
Padeira de Jesus Cristo,  
Deitai-lhe a vossa benção  
Em nome do Padre, do Filho  
E do Espírito Santo (15-30).

Ha mais de uma Santa Suzana no Martirológio, mas de nenhuma delas se referem factos relacionados com o fabrico do pão ou a cozinha. São Santa Suzana mártir com Marciana e Paládia, mulheres de soldados romanos de Melicio (24 de Maio), outra mártir em Roma (20 de Setembro), outra ainda, também mártir em Roma, sobrinha do Papa São Caio (11 de Agosto) (28).

Da Suzana bíblica nada se diz em igual sentido (30-127), e Santa Suzana não figura como patrono de qualquer profissão (27).

Na devoção popular é pouco conhecida.

Festejam-na em Turquel como protectora dos bois, mas o facto deriva de se realizar a feira de Landal junto a uma ermida que lhe é dedicada (11-233).

Em São Miguel não ha igreja ou capela da sua invocação (16) nem lugar com o seu nome (21).

A falta de explicação não deve, porem, causar surpresa, pois, observa Leite de Vasconcelos (4-673), nem sempre se pode dar razão da existência do nome de um santo numa lenda ou superstição.

Nas fórmulas ou orações de São Mateus e Vale de Linhares diz-se : — « e te livre de má gente ».

Deverá entender-se por tal a gente invejosa susceptível de deitar mau olhar à massa, e lhe dar quebranto.

A crença na fascinação, cientificamente admitida ainda no século XVIII, é muito viva no espírito popular e abrange pessoas, animais e cousas. Nalgumas localidades do continente, por exemplo em Monsanto (9-17), diz-se o mesmo.

Na oração do Reguinho a padeira pede a Nossa Senhora que lhe ponha a sua virtude, pois, por sua parte, fez a possível diligência para o pão ser bom, como em Turquel onde igualmente se afirma — « Eu da minha parte fiz o que pude » (11-287).

Em São Sebastião reza-se o *Crédo*. Rezar nessa altura é prática seguida no continente. Na Idanha a Nova (9-17), no Barroso (12-234), em Vinhais (22-16) recita-se o Padre-Nosso e a Ave Maria. Em Santo Tirso pede-se pelas almas (10-234).

Nalguns lugares pede-se a Deus que acrescente os bens ao dono do pão, ou lhe dê paz e saúde (10-234); mas na Terceira não encontrei o costume, como não encontrei rezas para quando a massa descaí e tem de se amassar de novo.

No Alentejo, neste caso, diz-se três vezes :

Em louvor de Nossa Senhora,  
Com esta faca  
Este pão venho capar.  
Foge, pão que te capo (12-45).

e em Vinhais :

Senhora Santa Marta,  
Forneira do Senhor,  
Fazei que cresça o pão,  
O pão do meu suor (22-39).

É evidente na primeira das duas rezas, a reminiscência mágica.

## NOTA COMPARATIVA

## ORAÇÕES DAS ILHAS

*S. Miguel :*

Faz-se uma cruz na massa e diz-se :

Marta cozinheira  
Filha de Jesus Cristo,  
Pelo caminho que andaste  
Com Jesus Cristo te encontraste.  
Assim como cresceu a graça  
De Deus pelo mundo todo,  
Assim cresça este pão  
Até ao cimo do forno.

Ao deitar o pão no forno :

Deus te guie e te acrescente e tenha à sua conta, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Acabada a operação sacode-se à boca do forno a toalha que cobriu a massa (17-52).

*Vila Franca do Campo :*

Ó minha Santa Suzana  
Padeira de Jesus Cristo,  
Deitai-lhe a vossa benção.  
Em nome do Padre, do Filho  
E do Espírito Santo.

Faz-se uma cruz sobre a massa com a mão e mete-se no meio um dente de alho (16-30).

*Madeira :*

Acabada de amassar faz-se uma cruz na massa com a mão e diz-se :

Assim cresças na massa  
 Como a Virgem está em graça.  
 E assim cresças no pão  
 Como Deus te fez grão.  
 Assim cresças no forno  
 Como Deus no mundo todo.  
 Padre, Filho, Espírito Santo (7-306).

## ORAÇÕES DO CONTINENTE

*Vinhais :*

Ao fazer a massa :

São João te faça pão,  
 São Mamede te levede,  
 São Vicente te acrescente,  
 Em nome de Deus  
 E da Virgem Maria,  
 Um Padre-Nosso  
 C'uma Ave-Maria

Ao meter no forno :

Cresça o pão no forno  
 E a saude a seu dono,  
 E a paz pelo mundo todo  
 Em honra de Deus  
 E da Virgem Maria,  
 Um Padre-Nosso  
 C'uma Ave-Maria (22-16).

Outras fórmulas :

São João te faça pão  
 São Clemente te acrescente,  
 Santa Maria te ponha a guia  
 Em honra de Deus.....

ou :

A Senhora Santa Marta  
Cresça o pão no forno  
E o bem e a paz  
Pelo mundo todo (22-29).

Se a massa descaí torna-se a amassar e diz-se :

Senhora Santa Marta  
Forneira do Senhor,  
Fazei que cresça o pão,  
O pão do meu suor (22-39).

*Barroso :*

São Vicente  
Te acrescente  
São João  
Te faça pão.  
Pela graça de Deus  
E da Virgem Maria,  
Padre-Nosso  
Ave-Maria.

ou :

São Mamede  
Te levede  
São João  
Te faça pão (31-232).

*Monsanto :*

Deus te acrescente  
Para amparo de muita gente.

Fazem cruces.

ou :

Deus te acrescenta, às almas no céu para sempre e nos livre da  
má gente (9-17).

*Vale de Lobos :*

Faz-se uma cruz de canto a canto da masseira e diz-se:

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Pelas almas que te acrescentem. P. N. A. M. (9-17).

*Idanha a Nova :*

Fazem cinco cruzes, quatro nos cantos, uma no centro e dizem :  
Deus te acrescente e às almas no céu para sempre. P. N.

Ao meter no forno dizem :

Com Deus na frente.

Rezam pelas almas (9-17).

*Marco de Canavezes :*

Antes de enfiar faz-se com a mão uma cruz no ar deante da boca do forno, e depois de enfiar diz-se :

Deus te acrescente

Dentro do forno

E fora do forno,

Espalhado por esse mundo todo.

Tu a crescer, nós a comer,

Que nunca te possamos vencer (24-40).

*Douro :*

O Senhor te acrescente

Como o fole da semente.

Dentro do forno

E fora do forno,

Como acrescentou o mundo todo.

Nós a comer,

E tu a crescer,

Todos seremos fartos

Com bem pouco comer (2-230).

Ao deitar o sal:

Em louvor de São Gonçalo

Que não saias ensosso nem salgado.

Quando se acaba de amassar fazem-se com a mão direita três cruzeiras na massa e diz-se :

- 1.<sup>a</sup> Cruz — O Senhor te acrescente,  
O Senhor te levede.  
2.<sup>a</sup> Cruz — São Mamede te levede.  
3.<sup>a</sup> Cruz — São Vicente te acrescente.

Quando se mete no forno :

O Senhor te acrescente  
Como o fole da semente  
Dentro do forno  
E fora do forno  
Como acrescentou o mundo todo.  
Nós a comer,  
E tu a crescer  
Todos seremos cheios  
Com bem pouco comer.

ou :

São Levede  
Te levede  
São Crescente  
Te acrescente

ou mais :

São João  
Te faça pão.

e :

Santa Maria Madalena  
Te bote a absolvição (2-229).

*Minho :*

São Mamede te levede,  
São Vicente te acrescente.

ou :

São João te faça pão  
E te dê a sua benção.

ou :

São João te faça pão,  
São Vicente te acrescente.  
A Virgem Maria  
Ave-Maria (R. L. XXVI-38).

Deus te abençoi  
 Dentro e fora do forno,  
 E o meu vizinho  
 Que coma um corno.

Depois de amassado o pão faz-se uma cruz: Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo (1-93).

*Viana do Castelo :*

Para a massa levedar espeta-se nela um alho, traça-se o sino-sai-mão e diz-se :

São Simão te faça pão,  
 São Vicente te acrescente,  
 São Mamede te levede (25-255).

*Guimarães :*

Deus te acrescente  
 No forno e fora do forno,  
 Assim como vieste  
 A este mundo todo.

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.  
 Faz-se com a pá uma cruz no forno antes de o fechar.

Ha quem diga por gracejo

E o meu vizinho  
 Que coma um corno (5-215).

*Santo Tirso — Paradela*

Creça o pão no forno  
 E os bens em casa de seu dono,  
 E a graça de Deus pelo mundo todo.

Quem puder reze um P. N. e uma A. M. pelas almas (10-234).

*Cervos :*

Creça o pão no forno,  
Saude a seu dono,  
E paz pelo mundo todo.

P. N. A. M. pelas almas (10-234).

*Pedronelos :*

Creça o pão no forno,  
E os bens pelo mundo todo,  
E os cuscalhos que nunca saiam do forno (10-234).

*Padroso :*

Creça o pão no forno  
E os bens a seu dono,  
E saude pelo mundo todo.

Reze um P. N. e uma A. M. pelas almas aquele que puder e quiser (10-234).

*Santo Tirso — Arcos :*

Creça o pão no forno,  
Salvação pelo mundo todo.

Reze um P. N. A. M. pelas almas quem quizer e puder (10-234).

*Santo Tirso — Tourem :*

Creça o pão no forno,  
E o bem pelo mundo todo,  
E a fazenda a seu dono.

Rezem um P. N. pelas almas (10-234).

*Santo Tirso — Montalegre :*

Creça o pão no forno  
E os bens pelo mundo todo,  
Paz e saude ao seu dono.

Rezem pelas almas. P. N. A. M. (10-234).

*Santo Tirso — Fiães do Rio :*

Creça o pão no forno,  
Os bens pelo mundo todo,  
Paz e saúde a seu dono.  
Ele a crescer,  
E nós a comer  
Que não possamos vencer.

P. N. A. M. pelas almas (10-234).

*Santo Tirso — Areias :*

Para o pão levedar faz-se uma cruz e diz-se :

São Vicente te acrescente.

Quando se fecha a porta do forno diz-se :

Deus te abençoi  
Dentro do forno  
E fora do forno  
Assim como Deusando  
Pelo mundo todo.  
Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo (10-52).

*Figueira da Foz :*

O Senhor te acrescente  
Como o saco da semente,  
Que é para comer muita gente (13-28).

*Trancoso :*

São João te faça pão,  
São Vicente te acrescente,  
E a Virgem Maria te deite também a divina benção  
Em louvor da sagrada Morte e Paixão  
De Nosso Senhor Jesus Cristo.

P. N. A. M. (6-122).

*Malpica :*

Deus te acrescente (6-122).

*Vilar Formoso :*

Só se diz o P. N. (6-122).

*Cortiço da Serra :*

São João te fez em grão  
Que te faça também em pão (6-122).

*Maçainhas :*

São Levede te levede,  
São João te faça bom pão,  
São Vicente te acrescente,  
Santa Maria te traga a riba.  
E Nosso Senhor te deite a benção.

Faz-se uma cruz : Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. P. N. A. M. (6-122).

*Trinta :*

Santa Clara te clare,  
São João te faça pão,  
Em louvor da sagrada Morte e Paixão  
De Nosso Senhor Jesus Cristo (6-122).

*Alentejo :*

Ao deitar a ultima água na massa :

Lá vai em louvor de Santo Antão,  
Para que cresça mais um pão

ou

Lá vai em louvor de Santo Antão  
Para que cresça agora em massa  
Como cresceu no grão.

Faz-se com a mão de cutelo uma cruz na massa e diz-se :

Deus te acrescente  
 E às almas no céu para sempre ;  
 Assim como a Virgem é pura  
 Assim Deus acrescente  
 A minha amassadura.

Tambem fazem cinco pontinhos na massa dizendo :

Em louvor das cinco chagas de N. S. Jesus Cristo.

Se a massa leveda de mais ou descai e tem de se amassar de novo, diz-se três vezes :

Em louvor de Nossa Senhora,  
 Com esta faca  
 Este pão venho capar,  
 Foge, pão, que te capo.

Chama-se capar o pão fazer cruzes com a faca na massa (12-45).

*Baixo Alentejo* (Ourique) :

Faz-se uma cruz na massa com a mão em cutelo :

Cresça o pão no alguidar  
 Como o Senhor subiu ao altar

ou :

Deus te acrescente  
 E as almas no céu para sempre.

Ao enfiar fazem-se cruzes.

Fazem uma cruz no fermento e deitam sal no prato por causa das bruxas e tambem porque conserva (26-185).

*Turquel* :

Depois de amassar faz-se sobre a massa uma cruz com a mão em cutelo e diz-se :

São Mamede te levede,  
 São Vicente te acrescente,  
 São João te faça pão.

ou :

São Bento e São Vicente  
te acrescente.

ou :

Deus te acrescente  
Para amparo de muita gente.

ou :

Deus te ponha a virtude  
Que eu fiz o que pude (11-287).

**Cadaval :**

Nosso Senhor te acrescente  
E te livre da má gente (14-99).

São Vicente  
te acrescente ;  
São Mamede  
te levede ;  
São Freigil  
te faça vir ;  
Santo Abraão  
te faça pão.  
E nós a comer  
e tu a crescer ;  
Tudo Deus  
Pode fazer (31-300).

**Algarve :**

Cresça o pão no forno  
e as almas no paraizo (31-302).

### ORAÇÕES DA GALIZA

Pan enhornado  
sea Dios alabado,  
que lo alce en el horno  
y lo baje en el mercado

Va al pan al horno  
 va la vida de Dios todo.  
 Dios lo aumente en los agros  
 y lo baje en los mercados

ya el pan al horno  
 va la gracia de Dios  
 por el mundo todo.  
 Dios lo baje en el mercado  
 y lo alce en el horno

alguns acrescentam

Com el poder de Dios  
 y la Virgen Maria.

San Pantaleon que lo saque bueno.  
 San Justo del poco que haja mucho.  
 San Vicente que lo acreciente.

San Vicente  
 que lo acreciente  
 y a San Pantaleon  
 que lo saque bom.

San Pantaleon que dé medra  
 al pan del horno y a del mundo todo.

Dios conserve el pan del horno  
 y del mundo todo.

Nombre del Padre, del Hijo y del Espirito Santo  
 Dios le recalente en la casa y en el horno,  
 y el Santissimo Sacramento del altar.

El pan por la pala  
 y la pala por el horno,  
 y la gracia de Dios  
 por el mundo todo. (29-147)

## NOTA BIBLIOGRAFICA

1. Dr. José Leite de Vasconcelos. «Ensaio Etnografico», vol. II. Espozende, 1903.
2. Dr. José Leite de Vasconcelos. «Tradições populares de Portugal», Porto, 1882.
3. Dr. José Leite de Vasconcelos. «Opúsculos», vol. V. Lisboa, 1938.
4. Dr. José Leite de Vasconcelos. «Opúsculos», vol. VII. Lisboa, 1938.
5. Alberto Vieira Braga. «De Guimarães». Espozende, 1924.
6. Hellmuth Messerschmidt. «Haus und Wirtschaft in der Serra da Estrela», na *Volkstum und Kultur der Romanen*, IV-72.
7. Käte Brudt. Madeira. «Estudo Etnográfico». Lisboa, 1938.
8. Paul Sebillot. «Le Folk-Lore. Paris, 1913.
9. Jaime Lopes Dias. «Etnografia da Beira», vol. III. Lisboa, 1929.
10. A. C. Pires de Lima. «Tradições populares de Santo Tirso» na *Revista Lusitana*, XVII e XVIII.
11. José Diogo Ribeiro. «Turquel folclorico», na *Revista Lusitana*, XX e XXI.
12. Prof. Joaquim Roque. «Rezas e benzeduras populares». Beja, 1946.
13. Cardoso Martha e Augusto Pinto. «Folclore da Figueira da Fóz», vol. I. Espozende, 1911.
14. Cardoso Martha. «Folclore do Cadaval». Espozende, 1934.
15. Urbano de Mendonça Dias. «A Vila», vol. IV. Vila Franca do Campo, 1919.
16. Urbano de Mendonça Dias. «Historia dos Açores». Vila Franca do Campo, 1424.
17. Lígia Maria da Camara Almeida Matos. «Ilha de S. Miguel. Seu dialecto e literatura popular». Ponta-Delgada, s/d.

18. Padre Bellester. «Os quatro Evangelhos e os Actos dos Apostolos». Lisboa, 1916.
19. Fernando Braga Barreiros. «Tradições populares do Barroso», na *Revista Lusitana*, XVIII-223.
20. João da Silva Correia. «A rima e a sua acção linguística». n.º *O Instituto*, LXXIX-79 e 203.
21. Gaspar Frutuoso. «Saudades da Terra». L. IV, T. 3.º. Ponta-Delgada, 1931. Índice toponímico
22. P. Fermino A. Martins. «Folclore de Vinhais», vol. II. Lisboa.
23. «Os Fastos de Publio Ovidio Nasão». Tradução de Antonio Feliciano de Castilho, vol. III. Lisboa, 1862.
24. João de Vasconcelos. «Tradições populares», na *Revista Lusitana*, XXV-29.
25. Afonso do Paço. «Usos, costumes, contos, crenças e medicina popular». na *Revista Lusitana*, XXVIII-245.
26. Maria da Conceição Dias. «Tradições populares do Baixo Alentejo» (Ourique) na *Revista Lusitana*, XVI-18.
27. Emanuel Ribeiro. «Como os nossos avós aprendiam uma profissão». Gaia, 1930.
28. P.º Croiset. «Ano Cristão». Tradução do P.º Matos Soares. Porto, (1923).
29. W. Ebeling und F. Krüger. «Ländliches Leben als Motiv des galizischen Volksliedes», na *Volkstum und Kultur der Romanen*, X-129.
30. J. I. Roquette. «Historia Sagrada». Tomo 1.º. Paris, 1850.
31. Guilherme Felgueiras. «O povo e o fabrico do pão», na *Revista Lusitana*, XXXVII-300.

Nas citações no texto o primeiro numero indica a obra e o segundo a página.

## BIBLIOGRAFIA

P.<sup>e</sup> Leonardo de Saa Soto Mayor—*Alegrias de Portugal ou lagrimas de castelhanos na feliz aclamação de El-Rei D. João o Quarto*. Publicação do original com introdução e apêndice por Manuel Coelho Baptista de Lima, Bibliotecário da Assembleia Nacional. Lisboa, 1947, 121 pág.

É separata dos tomos VI, VII e VIII da revista *Independência*. Este curioso manuscrito da Biblioteca Nacional foi editado com todo o esmero e rigor científico, pelo nosso ilustre patricio sr. Dr. Baptista de Lima, competentissimo bibliotecário, cuja dedicação ao Instituto nunca é de mais encarecer e quem o nosso distrito, ainda ha pouco ficou devendo altissimo serviço, pelo modo como procedeu à incorporação dos primeiros núcleos documentais no recenciado Arquivo Distrital.

O livro do P.<sup>e</sup> Soto Mayor, testemunha presencial dos acontecimentos, pois era ao tempo capelão da Sé de Angra, absolutamente fidedigna, escrito com isenção e belo estilo, é um documento do maior valor e préstimo para a história da Restauração na Terceira, esclarecedor de muitos pontos obscuros, com bastantes novidades e pormenores, e não nos parece exagêro considera-lo a mais perfeita relação dos factos que se conhece.

Em apêndice insere o sr. Dr. Baptista de Lima fotocópia e sua leitura da Capitulação do Castelo do Monte-Brasil.

José Bruno Carreiro. *Antero de Quental*. Subsídios para a sua biografia. Lisboa, 1948, 2 volu mes.

Em cuidada edição do Instituto Cultural de Ponta-Delgada, de que é depositária a Livraria Morais de Lisboa, acaba de aparecer este notabilissimo trabalho do sr. Dr. José Bruno Carreiro, verdadeiro e imperecível monumento ao maior poeta português depois de Camões, que os Açores têm a felicidade de contar entre os que neles nasceram. Estudo profundo, exaustivo, tão documentado que bem se pode afirmar nada relativo à vida de Antero ter sido esquecido, elaborado com extrema imparcialidade e isenção, é um livro único na literatura portuguesa, e, a nosso ver, só se pode comparar aos admiráveis e esgotantes trabalhos da saudosa D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, designadamente o *Sá de Miranda*, embora concebido e realizado noutros moldes.

Nessa penetrante investigação o autor anotou, com impecável lógica e método, tudo o que a Antero se referia: — correspondência, artigos, críticas, notícias de contemporâneos que com ele conviveram, retratos, por forma a reconstituir-lhe a vida e dela aproximar a obra. E, caso extraordinário, o sr. Dr. José Bruno, tão apaixonado pela grande e nobre figura de Antero, que consagrou anos e anos de trabalho a recolher e sistematizar tão abundantes materiais, nem uma só vez se deixa arrastar pela paixão e os seus juízos são sempre objectivos e imparciais. Tamanho escrupulo e respeito pela verdade é digno da maior admiração e louvor.

Sem nunca se desviar do fim principal, a obra é ainda excelente repositório de factos que nos habilita a bem conhecer a sociedade do tempo de Antero e a envergadura moral dos que foram seus amigos.

Este livro, honrando o seu autor e a memória do genial poeta filósofo, honra igualmente as nossas ilhas e a cultura açoreana, que nele encontra a sua mais elevada expressão.

Bem se pode dizer que biógrafo e biografia estão à altura do biografado.

Carreiro da Costa — *A cultura do pastel nos Açores*. Subsídios para a sua história. S. Miguel (Açores). 1946, 37 pág.

*O inhame*. Apontamentos para a história da sua cultura. S. Miguel (Açores). 1948, 24 pág. + 1 n/n.

Estes dois opúsculos são separatas dos n.ºs 4 e 8 do excelente Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, e neles o distinto escritor e etnógrafo micalense, sr. Dr. Carreiro da Costa, em linguagem clara e elegante, com ótimo método de exposição, reúne abundantes informações.

No primeiro, socorrendo-se de todos os elementos dispersos, faz a história da importante cultura e preparação do pastel, principal fonte de riqueza das ilhas, sobre tudo de São Miguel, nos primeiros tempos após o início do povoamento.

O segundo é ao mesmo tempo história e economia agrícola, pois tanto se ocupa do passado como do presente, e bem merece esse estudo o tubérculo que é, como diz o autor, «entre os tubérculos cultivados e consumidos no Arquipélago dos Açores, um dos que mais gosa da preferencia dos açorianos.»

Ao contrário do pastel que por volta de 1700, ao que parece, deixou de ser cultivado, o inhame cêdo introduzido nas ilhas continua a sê-lo, nalgumas até com certo desenvolvimento constituindo aprecia-vel produção, segundo se vê do artigo do sr. Dr. Carreiro da Costa.

Como a história económica insular está, a bem dizer, por fazer, estes dois excelentes trabalhos ocupam primacial lugar, e oxalá o autor, para isso tão solidamente preparado, nos dê em breve outros semelhantes, tanto mais que encara os assuntos em todo o arquipélago e não apenas na sua ilha.

Luís Bernardo Leite d'Atahide — *Etnografia micalense. Trechos da vida rústica regional*. Ponta-Delgada (S. Miguel), Açores. 1948. 239 pág. + 1 n/n.

*A urbanisação de Ponta-Delgada e a sua arquitetura*. Ponta-Delgada. 1948 — 29 pág.

Estes dois volumes, saídos das oficinas Artes Gráficas, são mais

um ótimo serviço prestado à etnografia e história da arte micalense pelo seu ilustre autor.

O primeiro é a reunião de parte dos artigos que, com inalterável regularidade e constante interesse, tem publicado no jornal *A Ilha*.

Escritos no sedutor estilo do sr. Dr. Luís Bernardo, com nítido recorte literário, neles se descrevem costumes e tipos populares, se recordam lendas e episódios históricos e se reproduzem modos de dizer, palavras e frases do povo micalense.

Embora destinados ao grande público, mercê da alta cultura e do rigoroso método de investigação do autor, constituem excelente elemento de estudo para quem queira fazê-lo; e só nos é lícito desejar que em breve se reünam em volume os outros muitos artigos, que ficam nas colunas do jornal sempre de difícil consulta.

No segundo trabalho mencionado, o sr. Dr. Luís Bernardo serve-se principalmente das suas especiais qualidades de sagacíssimo crítico e historiador da arte micalense, a quem tanto já se deve.

A-pesar-das suas pequenas dimensões é, pelo que ensina, pelas novidades que a cada passo nos dá, pelo profundo conhecimento do assunto que revela, contribuição valiosíssima para o estudo da habitação açoriana, ainda tão pouco versado, e, aproximado do não menos importante opúsculo — *Ermidas Micaelenses*, dá-nos assaz completas informações sobre arquitetura regional.

Oswaldo R. Cabral — *Assuntos Insulanos*. Contribuição ao estudo do povoamento de Santa Catarina pelos casais açorianos e madeirenses. Florianópolis, 1948. 98 pág. + 5 n/n.

Em elegante brochura composta nas oficinas da Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, mandada imprimir para distribuição pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, o autor que foi grande animador da comemoração centenária da ida dos ilhéos para Santa Catarina, e, por assim dizer, a alma do congresso de história a que noutra lugar fazemos referência, reuniu vários artigos e discursos de circunstância.

Embora trabalho mais de vulgarização do que de investigação original, como será o que sabemos prepara, constitui excelente serviço prestado aos dois arquipélagos atlânticos, pois muito contribuirá para

difundir o seu conhecimento naquele florescente Estado do Brasil, sobre tudo nos lugares onde maior foi a acção e influência de açorianos e madeirenses; e se o papel que desempenhamos é por muitos títulos sumamente honroso, não é menos cativante a forma como está sendo estudado e apreciado pelos brasileiros de hoje.

*«Insular portuguese pronunciation: Porto Santo and eastern Azores»*, por Francis Millet Rogers. *Hispanic-Review*, volume XVI, Janeiro de 1948. N.º 1.

Como já dissemos no anterior volume deste Boletim, o distinto professor de filologia românica da Universidade de Harvard, sr. Dr. Francisco Millet Rogers, vem publicando na *Hispanic-Review* uma série de artigos sobre a pronuncia portuguesa nas ilhas, resultado da sua viagem de estudo à Madeira e Açôres em 1938-39.

O primeiro artigo, que saiu no n.º 3 do vol. XIV, Julho de 1946, a pág. 233-253, abrange a parte relativa à ilha da Madeira, e o acima mencionado o falar das ilhas do Porto Santo, Santa Maria e São Miguel.

A alta e especialissima competência do autor, a seriedade e minuciosidade do seu trabalho, o método de investigação seguido dão a esses artigos lugar de excepcional importância na bibliografia açoreana, infelizmente ainda tão restrita pelo que respeita ao falar da gente do povo.

Em sua opinião o dialecto de Santa Maria, sob o aspecto fonético, oferece oito características:

1.º — A substituição do *a* tónico normal português por um *a* anterior, tendendo para o aberto, como em *ga:lo*;

2.º — A adição de *a* ao *ou* tónico final, como em *passou*;

3.º — A nasalalação de vogais tónicas seguidas pelos intervocálicos *m*, *n* ou *nh*;

4.º — A substituição do *a* tónico normal, quando seguido por *m*, *n* ou *nh*, e do *e* tónico normal, quando seguido de *nh*, pelo *a* anterior nasalado, como em *cama* e *tenho*;

5.º — A substituição do *ã* tónico normal pelo som mencionado no numero 4, como em *irmã*;

6.º — O frequente emprego do *i* para quebrar um hiato, com em *ha anos* ;

7.º — O uso de um *l* especial, como em *janela* ;

8.º — A substituição do *em* normal tónico português por *ai* nasalado, com em *vem*.

As características da pronuncia micalense são, em resumo :

1.º — Substituição do *u* tónico português por *ü* como em *tudo* ;

2.º — Substituição do *a* normal tónico por um *a* anterior, tendendo para aberto, como em *vaca* ;

3.º — Substituição do *oi* normal por *ö*, como em *noite* ;

4.º — Substituição do *ó* tónico ou átono, mas sómente quando escrito com *ou*, por *ö* como em *Sousa* ;

5.º — Substituição do *ô* tónico normal, mas sómente quando escrito *ô*, por *u*, como em *póvo* ;

6.º — A nasalização de vogais seguidas pelos intervocalicos *m*, *n* ou *nh*, como em *pena* ;

7.º — Substituição do *a* normal tónico, quando seguido de *nh*, por um *a* anterior nasalado, como em *lenha* ;

8.º — Substituição do *ã* normal tónico ou átono, pelo som mencionado no n.º 7.º como em *irmã* e *francês* ;

9.º — Omissão do *i* nos ditongos tónicos finais terminados em *i*, como *pai* ;

10.º — Omissão do *u* nos ditongos tónicos finais terminados em *u*, como *morreu* ;

11.º — Omissão do *a* final átono, como em *Virginia* ;

12.º — Substituição da última sílaba átona *am* por *ẽ*, como em *falavam* ;

13.º — O uso de um *l* especial, como em *janela* ;

14.º — Substituição do *lh* normal pela semivogal *i*, como em *pa-lha* ;

15.º — Flutuação na qualidade os *ê*, *é*, *o*, *e*, *õ*, normais.

L. R.

# Publicações Recebidas

---

Por oferta e por troca com o Boletim do Instituto, receberam-se e muito se agradecem as seguintes publicações :

- «Boletim da Junta de Provincia do Douro Litoral». Vol. VIII — 1947.
- «Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos» por Augusto Cesar Pires de Lima — Junta de Provincia do Douro Litoral. Vol. 1.º — 1947.
- «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa». N.os 7 e 8 — 1947— 65.ª série.
- «Boletim Municipal da Perfeitura Municipal de Porto Alegre» — Brasil. Vol. X — 1947 — N.º 27.
- «O Instituto» — Revista Científica e Literária — Homenagem à memória de Eugénio de Castro. Vol. 109.º — 1947.
- «The Library of Congress» — Quarterly Journal. Vol. 4 — 1947 — N.º 3.
- «Revista de História» — Universidade de La Laguna (Islas Canarias). Vol. 79 — 1947.
- «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa». N.os 9 e 10 — 1947 — 65.ª série
- «Alocações escolares e outros escritos» por João H. Anglin — 1947.
- «Geographical Review». Vol. XXXVI — 1946 — N.os 1 a 4.
- «Geographical Review» — The American Geographical Society of New York. Vol. XXXVII — 1947 — N.os 1 a 4.

- «Geographical Review» — The American Geographical Society of New York. Vol. XXXVIII — 1948 — N.º 1.
- «Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores» N.º 7 — 1948.
- «Revista de História» — Faculdade de Filosofia e Letras — Universidade de La Laguna. Vol. 80 — 1948.
- «Azurara» (Concelho de Vila do Conde). Edição da Junta de Província do Douro Litoral — 1948.
- «Revista de Guimarães» — Sociedade Martins Sarmento. N.ºs 1 e 2 — 1947.
- «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa». N.ºs 11 e 12 — 1947 — 65.ª série.
- «Boletim da Junta de Província do Douro Litoral». Vol. IX — 1947.
- «Na morte de Júlio Brandão» por Vasco Cesar de Carvalho — 1947.
- «Causa invulgar» por Vasco Cesar de Carvalho — 1942.
- «Pedras Soltas» por Vasco Cesar de Carvalho — 1942.
- «Aspectos de Vila Nova» por Vasco Cesar de Carvalho — 1944.
- «Servindo Calendário» por Vasco Cesar de Carvalho — 1946.
- «Hoje, como ontem» — O Estado Novo — Doutor Marcelo Caetano — 1946.
- «Algumas inscrições medievais do Douro Litoral» por Armando de Matos — 1947.
- «Agronomia Lusitânia» — Estação Agronómica Nacional. Vol. 7. N.º 3 — 1945.
- «Arquivo do Distrito de Aveiro». Vol. 49 a 51 — 1947.
- «Ecos da Praia da Vitória» por Costa Júnior — 1946.
- «Quarterly Journal» — The Library of Congress. Vol. 5 — 1947 — N.º 1.
- «Boletim da Junta de Província da Estremadura». Vol. XV e XVI — 1947 — Série II.
- «Aspectos de Vila Nova» — «A Justiça» por Vasco Cesar de Carvalho — 1947.
- «O Instituto» — Coimbra. Vol. 110 — 1947.
- «Quarterly Journal» — The Library of Congress. Vol. 5 — 1948 — N.º 2.
- «Geographical Review». Vol. XXXVIII — 1948 — N.º 2.

- «Revista de Guimarães» — Sociedade Martins Sarmento — Vol. LVII — 1947 — N.os 3 e 4.
- «Insulana» — Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada — Vol. III — 1947 — N.º 2.
- «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa» — N.os 1 e 2 — 1948 — 66.ª série.
- «Crónica inédita e clandestina do infeliz Rei D. António I, Prior do Crato», por Pero Rodrigues Soares — 1.ª, 2.ª e 3.ª partes.
- «Arquivo do Distrito de Aveiro». N.º 52 — 1947.
- «Insulana» — Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada. Vol. III — 1948 — N.os 3 e 4.
- «Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História» — Junta de Província do Douro Litoral. Vol. I — 1948.
- «Revista de História — Universidade de La Laguna. Vol. 81 — 1948.
- «Boletim da Junta de Província da Estremadura». Vol. XVII — 1948. — série II.
- «Revista Portuguesa de Filologia» — Separata de notas bibliográficas. Vol. I — 1947 — Tomo I e II.
- «Dois anos na Direcção da Sociedade Martins Sarmento» por A. Silvio de Macedo — 1948.
- «A Instrução Pública e São Leopoldo» por Walter Spalding — Separata; — 1947.
- «Rio dos Sinos» por Walter Spalding — Separata — 1947.
- «Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores». Vol. 8 — 1948 — 2.º semestre.
- «Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos» por Augusto Cesar Pires de Lima. Vol. 2.º — 1948.
- «Índice Cultural Espanhol» — Ministério de Assuntos Exteriores — Vol. III — N.os 27 e 28 — 1948.
- «Espanha» — Edição da Oficina Informativa Espanhola — 1947.
- «Seleccion» de Notícias — Edição da Oficina Informativa Espanhola N.os 25 a 29 — 1948.
- «Geographical Review» — Publicação da American Geographical Society of New York. Vol. XXXVIII — 1948 — N.º 3.
- «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa» N.os 3 e 4 — 1948 — 66.ª série.
- «Arquivo do Distrito de Aveiro». Vol. 53 — 1948.

- «Revista Portuguesa de História», pelo Dr. Julião Soares de Azevedo — Tomo III — 1945.
- «Um filho de D. Pedro II na Universidade de Évora», pelo Dr. Manuel C. Baptista de Lima — 1947.
- «Índice Cultural Espanhol» — N.º 29 — 1948 Ano III.
- «Antero de Quental» — Subsídios para a sua biografia, por Dr. José Bruno Carreiro — Vol. I e II — 1948.
- «Revista de Guimaraes» — Sociedade Martins Sarmento — Vol. LVIII — 1948 — N.os 1 e 2.
- «Os Açores e o Rei D. António, Prior do Crato» por A. Virgínio Baptista — 1932.
- «Silhuetas Biográficas e Históricas», por A. Virgínio Baptista — 1931.
- «Guia do viajante na Praia da Vitória», por A. Virgínio Baptista — 1929.
- «Madeira e S. Miguel, no passado, no presente, no futuro», por J. Silva Júnior — 1948.
- «Boletim da Junta de Província» do Douro Litoral» — Vol. I — 1948. — 3ª série.
- «Convénio Hispano-Filipino de Derechos Civiles» — 1948.
- «Índice Cultural Espanhol» — N.os 1, 29 e 30 — 1948 — Anos I e III.
- «Arquivo do Distrito de Aveiro» — N.º 54 — 1948.
- «Geographical Review» — 1948.
- «A cidade de Évora» — Boletim da Câmara Municipal — Anos III, IV e V — 1945, 1946 e 1947 — N.os 9 a 14.
- «Arquivo de Beja» — Boletim da Câmara Municipal — Vol. IV e V — 1947 e 1948.
- «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa» — N.os 5 e 6 — 1948. — 66.ª série.
- «Beja», por Abel Viana — 1943.
- «Paleolítico dos arredores de Beja e do litoral algarvio» por Abel Viana — 1947.
- «Origem e evolução histórica de Beja» por Abel Viana — 1944.
- «Alguns exemplos paleolíticos de Cordoba la Vieja», por Abel Viana — 1946.
- «Museu Regional de Beja», por Abel Viana — 1944 e 1946.
- «Escultura Infantil no Algarve», por Abel Viana — 1944.
- «Restos de caminhos romanos nas Caldas de Monchique», por Abel Viana, José Formozinho e Octávio da Veiga Ferreira — 1948.

- «Trabalhos de Antropologia e Etnografia da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia», — Vol. XI — 1948 — Fasc. 3-4.
- «Revista de História» — Faculdade de Filosofia e Letras — La Laguna — n.ºs 82-83 — 1948.
- «Boletim da Junta de Provincia da Estremadura» — Vol. XVIII — 1948 — série II.
- «Quarterly Journal» — The Library of Congress — Vol. 466 — 1947 — n.º 4.
- «Assuntos Insulares» — Contribuição ao estudo do povoamento de Santa Catarina pelos casais açoreanos e madeirenses, por Oswaldo R. Cabral — 1948.
- «Saitabi» — Revista de História, Arte e Arqueologia — Valencia — n.º 28 — Ano VIII — 1948 — Tomo VI.
- «Índice Cultural Espanhol» -- Ministério de Assuntos Exteriores — n.ºs 32 e 33 — 1948.
- «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga» — Vol. I — 1946 -- n.ºs 1, 2 e 3
- «Prosa Sadia», por Ferreira da Rosa — Rio de Janeiro — Vol. 8.º — 1946.

# VIDA DO INSTITUTO

## ACTA DA PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA REALIZADA EM 20 DE MARÇO DE 1948.

Presentes os sócios Dr. Luiz da Silva Ribeiro (presidente), Dr. Francisco Lourenço Valadão Junior, Raimundo Belo, Francisco Coelho Maduro Dias, Major Miguel Cristóvão de Araujo, Major Frederico Lopes Junior, Dr. Manuel Cardoso do Couto, Dr. Francisco Garcia da Rosa, Dr. Manuel de Sousa Menezes e Tenente-Coronel José Agostinho (secretário).

Aberta a sessão pelas 20 h. 30 m.

O Presidente congratulou-se com a presença de Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador do Distrito, Dr. Cândido Pamplona Forjaz, sócio efectivo do Instituto, que fez uma exposição do centenário do povoamento da Ilha Terceira, a que mais adiante se faz referencia.

Deliberações tomadas :

1) — Manter em vigor o orçamento de 1947 até que se conheçam os encargos que por ventura advenham para o Instituto da organização do Arquivo e do Museu.

2) — Colaborar no Congresso Luso-Brasileiro de Folclore, bem como no Congresso Histórico comemorativo do segundo centenário da ida de açorianos para a Ilha de Santa Catarina (Brasil).

3) — Procurar obter cópia da correspondencia do General António de Saldanha e Capitães-Generais recentemente encontrada em ar-

quivos de Lisboa, e cartas ao General Prego existentes na Biblioteca da Universidade de Coimbra, bem como de quaisquer documentos respeitantes aos Açores existentes nos arquivos de Sevilha.

4) — Encarregar o sócio Snr. Major Araujo de dar parecer, para efeitos de publicação, do artigo apresentado pelo Snr. Capitão José Raposo «Organização Militar da Ilha Terceira».

5) — Dividir por dois números do Boletim a publicação da colecção de canções populares organizada pelo sócio Snr. João Moniz, em vista das dificuldades que surgiram na publicação.

6) — Agradecer aos Ex.<sup>mos</sup> Governador do Distrito Autónomo, Presidente da Junta Geral e Deputado Dr. Teotónio Machado Pires, toda a boa vontade e diligencia empregadas na criação do Arquivo Distrital e Museu, bem como ao Snr. Major Frederico Lopes o cuidado e atenção que sempre este último lhe tem merecido com o pedido de continuar a dispensar a sua colaboração ao Museu.

7) — Cessar toda a actividade quanto ao Museu até que oficialmente sejam fixadas as directrizes a observar.

8) — Agradecer ao Professor da Universidade de Harvard, Snr. Dr. F. Millet Rogers as lisongeiras apreciações feitas aos trabalhos do Instituto.

9) — Agradecer ao Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, Bibliotecário da Assembleia Nacional, a simpatia e preciosa colaboração até agora prestada ao Instituto, em particular na criação do Arquivo Distrital.

10) — Procurar estabelecer troca do Boletim com a revista brasileira «Lingua e Linguagem».

11) — *Centenário* — O Instituto tendo conhecimento, pela exposição do Ex.<sup>mo</sup> Governador do Distrito, Snr. Dr. Candido Pamplona Forjaz, de que ele pretende promover a comemoração centenária do povoamento da Terceira em 1949 de acordo com a conjectura formulada pelo Snr. Dr. Manuel de Menezes, embora reconheça que a fixação do ano preciso do início do povoamento fica sujeita a controversia, resolveu associar-se àquela iniciativa.

12) — Deliberado admitir como sócios contribuintes os Snrs. Engenheiro Manuel Rodrigues de Miranda e Isaias Enes Barcelos, residentes nesta cidade, Vasco Cesar de Carvalho, residente em Vila Nova de

Famalicão (Minho), Manuel Machado Avila, residente na Ilha Graciosa e Livraria Portugal, Rua do Carmo, 70, Lisboa.

13) — *Sócio efectivo* — Foi eleito, por unanimidade de votos, sócio efectivo do Instituto, para preenchimento de uma das vagas existentes, o Rev.<sup>o</sup> Padre Inocencio de Sousa Enes.

14) — *Sócio correspondente* — Foi eleito, por unanimidade de votos, sócio correspondente do Instituto, o Snr. Salvador Dias Arnaud, residente em Coimbra.

Encerrada a sessão pelas 22 h. 45 m.

(assinados) — *Luiz da Silva Ribeiro*  
*José Agostinho*

#### ACTA DA REUNIÃO ORDINARIA DE 7 DE JUNHO DE 1948.

Presentes os sócios: Dr. Candido Pamplona Forjaz, Dr. Luiz da Silva Ribeiro (Presidente), Dr. Teotónio Machado Pires, Dr. Manuel de Sousa Menezes, Raimundo Belo, Major Miguel Cristóvão de Araujo, Major Frederico Lopes Junior e Tenente-Coronel José Agostinho (secretário).

Aberta a sessão pelas 20 h. 30 m.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomadas as seguintes resoluções:

1) — Congratulações pela criação do Arquivo Distrital. — Por proposta do sócio Dr. Candido Pamplona Forjaz (Governador do Distrito), foi aprovado por unanimidade um voto de agradecimento ao sócio Dr. Teotónio Machado Pires, pelos esforços empregados para a criação do Arquivo Distrital.

2) — Congresso Internacional de Geografia em Lisboa. — Tomou-se conhecimento de vários documentos referentes a este Congresso, enviados pela Comissão Promotora do mesmo, resolvendo-se que não estão no âmbito das actividades do Instituto Histórico os assuntos que ali vão ser tratados.

3) — Congresso de História do Brasil. — Recebeu-se igualmente um pedido de colaboração para esse Congresso, da parte do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, verificando-se que o Instituto não dispõe de elementos para assegurar a colaboração solicitada.

4) — Trabalho do Dr. Millet Rogers sobre a linguagem Açoreana. — Autorizado fazer-se a tradução do mesmo para publicação do Boletim de Estudos Filológicos.

5) — Dr. Rogers. — Resolvido enviar congratulações ao açorealista americano, Dr. Millet Rogers, professor na Universidade de Harvard, pela sua designação para director do Departamento de linguas românicas da mesma Universidade.

6) — Nome a dar ao futuro Museu Regional. — Resolvido solicitar oportunamente que o Museu Regional venha a ter o nome de «Almeida Garret» (proposta do sócio honorário, prof. Deutor Vitorino Nemésio).

7) — Livro das Fortalezas. — Aprovar o procedimento do Presidente ao mandar tirar fotocópias do relatório do General Saldanha (1641) e Livro das Fortalezas de Angra, do século XVIII, descobertos em arquivos do continente pelo sócio honorário Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima.

8) — Resolvido que se procure colleccionar os registos de santos, espalhados pela ilha, para figurarem no Museu.

9) — Centenário do Padre Jerónimo Emiliano de Andrade. — Resolvido que o Instituto se associe às comunicações do centenário deste erudito professor e pedagogo terceirense.

10) — O Snr. Presidente fez um relato dos trabalhos já reunidos para publicação no Boletim e instou com os sócios para que apresentem mais contribuições para o mesmo.

11) — Arquivo Distrital. — Aprovada a proposta do sócio Dr. Teotónio Machado Pires para que se procure obter que sejam provisoriamente arrumados em dependencias da casa de escola «Infante D. Henrique» os documentos que hajam de ser incorporados no Arquivo Distrital, solicitando-se da Junta Geral do Distrito, que procure obter facilidades para a vinda a Angra do Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, Director da Biblioteca da Assembleia Nacional, que se ofereceu para dar inicio aos trabalhos de organização do Arquivo.

12) — Sócios contribuintes — Admitidos como sócios contribuintes os Senhores Isaias Enes Barcelos, residente em Angra do Heroísmo, Dr. Alvaro de Sampaio, professor Liceal em Aveiro, Manuel Machado Àvila, residente na Ilha Graciosa, Engenheiro Civil Manuel Rodrigues de Miranda, Director de Obras Públicas em Angra do Heroísmo, Livraria Portugal, Rua do Carmo, 70, Lisboa e Dr. Martim Machado de Faria e Maia, Secretário da Legação de Portugal em Haia (Holanda).

Encerrou-se a sessão pelas 22 h. 45 m.

(assinados) — *Luiz da Silva Ribeiro*  
*José Agostinho*

#### REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DE HOMENAGEM À MEMÓRIA DO SÓCIO DR. HENRIQUE BRAZ.

No dia 11 de Agosto de 1948, primeiro aniversário do falecimento do sócio Dr. Henrique Braz, reuniu o Instituto sobre a presidência do Dr. Luiz da Silva Ribeiro, comparecendo a maioria dos sócios efectivos e achando-se também presente o filho do falecido, Dr. Henrique da Costa Braz e várias outras pessoas que quizeram com a sua presença associar-se a esta homenagem.

Usou da palavra o presidente do Instituto, que fez o elogio do sócio falecido, devendo o seu discurso ser inserido no Boletim.

Usou também da palavra o sócio José Agostinho, que igualmente fez elogiosas referências à personalidade e aos méritos do homenageado.

Os sócios presentes aplaudiram as palavras dos dois oradores, manifestando o seu pesar pela perda que o Instituto sofreu com o falecimento de um dos seus mais dedicados sócios que deixou uma lacuna difícil de preencher.

(assinados) — *Luiz da Silva Ribeiro*  
*José Agostinho*

REUNIÃO EXTRAORDINARIA DE 16 DE  
OUTUBRO DE 1948

No dia 16 de Outubro de 1948 reuniu-se o Instituto em sessão extraordinária, sob a presidencia do Dr. Luiz da Silva Ribeiro, comparecendo a maioria dos sócios.

Abriu a sessão pelas 20 h. 30 m.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foram tratados os seguintes assuntos :

1) — Tendo cessado as suas funções de Presidente da Junta Geral de Angra do Heroismo o Snr. Coronel Feliciano Antonio da Silva Leal, o Instituto resolveu por unanimidade, sob proposta do Snr. Presidente, exprimir um voto de agradecimento ao mesmo Snr. pelo interesse que sempre manifestou pelo Instituto e pelas facilidades que lhe dispensou.

2) — Agradecimento — Ao Ex.<sup>mo</sup> Governador do Distrito o Instituto agradece o interesse que tomou pela aquisição de um aparelho de gravação de som. — Ao sócio, Senhor Major Frederico Lopes, o Instituto manifesta igualmente o seu reconhecimento pelos esforços que tem empregado para juntar elementos para a organização do Museu Regional, cuja criação está em vias de solução.

3) — Foi aprovado o regulamento respeitante ao uso do aparelho de gravação adquirido para o Instituto, que é do teor seguinte: — «O aparelho de gravação de som, adquirido pelo Instituto com o subsídio extraordinário da Junta Geral, destina-se exclusivamente à recolha e gravação de canções populares e elementos para o estudo do falar do povo do distrito. — O seu uso, para qualquer outro fim, terá de ser autorizado especialmente pela assembleia geral, em vista das razões que porventura o justifiquem. — O Instituto assegurar-se-á a colaboração de pessoa idónea para trabalhar com o aparelho, a qual ficará responsável por qualquer avaria resultante da sua impericia ou descuido, bem como pela nitidez e boa gravação do som desde que o aparelho funcione normalmente. — O operador escolhido prestará o seu serviço nas condições e mediante retribuição, por cada vez que tiver de trabalhar, a fixar. — Escolhida essa pessoa e assentes as condições e remuneração, ninguém mais, em circumstancia alguma, poderá

trabalhar com o aparelho. — O aparelho será guardado no Instituto e aí deve, em regra, funcionar, salvo quando circunstancias especiais exijam a sua deslocação a qualquer ponto. — A gravação de canções e formas dialectais será feita de harmonia com as normas a estabelecer dentro das indicações fornecidas pelas entidades scientificas competentes. Na sede do Instituto será organizada uma discoteca com os discos que se forem gravando, os quais, em caso algum, poderão sair dela. Esses discos poderão, todavia, ser reproduzidos e vendidos por conta do Instituto, ou trocados com outros de instituições semelhantes que se tornem necessários para estudos comparativos. — Logo que as circunstancias o permitam iniciar-se á a gravação de canções e elementos de estudo dialectal, nas duas outras ilhas do Distrito. — A Direcção do Instituto fica autorizada a contratar o operador nas condições que entender mais convenientes dentro das directrizes acima indicadas, promover a aquisição e gravação de discos, elaborar as competentes instruções técnicocientificas e praticar o mais que seja preciso para utilização do aparelho».

4) — Foi resolvido que, em vista do estado de saúde do Snr. Presidente, seja o Instituto Histórico representado na Comissão de Turismo da Ilha Terceira pelo sócio Dr. Teotonio Machado Pires.

5) — Foi eleito sócio honorário, por aclamação, o Senhor Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, Bibliotecário da Assembleia Nacional, que se achava presente e cujo elogio foi feito pelo Snr. Presidente, referindo-se em especial á sua notavel acção na organização do Arquivo Distrital, que graças ao seu esforço está já iniciada por uma forma que merece os mais rasgados elogios e o agradecimento do Instituto.

6) — Havendo tres vagas de sócio efectivo, o Instituto resolveu eger para preencher uma delas o Rev.<sup>o</sup> Senhor Padre Inocencio Enes, Vigário dos Altares, cuja colaboração na actividade do Instituto é já notável.

7) — Resolvido apresentar os agradecimentos do Instituto ao Senhor Vasco Cesar de Carvalho, proprietário da Boa Reguladora, fábrica de relógios de Famalicão, pelo desejo manifestado de oferecer ao Instituto um relógio de pêndula.

8) — Constando que o edificio onde está funcionando a Estação Telegrafo-Postal desta cidade, cedido para instalação do Arquivo Distrital e do Instituto Histórico, vai ser brevemente despejado foi resol-

vido officiar ao Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Junta Geral solicitando que seja mandado proceder ao projecto de reintegração, adaptação e possível ampliação do mesmo edificio, por forma a pô-lo em condições de ser utilizado para os fins a que se destina.

9) — Congresso Catarinense. — O Instituto congratula-se pela realização do congresso Catarinense, em que foi posto em notável destaque a colonização açoreana no Estado de Santa Catarina.

10) — Colecção para o Museu de Arte Antiga. — Resolvido enviar uma colecção do Boletim ao Museu de Arte Antiga.

11) — O Instituto resolveu saudar o Grupo dos Amigos da Terceira e oferecer-lhe a sua cooperação.

12) — Eleito sócio correspondente, por unanimidade, o Senhor Virgínio Baptista, actualmente residente no continente, que apresentou a sua candidatura, como autor de vários trabalhos sobre a Ilha Terceira.

13) — Sócios contribuintes — Admitidos como sócios contribuintes os Senhores Dr. João Cunha da Silveira, residente em Lisboa e Padre Edmundo Manuel Pacheco, residente em Angra do Heroismo.

14) — Usou da palavra o Senhor Dr. Manuel Baptista de Lima, que agradeceu a sua eleição para sócio honorário do Instituto e fez uma larga exposição sobre os trabalhos que realizou para dar inicio à actividade do Arquivo Distrital, provisoriamente instalado em uns compartimentos do edificio da Graça. Ali se acham já encorporados numerosos documentos e livros, que estavam dispersos por vários arquivos de repartições públicas, estando já devidamente arrumados. Fica assim extremamente facilitada a missão do funcionário que vier a ser nomeado para as funções de director do Arquivo.

O Senhor Presidente congratulou-se com o trabalho extremamente valioso feito pelo Snr. Dr. Baptista de Lima, que com a sua alta competencia neste assunto e com uma dedicação e carinho que merecem especial relevo, lançou as bases do Arquivo Distrital, reunindo documentação que desde já pode começar a ser consultada. Agradeceu o Snr. Presidente, com aplauso do todos os presentes, tudo o que tem feito a bem do Arquivo Distrital, solicitando-lhe futuras visitas, que muito contribuirão para a eficiência da missão incumbida ao Arquivo Distrital. Agradeceu ainda ao Senhor Dr. Baptista de Lima a colaboração que tem prestado ao Instituto, indicando numerosos documentos

livros e publicações que tratam de assuntos referentes à história da Terceira e encarregando-se de obter cópias de vários desses documentos.

Encerrou-se a sessão pelas 23 h. 00 m.

(assinados) — *Luiz da Silva Ribeiro*  
*José Agostinho*

# V Á R I A

## 2.º CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO AÇORIANA NO SUL DO BRASIL.

Em Florianópolis celebrou-se com excepcional brilho o segundo centenário do início da colonização açoriana no Estado de Santa Catarina.

Constou a comemoração de duas partes, a primeira em que foi assente a pedra fundamental dum monumento a erigir no Jardim Oliveira Belo, solenidade a que assistiu o elemento oficial, proferindo o deputado Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral um notabilíssimo discurso de exaltação da actividade dos colónos ilheos, um concerto da Sociedade de Cultura Musical, no Teatro Alvaro de Carvalho, uma conferência do deputado Dr. Anónio Nunes Varela, no Clube Dezo de Agosto e *Te-Deum* na Catedral em que orou o Arcebispo D. Joaquim Domingues de Oliveira. A segunda parte foi constituída por um congresso de história catarinense em que os Açores tiveram larga parte.

O Instituto Histórico da Ilha Terceira associou-se de bom grado a tão significativa festa, enviando uma mensagem, que os jornais de Santa Catarina publicaram com grande relêvo, e um album de fotografias com aspectos e costumes da ilha, além da comunicação enviada ao Congresso pelo seu presidente, atraz inserta.

### A PROPOSITO DE UMA CANTIGA

Na Terceira recolhi a seguinte cantiga, incluída também nos *Cantos*

*Populares* de Teófilo Braga, que merece breve comentário.

Não quero que à minha porta  
Ponhais o pé da aguilhada,  
Eu sou mulher, perco muito,  
Vós, homem, não perdeis nada.

Na forma e no conceito é semelhante a cantigas continentais.

Não me ponha a mão na cinta,  
Que o meu amor não quer,  
Não perde, você, que é homem,  
Perco eu, que sou mulher.

(Pires de Lima, *Cancioneiro de Entre-Douro e Minho*, 81).

Tire o pé da minha saia,  
De longe diga o que quer ;  
Não perde, você, que é homem,  
Perco eu, que sou mulher.

(C. Martha e A. Pinto, *Folk-lore da Figueira da Foz*, II-67).

Não me mêtá a mão no seio,  
De longe diga o que quer ;  
O senhor não perde, que é homem,  
Perco eu, que sou mulher.

(Albino Bastos, *Folk-lore lanhozense*, 49).

Nestas quadras apenas varia o gesto condemnado por inconveniente : — pôr o pé na saia, pôr a mão na cinta ou no seio, e, na Terceira, apoiar o pé da aguilhada na porta.

A cantiga supõe que um rapaz, levando uma agulhada na mão, pára a falar à janela, ou à porta, com uma rapariga, sem, todavia, ser ainda noivo ou namorado, e apoia o pé da agulhada na soleira.

O povo, como noutro lugar já disse (*Revista Luzitana*, XXX-258), liga grande importância ao namoro à janela, e considera-o sinal aparente de noivado. A mulher, se depois disso não chega a casar com o namorado, difficilmente arranja outro homem que a queira. «Aquele que a deixou algum defeito lhe achou», diz o povo. Por isso a mulher a falar com um rapaz à janela sem serem namorados, isto é, sem esperança de sabsequente casamento, perde muito.

O homem quando regressa do trabalho no campo, ao entardecer, leva ao ombro ou na mão a enxada, o sacho ou outra alfaia agrícola de que serviu e, se andou com os bois a lavar ou a gradar, depois de os ter metido no curral ou no palheiro para passarem a noite leva a agulhada.

«As cantigas populares, diz o Dr. Leite de Vasconcelos (*Opúsculos*, VII-771), estão frequentemente recheadas de significação. O seu conteúdo presta-se a muitas observações, não só de character estilístico, mas de character etnográfico (psicológico, etc.), porque a alma do povo existe nelas com todos os seus sentimentos, ideias, aspirações, lembranças».

Nelas se reflecte, por tanto, o meio e a vida do poeta popular.

Morais no *Diccionario* (ed. de 1813) define :

«Agulhada : — vara com pua ou ferrão para picar os bois».

Usa-se nos Açores como no conti-

nente, e o seu uso é antigo. Vêem-se agulhadas na mão dos carreiros em desenhos romanos e portugueses de diferentes épocas e localidades. (Vergilio Correia, *O carro rural na Terra Portuguesa*. II-193; Alberto de Sousa, *O traço em Portugal nos séculos XVI e XVII*). Ao falar do carro de Amarante, diz o sr. Dr. Armando de Matos (*O carro amarantino*, 12) : — «O carreiro traz sempre o seu agulhão de lodo ou carvalho, com pequena choupa de metal».

Na Madeira (Käte Brudt, *Madeira*, 314), no Alentejo (Dr. Cunha Gonçalves, *A vida rural*. 21), na Serra da Estrela, onde em Unhais, segundo Messerschmidt (*Haus und Wirtschaft in der Serra da Estrela*), como em Amarante (*Opúsculos* citados, II-470), ao agulhão chamam ferrão, existe a agulhada, à qual também na Galiza se refere a seguinte quadra :

Quando pongo los bueyes al carro  
siempre digo ¡ Dios adelante !  
Con la aguijada en la mano  
¡ anda, gallardo, adelante !

(*Volkstum und Kultur der Romanen*, X-129).

Em São Miguel fazem-na de nepereira, cana da India, medonho e madeira do Brasil, com ponteira de metal ligeiramente decorada, ou de folha de Flandres e antigamente de chifre de cabra, encaixada na ponta da vara. O seu comprimento, em 1705, foi fixado numa correição em 12 palmos (Carreiro da Costa, *Alfaia agricola*, no *Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais*, N.º 7, pág. 100).

Na Terceira ha a agulhada de lu-

xo, de madeira do Brasil ou de buxo, com ponteiros de metal, e a aguilhada de trabalho ou vulgar, de eucalipto, faia ou nespereira, de cerca de 2 metros de comprimento, com o aguilhão, quase sempre um prégio, cravado na madeira. As aguilhadas de luxo já, a bem dizer, se não fazem, e só se usam nos carros do Espírito Santo ou que conduzem a família do lavrador a alguma festa ou arraial, trazendo os bois colares com campainhas e cangas enfeitadas ou lavradas.

Embora sem ponteira, a parte inferior da aguilhada (pé) é sempre aguçada.

O comprimento do aguilhão foi fixado nas posturas da Camara de Angola de 1655 em uma polegada, e nas de 1788 em meia polegada.

Segundo refere Drumond nos Anais (II-215), em 1691, determinou se em correição que as aguilhadas tivessem aguilhão proporcionado com o anel de metal para segurar o pequeno ferro, pois os homens serviam-se delas como lanças e feriam-se e matavam-se uns aos outros.

Nalgumas localidades, no Alentejo por exemplo, encabam na base da aguilhada «uma raspadeira chamada arrilhada, com a qual se desembaraça o arado do excesso de lama ou terra húmida que lhe empece o trabalho.» (Dr. Cunha Gonçalves).

Morais regista arrilhada «instrumento com que o arador pica os bois e alimpa o arado,» e o seu uso é antigo como se vê de uma gravura do século XVI reproduzida no *Boletim de Etnografia*, n.º 2, pág. 16, onde se fala no instrumento semelhante chamado pelos romanos *rulla* ou *rallum*.

Embora na Terceira se sirvam do

pé da aguilhada, como aliás de qualquer outro objecto, às vezes a chave-lha do arado, para o limpar, não alcancei notícia de existir a arrilhada.

A palavra aguilhada designou também medida agrária, equivalente, no termo de Coimbra, segundo Moraes, a 18 palmos de craveira ou 6 côvados; mas na Terceira não se fala hoje nela nem creio se tenha empregado, pois nunca a encontrei em velhos documentos e não foi indicada por Costa Noronha no estudo das antigas medidas, a que procedeu oficialmente na primeira metade do século XIX. (*Revista dos Açores*, I-159).

Em sentido figurado o povo chama aguilhada a uma pessoa alta e delgada, e também às pernas grandes, sendo estas, no geral, assim designadas na ilha das Flores. (*Revista dos Açores*).

Na toponímia ha aguilhada em São Miguel e aguilhão na Calheta de São Jorge.

Na Terceira chamam aguilhão à courela ou cerrado em forma triangular na extrema de um prédio e, em sentido análogo, usam a palavra em Elvas (J. A. Pombinho Junior na *Revista Lusitana*, XXXVII-153).

A linguagem da cantiga oferece ainda uma particularidade digna de atenção; o tratamento na segunda pessoa do plural com o pronome vós. Essa forma de tratamento, hoje cada vez mais em desuso, era corrente, sobretudo nas povoações rurais, mesmo entre marido e mulher ou entre irmãos.

Na terceira pessoa era raro e muito respeitoso.

Empregavam-no os filhos para os pais e avós, com a palavra senhor ou vocemecê.

A forma você só modernamente se vai generalizando, principalmente na cidade, talvez por influência continental, e era tida como depreciativa ou injuriosa. *Você é súcia*, explicava o povo.

L. Ribeiro.

## ALFENIM

A Terceira, como no geral, todo o país, é abundante em variedades de doces finos, na sua maioria, se não totalidade, de origem conventual; mas, a par destes, ha a doçaria popular em que tem a primasia o alfenim.

Emanuel Ribeiro (*O doce nunca amargou*, pág. 79) diz alfenim a «massa de assucar que se leva ao ponto em que se torna branca e com a qual se formam diferentes figuras.»

Semelhante ao alfenim ha a alféola, «pasta de melaço em ponto forte de maneira que fica alva depois de manipulada, reduzindo-se ao feitto de umas varetas torcidas. Era uma espécie do caramilo actual» (ibidem).

Viterbo, no *Elucidário*, confunde as duas formas e define alféola doce de assucar ou melaço posto em ponto.

No glossário da sua edição das Obras de Gil Vicente (Coimbra, 1907) Mendes dos Remédios dá a palavra alfenim como de origem árabe, *al-fenid*, e diz significar certa massa de assucar misturada com amendoas doces; e, em sentido figurado, pessoa efeminada.

Neste sentido, e ainda no de pessoa mimosa, emprega-a o povo terceirense e empregaram-na Gil Vicente no *Velho da Horta* (Obras, I-30).

Oh, meu rosto d'alfeni  
Que en forte ponto vos vi  
Neste pomar.

Jerónimo Ribeiro no *Auto do Físico* :

Dizei-me, senhora filha,  
Este moço he dalfenim,  
Derrete-se em estar aqui.

Jorge Ferreira de Vasconcelos na *Eufrosina* — «Pois um destes de cabelinho, doce novo na terra, que quebra todo como alfenim».

Fabrica-se, ou fabricou-se, noutras ilhas dos Açores alem da Terceira. Em Vila Franca do Campo, São Miguel, oferecem a Santo Amaro, em cumprimento de promessas, bonecos, corações e argolas de alfenim (Mendonça Dias, *A Vila*, IV-103) e é corrente a comparação «branco como alfenim» (D. Lígia de Almeida Matos, *Ilha de São Miguel*, 88).

No Faial ha notícia das freiras do Convento da Glória na Horta, até 1870, mandarem de presente aos membros da Colegiada da Matriz, no dia de São Marcos, uma corôa formada de pequenos cornos de alfenim (Coronel Francisco A Chaves *As Festas de São Marcos*, 5).

Na Madeira, embora a alféola predominasse como era natural dado o desenvolvimento da industria sacarina, fez-se alfenim. Gaspar Frutuoso nas *Saudades da Terra* (edição Rodrigues de Azevedo, pág. 189) fala no sacro páiácio e os cardiais feitos de alfenim e oferecidos ao Papa, e o mesmo douto editor em nota, a pág. 685, refere-se a um documento de 1490 onde se menciona *alfenim diagargante*.

Um código manuscrito do Convento da Esperança do Funchal, publicado em 1937 no Arquivo Histórico da Madeira citado por Eduardo Pereira nas *Ilhas de Zargo* (II-705), menciona a alféola.

Fez-se alfenim (alfeñique) nas Canárias onde, como nos Açôres, houve no século XVII larga exportação de dôce para Espanha, de que dão noticia D. Luis de Gongora e Guzman de Alfarache (José Perez Vidal, *Conservas, y dulces de Canáris*, separata da *Revista de Dialectologia e Tradiciones Populares*, vol. III, Madrid, 1947.

«Era Monseñor aficionado a unos pipotillos de conservas almibaradas que sueien traerse de Canarias o de las islas de la Tercera». — Guzmán de Alfarache Edic. Gili Gaya, II, 267.

Convalesci a pocos días  
y granyé fuerzas dobles,  
porque registró mi mesa  
quanto vuela i quanto corre.  
Sê de paces las Canarias  
tributaban sus pipotes,  
de guerra tocaban caxas  
las islas de los Azores.

D. Luis de Gongora, Obras, I, 367.

Damaso Alonso interpreta por este modo os ultimos quatro versos : — «Queriendo cuidarme mis amigos me daban las cosas mas esquisitas, las conservas almibaradas de los tonelillos de Canarias y dulce de las cajas de las Azores, si bien Gongora, atraído (como siempre en casos semejantes) por el doble sentido de la caja («tambor» y «caja de dulce») y por el contraste de paz e guerra, dice donosamente que las cajas de dulce venien tocando a guerra.»

(Citações do Dr. José Perez Vidal).

Com alfenim fazem na Terceira figuras zoomórficas e antropomórficas, flores e ornatos diversos, especialmente destinadas ao pagamento de promessas ao Espírito Santo, São João e Santo Amaro, mas que durante todo o ano se vendem nas confeitarias e outros estabelecimentos da cidade de Angra.

Eis uma receita de alfenim :

«Para meio quilo de assucar um quartilo e meio de água, meia colher de chá de manteiga e uma colher de sôpa de vinagre, forte e bom, de vinho branco. Põe-se o assucar, com o mais, ao lume num tacho a ferver até tomar ponto bem alto, o que se conhece tirando uma gôta com uma colher para dentro duma chávena de água fria. Se ao cair faz um pequeno ruido no fundo da chávena e se tira com a mão estando duro atingiu o ponto preciso. Tem-se ao lado um tacho de cobre, dos que servem para fazer dôce de fruta, untado de manteiga, e deita-se-lhe dentro a massa sem mecher e deixa-se escorrer bem. Este tacho está dentro de um alguidar com água fria, para o conteúdo ir arrefecendo e com a ponta de uma faca vão-se virando os bordos da massa para o centro, isto só em quanto se não pode pegar na massa com as mãos ; logo que se pode vai-se puchando com elas a massa a fazer uma meada.

Quando está branca e um pouco dura dão-se-lhe a forma que se quer — pombas, flores, rosquilhas, etc. É necessário ter cuidado em não mecher o assucar com colher em quanto toma ponto e, ao virar a massa com a faca, nunca tocar com esta no meio».

## PORTÕES

As casas grandes da cidade de Angra, na sua maior parte construídas nos séculos XVII e XVIII, mas sempre com certo predomínio architectónico daquele século, tem amplas entradas ou portões, onde se reflectiam costumes hoje desaparecidos, o que levou a modernizá-los, poucos conservando o antigo aspecto.

O chão era lageado, com grandes lages regulares, ou empedrado com miudos seixos brancos e pretos, arredondados, arrojados pelo mar em grande quantidade às costas arenosas da ilha, formando mosaicos de desenhos simples, mas artísticos e de bom efeito, costume este que devia ter sido relativamente moderno, como se infere das datas de alguns que ainda existem, — segunda metade do século XIX, — tendo sido as lages o modo mais antigo de revestimento do solo.

Como elemento decorativo os empedrados eram muito superiores aos actuais fíjolos de duas cores ou ao modernissimo cimento colorido de pessimo efeito.

A um lado do portão havia a banquêta de pedra, cerca de 70 centímetros elevada do chão, mais ou menos comprida conforme o espaço disponível, para a qual se subia por um degrau de metade d'aquella altura, posto num dos topos. A banquêta encostava-se a burra com albarda ou cadeira, onde as senhoras se assentavam, subindo à banquêta. Como o burro era o meio mais usado de transporte, em quasi todos os portões existia a banquêta, mesmo nalguns mais acanhados.

No baixo da escada, junto ao primeiro degrau, estava o *rapa-pés* for-

mado por duas colunas de ferro cravadas no chão sobre um prato ou disco tambem de ferro, com 10 a 20 cm. de altura, à distância uma da outra de 20 a 30 cm. com uma lamina de ferro vertical entre ambas as colunas, presa a elas. Aí, quem vinha de fora com o calçado enlameado, antes de subir a escada, para não sujar a casa, limpava as solas das botas esfregando-as contra a lâmina. Como a operação obrigasse a arrastar os pés e a fazer involuntárias e descompassadas medidas, o povo deu a estas, em sentido figurado, quando exageradas ou deselegantes, o nome de *rapa-pés*.

Num sítio meio escondido, por forma a não se ver da rua, havia o urinol; pequeno alguidar ou tigela de barro com um furo no fundo, encaixada na parêde, melhor ou peor ligada ao esgoto do prédio em péssimas condições de limpeza e hygiene.

Mictórios públicos só ha relativamente poucos anos se construíram. Quem passava e sentia necessidade de urinar, entrava no portão e aí a satisfazia.

Sem água corrente, feitos de material poroso, os urinois empestavam os portões e às vezes as casas, por isso, hoje um amanhã outro, foram desaparecendo.

Parece incrível a resistência do olfato de nossos avós. Suportavam, sem aparente incomodo, o mau cheiro de tais mictórios, das cavalariças instaladas nas lojas, das ruas, e, ainda por cima, da alfazema, do incenso ou asqueroso queimado pelas salas em bonitos fogareiros portateis de metal amarelo arrendados e lavrados, para *purificar ar*.

L. Ribeiro.



# ÍNDICE

## Autores

### **Agostinho (José)**

- Cervantes esteve nos Açores ? . . . . . 65

### **Avila (Manuel Machado de)**

- Ensalmos e orações da Ilha Graciosa . . . . . 141

- Subsídios para o Cancioneiro Popular Açoriano : — Cantigas da Ilha Graciosa . . . . . 153

### **Azevedo (Dr. Julião Soares de)**

- Nota e documentos sobre o commercio de La Rochelle com a Terceira no século XVII . . . . . 1

### **Belo (António Raimundo)**

- Relação dos emigrantes açorianos para os Estados do Brasil extraída do livro de registos de passaportes da Capitania-geral dos Açores . . . . . 29

### **Enes (D.º Inocencio)**

- As festas do Espírito Santo nos Altares . . . . . 107

### **Lima (Dr. Manuel Coelho Baptista de)**

- Cartas de Filipe I e Filipe II ao Bispo D. Pedro de Castilho . . . . . 199

**Lopes (Major Frederico)**

— A pesca na Ilha Terceira . . . . .	61
--------------------------------------	----

**Luz (Dr. Francisco Mendes da)**

— Um manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid interessante à história dos Açores no século XVII . . . . .	24
--	----

**Ribeiro (Dr. Luiz da Silva)**

— Superstições comuns ao Brasil e aos Açores . . . . .	124
— Orações do pão na Ilha Terceira . . . . .	233
— <i>Vária</i> : A propósito de uma cantiga . . . . .	278
Alfenim . . . . .	281
Portões . . . . .	283

## Assuntos

**Artigos :**

Nota e documentos sobre o comércio de La Rochelle com a Ilha Terceira no século XVII, pelo Dr. Julião Soares de Azevedo . . . . .	1
Um manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid interessante à história dos Açores no século XVII, pelo Dr. Francisco Mendes da Luz . . . . .	24
Relação dos emigrantes açorianos para os Estados do Brasil extraída do livro de registos de passaportes da Capitania-geral dos Açores, por António Raimundo Belo . . . . .	29
Cervantes esteve nos Açores ? por J. Agostinho . . . . .	56
A pesca na Ilha Terceira pelo Major Frederico Lopes . . . . .	61
As festas do Espírito Santo nos Altares pelo P. <sup>o</sup> Inocencio Enes . . . . .	107
Superstições comuns ao Brasil e aos Açores, pelo Dr. Luis da Silva Ribeiro . . . . .	124
Ensalmos e orações da Ilha Graciosa, por Manuel Machado d'Avila . . . . .	141
Subsidios para o Cancioneiro Popular Açoriano : — Cantigas da Ilha Graciosa, por Manuel Machado d'Avila . . . . .	153

Viagem de Pompeo Arditì de Pesaro à Ilha da Madeira e aos Açôres (1567)	173
Centenário do P. <sup>o</sup> Jerónimo E. de Andrade	184
Cartas de Filipe I e Filipe II ao Bispo D. Pedro de Castilho, pelo Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima	199
Relaçam das couzas sucedidas em a perseguiçam da Christandade de Japam	227
Orações do pão na Ilha Terceira, pelo Dr. Luís da Silva Ribeiro	233
<b>Documentos :</b>	
Uma carta da Duqueza de Mantua	231
<b>Bibliografia :</b>	
Publicações recebidas	259
<b>Vida do Instituto :</b>	
Homenagem ao Dr. Henrique Braz	187
Actas das reuniões	269
<b>Vária :</b>	
2. <sup>o</sup> Centenário da colonização açoriana no Sul do Brasil	278
A proposito de uma cantiga — L. Ribeiro	278
Alfenim — L. Ribeiro	281
Portões — L. Ribeiro	283

